



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

WESLEY AMÉRICO BERGAMIN GRANADO DE PAULA

**“ASSEMBLÉIA DE DEUS AVANTE VAI !?”:**  
TRANSFORMAÇÕES E TENSÕES NA CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE  
DEUS NO BRASIL (1911-1980)

WESLEY AMÉRICO BERGAMIN GRANADO DE PAULA

**“ASSEMBLÉIA DE DEUS AVANTE VAI !?”:**  
TRANSFORMAÇÕES E TENSÕES NA CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE  
DEUS NO BRASIL (1911-1980)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História Social, do Centro de Letras e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História Social, área de concentração em Cultura, Representações e Religiosidades.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva

Londrina  
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

P324a Paula, Wesley Américo Bergamin Granado de.  
Assembléia de Deus avante vai!? : transformações e tensões na  
construção da identidade da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no  
Brasil (1911-1980) / Wesley Américo Bergamin Granado de Paula. –  
Londrina, 2013.  
209 f.: il.

Orientador: Alfredo dos Santos Oliva.  
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de  
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação  
em História Social, 2013.  
Inclui bibliografia.

1. Igreja Evangélica Assembléia de Deus – Teses. 2. História social –  
Teses. 3. Identidade – Teses. 4. Pentecostalismo – Teses. I. Oliva, Alfredo dos  
Santos. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências  
Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 930 1:2

WESLEY AMÉRICO BERGAMIN GRANADO DE PAULA

**“ASSEMBLÉIA DE DEUS AVANTE VAI !?”: TRANSFORMAÇÕES E  
TENSÕES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA IGREJA  
EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS NO BRASIL (1911-1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Mestrado em História Social, do Centro de  
Letras e Ciências Humanas, da Universidade  
Estadual de Londrina (UEL).

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva  
UEL – Londrina – PR

---

Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos  
UMESP – São Bernardo do Campo – SP

---

Profa. Dra. Monica Selvatici  
UEL – Londrina – PR

Londrina, 19 de abril de 2013.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao autor da Vida, poeta da transformação, tendo como palco do seu romance a própria história.

A minha família. Fabiana, mãe corajosa, batalhadora e que nunca desistiu da sua missão, mesmo quando as circunstâncias apresentavam outros caminhos. Aos meus irmãos, Thuany e Juan, pelo apoio, compreensão e amor. Minha gratidão eterna.

Ao orientador Alfredo Dos Santos Oliva, amigo, conselheiro, homem íntegro e apaixonado pela sua profissão. Reuniões urgentes no shopping da cidade, repondo as energias com algumas guloseimas do Mister Cuca, lendo com atenção e cuidado as mais de duzentas páginas deste trabalho. Haja coração e paciência! Minha gratidão pelo apoio.

Ao grupo de jovens da Igreja do Caminho, que apoiaram sempre com a amizade e o carinho. Valeu povo!

PAULA, Wesley Américo Bergamin Granado de. **“Assembléia de Deus avante vai!”**: transformações e tensões na construção da identidade da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Brasil (1911-1980). 209 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Estadual de Londrina (UEL). 2013

## RESUMO

Esta pesquisa analisa o processo de construção identitária da Assembléia de Deus no Brasil e os discursos empregados durante o mesmo, que colaboraram significativamente para o desenvolvimento da que seria, na década de 1950, a maior igreja evangélica do Brasil. Contudo, quando analisamos a identidade de uma denominação religiosa nos deparamos com as transformações, tensões e mutações dentro do processo de desenvolvimento do movimento assembleiano no Brasil. Os elementos transformadores e mutantes se desenvolvem a partir do conflito, característico do campo religioso, e nos conflitos é que se apresentam as táticas e estratégias de poder, alimentados pelas técnicas disciplinares e pastorais. Desse modo, utilizamos a analítica do poder empreendida por Michel Foucault em seus cursos no Collège de France na década de 1970. Assim, a identidade assembleiana se constrói permeada de conflitos, dissidências e tensões, passando da ênfase na pregação do batismo no Espírito Santo para o desenvolvimento do movimento como instituição religiosa. É justamente nesse ambiente que a denominação assembleiana se reinventa, se ressignifica e se ramifica, gerando inúmeras Assembléias de Deus pelos confins do Brasil.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo brasileiro. Assembléias de Deus do Brasil. Estratégias de poder. Identidades.

PAULA, Wesley Américo Bergamin Granado de. “**Go forward Assembly of God!**”: transformations and tensions on the identity construction of the Evangelical Church Assembly of God in Brazil (1911-1980). 209 p. Master’s degree in Social History. State University of Londrina (UEL). 2013

### **ABSTRACT**

This research analyses the process of identity construction of the Assembly of God in Brazil and the discourses used during it that significantly contributed to the development of, what would become the largest evangelical Brazilian church in the 1950’s. However, when we analyze the identity of that religious denomination we became aware of the transformations, tensions and mutations within the process of development of that religious movement in Brazil. The elements of transformation and mutation developed from conflict, which is typical in the religious realm, and it is among conflicts that tactics and strategies of power emerge, enhanced by disciplinary and pastoral techniques. In that sense, we applied Michel Foucault’s analyzes of power approach used in his classes at Collège de France in the 1970’s. Therefore, Assembly of God’s identity is built permeated by conflicts, dissidences and tensions, from the emphasis on the preaching of the baptism on the Holy Spirit to the development of the movement as religious institution. It is in that very environment the denomination Assembly of God reinvents itself, finds new meaning and spreads out, giving birth to several Assemblies of God throughout Brazil.

**Keywords:** Brazilian Pentecostalism. Assemblies of God of Brazil. Strategies of power. Identities.

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> – Forma de propagação da mensagem pentecostal no eixo Norte-Nordeste e posteriormente Sudeste nos primeiros anos.....	37
<b>TABELA 2</b> – Missionários que foram enviados para o Brasil até o ano de 1930 .....	47
<b>TABELA 3</b> – Ano de fundação e fundadores de igrejas do eixo Norte-Nordeste .....	50
<b>TABELA 4</b> – Lista de Obreiros em alguns Estados na região Norte.....	51
<b>TABELA 5</b> – Lista de Obreiros em alguns Estados da região Nordeste .....	52
<b>TABELA 6</b> – Quantidade de batizados nas águas e no Espírito Santo nos primeiros quatro anos de mensagem pentecostal na igreja de Belém do Pará .....	66
<b>TABELA 7</b> – Membros comungantes das igrejas evangélicas tradicionais e pentecostais de 1900-1930.....	115
<b>TABELA 8</b> – “Igrejas Séde” e pastores em 1931 .....	117
<b>TABELA 9</b> – Distribuição dos pentecostais por regiões.....	123
<b>TABELA 10</b> – Membros comungantes por regiões, 1955.....	123
<b>TABELA 11</b> – Membros comungantes por regiões, 1965.....	123
<b>TABELA 12</b> – As ênfases teológicas nos textos .....	135

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
	<b>PARTE I – “IDE E PREGAI BATIZANDO NO ESPÍRITO SANTO!”: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA E DOCTRINA DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO (1991-1930)</b> .....	<b>30</b>
<b>2</b>	<b>O CONTEXTO CULTURAL ENCONTRADO PELOS MISSIONÁRIOS PIONEIROS NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX</b> .....	<b>31</b>
<b>3</b>	<b>O PAPEL IDENTITÁRIO DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO</b> .....	<b>57</b>
<b>4</b>	<b>A CONVENÇÃO DE 1930 E OS NOVOS RUMOS DA ASSEMBLÉIA DE DEUS NO BRASIL</b> .....	<b>83</b>
	<b>PARTE II – “IDE E PREGAI POR TODA A NAÇÃO!”: RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DO PROCESSO DE FORMALIZAÇÃO TEOLÓGICA E INSTITUCIONAL (1930- 1980)</b> .....	<b>113</b>
<b>5</b>	<b>A EXPANSÃO ASSEMBLEIANA NO CONTEXTO CULTURAL DO BRASIL PÓS-1930</b> .....	<b>114</b>
<b>6</b>	<b>O PAPEL IDENTITÁRIO DA FORMALIZAÇÃO TEOLÓGICA E INSTITUCIONAL</b> .....	<b>134</b>
<b>7</b>	<b>TENSÕES PRODUZIDAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA NOVA IDENTIDADE</b> .....	<b>167</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>197</b>
	<b>FONTES PRIMÁRIAS</b> .....	<b>206</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>207</b>

## 1 INTRODUÇÃO

16 de junho de 2011, mais de 60 mil fiéis lotaram o estádio Mangueirão, em Belém do Pará, para o início das comemorações do Centenário das Assembléias de Deus do Brasil<sup>1</sup>. A festa de abertura, que reuniu cantores, pregadores e líderes foi marcada pela encenação da história assembleiana. O “resgate” da origem em Belém e o ressurgir dos heróis assembleianos Gunnar Vingren e Daniel Berg foram o ápice de uma reunião marcada pelo ufanismo, destacando os grandes feitos, as conquistas, o crescimento e, principalmente, a propagação da mensagem pentecostal em solo brasileiro. Comemorações que se estenderiam até o dia 18 de junho, data oficial da fundação da Assembléia de Deus no Brasil<sup>2</sup>. Além do grande ajuntamento realizado em um estádio de futebol, durante as comemorações foram promovidas a marcha do centenário pela cidade de Belém, a representação da chegada dos missionários pioneiros no Porto de Belém e o trajeto empreendido pelos mesmos após o desembarque, contando com a presença de descendentes destes personagens, além da realização de um grande batismo público. Juntamente, o Museu da História Nacional das Assembléias de Deus do Brasil foi ponto de visita dos milhares de fiéis que circulavam em Belém, vindos de toda parte do Brasil e do mundo. Museu que apresentava em sua exposição utensílios e pertences de Berg e Vingren, além de outros “heróis da fé assembleiana”. Todos estes eventos obviamente têm o objetivo de transmitir uma mensagem não só aos fiéis, mas para toda a sociedade. A busca pelo “resgate” da memória e a “ressurreição” de heróis históricos são parte integrante desse processo. Dessa forma, a liderança assembleiana de Belém criou “monumentos”, com vista à legitimação histórica da denominação. Uma simples Bíblia que pertenceu a Vingren, uma carta de Berg, um chapéu que foi usado por Berg em suas viagens pelas selvas, a escada onde os missionários pioneiros pisaram pela primeira vez no porto

---

<sup>1</sup> <<http://www.folhadopara.com/2011/06/belem-do-para-fieis-lotam-mangueirao-na.html>>, acessado em 16 de novembro de 2012, às 19h.

<sup>2</sup> Durante a pesquisa ora me refiro à igreja no singular (Assembléia de Deus), ora me refiro no plural (Assembléias de Deus). Optei pela utilização das duas formas. Embora, a Assembléia seja considerada uma denominação religiosa e que manteve certa unidade durante as primeiras décadas, atualmente tornou-se uma instituição heterogênea. Dessa forma, seria incoerente, em alguns trechos do texto, utilizar o termo no singular. Além dessa questão, devemos ressaltar também, que o termo assembleia, segundo o novo acordo ortográfico perde a acentuação. Contudo por se tratar da denominação religiosa e também devido ao período analisado (1911-1980), por opção, decidimos continuar com a grafia antiga.

de Belém, o primeiro banco onde eles se sentaram em terras brasileiras, o trajeto dos missionários, fazem parte do imaginário, mas também da realidade histórica assembleiana, segundo seus líderes e fiéis. Entretanto, um dos momentos de maior êxtase dos fiéis durante as comemorações do centenário, principalmente durante a abertura com ares de cerimônia olímpica, foi o momento da interpretação da canção tema das Comemorações do Centenário, organizadas pela igreja de Belém, chamada Avante Vai!:

*Assembléia de Deus chegou ao centenário todo o povo de Deus avante vai!*

*Tudo começou com um chamado, de dois missionários preparados, que buscavam a Deus unidos em oração. E nessa busca o Senhor falou: o Evangelho vocês vão levar e a terra que eu quero é Belém do Pará. E partiram rumo a fé e para trás ficaram os seus, é assim que começa a história da Assembléia de Deus...*

*Assembléia de Deus chegou ao centenário, todo povo de Deus avante vai!*

*E hoje estamos reunidos numa só fé, numa só voz, Daniel Berg e Gunnar Vingren trouxeram até nós, a palavra de Deus que se multiplicou e ao mundo inteiro alcançou, somos milhares de milhares adorando ao Senhor. Muitos desafios lançados e todos eles conquistados com a união do povo que sempre vive a orar. São 100 anos de vitória, essa é a nossa história como um exército forte vamos todos proclamar....*

*Assembléia de Deus chegou ao centenário todo o povo de Deus avante vai!*

*Assembléias de Deus chegou ao centenário avante vai!<sup>3</sup>*

Contém na letra dessa canção uma sentença de que me aproprio para dar título a esta pesquisa: “Assembléia de Deus avante vai”. Entretanto, apresento a sentença sobre uma interrogação e sobre uma exclamação. Qual o motivo para tal contrariedade? Porque dar esse duplo sentido a sentença? É verdade que as Assembléias de Deus têm avançado sobre o território brasileiro, atingindo índices de crescimento relevantes frente aos outros grupos religiosos em número de adeptos e templos. Entretanto, esta canção, bem como todos os eventos citados acima foram organizados pela igreja-mãe de Belém, sob a liderança de Samuel Câmara. Porém, uma semana antes, no dia 10 de junho foi realizada a

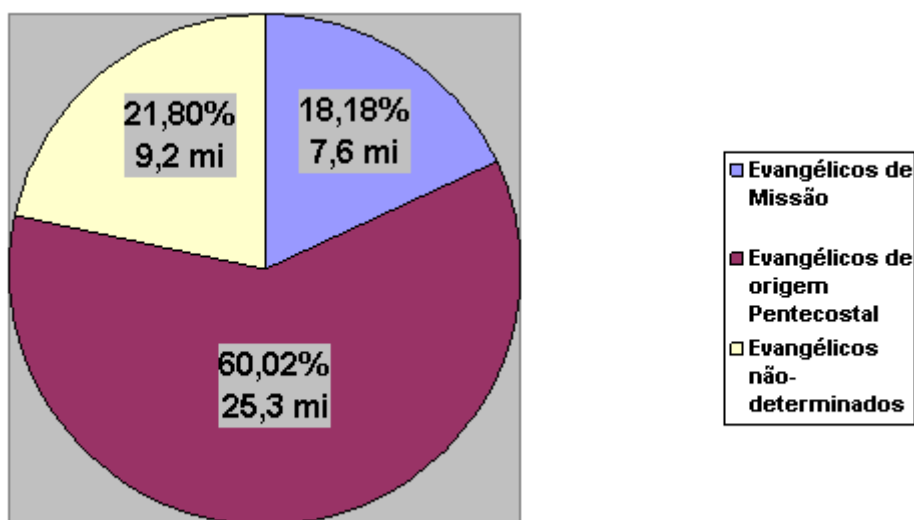
<sup>3</sup> <<http://dvdalessandrprado.blogspot.com.br/2011/04/assembleia-de-deus-avante-vai.html>>, acessado em 16 de novembro de 2012, às 19:30h.

denominada Cerimônia Nacional do Centenário, também em Belém do Pará. Essa Cerimônia foi organizada pela CGADB (Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil) sob a liderança de José Wellington Bezerra da Costa. Quais seriam os problemas para a realização de dois eventos comemorativos? A priori nenhum. Todavia, a Igreja de Belém, sob a tutela de seu líder, é uma das inúmeras igrejas assembleianas dissidentes, que romperam com a CGADB devido à luta de poderes. De certa forma, esse evento demonstra a fragmentação da maior denominação evangélica do Brasil. Diante dessa via dupla, crescimento-fragmentação, surge esta pergunta retórica: “Assembléia de Deus, avante vai!?”. Obviamente, o objetivo desta abordagem não é trazer a verdade à tona, ou trazer uma resposta frente a este dilema denominacional assembleiano. Esta pesquisa histórica tem como objetivo analisar as tensões, transformações e mutações desenvolvidas, bem como apontar alguns desdobramentos sobre o movimento assembleiano no Brasil. Para tanto, abordo o movimento assembleiano da chegada dos missionários pioneiros em Belém do Pará, em junho de 1911, até o ano de 1980, caracterizado pelo início dos embates com as igrejas neopentecostais e pelas dissidências internas, caso da igreja de Madureira. Concordo ser um recorte um tanto quanto longo e, por isso, muitos aspectos, abordagens e análises sobre o movimento vão ser descartadas ou mesmo esquecidas. Porém, considero este caminho necessário para analisarmos algumas questões relevantes, referentes ao movimento.

Além desta abordagem, apropriando-me de uma sentença da canção, torna-se interessante também notar todo o conteúdo, que apresenta uma espécie de história do movimento, exaltando a fé, a coragem, e a ousadia dos missionários suecos pioneiros. Além disso, a melodia empregada é semelhante a canções de guerra, que nos lembram exércitos, ambientes de luta, que parece-nos querer transmitir, de certa forma, o heroísmo dos missionários diante das “batalhas” empreendidas em um país desconhecido, mas também transmitir um caráter de “conquista territorial”. Se esta “conquista” não é a verdade sobre o movimento assembleiano, ao menos é relevante quando observamos os dados do Censo 2010 e notamos a representatividade das Assembléias de Deus do Brasil no campo religioso brasileiro, principalmente quando se aborda o grupo evangélicos. Segundo os dados do Censo de 2010 as Assembléias de Deus do Brasil foi o único grupo religioso, dos categorizados pentecostais, a ultrapassar o percentual de crescimento geral das evangélicas pentecostais. Enquanto, em números gerais, os pentecostais

criaram 44,01%, a Assembléia de Deus do Brasil cresceu 46,28%, aumentando praticamente 4 milhões de adeptos em relação ao último Censo disponibilizado em 2000. As Assembleias de Deus tiveram um salto de 8.418.140 de adeptos em 2000, para 12.314.410 de adeptos em 2010. Esses números são mais significativos quando de uma análise comparativa a outros dados disponibilizados pelo Censo 2010. Segundo os dados, o Brasil tem aproximadamente 22% de evangélicos, que em números absolutos seriam 42.275.440 milhões de adeptos. Estes são divididos em três grupos majoritários: evangélicos de missão; evangélicos de origem pentecostal; evangélicos não-determinados<sup>4</sup>:

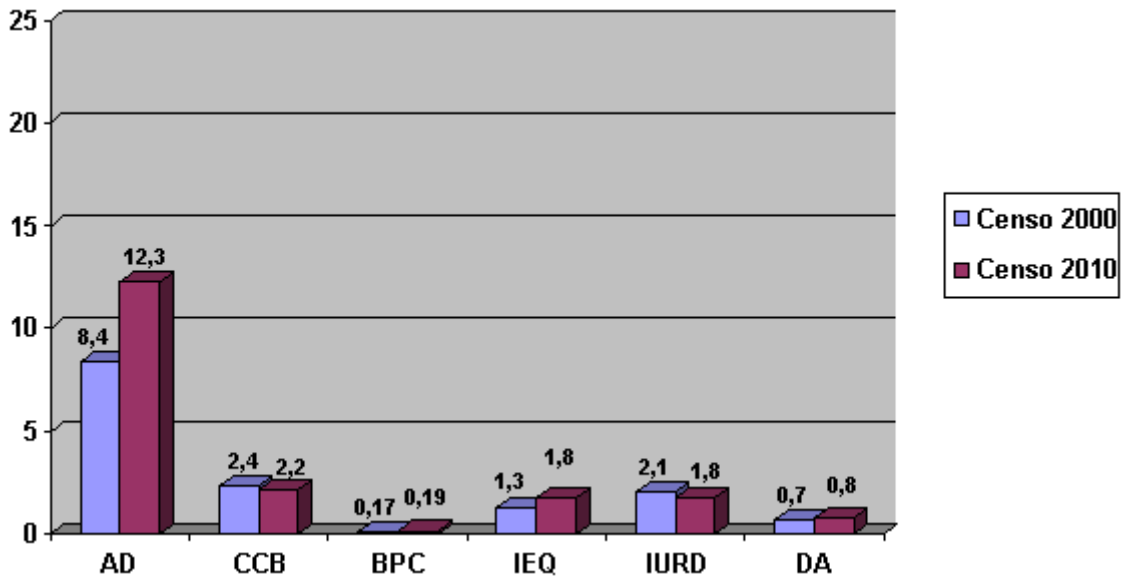
**GRÁFICO 1** – Divisão dos Evangélicos (22,2% da população brasileira) segundo o Censo 2010.



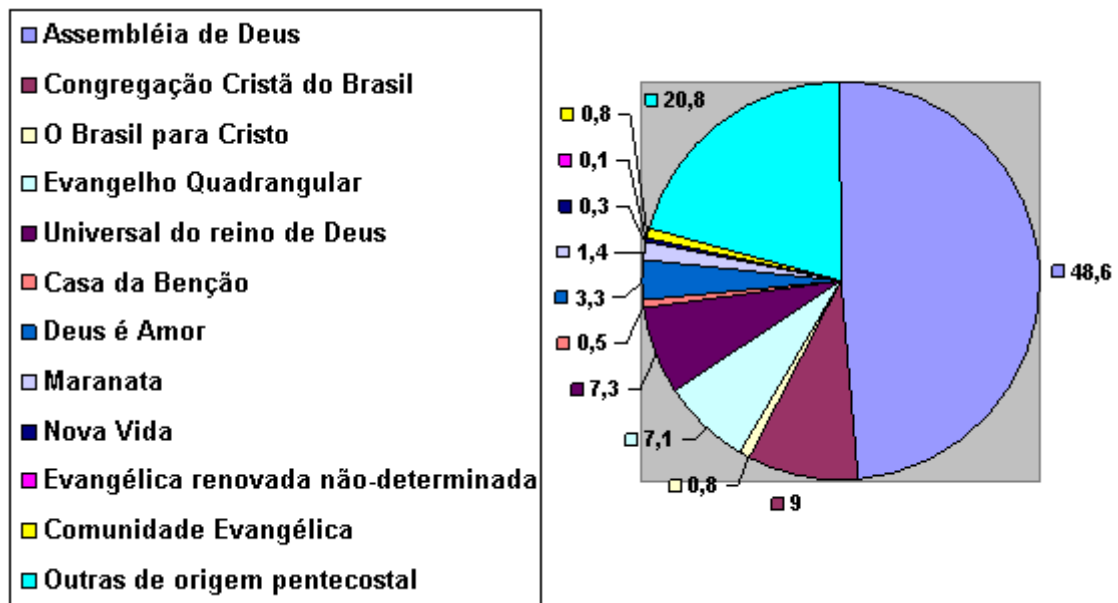
É interessante observar que dos 25,3 milhões de evangélicos de origem pentecostal, 12,3 milhões são assembleianos, os quais, em números percentuais, representariam quase 50% dos adeptos pentecostais.

<sup>4</sup> Essa é uma denominação utilizada pelo IBGE, quando da realização do Censo. Poderíamos classificar evangélicos de missão, as igrejas protestantes históricas que se desenvolveram através da vinda de missionários estrangeiros, apoiados em algumas situações, por entidades missionárias, casos da Presbiteriana, Metodista, Batista, Luterana. Evangélicos de origem pentecostal, representadas por igrejas que enfatizam a doutrina do batismo no Espírito Santo, embora tal nomenclatura seja equivocada para dados movimentos inseridos nesse grupo. Representam esse grupo igrejas como Assembléia de Deus, Congregação Cristã, Universal do Reino de Deus, O Brasil para Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Internacional da Graça. E por fim, evangélicos não-determinados são os grupos minoritários: comunidades e denominações nascentes.

**GRÁFICO 2** – Comparação do número de adeptos das denominações pentecostais em relação aos Censo de 2000 e 2010 (em milhões)



**GRÁFICO 3** – Distribuição percentual dos Evangélicos de origem pentecostal, segundo o Censo 2010.



Dessa forma, podemos de maneira aproximada e não categórica afirmar que a cada 3,5 evangélicos no Brasil, 1 pertence às Assembléias e de que a cada 2 evangélicos de origem pentecostal no Brasil, 1 é assembleiano. Obviamente que os números do Censo devem ser utilizados com cautela, pois exige uma reflexão e análise aprofundada, levando-se em consideração outras características não contempladas ou observadas pela pesquisa. Utilizo estes números, apenas

como panorama da representatividade e relevância das Assembléias de Deus no campo religioso brasileiro. Embora, a Assembléia de Deus seja uma instituição “visível”, conhecida pela sociedade e alvo do senso comum quanto às vestimentas e comportamentos sociais, as pesquisas sobre a denominação são escassas na área da historiografia. Os campos do conhecimento que têm realizado importantes contribuições com pesquisas na área das religiões, principalmente do grupo evangélicos, são a ciência da religião e a sociologia. No final da década de 1980 e início da década de 1990 tivemos uma espécie de “boom” de pesquisas concentradas na área das religiões, especificamente do campo evangélico pentecostal e neopentecostal brasileiro. Exponentes como Paul Freston, Antônio Gouvêa Mendonça, Antonio Flávio Pierucci, Francisco Cartaxo Rolim, Leonildo Silveira Campos, Ricardo Mariano, Gedeon Freire de Alencar, Alfredo dos Santos Oliva, Wander de Lara Proença são alguns dos intelectuais que têm apresentado relevantes pesquisas na grande área de concentração das religiões pentecostais no Brasil<sup>5</sup>. Alguns destes pesquisadores, devido ao tema de sua pesquisa, empreenderam investigações, desbravando campos do conhecimento que outrora eram desconsiderados por intelectuais do Brasil antes da década de 1980.

Embora, o campo protestante no Brasil seja vasto, a análise histórica nas décadas de 1960 e 1970 se resumia, em grande parte, às igrejas protestantes históricas, pois estas, com as leis impostas por Getúlio Vargas no período do Estado Novo, produziram materiais históricos lineares, documentando seus arquivos para legitimar, através da sua historicidade, sua existência e seu compromisso com a sociedade. O protestantismo histórico foi durante anos o campo de concentração das pesquisas sobre evangélicos no Brasil.

---

<sup>5</sup> Para maiores informações, cito algumas obras dos autores destacados: ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005./ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994./CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis e São Paulo: Vozes, Simpósio e UESP, 1997./FREESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1993./MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008./ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis, Vozes, 1985./MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1999./OLIVA, Alfredo. *A história do Diabo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2007./OLIVA, Alfredo dos Santos & BENATTE, Antonio Paulo (orgs). *100 anos de pentecostes: capítulos da História do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo. Fonte Editorial, 2010./PROENÇA, Wander de Lara. *Magia, prosperidade e messianismo: o “sagrado selvagem” nas representações e práticas de leitura do neopentecostalismo brasileiro*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003./PROENÇA, Wander de Lara. *Sindicato de mágicos : uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2007)*. São Paulo: UNESP, 2011.

Com o crescimento dos movimentos neopentecostais, sobretudo igrejas como Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus e recentemente Mundial do Poder de Deus, houve uma preocupação acadêmica em registrar e pesquisar este movimento, tornando-se alvo de vários pesquisadores, principalmente a partir da década de 1990, com a divulgação das práticas destas igrejas na mídia nacional. Entretanto, algumas pesquisas realizadas sobre o neopentecostalismo, eram desvinculadas do movimento pentecostal iniciado no Brasil no início do século XX. Uma análise crítica acerca das Assembléias de Deus no Brasil e da Congregação Cristã do Brasil era esquecida ou era apenas citada como aspectos fundantes deste pentecostalismo moderno. Como subtrair ou ignorar da história do pentecostalismo brasileiro a maior igreja protestante e pentecostal do Brasil?

Estudos sociológicos colaboraram na compreensão deste movimento, “mas a evolução histórica lhes escapa”. Apesar de criticar este posicionamento acadêmico, Freston afirma que a pesquisa histórica entre os pentecostais sofre da relativa escassez de fontes escritas, quadro que vem se modificando em relação as Assembléias de Deus no Brasil, devido a produção de materiais específicos sobre a igreja, organizados por sua editora (CPAD). Além disso há uma dificuldade na relação entre pentecostalismo e história, pois esta é reduzida por aquela em apenas três momentos, ou seja, a Igreja primitiva, o aspecto fundante ou origem e hoje, os quais sempre apontam para o início, o Pentecostes bíblico descrito em Atos, capítulo 2. E, por último, algumas igrejas pentecostais rejeitam as interpretações das “ciências dos homens”, intitulando-as como profanas e deturpadoras da veracidade do movimento. Provável que este seja o motivo por haver tantas publicações sobre as Assembléias de Deus, mas a maioria maciça delas serem analisadas por pesquisadores da própria denominação. Algumas denominações, num ato de legitimação do seu movimento têm produzido documentos ufanistas e tendenciosos acerca da sua história. Assim, como qualquer documento, estes materiais precisam ser problematizados:

O exame acurado das obras produzidas por aqueles membros do clero especializados na documentação da história da Igreja revela os incentivos organizacionais ao trabalho intelectual sistemático do registro, transcrição e publicação dos arquivos [...] e de tudo mais que contribui para cristalizar a memória corporativa, num esforço considerável de expurgar documentos “tendenciosos”, de revidar aos argumentos e às versões anti-clericais, de resistir ao proselitismo dos concorrentes [...]de eufemizar acontecimentos atentatórios ao prestígio e ao bom nome da Igreja, de condenar ao esquecimento os “hereges” , cismáticos, heterodoxos e desfradados, de “apagar” informações a respeito de conflitos e lutas internas que só conseguem vir a público por conta de revisões levadas a cabo por outros grupos de interesse do próprio clero ou por força do confronto sistemático (ou casual) entre fontes eclesiásticas e outras fontes leigas. Essa documentação copiosa produzida no interior da organização contribui decisivamente para a vigência das “definições” institucionais que melhor se ajustam aos interesses dos grupos dirigentes da corporação eclesiástica. O trabalho de resgate e conservação da memória organizacional [...]constitui um dos principais obstáculos sociais à apreensão de pesquisadores leigos que não estejam comprometidos com os interesses da hierarquia, e muito menos a seu serviço.<sup>6</sup>

Devemos compreender que estas fontes procuram constituir a realidade do movimento que analisamos, mas são interpretações, conclusões, abordagens das construções e reconstruções do movimento, empreendidas pelos próprios agentes internos (fiéis-líderes). Devemos articular as abordagens sobre tais documentos. A percepção e problematização da subjetividade deve ser levada em consideração quando da análise de materiais como: “História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil”, texto de Silas Daniel, pastor assembleiano, editor-chefe do departamento de Jornalismo da CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus do Brasil), autor de vários títulos, todos publicados pela editora da denominação; “100 Acontecimentos que Marcaram a História das Assembléias de Deus do Brasil”, texto de Isael de Araújo, pastor assembleiano, “historiador oficial” da denominação, autor de vários títulos comemorativos ao Centenário, chefe do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal, localizado na CPAD, em Bangu, Rio de Janeiro; “História da Igreja-mãe das Assembléias de Deus no Brasil”, texto de Benjamin Ângelo de Souza, pastor assembleiano, assessor de comunicação da Assembléia de Deus em Belém. Certamente o objetivo destes escritores, ligados à denominação, é o de apresentar a realidade da história

---

<sup>6</sup> MICELI, Sérgio. *Fontes para o Estudo da Elite Eclesiástica Brasileira, 1890-1940*. BIB, Rio de Janeiro, n. 18, p. 45-70, 2º Semestre, 1984. p. 52-53.

assembleiana, como uma espécie de saga, que ao fim tem por objetivo engrandecer os feitos do movimento pentecostal assembleiano no Brasil.

Devemos ter o cuidado de não tomar as informações contidas nestes materiais como base da pesquisa sem problematizá-las. Marc Bloch, em *Apologia da História*, nega as crenças positivistas da total objetividade, os quais tomam os documentos como fontes inquestionáveis, tornando-os verdades absolutas<sup>7</sup>. Devemos problematizar as fontes, perceber as lacunas e os silêncios que foram impostos na descrição dos acontecimentos realizada pelos “historiadores oficiais da denominação”.

Outras fontes que utilizo nesta pesquisa são textos referentes aos missionários pioneiros Daniel Berg e Gunnar Vingren. “Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg” é uma coleção de experiências relatadas por Daniel Berg no início do movimento pentecostal assembleiano na região de Belém. Não devemos ser pretensiosos em pensar que, com estes relatos encontraremos a verdade, desvendaremos o “mito da origem”, caminharemos junto com Berg pelas veredas do passado. Cabe-nos problematizar os relatos, observar também o implícito, investigar as lacunas, analisar os pormenores de sua linguagem. Enfim, realizar a crítica do documento. É evidente que como historiadores, este ofício não nos isenta de subjetividades e juízos de valor, mas problematizar o nosso próprio olhar como de alguém que está fora do processo, observando o movimento, é também necessário. Além das memórias de Berg, utilizo-me do “Diário do Pioneiro”, que apresenta o conteúdo dos diários de Vingren, organizados pelo filho Ivar Vingren. É interessante notarmos o posicionamento de Ivar frente aos diários do pai e a elaboração deste livro:

---

<sup>7</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Quando resolvi pôr em ordem as anotações e memórias de meu pai, o relato sobre sua vida e todo o seu tempo de trabalho como missionário no Brasil, foi com grande humildade e respeito que o fiz [...] com muita seriedade, examinei atentamente uns 25 diários escritos por meu pai. Ainda hoje constituem o reflexo das lutas e vitórias de uma vida, desde o princípio até o fim [...] ao mesmo tempo em que sinto minha imperfeição na realização desta tarefa, tenho também sentido uma chamada no meu coração para tornar conhecidos estes relatos gloriosos, especialmente às gerações novas, que talvez os ignore, e para que sejam guardados para o futuro e colocados na longa lista de testemunhos da história dos avivamentos [...] Uma coisa que me tocou profundamente o coração foi que, muitos anos depois do falecimento de meus pais, encontrei, entre as folhas amarelas destas memórias, uma exortação escrita por ele, com grandes letras vermelhas, que dizia: "IVAR, GUARDA ISTO!". No nome do Senhor Jesus me esforcei da melhor maneira possível para que esta parte da história do movimento pentecostal fosse preservada para informação e bênção aos irmãos"<sup>8</sup>

Ivar Vingren estima os escritos do pai, exaltando-os, categorizando-os como relatos que ficarão para a posteridade do movimento avivalista, tornando-os verdadeiros testemunhos. Ivar, de certa forma, classifica este material como "santo", por isso a humildade, respeito frente aos diários, pois são relatos gloriosos, que abençoarão a vida dos fiéis. Evidentemente este material tem como público-alvo os próprios fiéis, principalmente ligados às novas gerações, que perderam a perspectiva do caráter identitário das Assembléias de Deus. Por isso, o "resgate" dos heróis, dos mitos, das histórias, das cartas, dos testemunhos.

O desafio de analisar materiais como estes acima referidos é justamente não tentar apresentá-los como a verdade, como a representação, como a rememoração do passado, tentando revivê-los no presente. Afinal, como reviver os sentimentos, pensamentos e caminhos de Vingren e Berg no início do movimento? Torna-se de certa forma uma experiência utópica, sem sentido, pois este poder não está inscrito em nossa escrita.

Neste panorama o ofício do historiador torna-se um desafio, pois deve fazer dialogar os métodos, as teorias e o conteúdo específico para desenvolver seu labor historiográfico. Dessa forma, Michel de Certeau contribui significativamente para o entendimento do ofício do historiador e seu labor ao iniciar o capítulo Operação Historiográfica, com a seguinte questão

---

<sup>8</sup> VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro*. 13.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 7-9.

O que fabrica o historiador quando "faz história"? Para quem trabalha? Que produz? Interrompendo sua deambulação erudita pelas salas dos arquivos, por um instante ele se desprende do estudo monumental que o classificará entre seus pares, e, saindo para a rua, ele se pergunta: O que é esta profissão? Eu me interrogo sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas.<sup>9</sup>

Ora, para o historiador francês devemos encarar o fazer história como

uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto. A escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas.<sup>10</sup>

O historiador Alfredo dos Santos Oliva, em sua tese *O Discurso sobre o mal na Igreja Universal do Reino de Deus*, utiliza-se das discussões de Certeau como aporte teórico para pensar o discurso iurdiano, afirmando que:

Faz-me pensar no labor historiográfico como uma ação articulada a um lugar social (resposta a uma demanda temática [...] no tempo presente), ao mesmo tempo em que é uma prática disciplinada (deve seguir as regras e as possibilidades teórico-metodológicas do campo historiográfico), consumando-se em uma escrita (produção literária que visa a comunicação com meus pares e/ou com o leitor ou leitora em geral).<sup>11</sup>

Creio que as aplicações deste labor historiográfico, apontados por Alfredo Oliva, também servem de certa forma, para pensar os relatos, discursos e

<sup>9</sup> CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p.65.

<sup>10</sup> Ibid., p.66.

<sup>11</sup> OLIVA, Alfredo dos Santos. *O discurso sobre o mal na Igreja Universal do Reino de Deus: Uma história cultural do Diabo no Brasil Contemporâneo*(1977-2005). 2005. (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Assis. p.13.

documentos assembleianos sobre as transformações, mutações e tensões internas-externas que se apresentaram durante a consolidação do movimento no Brasil.

A obra de Certeau tem sido um dos grandes colaboradores de uma corrente da chamada História Cultural que têm dado ênfase nos aspectos simbólicos e discursivos da vida sociocultural. Peter Burke afirma que o “terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações”<sup>12</sup>. Vale destacar importantes contribuições para uma História Cultural de intelectuais franceses como o próprio Certeau, Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Roger Chartier. História Cultural, que a partir da década de 1980, vem se consolidando como dominante no campo historiográfico, tributários da interdisciplinaridade, dialogando com outros campos do conhecimento, utilizando-se de conceitos e métodos que outrora eram desprezados para o fazer historiográfico. Roger Chartier, intelectual representativo da Nova História Cultural, afirma que as mudanças ocorridas no campo historiográfico, bem como as trocas conceituais, metodológicas e teóricas com outras disciplinas, evidenciaram a necessidade da abordagem e da análise das questões religiosas:

O desafio lançado à história pelas novas disciplinas (de um forte capital social) assumiu diversas formas [...] desviando a atenção das hierarquias para as relações, das posições para as representações [...]. Daí a emergência de novos objetos no seio das questões históricas: [...] as crenças e os comportamentos religiosos [...]. O que representou a constituição de novos territórios do historiador [...] fato este que representou um “retorno a uma das inspirações fundadoras dos primeiros Annales dos anos 30”<sup>13</sup>.(apud. Proença, 2006, p.37)

Dessa forma, os comportamentos religiosos tem sido campo de análise para pesquisadores das diversas áreas do conhecimento. Os diálogos interdisciplinares são de fundamental importância para a evidência de novos objetos para a realização da pesquisa histórica, sendo as práticas religiosas um dos objetos contemplados. A antropologia de Clifford Geertz, a partir da categoria de “descrição densa”, bem como a micro-história de Carlo Ginzburg foram fundamentais para História Cultural, contribuindo com algumas categorias de análise, que para uma história política e econômica não eram relevantes. Alguns intelectuais

---

<sup>12</sup> BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 10

<sup>13</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. In: PROENÇA, Wander de Lara. *SINDICATO DE MÁGICOS: Uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)*. (Tese de Doutorado) UNESP, Assis. p. 37.

contemporâneos foram influenciados pelos parâmetros teóricos-metodológicos apresentados por Geertz e Ginzburg. Robert Darnton, em *O grande Massacre de Gatos*(1984), é tributário da antropologia interpretativa de Geertz quando define a História Cultural como busca de apreensão da “alteridade”. Peter Burke, ao falar sobre Geertz e a ascensão da antropologia-histórica afirma que:

O antropólogo que inspirou a maioria dos historiadores culturais da última geração, especialmente nos Estados Unidos, foi Clifford Geertz, cuja “teoria interpretativa da cultura”, [...] está a quilômetros de distância da teoria de Lévi-Strauss. [...] Geertz enfatiza o significado e aquilo que ele chamou [...] de “descrição densa”. Em sua própria definição, cultura é “um padrão, historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida”<sup>14</sup>

José D’Assunção Barros afirma que esta ascensão da antropologia-histórica, influenciada pelas análises de Geertz, tem contribuído para a consolidação de outras correntes históricas, bem como da possibilidade de dialogar com as mesmas, como por exemplo a micro-história apresentada pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, que “com sua obra, *O queijo e os vermes*(1979) colocou a microhistória no mapa”<sup>15</sup>.

Foi a partir de um destes diálogos interdisciplinares que a Antropologia de Clifford Geertz e Marshall Sahlins contribuiu para consolidar algumas das mais importantes correntes de historiadores culturais. Entre essas, podemos lembrar a corrente que tem proporcionado a interconexão entre História Cultural e a Microhistória, a mesma que apresenta como um de seus nomes mais importantes o historiador italiano Carlo Ginzburg. A contribuição maior da Antropologia para a Nova História Cultural, neste caso, tem sido a de proporcionar uma nova abordagem que remonta ao que, na Antropologia, denomina-se “descrição densa”. A atenção aos detalhes, e o empenho de, através deles, atingir questões sociais mais amplas, corresponde à redução da escala de observação na corrente da História Cultural que se combina aos procedimentos micro-históricos.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> BURKE, op. cit., p. 51.

<sup>15</sup> Ibid., p.61.

<sup>16</sup> BARROS, José D’Assunção. *A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos*. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011. p. 39.

Além das contribuições da antropologia de Geertz e Sahlins, das contribuições de Ginzburg, um dos intelectuais, que com suas obras, apresentou métodos e propostas relevantes para uma “nova história cultural” foi Michel Foucault. Embora sua formação e suas obras sejam consideradas eminentemente filosóficas, sem dúvida, as idéias, métodos e teorias foram significantes para outras áreas do conhecimento, sobretudo a História. Erudito, que ocupou a cadeira “História dos sistemas de pensamento” no Collège de France, de 1970 à 1984, ano de sua morte, em substituição à cadeira de “História do pensamento filosófico” que pertenceu a um de seus mentores, Jean Hyppolite. O caminho intelectual empreendido pelo filósofo francês, bem como seu posicionamento em relação à questões da historiografia fez com que sua obra fosse alvo de preconceitos por parte de algumas escolas historiográficas. É comum observarmos diversas reações interessantes de historiadores em relação a pesquisadores que utilizam os métodos foucaultianos para análise dos objetos. Reações estas que vão desde menosprezo após o conhecimento da obra até mesmo o menosprezo sem mesmo conhecer as propostas das obras, o que demonstra, de certa forma, um pré-julgamento dos métodos foucaultianos. Infelizmente há grupos de historiadores que afirmam ser possuidores de um fazer historiográfico que seria o único legítimo, desconsiderando colaborações a historiografia advindo de outros campos do conhecimento ou até mesmo de outros intelectuais. Há ainda outros grupos de “intelectuais” que absorvem somente métodos e posicionamentos que sejam aprazíveis aos seus ouvidos, que sejam de acordo com suas “verdades”, que caminhem com suas teorias. Estes se esquecem que o labor historiográfico é plural e que os caminhos trilhados são múltiplos e é justamente isso que enriquece o campo da historiografia. Não há verdade, não há o campo do certo e errado, o que há são caminhos e óticas diferentes sobre mesmo campo de pesquisa:

No campo da História Cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.51.

Margareth Rago, afirma que Michel Foucault por muitos anos foi incompreendido por intelectuais da área, mas que os mesmos utilizam em suas pesquisas e análises, métodos e conceitos foucaultianos, tamanha a contribuição do filósofo francês para a historiografia:

Afinal, Foucault nunca foi óbvio e transparente, apesar de atentar para as superfícies e para o imediato que escapa ao olhar. Mal lido, mal escutado, mal compreendido, o filósofo foi soterrado por interpretações e críticas que invalidam seu aporte. Mais ainda, vários de seus conceitos e problematizações são incorporados à sua revelia nos estudos históricos, sem que lhe reconheçam os créditos<sup>18</sup>.

Lynn Hunt, em seu livro *A Nova História Cultural*, afirma sobre Foucault:

Nem marxista, nem ligado à Escola dos Annales, neste último quarto de século a obra de Foucault tem sido alternadamente louvada e atacada pelos historiadores- e, em ambos os casos quase sempre mal compreendida. O corpo do texto de Foucault raramente foi apreendido como aquilo que de fato é: um modelo alternativo para a escrita da história da cultura [...] A controvertida obra de Foucault eleva-se como uma abordagem alternativa na nova história da cultura. Seguindo por um caminho diferente, Foucault questionou o próprio princípio implícito em toda a história social: o de que a própria sociedade constitui a realidade a ser estudada.<sup>19</sup>

Mediante a colaboração dos métodos e conceitos foucaultianos à historiografia, faço de minhas palavras as mesmas utilizadas por Jacques Leonard, citado por Lynn Hunt, sobre “o cavaleiro bárbaro que galopa pelos domínios históricos, irresponsavelmente à vontade em suas histórias”:

Foucault é de fato um historiador, e um historiador de originalidade incontestável, a quem nos interessa ouvir”. Se ele foi longe demais enquanto um “filósofo que veio disseminar suas sementes no campo dos historiadores,...sua audácia”[...] “é sempre sedutora... Sua obra é, sobretudo, uma bela construção intelectual.<sup>20</sup>

Dessa forma, o caminho intelectual empreendido por Foucault, bem como seu posicionamento frente ao campo historiográfico foram de fundamental

<sup>18</sup> RAGO, Margareth. *Libertar a História*. RAGO, M. et ali (Orgs). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.255

<sup>19</sup> HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 34-35.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 39.

importância para intelectuais da historiografia. Suas obras, apresentaram reflexões e conceitos importantes, principalmente para a “nova história cultural”. Segundo Peter Burke algumas idéias foucaultianas influenciaram a historiografia da cultura. Uma dessas idéias significativas foi a crítica severa as “interpretações teleológicas da história em termos de progresso e evolução” (BURKE, 2008, p.74), as quais eram adotadas por alguns historiadores e escolas históricas sem problematizá-las ou questioná-las. Essa oposição de Foucault à teleologia da pesquisa histórica, fez com que o mesmo se apropriasse de um termo utilizado por Friedrich Nietzsche: genealogia<sup>21</sup>. O genealogista “deve ser capaz de identificar os eventos históricos, seus solavancos, suas surpresas, suas vitórias instáveis e suas intragáveis derrotas – a base de todos os começos, atavismo e hereditariedades”<sup>22</sup>. Além do método genealógico, Foucault atentou para as descontinuidades e rupturas da história, ou seja, observar as diferenças manifestadas pelos aspectos sociais. Segundo Foucault:

A história, genealógicamente dirigida, não tem por finalidade reencontrar as raízes de nossa identidade, mas, ao contrário, obstinar-se em dissipá-la; não busca demarcar o território único de onde viemos, essa primeira pátria a qual voltaremos; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam.<sup>23</sup>

Essa percepção de Foucault para o método genealógico observando as descontinuidades e rupturas, surgiram a partir da análise dos saberes nas décadas de 1960 e 1970. No final da década de 70, Foucault afirmou que nos anos anteriores havia proliferado a criticabilidade das coisas, das instituições, das práticas

---

<sup>21</sup> A genealogia se nos apresenta, inicialmente, em dois sentidos, aparentemente contraditórios ou incompatíveis. Ela é uma metodologia, método de interpretação, um procedimento ou uma explicação, uma história enquanto relato, uma disciplina, uma modalidade de conhecimento histórico. Enquanto metodologia, a genealogia pode ser considerada em tese, quando estabelece princípios e métodos de interpretação, os quais se encontram, por exemplo, no Prólogo da Genealogia da moral de forma concentrada e de modo difuso ao longo de toda a obra; e pode ser considerada em uso, quando da aplicação daqueles princípios e métodos na prática, referidos a um objeto determinado, que pode ser mais amplo, como a moral, ou mais restrito, a exemplo do castigo. Mas a genealogia é também uma filosofia da história, uma concepção filosófica específica que admite que há na história um sentido, distinto daquele que a tradição concebeu, mas que é ainda um sentido, uma direção. Os aspectos metodológico e propriamente filosófico da genealogia se relacionam de modo a haver uma circularidade entre o método de pesquisa da história e a história que é conhecida por este método.

MOTA, Tiago. *O conceito de genealogia em Nietzsche*. Revista Intuitio vol.1. nº 2. PUCRS Porto Alegre. Novembro de 2008. p.309.

<sup>22</sup> Ibid., p. 50.

<sup>23</sup> FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 34-35

e dos discursos. Este movimento ganhou força e alcançou uma certa eficácia com críticas descontínuas e locais, mas ao mesmo tempo alcançou e criou algo que foi planejado no seu início, o que Foucault chama de “efeito inibidor próprio das teorias totalitárias, envolventes e globais”. Portanto, ele afirma que há um caráter local da crítica, o qual não está centralizado nestas teorias globais e centralizadoras, mas que se efetuou devido ao que Foucault chama de “reviravoltas do saber”, ou seja, uma revolta dos saberes sujeitados, os quais foram sepultados, abandonados, esquecidos e marginalizados por estas teorias totalitárias e macrofísicas. Segundo Foucault:

Os “saberes sujeitados” são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pôde fazer reaparecer pelos meios, e claro, da erudição [...] Por “saberes sujeitados”, eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos. E foi pelo reaparecimento desses saberes de baixo, desses saberes não qualificados, desses saberes desqualificados mesmo [...] foi pelo reaparecimento desses saberes locais das pessoas, desses saberes desqualificados, que foi feita a crítica.<sup>24</sup>

Ainda segundo Foucault, foi devido ao acoplamento dos saberes sepultados pela erudição e dos saberes desqualificados pela hierarquia científica que forneceu a crítica dos discursos nos anos anteriores do final da década de 1970, como afirmou o filósofo francês. Em todo momento a questão estava envolta do “saber histórico das lutas”. E foi neste histórico das lutas, ou seja, as memórias dos combates que tinham sido confinadas, protegidas e fechadas pelos saberes totalitários que se delineou o que poderia se chamar de genealogia. Foucault afirma:

Essas genealogias [...] só puderam ser tentadas, com uma condição: que fosse revogada a tirania dos discursos englobadores, com sua hierarquia e com todos os privilégios das vanguardas teóricas. Chamemos, se quiserem, de genealogia, o acoplamento dos conhecimentos eruditos e das memórias locais, acoplamento que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização dessa saber nas táticas atuais.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da sociedade*: curso dado no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.11-12.

<sup>25</sup> Ibid., p.12.

Assim a atividade genealógica seria fazer com que estes saberes locais e desqualificados venham combater as teorias que tentariam ordená-los e fazer deles um conhecimento verdadeiro, totalizador e global. Foucault afirma que “é exatamente contra os efeitos de poder próprios de um discurso considerado científico que a genealogia deve travar seu combate”. É neste contexto do método genealógico que surge a questão do poder. O filósofo francês insere o método genealógico em relação ao poder e afirma:

O que está em jogo é determinar quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, esses diferentes dispositivos de poder que se exercem, em níveis diferentes da sociedade, em campos e com extensões tão variadas. Grosso modo, acho que o que está em jogo em tudo isso é o seguinte: a análise do poder, ou a análise dos poderes, pode, de uma maneira ou de outra, ser deduzida da economia?<sup>26</sup>

A partir deste questionamento Foucault vai apresentar algumas afirmações sobre o poder. Categoria que analiso na pesquisa sobre as Assembléias de Deus, em relação às transformações e tensões que ocorreram na denominação. Afinal, estas tensões são ocasionadas, em um primeiro instante, por luta pelo poder e é a partir de jogo dos poderes que observamos as descontinuidades e rupturas históricas, através das construções, reconstruções e reações do movimento assembleiano no Brasil. O poder que analisaremos especificamente nas Igrejas Assembléias de Deus durante seu processo formador e consolidador, se encontra de modo intenso nas instituições eclesiásticas. Sabemos que o poder perpassa toda relação econômica, cultural, social, política e religiosa. A hierarquia eclesiástica e a divisão em lideranças permitem a prática do poder em relação aos fiéis, mas não queremos analisar o poder a partir de uma visão macro da política religiosa, mas sim partindo do micro, das relações esquecidas e abandonadas pelas teorias globais. O objetivo desta pesquisa não é analisar o poder que existe nas Assembléias de Deus do Brasil, mas as estratégias, os mecanismos, as tecnologias produzidas e utilizadas por esta “microfísica do poder”.

Mas afinal o que é o poder, para Michel Foucault? Simples e direto: O poder é uma relação de forças, ou melhor, toda relação de forças é uma relação de poder. O filósofo francês afirma que o poder e a reação a este estão em todos os

---

<sup>26</sup> Ibid., p.19

lugares, perpassando tanto as relações macro como microfísicas. Desse modo, o poder não é algo que pode ser conquistado, como o faz o marxismo, mas o poder existe em todas as relações culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas. Gilles Deleuze aponta algumas características das teses de Foucault sobre o poder:

O poder não é essencialmente repressivo (já que “incita, suscita, produz”); ele se exerce antes de se possuir(já que só se possui sob uma forma determinável – classe – e determinada – Estado); passa pelos dominados tanto quanto pelos dominadores(já que passa por todas as forças em relação). Um profundo nietzscheísmo.<sup>27</sup>

Foucault não busca uma teoria geral do poder, pois sua análise do poder não o considera como algo que possui uma natureza, uma essência, uma gênese. Desse modo, não existe para Foucault algo global, homogêneo, maciço, unitário, chamado poder, mas sim relações heterogêneas, fazendo com que o poder não seja uma coisa concreta, palpável e de posse de alguns, mas sim uma prática social constituída durante toda a história, sendo um conjunto de relações abertas, mais ou menos coordenadas, que permite uma analítica das relações de poder<sup>28</sup>. Embora, muitas pesquisas tenham sido feitas sobre o poder desde o advento do capitalismo, estas análises priorizaram o macro, as teorias globais, centrais e hierarquicamente dominantes. Em contrapartida, Foucault busca analisar o micro, as formas regionais, periféricas, do poder e que foram esquecidas, desqualificadas pela erudição e pelos “saberes superiores”. Segundo Machado, a analítica foucaultiana do poder:

---

<sup>27</sup> DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2006. p.79.

<sup>28</sup> DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.202.

Visa é distinguir as grandes transformações do sistema estatal, as mudanças de regime político ao nível dos mecanismos gerais e dos efeitos de conjunto e a mecânica de poder que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação. Poder este que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder. [...] O interessante da análise é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior, possível, limites ou fronteiras. Daí a importante e polémica idéia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que possui ou não [...] Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona [...] se dissemina por toda a estrutura social [...] ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de força. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social.<sup>29</sup>

Sobre a questão do poder em Michel Foucault, Lynn Hunt afirma:

No cerne da história da civilização ocidental de Foucault, encontra-se o princípio organizador do poder. A cultura é estudada através de tecnologias de poder - não através das classes, do progresso ou do caráter indômito do espírito humano. O poder não pode ser apreendido pelo estudo do conflito, da luta e das resistências, a não ser em suas manifestações mais restritas. O poder não é característico de uma classe (a burguesia) ou de uma elite dominante, nem pode ser atribuído a uma delas. Para Foucault, o poder é uma estratégia atribuível a funções (disposições, manobras, táticas, técnicas). O poder não se origina nem na política, nem na economia, e não é ali que se encontram suas bases. O poder existe como “uma rede infinitamente complexa de micropoderes, de relações de poder que permeiam todos os aspectos da vida social”. O poder não só reprime, mas também cria.<sup>30</sup>

Evidentemente que para esta analítica do poder alguns procedimentos devem ser considerados. Desse modo, em suas obras, Foucault nos alerta com algumas precauções de método genealógico para analisar o poder. Primeiramente, ele nos chama a atenção quanto à localidade, no qual não devemos analisar as formas legítimas do poder e seus mecanismos gerais, mas sim as

<sup>29</sup> MACHADO, Roberto. *Por uma genealogia do poder*. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 19 ed. São Paulo: Graal, 2004. P. XII-XIV

<sup>30</sup> HUNT, op.cit., p.46.

extremidades deste poder, onde ele se torna capilar. Em segundo lugar, chama a atenção quanto a exterioridade da analítica do poder, ou seja, não se trata de analisar o poder interiorizado, como se este poder fosse propriedade de alguém, mas sim analisar a forma externa através da qual o poder é exercido sobre seu objeto, seu campo de aplicação. Em terceiro lugar, é a questão da circularidade, que consiste em dizer que o poder não pode ser analisado de forma maciça e homogênea como se operasse através de indivíduo sobre os outros, mas deve ser entendido como algo circular, pois é uma espécie de cadeia na qual os indivíduos podem passar de dominados para dominadores e vice-versa. Em quarto lugar, nos apresenta a questão da ascensão, onde o poder deve ser analisado a partir dos mecanismos infinitesimais, de forma ascendente, até alcançar os mecanismos globais e dominantes. E por fim, Foucault afirma que nas redes de poder não se formam ideologias a serem seguidas e teorizadas, mas sim a formação e a acumulação de saber. O “historiador dos sistemas de pensamento” foi, sem dúvida, um dos grandes contribuintes para a história cultural, apresentando uma metodologia através de seus estudos e pesquisas sobre saber, cultura e poder, tentando nos libertar das amarras da historiografia positivista e dos regimes totalitários. Os estudos da cultura empreendidos por Foucault “é uma história com começos, mas sem causas, é um universo de rupturas e pausas, mas, mesmo assim, um universo”<sup>31</sup>. Após as considerações sobre alguns dos parâmetros teórico-metodológicos que norteiam esta pesquisa, cabe-nos apresentar e descrever a estrutura desta analítica, organizada em três capítulos, sobre a Igreja Evangélica Assembléias de Deus do Brasil.

Na primeira parte, *“Ide e pregai batizando no Espírito Santo!”: Construção identitária a partir da experiência e doutrina do batismo no Espírito Santo(1911-1930)* analisaremos a formação das Assembléias de Deus em território brasileiro, sua inserção em Belém do Pará e a propagação da mensagem pentecostal pelo eixo Norte-Nordeste. Para tanto, utilizaremos os relatos e discursos dos missionários pioneiros Daniel Berg e Gunnar Vingren, bem como os relatos “históricos oficiais” divulgados pela denominação. Entretanto, através da problematização e da crítica aos documentos avaliaremos as lacunas, os silêncios, as tensões que surgiram no início desta denominação em contraposição ao discurso

---

<sup>31</sup> Ibid., p.58.

ufanista da denominação. Analisaremos também os embates entre missionários suecos e pastores brasileiros pelo poder e representatividade sobre o movimento no eixo Norte-Nordeste. Por fim, apresentaremos uma reflexão acerca do caráter identitário das Assembléias de Deus nos seus primeiros anos. Dessa forma, tentaremos apresentar como a doutrina do batismo com Espírito Santo impulsionou o processo formador desta denominação e como este discurso foi recepcionado pela população brasileira no início do século XX.

Na segunda parte, *“Ide e pregai por toda a nação!”: reconstrução identitária a partir do processo de formalização teológica e institucional (1930-1980)*, analisaremos o processo de expansão do movimento em direção ao eixo Sudeste-Sul, propondo uma abordagem sobre os aspectos sociais, culturais e econômicos que colaboraram para a divulgação da mensagem pentecostal assembleiana. Contudo, não basta apenas analisar o processo de expansão e consolidação territorial como conseqüências de características externas. Cabe-nos analisar também o papel da liderança assembleiana, a formatação do “fiel” que ingressa no movimento, assim também como um simples movimento iniciado em Belém do Pará atinge toda a extensão territorial em 30 anos em uma sociedade que não detinha todas as formas de divulgação que atualmente usufruímos. Dessa forma, neste processo expansionista, que os assembleianos denominam como “conquista”, parece-nos surgir no seio da liderança assembleiana a necessidade em se delinear, com maior precisão, as doutrinas, as ideologias e o caráter teológico de um movimento que se consolidava no campo religioso brasileiro e que, de certa forma, assumia o status de denominação religiosa, tornando-se a maior denominação evangélica do país na década de 1950.

Espero que os caminhos que serão trilhados adiante sejam vistos como uma das possibilidades, e não a única, empreendidas pelo peregrino-historiador. Que este caminho seja questionado, avaliado, criticado, por aqueles que decidirem utilizá-lo e a partir destes posicionamentos outros caminhos possam ser desbravados, trilhados, conquistados.

**PARTE I – “IDE E PREGAI BATIZANDO NO ESPÍRITO SANTO”: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA E DOCTRINA DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO (1911-1930)**

Nesta primeira parte analisaremos a inserção do movimento assembleiano em território brasileiro e sua expansão inicial no eixo Norte-Nordeste. Para tanto, abordaremos o contexto social, cultural e econômico encontrado pelos missionários pioneiros, sob o qual se desenvolveu a mensagem pentecostal assembleiana. Todavia, tal mensagem tem como cerne o batismo no Espírito Santo, doutrina identificadora do movimento assembleiano no Brasil, principalmente nas primeiras décadas. Por fim, analisaremos a Convenção de 1930 e as tensões estabelecidas, que ocasionaram mutações na configuração da liderança assembleiana, bem como suscitou novas perspectivas identitárias.

## 2 O CONTEXTO CULTURAL ENCONTRADO PELOS MISSIONÁRIOS PIONEIROS NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Os missionários pioneiros, Gunnar Vingren e Daniel Berg, vivenciaram uma experiência religiosa nos EUA, a qual influenciou o perfil do movimento que se instalaria no Brasil, a partir de 1911. Os movimentos de avivamento<sup>32</sup>, que aconteciam em diversas regiões do país norte-americano, como Los Angeles e Chicago, influenciaram diversos missionários que fundaram organizações religiosas na América Latina, África e Ásia, como aponta Vinson Synan em seu texto “ O século do Pentecoste”<sup>33</sup>. Foi neste ambiente religioso que Vingren e Berg, suecos que migraram para os EUA em busca de uma vida estável e promissora, foram batizados com o Espírito Santo<sup>34</sup>, evidenciado com a prática da glossolalia<sup>35</sup> e das manifestações transcendentais, como visões e profecias. Desse modo, passaram a conviver em meio aos líderes religiosos da época que propagavam a doutrina do batismo com o Espírito Santo. Dentre estes líderes estavam William Durham, pregador de Chicago, que promovia reuniões e congressos para propagar a mensagem de avivamento. Entretanto, foi através de uma pessoa simples que Vingren e Berg receberam a “revelação”, segundo a qual era necessário que fossem ao Brasil promover a “mensagem de Cristo”:

---

<sup>32</sup> Momentos de renovação e despertar espiritual.

<sup>33</sup> SYNAN, Vinson. *O século do Pentecoste: visão geral*. In: SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009

<sup>34</sup> O batismo no Espírito Santo, seria a evidência do início de um processo de santificação perante Deus. Desse modo, ao se alcançar um nível elevado de santificação da vida, se afastando dos prazeres da carne e vivendo em obediência a Deus, tal batismo seria manifestado. Segundo a doutrina pentecostal, uma das evidências do batismo com o Espírito Santo seria a manifestação do dom de falar em outras línguas, chamado também de glossolalia. Para maiores detalhes leia: OLIVA, Alfredo dos Santos; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Batismo e batismos*. In: OLIVA, Alfredo dos Santos... [et al.]. *Teologia Sistemática: Curso Vida Nova de Teologia Básica*. v. 7. São Paulo: Vida Nova, 2006.

<sup>35</sup> Capacidade de falar em línguas desconhecidas. Contudo atualmente existem duas categorias sobre o falar em línguas: Glossolalia, que seria o falar em línguas desconhecidas, caracterizada pelos grupos como a “língua dos anjos”; Xenoglossia, que seria o falar em língua estrangeira sem prévio conhecimento da mesma. OLIVA, Alfredo dos Santos. *O discurso sobre o mal na Igreja Universal do Reino de Deus: Uma história cultural do Diabo no Brasil Contemporâneo(1977-2005)*. 2005. (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Assis. p.165.

Foi na casa de meus pais, na cidade de South Bend, estado de Indiana(EUA), no ano de 1910, que os irmãos Gunnar Vingren e Daniel Berg receberam a sua chamada para o Brasil. Esses irmãos durante várias semanas hospedaram-se em nossa casa, e oravam constantemente ao Senhor para Ele os guiar quanto ao lugar onde deveriam dedicar suas vidas. Certo dia, meu pai, Olaf Ulldin, que era um simples pintor de casas, contudo um homem de oração, fazia um trabalho na cozinha de nossa casa, quando repentinamente veio sobre ele o Espírito do Senhor. Ele ajoelhou-se e logo a família fez o mesmo, como também os hóspedes Gunnar Vingren e Daniel Berg. Eu, um menino de onze anos nesse tempo, ouvi meu pai falar em profecia a esses jovens pastores: “Ireis ao Pará. O seguinte é um hino que ouvireis quando ali chegardes”. Meu pai então cantou um hino em língua estranha, em português, um hino que mais tarde os missionários puderam identificar. Tudo isso foi debaixo da unção e da inspiração do Espírito Santo.<sup>36</sup>

Após receberem esta “profecia”, Vingren e Berg, segundo os relatos, logo identificaram o local deste nome desconhecido ao consultarem arquivos e mapas de uma biblioteca local e partem rumo ao norte do Brasil para iniciar o processo de evangelização desta terra<sup>37</sup>.

Os missionários chegam ao Brasil, sem nenhuma garantia ou apoio para iniciar o projeto pretendido por eles. Embora, alguns arquivos e documentos apresentem que no Brasil haviam missionários conhecidos pela comunidade “norte-americana” e também pela comunidade sueca que migrou para o país do Norte, como Erik Nilsson, parece-nos que há um certo distanciamento das comunidades que conheciam o projeto empreendido por Vingren e Berg.

Os batistas esperavam que quando eu aprendesse o português, me tornasse o pastor deles. Porém, em nenhuma ocasião em que nos foi permitido falar à igreja, nós escondemos a chama pentecostal que Deus havia acendido em nossos corações. Testificamos também para o missionário batista, tanto sobre o batismo com o Espírito Santo, como sobre a cura divina. Esse missionário era sueco, mas havia sido enviado dos Estados Unidos para o Brasil. O seu nome era Erik Nilsson.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> SOUZA, Benjamin Ângelo de. *História da Igreja-Mãe das Assembléias de Deus no Brasil*. 7.ed. Belém: Assembléia de Deus de Belém, 2007. p.21.

<sup>37</sup> “Embora muitos insistam no acaso do chamado missionário de D. Berg e G. Vingren para o Pará, Paulo D. Siepierski argumenta que este estado do Brasil era na época muito famoso no exterior por sua produção de matéria prima para a confecção da borracha.” SIEPIERSKI, P.D. *Contribuições para um tipologia do pentecostalismo*. In: OLIVA, op.cit., p.170-171.

<sup>38</sup> VINGREN, Ivar. *Diário do Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p.39.

Porém, os missionários se estabeleceram em uma Igreja Batista de Belém, o que de certa forma era evidente, visto que Vingren cursou teologia em um seminário batista nos EUA e se tornou um pastor dessa instituição, exercendo o ministério pastoral em algumas comunidades norte-americanas, como na cidade de South Bend, Indiana. Após se estabelecerem na comunidade batista em Belém, logo ganharam a confiança de muitos fiéis e as mensagens propagadas que enfatizavam cura, milagres, batismo com o Espírito Santo, glossolalia, conduziram muitas pessoas as reuniões que os missionários promoviam. Estas reuniões e as práticas desenvolvidas foram condenadas por alguns líderes da Igreja Batista, os quais em uma assembléia decidiram pela exclusão dos missionários e daqueles que os seguiram.

A partir deste processo, um novo movimento religioso se formava em Belém, no estado do Pará. Os missionários começaram a reunir seus fiéis na residência de Celina de Albuquerque, a primeira mulher a ser batizada com o Espírito Santo em território brasileiro. Porém, para compreendermos o crescimento deste movimento, precisamos entender o contexto, na qual esta mensagem foi inserida no Brasil, especificamente no eixo Norte-Nordeste.

A cidade de Belém era uma cidade em franco progresso, principalmente na primeira década do século XX, devido ao surto econômico da borracha, tornando-se um centro da comercialização do látex, matéria-prima retirada dos seringais para a produção de borracha. Segundo Gedeon Freire de Alencar:

Até 1918 a borracha é o segundo produto mais importante no Brasil, representando em 1910, auge da produção, 25,7% das exportações. A partir daqui declina, quando a Ásia entra no mercado, pois, em 1910, detém 13% da produção mundial, mas em 1915 chega a 68%. A Região Amazônica, que de 1890 a 1900 teve uma migração líquida de mais 110 mil pessoas vindas principalmente do Ceará, a partir de então tem um retraimento de extração de borracha. Os missionários suecos chegam no início da queda de produção. Há, de agora em diante, todo um processo migratório de retorno para seus Estados de origem - e a mensagem pentecostal os acompanha!<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> ALENCAR, Gedeon Freire. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembléia de Deus- origem, implantação e militância(1911-1946)*. 2000. Dissertação (Mestrado Ciência da Religião) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. p.67.

Além disso, é uma cidade portuária atraindo investidores e muitos imigrantes nacionais e internacionais. Novos projetos e planos estavam destinados para Belém, sendo a porta para a Amazônia, região que começava a ser explorada com mais intensidade. Entretanto, uma cidade em crescimento, sem planejamento urbano, sofre com diversos problemas sociais. Dentre eles destacam-se a marginalidade, aglomeração urbana, falta de saneamento básico, miséria e estruturas de governo instáveis. Aliado a estes problemas, o surto da borracha, que outrora trouxe prosperidade para a região, tornando Belém conhecida como a Paris na América, devido aos seus belos palacetes e construções, além de semelhanças com a *Belle Époque* da capital francesa, se findou rapidamente no início dos anos da década de 1910, fazendo com que muitos migrantes, principalmente nordestinos, se refugassem nas cidades, aumentando ainda mais os problemas sociais da sociedade beleense, inclusive com o aumento do índice de mortalidade, alto índice de natalidade, além do aumento de doenças, as quais assolavam a população nortista, devido ao clima tropical, aliada a falta de estruturas na área da saúde, moradias irregulares, esgoto aberto, enfim uma série de fatores que culminam para o caos urbano. Dessa forma, uma mensagem de esperança, transformação, cura, melhoria das situações caóticas em geral, principalmente urbanas, iria de encontro às necessidades da população paraense e de forma geral à população do eixo Norte-Nordeste. Vale lembrar que uma das alegorias mais utilizadas pelos pentecostais em seus discursos, pregações, e mensagens é a perspectiva da prosperidade plena pós-morte, desfrutando inclusive da “urbe celestial”, sem problemas, sem caos, sem doenças, mas com “ruas de ouro, mansões e palácios, banquetes para serem desfrutados à vontade”. Este foi sem dúvida um dos aspectos discursivos que colaboraram para o crescimento deste movimento no contexto apresentado.

Neste sentido torna-se interessante observar os relatos dos trabalhos de colportagem e evangelização feitos pelos missionários nas cidades ribeirinhas no Pará, apontadas nos diários de Daniel Berg e Gunnar Vingren. Nota-se que muitas pessoas eram cativadas pela mensagem que prometia uma nova vida, fazendo frente aos muitos problemas sociais no início do século XX. Observa-se também, vários relatos de curas e manifestações milagrosas, apresentadas pelos missionários.

As mensagens apresentadas pelos missionários ecoavam através da vida dos seus fiéis. Certamente o grande meio de evangelização utilizado pelos missionários e os fiéis desta nova igreja era a colportagem<sup>40</sup>, desde a divulgação de literatura religiosa até abordagens diretas, com intuito de compartilhar a mensagem pentecostal.

Talvez por valorizarem uma tradição demasiado letrada, os estudiosos do pentecostalismo tendem a enfatizar a oralidade do movimento como característica própria de uma religião de segmentos sociais iletrados e baixo-letrados [...] No pentecostalismo inexistem qualquer contradição entre oralidade e difusão de hábitos de leitura, ou, em termos bíblicos, entre o ouvir e o examinar Palavra. Nesse sentido, a colportagem bíblica foi praticada desde o início pelos missionários fundadores, Gunnar Vingren e Daniel Berg. Conta um historiador assembleiano que, em sua prática de evangelização, os jovens suecos não faziam acepção de pessoas e, como os protestantes tradicionais, combinavam a pregação e a distribuição de textos: “ Tão logo eles começaram a se expressar em português, começaram a evangelização de dois modos: a) vendendo Bíblias nas ruas de Belém; b) pregando a doutrina do evangelho completo a crentes e a descrentes que os ouviam.<sup>41</sup>

Nas frentes de evangelização, a colportagem antecedia a abertura dos primeiros núcleos de crentes, cujos membros reuniam-se nas casas de um ou outro neoconverso; os domicílios logo dariam lugar a um improvisado templo, cuja edificação marcava simbolicamente o nascimento de uma nova comunidade.<sup>42</sup>

A colportagem certamente aproximava a pessoa, principalmente das camadas populares, a aquilo que lhe era desconhecido e um tanto quanto negado em outras tradições religiosas como o próprio catolicismo. O “Livro Sagrado” era, e ainda é, um grande instrumento de poder, regulador da vida, da mente, do discurso. O poder estava nas mãos de quem a detinha para livre interpretação. Talvez por isso, o serviço da colportagem foi tão combatido pelo catolicismo romano e reavaliado por alguns setores protestantes ortodoxos. A perda de redutos, onde se exercia o domínio, utilizando as táticas e estratégias de poder como apresenta Foucault, eram bem definidas. A colportagem certamente apresenta novas

---

<sup>40</sup> Divulgação de uma fé religiosa através de literatura pelas casas, ruas e cidades. Prática comum em religiões como a Adventista do Sétimo Dia, Testemunhas de Jeová e Mórmons

<sup>41</sup> BENATTE, Antonio Paulo. *A Infância da Evangelização: colportagem assembleiana e leitura da Bíblia no Brasil*. In: OLIVA, Alfredo dos Santos & BENATTE, Antonio Paulo. *100 anos de pentecostes: capítulos da História do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo. Fonte Editorial, 2010. p.70-71.

<sup>42</sup> Ibid., p.77

possibilidades, novos discursos, novos métodos e também novas táticas de poder. As táticas de poder se reinventam, se deslocam para outros segmentos, tornando os outrora dominados, dominadores em potencial. O poder não é algo estático e acrítico, existem reações ao exercício do poder, reações estas que tem por objetivo o deslocamento do poder. A colportagem assembleiana faz parte deste processo de deslocamento do poder, principalmente de regiões afastadas dos grandes centros, onde o catolicismo e as religiões populares dominam o imaginário e a vida da sociedade, pois ela questiona o poder vigente, apresenta uma nova possibilidade, estabelece novas táticas e estratégias para o exercício do poder, através das novas doutrinas que regem a religiosidade do grupo em questão. A colportagem sem dúvida, foi de grande valia e importância para a expansão do movimento, pois contribuiu com a abertura de novos caminhos, possibilidades, enfrentando grandes dificuldades e obstáculos, facilitando a continuidade da evangelização em certas regiões, assim como uma infantaria na formação do exército em tempos de guerra, como aponta de maneira sugestiva Antonio Paulo Benatte<sup>43</sup>. Infantaria que abre caminhos, possibilidades e estratégias para se pensar o conflito, além de enfrentar as primeiras investidas do inimigo, mas que mantendo-se firme facilita o desenvolvimento e a entrada de outros setores do exército na guerra.

Este trabalho de divulgação da mensagem pentecostal atingiu outras regiões do eixo Norte-Nordeste. Dessa forma, os próprios missionários não faziam idéia do quanto a mensagem pentecostal havia crescido e ultrapassado a barreira do estado do Pará, atingindo os rincões dos estados Nortistas e Nordestinos. Vejamos como a mensagem pentecostal se propagou para alguns estados:

---

<sup>43</sup> BENATTE, op.cit., p.70.

**TABELA 1** – Forma de Propagação da Mensagem Pentecostal no eixo Norte-Nordeste e posteriormente Sudeste nos primeiros anos.<sup>44</sup>

<b>ANO</b>	<b>ESTADO/ LOCALIDADE</b>	<b>PESSOA/FORMA</b>
1911	<b>PARÁ – interior</b>	- se propaga acompanhando a construção da linha do trem Belém-Bragança
1911	<b>PARAÍBA E R.G. NORTE</b>	- um fazendeiro, após uma revelação visita diversas cidades; depois o pastor passa batizando pessoas em 23 localidades (Vingren, 1987:21)
1914	<b>CEARÁ – Serra de Uruburetama</b>	- Maria de Nazaré, resolve visitar parentes - 1914 Vingren visita o Ceará já encontra um igreja
1914	<b>AMAZONAS</b>	- perto da fronteira da Venezuela havia um irmão que fora batizado no ES [Espírito Santo] no Ceará (Vingren, 1987:40)
1915	<b>ALAGOAS</b>	- irmão visitando parentes
1928/29 (?)	<b>BAHIA – Canavieiras</b>	- uma irmã visita seus parentes (Vingren, 1987:76). Em 1930 já tem igreja
antes de 1920	<b>RIO DE JANEIRO</b>	- Gunnar Vingren faz uma visita a uma família que veio do Norte. Há um grupo de 20 pessoas (Vingren, 1973:98)
antes de 1924	<b>ESPÍRITO SANTO</b>	- Daniel Berg chega em 1924 e já havia convertidos
1923(?)	<b>SÃO PAULO - Santos</b>	- “pessoas do Norte a procura de emprego no Sul” (Vingren, 1987:91)

É interessante notar que após a queda do surto da borracha, muitos nordestinos voltaram para sua terra natal, sendo que aqueles que haviam ouvido a mensagem passavam a ser propagadores do movimento pentecostal. Outros quando viajavam para ver familiares, acabavam anunciando uma nova mensagem

<sup>44</sup> ALENCAR, op.cit., p. 62-63.

de vida, ainda desconhecida por todos. Isto colaborou de maneira significativa para o crescimento da Assembléia de Deus nas regiões Norte-Nordeste do Brasil. Segundo Gedeon Freire de Alencar:

Os mensageiros são sempre pessoas que retornam à sua parentela ou sua terra de origem. E o mais impressionante é que tais pessoas não foram direcionadas em um plano estratégico de evangelização pelo território nacional, mas que há uma dispersão indisciplinada e natural das pessoas, levando consigo a mensagem pentecostal e a doutrina do batismo no Espírito Santo. Segundo Alencar, a difusão é causada no seu início por gente anônima, ou seja, o que Alencar chama de militância assembleiana<sup>45</sup>.

Entretanto, não podemos considerar apenas as questões sociais e econômicas como grandes propulsores da mensagem pentecostal propagada pelos missionários e seus fiéis. Devemos levar em consideração outros aspectos determinantes como a questão cultural e religiosa.

O Brasil do início do século XX, era um país de grande maioria católica. Os laços religiosos trazidos pela colonização ainda dominavam o imaginário e a ideologia religiosa no Brasil, mesmo com a ascensão da República quando houve o “rompimento” com a Igreja Católica, tornando-se um estado laico, segundo a proposta da Constituição. Ainda assim, algumas regiões do Brasil mantinham as tradições do catolicismo e o clero, principalmente em cidades do interior, ainda dominavam todas as instâncias que envolviam a sociedade da região. O controle era rígido, as missas eram realizadas em latim, a educação e o comportamento eram determinados pela Igreja, a política envolvia figuras religiosas, o domínio era centrado nas mãos do clero, enfim, o discurso clerical era determinante para a regulação e manutenção da vida social do período. Em muitas regiões o Brasil ainda vivia em um sistema de controle ideológico do catolicismo romano.

Além disso, a religiosidade popular e o sincretismo religioso (ou para usar um termo mais adequado: o hibridismo) são manifestações que não podemos desconsiderar em um país de caráter tão heterogêneo como o Brasil. As regiões Norte e Nordeste não fogem dessa realidade, aliás podemos afirmar, que as regiões mencionadas são as que manifestam de forma mais latente tanto a religiosidade popular como o hibridismo religioso no Brasil. Isso torna-se mais significativo quando levamos em consideração a análise do período destacado, ou seja, primeira metade

---

<sup>45</sup> Ibid., p.68.

do século XX. Basta lembrarmos de algumas festas e personagens que representam essa perspectiva do imaginário religioso da época e como as práticas e crenças eram ligadas a outras instâncias sejam elas sociais, políticas ou econômicas. Podemos exemplificar com alguns personagens como o beato Antônio Conselheiro, Padre Cícero e José Lourenço Gomes da Silva no Nordeste. Podemos destacar também um dos grandes símbolos do hibridismo religioso, principalmente na Bahia, uma prática recorrente do século XVIII que é a Lavagem das Escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim. Especificamente na “cidade de origem” do movimento pentecostal assembleiano temos como destaque o Círio de Nazaré, considerada uma das principais festas ou manifestações religiosas do Brasil que reúne milhares de fiéis em Belém. O Círio de Nazaré é uma festa híbrida, realizada desde o século XVIII, que reúne questões do catolicismo com a religiosidade popular ou crenças regionais, que advém dos indígenas e escravos.

Outro aspecto importante que devemos considerar é que já haviam se instalado no Brasil igrejas protestantes como a Congregacional, Metodista, Presbiteriana, Batista, as quais contavam com número considerável de fiéis, com características tradicionais, que não praticavam de maneira ostensiva a colportagem e sua mensagem tinham outros enfoques e perspectivas quanto a salvação, cura e batismo. Dessa forma, os protestantes históricos, como são denominados atualmente no campo religioso brasileiro, não pregavam enfaticamente a cura divina e consideravam a doutrina do batismo com o Espírito Santo uma mensagem herética. Diante destas considerações podemos afirmar que a mensagem propagada pelos missionários e seus fiéis “fala a língua do povo” do eixo Norte-Nordeste, principalmente das cidades do interior e dos vilarejos. Uma mensagem que era compreendida, a qual mantém em sua tradição uma linguagem simples, objetiva e prática, diferentemente das práticas católicas, onde a própria linguagem litúrgica ou cúltica era acessível apenas aos clérigos e aqueles que detinham o conhecimento do latim. Não obstante os missionários e os adeptos da mensagem pentecostal utilizavam alguns destes argumentos para atacarem as práticas e doutrinas da Igreja Católica, afirmando ser uma instituição que não permitia a ação de Deus na vida social. Vejamos alguns relatos dos missionários pioneiros atacando os preceitos e práticas católicas, consideradas pelos mesmos como inverdades:

Em geral nas vilas aldeias e onde quer que se concentre um aglomerado de casas, a igreja católica como instituição e o padre como pessoa são as forças predominantes em questões religiosas ou profanas. Em consequência desse absolutismo, o povo não se atrevia a tomar uma decisão acerca da fé. Para essa gente estava na ordem natural batizar-se quando criança, tal qual como tinham feito seus pais e avós. Não era esse um ato que a própria pessoa pudesse decidir por convicção; era uma tradição que se observava, e nada mais [...] Um dos presentes interrompeu minha exposição e disse que tão logo entrei naquela casa ele notara que eu parecia um padre fora do comum. No dia anterior, o padre havia estado lá, mas agira de modo diferente, e tratara-os de outra forma. Colocou a imagem de Maria o mais perto possível da enferma, e após ordenar quais as orações que eles deviam fazer, retirou-se. Era um **ritual** e ninguém esperava coisa melhor. Porém, naquela hora, depois de terem visto como nós havíamos procedido ali e a alegria e a esperança que haviam inundado o coração da enferma, estavam convencidos de que havia alguma coisa melhor que a **tradição**. Havia a **fé verdadeira e pessoal** em Jesus Cristo [...] Diante da curiosidade do estranho, abri a maleta e mostrei-lhe o que ela continha. Quando me disse que sabia ler, abri uma Bíblia e pedi que ele lesse. Após ler um trecho, o homem olhou para mim e disse: - Mas isso é uma Bíblia! O padre não nos deixa ler, e ficaria zangado se soubesse que alguém a lê. – O senhor pertence à minoria que sabe ler nesta vila- respondi. – Os que não sabem ler dependem inteiramente da doutrina do padre, e não têm liberdade para formar sua própria opinião, nem de saber o que é crer e viver conforme a Bíblia ensina. Muitos não entendem o que se fala nas igrejas porque as missas são realizadas em latim. Entretanto, esta Bíblia está em português, e o senhor pode facilmente compreender o que ela diz<sup>46</sup>

O servo do Senhor tem de lutar muito contra toda a **mentira** e toda a **superstição** que o povo aprendeu desde criança dos sacerdotes católicos. Algumas dessas mentiras são: “A Bíblia dos protestantes é falsa”; “Salvação só se consegue por meio da Santa Igreja Católica”; “A virgem Maria é a mãe de Deus, deve ser adorada e é também intercessora junto ao seu filho Jesus”; “Os santos devem ser adorados, pois eles também intercedem por nós”[...] “A Bíblia”, dizem os padres, “só pode ser compreendida pelos sacerdotes e não deve ser lida pelo povo. Salvação só se consegue por intermédio dos santos e por meio das boas obras que se fazem, e também depois de passar por uma purificação no Purgatório. Dali as pessoas vão para o Céu. **Os que não vão à missa e não obedecem os costumes e dogmas católicos são do Diabo, mesmo que sejam as pessoas mais puras, santas e justas do mundo**. Se alguém lê a Bíblia protestante, só por isso irá para o inferno”. Isto é o que os sacerdotes católicos ensinam ao povo. E nós temos de lutar contra esses **preconceitos**, contra a idolatria, a prostituição, a profunda ignorância, e também contra o espiritismo moderno.<sup>47</sup>

<sup>46</sup> BERG, Daniel. *Enviado por Deus*. 11 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 82, 87, 106. (grifo nosso)

<sup>47</sup> VINGREN, op.cit., p. 58 (grifo nosso)

Como podemos observar algumas palavras foram grifadas propositalmente com o intuito de tecer alguns comentários acerca dos termos utilizados pelos missionários pioneiros em seus “possíveis relatos e discursos”. Porque digo possíveis? Sabemos que estes relatos foram analisados e certamente alguns ajustes foram feitos pelos editores da casa publicadora pertencente à instituição. Obviamente a exposição dos diários dos missionários pioneiros tem um significado considerável. Primeiramente, evocando os dois personagens como heróis da fé pentecostal assembleiana. E, segundo, evoca o mito de origem. É neste momento que também é convocada a grandeza, a legitimidade, o poder que envolveu a construção dessa denominação em seus primeiros anos. Seria ingênuo abordar tais relatos como a verdade. Os textos são passivos de críticas e análises. Foi-se o tempo em que o documento oficial era a verdade absoluta. O absolutismo do documento tem sido questionado durante os anos, com a ascensão de diversas escolas históricas. Entretanto, seria um equívoco afirmar o outro extremo, ou seja, de que já superamos completamente o documento. Enfim, torna-se evidente que estes dois textos que abordam a “história vivida” dos missionários pioneiros através dos “seus próprios relatos” se constitui como um potencial manual do discurso assembleiano. O que quero provocar com isso? Parece-nos que nos dois textos estão contidos alguns temas que refletem para o atual discurso assembleiano. Dessa forma, não seria estranho observar um discurso agressivo ao catolicismo romano. A idéia neste momento não é tentar fazer alguma apologia sobre as denominações citadas. Apenas colocá-las em confronto, com vista para uma análise dos relatos dos pioneiros. Enfim, as palavras RITUAL/TRADIÇÃO/SUPERSTIÇÃO revelam a idéia que os missionários tinham da Igreja Católica Apostólica Romana, bem como a transmissão deste discurso para aqueles que seguiam tais práticas, em contraste com a “verdade da mensagem pentecostal” que anunciavam. Logo, a FÉ VERDADEIRA E PESSOAL se opõe à MENTIRA, ou seja, a deslegitimação direta de um discurso tem como objetivo primário legitimar aquele que está por vir, no caso a fé pentecostal assembleiana. Ora essa era a verdadeira fé para os missionários pioneiros.

Somando-se a isso, os colportores assembleianos pregavam a liberdade religiosa e a intimidade com Deus, sem a necessidade do intermediário religioso. O termo “pessoal” apresenta justamente essa idéia de que a nova mensagem pentecostal permite o contato direto com Deus, o que no catolicismo do

início do século XX era inadmissível, pois somente através da vida do servo clerical é que podemos nos confessar para Deus, com o mesmo sentenciando uma espécie de pagamento com orações pré-determinadas. Os missionários pioneiros afirmavam veementemente ser Jesus o único caminho para alcançar a cura, o milagre e a salvação, posicionando-se contra a teologia dos santos apresentada e pregada pelo catolicismo romano, ou seja, do clérigo como o responsável pela intermediação entre servo-Senhor, entre o fiel-Deus, entre o filho-Pai.

Ademais, se me permitem, gostaria de lembrar de uma frase antiga que meus avós falavam com os seus parentes quando o assunto era filhos e o seus comportamentos. “- Meus amigos, filhos são todos iguais, só mudam de endereço!”. É justamente essa situação que nos é colocado quando do discurso religioso, ou seja, apenas mudam o endereço. O trecho do relato do pioneiro Gunnar Vingren sobre o posicionamento dos clérigos em relação aos seus fiéis é significativo e interessante sob essa ótica: “os que não vão à missa e não obedecem os costumes e dogmas católicos são do Diabo, mesmo que sejam as pessoas mais puras, santas e justas do mundo”. O relato em tom de crítica de Vingren não se aplica da mesma forma quando o assunto são os cultos, costumes e dogmas da Assembléia de Deus. É comum vermos alguns discursos semelhantes atualmente quando alguns fiéis não freqüentam regularmente o culto ou quando discordam, reagindo contrariamente aos dogmas e costumes impostos pela denominação assembleiana. Vejamos essa contrariedade em outros relatos de Vingren:

No início ele nos ouviu silenciosamente. Mas em outra oportunidade disse-nos que deveríamos deixar fora da nossa mensagem aquele versículo que fala de Jesus batizar com o Espírito Santo, “pois propaga divisões”, argumentou ele. No princípio pensávamos que estivéssemos tratando com um verdadeiro cristão, mas depois agradecemos a Deus por Ele nos ter livrado das garras daquele homem. O inimigo havia preparado uma cilada muito astuta para nos desviar da vontade de Deus, e dessa maneira desfazer completamente o plano do Senhor para a obra pentecostal no Brasil por nosso intermédio.<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> Ibid., p. 39.

No dia seguinte continuaram a jornada até a cidade de Criciúma: “Todos aqui são da Lituânia. Receberam-me muito bem. De noite foi realizado um culto, mas como era no idioma lituano, eu não compreendi nada. Primeiro cantaram um hino. Depois todos tiraram os sapatos e se deitaram no chão, formando um círculo. Depois que todos haviam orado, começaram a pular e a dançar durante mais ou menos meia hora. Depois se puseram de joelhos outra vez e oraram. Eu os exortei a que deixassem essa coisa de dançar, pois isto não está escrito no Novo Testamento, e era uma bobagem que eles deviam abandonar.”<sup>49</sup>

Por último, outra questão interessante, na qual podemos compreender o avanço da mensagem pentecostal é o contexto cultural. Essa situação está intimamente ligada ao êxodo rural, propiciando o crescimento das capitais do Norte-Nordeste:

A propagação da mensagem pentecostal, principalmente nas Assembléia de Deus, se deveu muito ao êxodo rural, com o conseqüente crescimento das cidades como Belém, Manaus, São Luís, Recife, João Pessoa, Natal, que são grandes capitais da região Norte-Nordeste. Segundo os apontamentos feitos por Francisco Cartaxo Rolim, que chama este processo de crescimento de “ambientação social do pentecostalismo”, a população que migrava do campo já não sofria o controle social, exercido de maneira incessante, pela Igreja Católica, quando ainda viviam no campo. Distante deste domínio espiritual que controlava todo o convívio social, os migrantes encontraram no discurso e na prática pentecostal maior participação nos rituais de culto, de liberdade quanto ao entendimento e leitura da Bíblia e maior manifestação de curas e milagres, que antes eram vistos de maneira esporádica através de curandeiros que habitavam no interior e utilizavam rituais advindos da religiosidade indígena e africana.<sup>50</sup>

As regiões Norte e Nordeste têm ligações, diretas e indiretas, a crenças populares que acrescentam rituais, manifestações e superstições indígenas e africanas aos ritos tradicionais do catolicismo. Como já foi dito anteriormente, o catolicismo ainda mantinha práticas ortodoxas, principalmente nas cidades do interior. A participação da população nas manifestações do catolicismo era periférica. O fiel era um mero coadjuvante frente a hierarquia e rituais da Igreja. Além disso, nas celebrações, a manifestação cultural da região era negada e por vezes condenada, segundo as doutrinas da Igreja. A mensagem pentecostal dos missionários e dos fiéis que os seguiam apontava para uma maior participação em

---

<sup>49</sup> Ibid., p. 116.

<sup>50</sup> DE PAULA, op.cit., p.49-50.

toda a celebração cúlrica. Os cultos não eram apenas dirigidos pelos líderes, mas aqueles que eram inspirados pelo divino poderiam se posicionar e comunicar a mensagem. Ademais, os novos convertidos a mensagem pentecostal participavam ativamente das atividades propostas, principalmente como colportores, e alguns após períodos de convivência com a liderança, participavam também do “processo litúrgico” desta nova igreja. Por conseguinte, as pessoas sentiam-se valorizadas e participantes da atividade religiosa. Além disso, em algumas comunidades havia manifestações corporais e linguagens que tinham semelhanças com os rituais populares e culturais. Embora, no diário de Gunnar Vingren, o mesmo condene algumas práticas corporais dentro da igreja, o que segundo as pesquisas era uma atitude comum do missionário, pois era de uma ala religiosa conservadora. Vejamos um dos relatos sobre as manifestações em períodos de culto:

Durante aquelas semanas de oração, sentimos o poder de Deus vir sobre nós como uma pressão, como um forte peso, de tal maneira que muitas vezes não conseguíamos nos sentar a mesa para comer. **Caíamos no chão**, dobrávamos os joelhos e em alta voz louvávamos o nome do Senhor. Estávamos tão cheios de gozo do Espírito Santo, que clamávamos com voz elevada, cada um onde estava. Foram dias maravilhosos, de imensa alegria na presença do Senhor. Glória a Jesus! Em uma daquelas reuniões durante esse período de oração, notamos que um dos irmãos foi **arrebatado em espírito** de maneira especial, como um arrebatamento profético. Podia-se dizer desse irmão, como disse o apóstolo Paulo: “Porque se enlouquecemos, é para Deus”.<sup>51</sup>

Como podemos notar, no relato são descritos alguns comportamentos durante as manifestações da divindade. “Cair no chão” ainda é um dos sinais da manifestação do poder divino, especificamente para as alas pentecostais e neo pentecostais. O “cair no chão” não é uma manifestação exclusivamente pentecostal. Quando observamos manifestações das religiões afro e da religiosidade indígena também notaremos ações, como “cair no chão”, “levantar a poeira”, expressando a recepção do divino em seu corpo. Além disso, “arrebatado em espírito” seria uma espécie de visitação a outros planos descritos pela religiosidade que a utiliza, no caso do cristianismo a figura do céu, do paraíso, da morada do divino. Seria um desligamento deste mundo, com a finalidade de receber alguma dádiva ou recado divino. Enfim, a região Norte-Nordeste certamente era um campo

---

<sup>51</sup> VINGREN, op.cit., p. 26.

fértil e propício para a aceitação de tal mensagem. Maria Renata da Cruz Duran afirma que nas comunidades quilombolas da região Norte, principalmente no estado do Pará, através de pesquisas recentes, constatou-se maior recepção de novas manifestações religiosas<sup>52</sup>.

As regiões Norte e Nordeste foram receptivas a mensagem pentecostal assembleiana. Parece-nos que a época e o contexto eram propícios para a divulgação e propagação do movimento. Contudo, com o crescimento vem a necessidade de colaboradores para que o movimento continuasse a trajetória de expansão. O movimento pentecostal assembleiano no Brasil necessitava de “soldados”. Assim, utilizo o termo apresentado por Antonio Paulo Benatte em um dos capítulos do livro *100 anos de Pentecostes*, com o objetivo de analisar a colportagem assembleiana e a leitura da Bíblia no Brasil<sup>53</sup>. “A Infantaria da Evangelização” precisava de outros que propagassem o mesmo discurso. Dessa forma, nada mais coerente do que a chegada de outros missionários escandinavos, principalmente suecos. O movimento estava crescendo aleatoriamente, sem preocupações institucionais o que determinava certa distância e desconhecimento dos missionários pioneiros sobre o que estava se propagando pelas vilas da região paraense e por algumas cidades da região Norte-Nordeste. Em algumas viagens realizadas para a propagação da mensagem pentecostal, Vingren e Berg ao chegarem em algumas comunidades, já encontravam reuniões estabelecidas, nas quais os fiéis comentavam sobre uma nova mensagem sobrenatural apresentada por missionários estrangeiros. Não obstante, segundo os relatos de Vingren em seu diário, em 1915, após cinco anos de propagação do movimento pentecostal, alegando cansaço, retirou-se em férias. Entretanto, podemos neste momento suscitar uma pergunta simples e que pode gerar algumas hipóteses da mesma natureza. Em 1915 só havia chegado ao Brasil um casal de missionários, Otto e Adina Nelson, o que seguramente era pouco para suprir as necessidades das comunidades que estavam surgindo, bem como para estabelecer uma rede de liderança sob o comando dos missionários suecos. Diante dessa informação, podemos afirmar que essa viagem de Vingren tinha como principal objetivo a divulgação do Brasil como campo de evangelização em crescimento e que, portanto,

---

<sup>52</sup> Fala da Prof. Dr. Maria Renata da Cruz Duran. I Encontro interinstitucional UEL-UNIOESTE. Outubro de 2012.

<sup>53</sup> BENATTE, op. cit., p. 67.

precisava de outros para compor uma sólida expansão do movimento pentecostal no Brasil. Dessa forma, não seria importante conseguir apoio financeiro para sustentar a obra no Brasil? Vingren ficou em torno de cinco meses nos EUA, divulgando o movimento no Brasil, para depois embarcar para Suécia, onde também iniciou uma espécie de “cruzada da divulgação”<sup>54</sup>.

A sua permanência nos Estados Unidos se prolongou até dezembro de 1915, quando foi para a Suécia. Durante aqueles meses nos Estados Unidos realizou longas viagens e participou de cultos, falando ardentemente sobre a obra de Deus no Brasil, contando a todos como Deus havia derramado o seu Espírito Santo sobre os brasileiros. E todos os irmãos que ouviam ficavam intimamente tocados nos seus corações.<sup>55</sup>

Vejamos o conteúdo de uma carta enviada por Otto e Adina Nelson ao missionário Vingren, quando este ainda na Suécia leu-a em uma pregação na Igreja Filadélfia de Estocolmo:

No dia 27 de janeiro Vingren falou sobre a missão no Brasil. Ele mencionou uma carta que recebera dos missionários Otto e Adina Nelson, de Alagoas, na qual eles contavam que estavam enfermos e que quase nada tinham para comer. Moravam numa cabana de palha e terra de dois cômodos. Mas Nelson também havia escrito: “TUDO POR JESUS”.<sup>56</sup>

Nota-se o tom apelativo da carta lida em pleno culto de uma das Igrejas mais poderosas da Suécia em termos de influência e finanças. Nosso objetivo não é desvendar quais foram os alvos de Vingren, porém podemos fazer alguns apontamentos. Logo após essa viagem de Vingren, segundo a rota EUA-Suécia-EUA, voltando ao Brasil somente em agosto de 1917, ou seja, quase dois anos longe de terras brasileiras, vários missionários foram enviados, principalmente pela Igreja Filadélfia de Estocolmo, liderada pelo então pastor Lewi Petrus, amigo de infância de Daniel Berg e um dos líderes do movimento pentecostal na

---

<sup>54</sup> Era muito comum pregadores entusiastas do movimento pentecostal de avivamento, principalmente nos EUA, organizar e conchamar “Cruzadas” que tinham o intuito de propagar o avivamento com a manifestação de curas, sinais, prodígios, além do batismo com Espírito Santo evidenciado com a prática da glossolalia. O objetivo destas “Cruzadas” era justamente “conquistar pessoas para o Reino de Deus”, fazendo alusão ao movimento de conquista político, econômica, religiosa da Idade Média.

<sup>55</sup> VINGREN, op.cit., p.76-77.

<sup>56</sup> Ibid., p. 82.

Escandinávia e Europa Oriental.. Até 1930, várias famílias missionárias aportaram em solo brasileiro:

**TABELA 2** – Missionários que foram enviados para o Brasil, até o ano de 1930<sup>57</sup>

ANO	MISSIONÁRIO(S)	ORIGEM
1910	Daniel Berg e Gunnar Vingren	Suécia
1914	Otto e Adina Nelson	Suécia
1916	Samuel e Lina Nyström	Suécia
1917	Frida Strandberg	Suécia
1918	Joel e Signe Carlson	Suécia
1920	Bruno Skolimowski	Polônia
1921	Nels Nelson	Suécia
1921	Samuel e Tora Hedlund	
1921	Augusto Andersson	Suécia
1921	Elisabeth Johanson	Suécia
1921	Ana Carlson	
1921	Vitor Johnson	
1921	Gay de Vris	EUA
1921/22/24(?)	Paul John Aenis	EUA
1921	Beda Palha	
1922	Viktor e Anna Jansson	
1922/23 (?)	Simon e Agnes Sjögren	Suécia
1923	Nils Kasterberg	Suécia
1923	Eurico Bergson	Finlândia
1923	Ingrid Andersson e Ester Andersson	
1923	Gustav Nordlund e Hedvig Elisabeth	
1924	Simon Lundgren e Linea	
1924	Herbertoo Nordlund	
1926 (?)	Lars Eric	
1927	Orlando Boyer (enviado pela igreja de Cristo)	EUA
1928	Algot e Rosa Svensson	
1928(?)	John Sorhein	

A maioria desses missionários que desembarcaram no Brasil para colaborar com o movimento iniciado por Vingren e Berg, era enviada pela Missão Livre Sueca, organização missionária vinculada a Igreja Filadélfia de Estocolmo.

<sup>57</sup> Estudos Dominicais. Igreja Assembléia de Deus em Belém. 2008-2009. p.66. ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembléia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010. p.181-182-183. Na tabela organizada por Gedeon Freire de Alencar, o mesmo fala das dificuldades de se precisar as datas segundo os dados da denominação, comparados com relatos e com documentos. A questão é que o objetivo deste apontamento não é precisar datas, locais ou mesmo nomes, mas analisar e observar, que sendo verídicos ou não os dados, a grande quantidade de missionários que desembarcam no Brasil pós-viagem de Vingren. Isso certamente é um ponto a ser analisado. Percebe-se o apoio dado neste momento ao movimento pentecostal no Brasil, principalmente pela Missão Livre Sueca, ligada a Igreja Filadélfia de Estocolmo.

Observa-se assim, a adesão da igreja de Estocolmo ao movimento pentecostal no Brasil. Lembrando que no início não havia qualquer tipo de ajuda e apoio quando da ida dos jovens Vingren e Berg para Belém, no estado do Pará. Parece-nos, embora os registros e documentos não apontem para isso, a formação de uma parceria entre a igreja em formação no Brasil e a igreja Filadélfia de Estocolmo. Alguns destes missionários, com a descentralização do poder de Vingren sobre o movimento, tornaram-se grandes personagens, liderando comunidades assembleianas, periódicos e até presidindo a Convenção, caso de Samuel Nyström, missionário sueco de maior influência sobre o movimento no Brasil pós-Vingren, que presidiu a Convenção Geral em nove oportunidades, o qual foi responsável pelo periódicos Mensageiro da Paz e pastor da Igreja-mãe de Belém e da Igreja Assembléia de Deus de São Cristóvão, Rio de Janeiro, nas duas ocasiões em substituição ao missionário Gunnar Vingren. Outro missionário significativo foi Frida Strandberg, pois veio a se tornar a esposa de Gunnar Vingren e que também teve um papel fundamental para o movimento assembleiano, sendo motivo de desavenças entre Vingren e Nyström, a despeito da participação das mulheres no ministério.

Porém, o número de missionários não era suficiente para atender as necessidades das comunidades que se formaram pelo eixo Norte-Nordeste. Assim, os missionários suecos iniciaram o processo de formação de obreiros nativos para suprir as necessidades encontradas pelo movimento. O fato é que esta formação acontecia de maneira simples, a partir de um “chamado divino”. Diferentemente das igrejas protestantes históricas e mesmo do catolicismo que prezam pelo estudo teológico como ponto fundamental da vocação ministerial para o exercício do pastorado, os pentecostais assembleianos consideravam o chamado para o ministério algo natural, pela simples observação de fiéis que possuíam capacidades e habilidades de comunicar, liderar e servir. Segundo os registros, tudo acontecia rapidamente e assim muitos missionários e obreiros nativos eram enviados, mediante o pedido das comunidades através de cartas e mensagens.

Belém tornou-se um efervescente centro missionário. De todas as partes do Brasil chegavam cartas pedindo obreiros. À medida que obra ia avançando na Capital e no Estado, a igreja em Belém ia treinando novos crentes, chamados pro Deus e enviando-os a fundar e dirigir igrejas em todo país [...] Com a viagem de Daniel Berg a Suécia (1914) e Gunnar Vingren A Suécia e EUA (1915), a notícia do avivamento na Amazônia atraiu para cá uma grande leva de missionários, que aportando em Belém, eram aqui treinados e depois enviados a atender o clamor de uma nação sedenta de Deus.<sup>58</sup>

Uma das estratégias de Vingren e Berg era a formação de lideranças locais nas comunidades estabelecidas, o que de fato era relevante, visto que este líder em formação conhecia naturalmente os problemas e as necessidades da sociedade que habitava. Dessa forma, teriam acesso facilitado às residências, propagando assim a mensagem pentecostal, visto que não era um desconhecido da comunidade. Vingren e outros líderes visitavam as igrejas nascentes e nomeavam um líder local para dar continuidade aos trabalhos de evangelização. Obviamente não havia controle sobre este crescimento em seu período inicial, o que causava uma série de problemas internos e externos, divisões, cismas, perseguições e escândalos. Mesmo diante dos problemas e dificuldades que se apresentavam aos missionários, devido à confiança depositada em alguns líderes nativos, os mesmos continuaram a investir nessa proposta, talvez mais por necessidade de suprir a falta de líderes capacitados, do que pela própria vontade de consagrar líderes nativos. Esse posicionamento foi significativo para o movimento, pois colaborou para o crescimento das Assembléias de Deus do Brasil. Vejamos um quadro organizado, que aponta os responsáveis pela evangelização de algumas regiões, que foram enviados ou mesmo formados nas comunidades para liderarem a continuidade do movimento:

---

<sup>58</sup> Belém, Igreja-mãe das Assembléias de Deus no Brasil. 97 anos de Pentecostes na Paz do Senhor Jesus: a riqueza de nossa história em 13 lições. Estudos Dominicais. Igreja Assembléia de Deus em Belém. 2008-2009. p.65

**TABELA 3** – Ano de Fundação e Fundadores de Igrejas do Eixo Norte-Nordeste.<sup>59</sup>

<b>ESTADO</b>	<b>ANO DE FUNDAÇÃO</b>	<b>DE EVANGELIZADOR</b>	<b>FUNDADOR</b>
<b>Belém (PARÁ)</b>	1911	Gunnar Vingren e Daniel Berg	Gunnar Vingren e Daniel Berg
<b>Amapá</b>	1917	Clímaco Bueno Aza	José de Matos
<b>Amazonas</b>	1918	Severino Moreno de Araújo	Samuel Nyström
<b>Pernambuco</b>	1918	Adriano Nobre	Joel Carlson
<b>Rio Grande do Norte</b>	1920	José Morais	José Morais
<b>Maranhão</b>	1921	Clímaco Bueno Aza	Clímaco Bueno Aza
<b>Porto Velho (RONDÔNIA)</b>	1922	Paulo Aenis	Paulo Aenis
<b>Ceará</b>	1922	Maria Nazaré	Antônio Barros
<b>Alagoas</b>	1922	Otto Nelson	Otto Nelson
<b>Paraíba</b>	1923	Francisco Félix	Simon Sjogren

Observa-se neste quadro que os trabalhos de evangelização nos Estados do eixo Norte-Nordeste foram realizados por fiéis que aceitaram a mensagem pentecostal, divulgando-a nas suas comunidades e nos ambientes familiares. São os casos de Severino Moreno, Adriano Nobre<sup>60</sup>, José Morais, Maria Nazaré e Francisco Félix e Clímaco Bueno Aza<sup>61</sup>. Em 1930, a Assembléia de Deus já havia alcançado a marca de 14.000 fiéis, segundo os registros. Obviamente que este é um número que pode variar, portanto passível de questionamentos. O sociólogo Gedeon Freire de Alencar afirma:

<sup>59</sup> FONSECA, André Dione. *“Década da Colheita”*: uma reflexão sobre as ações doutrinárias na Igreja Assembléia de Deus na década de 1990. 2008. Monografia (Graduação em História) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Amambaí. p.41.

<sup>60</sup> Adriano era presbiteriano, se convertendo ao movimento pentecostal após ouvir a mensagem propagada pelos missionários pioneiros Vingren e Berg. Adriano Nobre chegou a levá-los para conhecer sua família, que viviam em um vilarejo distante de Belém, em meio a selva amazônica. Logo, Adriano Nobre tornou-se um dos grandes líderes nativos do movimento. Porém após alguns anos, divergências doutrinárias afastaram Adriano Nobre da Assembléia de Deus no Brasil.

<sup>61</sup> Missionário colombiano.

A AD, que se inicia em 1911 com 20 membros, tem, segundo a estimativa de Read (1976:122), em 1930, 14.000 membros, e, em 1950, 120.000 membros, o que daria respectivamente 69,76% de crescimento em 19 anos, e 108.000% em 38 anos. No total, são mais de 600.000% de crescimento nas primeiras quatro décadas. É uma taxa de crescimento anual de 15.000% ao ano.<sup>62</sup>

Observemos outros quadros disponibilizados pela própria denominação acerca dos fundadores, obreiros e propagadores da mensagem pentecostal no eixo Norte-Nordeste, os quais se tornaram personagens importantes do movimento pentecostal no Brasil:

**TABELA 4** – Lista de Obreiros em alguns Estados na região Norte<sup>63</sup>

ESTADO	OBREIROS
PARÁ	Daniel Berg, Gunnar Vingren, Clímaco Bueno Aza, João Queiroz, Samuel Nystrom, Nels Nelson
ACRE	Manoel Pirabas dos Santos (1932): evangelizou o Estado José Rodrigues Muniz
AMAZONAS	Severino Moreno de Araújo (1917): evangelizou Samuel Nystrom (1918): fundador Manoel José da Penha, Domingos Elias, José Paulino...
ACRE	Clímaco Bueno Aza (1916): evangelizou José Matos Caravela (1917): fundador Crispiniano Fernandes de Melo, José Estumano de Moraes...
RONDÔNIA	José Marcelino da Silva (1922): evangelizou Paul Aenis (1922): fundador Manoel Cezar da Silva Leonardo Severo da Luz

<sup>62</sup> ALENCAR, op. cit., p.68.

<sup>63</sup> Estudos Dominicais. Igreja Assembléia de Deus em Belém, op.cit., p.66-67. Nestes quadros disponibilizados há alguns termos que caracterizam a função do fiel nos campos de trabalho: evangelizador; fundador; presidiu; pioneiros. Evangelizador é o que divulga a mensagem pentecostal em várias regiões, seria uma figura de passagem. O fundador é o que inicia o processo de organização da igreja em um local específico. O presidente é o que dirige a igreja, que foi estabelecida em um local. Pioneiro é o que iniciou o processo divulgação da mensagem em dada região.

**TABELA 5** – Lista de Obreiros em alguns Estados da região Nordeste<sup>64</sup>

ESTADO	OBREIROS
MARANHÃO	Clímaco Bueno Aza (1922): fundador Luiz Higino de Souza, Nels Nelson, Manoel Cezar da Silva...
PIAUI	Manoel Cezar da Silva (1933): presidiu Luiz Higino de Souza, João Arlindo
CEARÁ	Maria de Jesus Nazaré (1914- 2ª mulher batizada com o Espírito Santo em Belém): evangelizou Adriano Nobre (1914-1915): fundador Antônio do Rego Barros, Bruno Skolimowski...
RIO GRANDE DO NORTE	Joaquim Batista de Macedo (1914- lavrador paraense): evangelizou Adriano Nobre (1918): fundador Manoel Higino de Souza...
PERNAMBUCO	Adriano Nobre (1916): fundador Joel Carlson (1918): presidiu José Domingos
ALAGOAS	Gunnar Vingren (1914): evangelizou Otto Nelson (1915): fundador Antônio do Rêgo Barros (1931): presidiu
SERGIPE	Sargento Ormínio (1927): evangelizou João Pedro da Silva (1927): presidiu
BAHIA	Joaquina de Souza (1924): evangelizou João Domingos e família (1930): pioneiros Antônio do Rego Barros (1937): presidiu
PARAÍBA	Manoel Francisco Dubu (1914-1º homem batizado com o Espírito Santo em Belém): evangelizou Francisco Félix (1920): evangelizou Simon Sjögren (1923): fundador

A maioria dos que iniciaram a evangelização das regiões em destaque, e alguns que organizaram igrejas, chegando a presidi-las, como líderes e pastores por alguns anos foram os brasileiros. Mesmo com a chegada de missionários enviados pela Missão Livre Sueca, os quais vão assumir posições importantes em algumas igrejas e no movimento após 1920, são os líderes nativos

<sup>64</sup> Ibid.. p.67-68.

que propagam a mensagem, por isso se fala no movimento assembleiano brasileiro, como um movimento religioso autóctone. Dessa forma, a Assembléia de Deus foi gradativamente alcançando status de denominação<sup>65</sup>, tornando-se em poucos anos um movimento “respeitado” nas regiões onde havia se estabelecido. Contudo, alguns destes líderes nativos, que se tornaram parte integrante deste crescimento da mensagem pentecostal romperam com o movimento assembleiano. Casos conhecidos são o de Luiz Higino de Souza, Manoel Higino de Souza e Adriano Nobre, todos excluídos da Igreja Assembléia de Deus do Brasil no início da década de 1930, tema que será analisado no próximo capítulo.

Em 1918, houve a decisão de instalar, e juridicamente registrar, o nome da igreja como Assembléia de Deus. Muito tem se debatido sobre esta situação, pois inicialmente os missionários utilizaram a nomenclatura Missão de Fé Apostólica para caracterizar o movimento iniciado no Brasil, semelhante ao nome do movimento de avivamento nos EUA, sob a liderança de Willian Seymour, negro, filho de ex-escravos, ministro que divulgou a mensagem pentecostal e o batismo com o Espírito Santo na Rua Azusa, em Los Angeles, onde em 1906 ganhou notoriedade nos noticiários da cidade, devido aos cultos “longos e animados”<sup>66</sup>. Lembrando, que Vingren e Berg foram influenciados por Willian Durham, pastor do North Avenue Mission, localizada em Chicago. Durham também sofreu influências significativas do movimento iniciado por Seymour em Los Angeles, chegando inclusive a visitar o local das reuniões, na rua Azusa, ficando por algumas semanas, com o intuito de conhecer a doutrina do batismo com o Espírito Santo. Entretanto, em alguns relatos

---

<sup>65</sup> Até hoje alguns líderes assembleianos negam o título de denominação religiosa, pois institucionalizaria o movimento pentecostal. Argumento este utilizado e defendido pelos líderes assembleianos no início do movimento. Denominação sempre foi considerado pejorativamente por alguns setores assembleianos. Um dos grandes líderes e vozes da Assembléia de Deus foi Emílio Conde, que tinha uma formação intelectual, inclusive na França. Foi redator, escritor do Mensageiro da Paz e era um dos defensores de que a Assembléia de Deus era um movimento com o propósito de evangelizar, conquistar e divulgar a mensagem pentecostal no Brasil. O termo denominação eclesiástica era rechaçado, inclusive evidenciado em seus relatos. Segundo Gedeon Freire de Alencar “já não há como antes o discurso antiorganização. Aceita, hje, ser chamada de denominação e/ou igreja pentecostal, mas ainda é um discurso muito repetido no jornal O Mensageiro da Paz [...] se autointitular de “movimento”. ALENCAR, op.cit.,,p.89 (nota de rodapé)

<sup>66</sup> No livro O Século do Espírito Santo, organizado por Vinson Synan, há um texto excelente intitulado “ O avivamento da Rua Azusa: o movimento pentecostal começa nos Estados Unidos”, onde o autor Robert Owens descreve a manchete de primeira página dos jornal Los Angeles Times, do dia 18 de abril de 1906, que descreve um novo ambiente religioso a que atingira a pequena missão religiosa da Rua Azusa uma noite antes. A manchete dizia o seguinte: “*Esquisita babel de línguas; Nova seita de fanáticos à solta; Cena grotesca ontem à noite na Rua Azusa; Gorgolejos ininteligíveis falados por uma irmã.*” Além disso, Owens disponibiliza um artigo de 1906 que descreve a missão de Azusa. SYNAN, op.cit., p.59

dos pioneiros, Vingren em uma viagem aos EUA, tomou conhecimento da fundação de um movimento avivalista branco, contrário ao “movimento negro” Missão da Fé Apostólica influenciado por Seymour. Esse grupo branco se reuniu em 1914, na cidade de Hot Springs, no estado do Arkansas, fundando as Assembléias de Deus dos EUA:

O ano de 1918 foi de suma importância para a continuação do movimento pentecostal no Brasil. O trabalho já contava alguns anos. Agora chegar o momento de registrar a Igreja para que ela se tornasse pessoa jurídica. Isto aconteceu no dia 11 de janeiro de 1918, quando a Igreja foi registrada oficialmente com o nome de “Assembléia de Deus”<sup>67</sup>

Estou perfeitamente lembrado da primeira vez que se tocou neste assunto. Tínhamos saído de um culto na Vila Coroa. Estávamos na parada do bonde na Bernal do Couto, canto com a Santa Casa de Misericórdia. O irmão Vingren perguntou-nos que nome, deveria dar-se à Igreja, explicando que na América do Norte usavam o termo Assembléia de Deus ou Igreja Pentecostal. Todos os presentes concordaram em que deveria ser “Assembléia de Deus”. Em 11 de janeiro de 1918 a denominação foi registrada oficialmente, como pessoa jurídica, com o nome de “Assembléia de Deus”<sup>68</sup>

Segundo alguns pesquisadores essa mudança proposta por Vingren não teve qualquer ligação ou relação com a questão étnica no Brasil, até porque o movimento assembleiano no Brasil era composto por “pobres-pretos-mulatos-mamelucos”, como aponta o cientista da religião Gedeon Alencar. Entretanto, torna-se evidente o conhecimento de Vingren a respeito do novo movimento instalado nos EUA. Devemos apontar que a maioria das igrejas e comunidades que Vingren mantinha contatos nos EUA era de imigrantes suecos e, portanto, sem criar nenhum tipo de estereótipos em relação aos suecos, de maioria branca. Durante algum tempo Vingren exerceu o pastorado em algumas destas comunidades, caso da igreja de South Bend, Indiana, uma das comunidades que aceitou sem conflitos a doutrina do batismo com Espírito Santo. Parece-nos que essa aproximação com as igrejas nos EUA foi preponderante para a mudança do nome no Brasil e não, como alguns apontam, a questão étnica. Tanto que considerando estes primeiros anos da igreja, tendo como seu campo inicial de evangelização o Norte e o Nordeste, sem dúvida os fatores que influenciaram preponderantemente o crescimento das

---

<sup>67</sup> VINGREN, op.cit.,p.104.

<sup>68</sup> HISTÓRIA DA ASSEMBLÉIA DE DEUS EM BELÉM. 2.ed. Belém: AD Belém, 1986. p.14-15.

Assembléias foram: a instalação de pequenas igrejas ou congregações que eram dirigidas por membros leigos, até a oficialização de pastores pela liderança assembleiana; e também a pregação para os “pobres-pretos-mulatos-mamelucos”, apontadas por Alencar.

Outro fator que colaborou para o crescimento e propagação da mensagem pentecostal na região Norte-Nordeste foi o uso da imprensa. Evidentemente, a imprensa religiosa não seguia os padrões formais da imprensa jornalística do início do século XX no Brasil, pois apresentava uma linguagem simples, acessível e com noticiários que destacavam os “sinais, maravilhas e milagres da mensagem pentecostal”, diferentemente de outros periódicos, que privilegiavam alguns grupos sociais do período. Primeiramente foi lançado o jornal Voz da Verdade em 1º de novembro de 1917, na cidade de Belém do Pará, que circulou apenas em dois números, sendo extinto em janeiro de 1918, ano em que a igreja decide-se chamar oficialmente de Assembléia de Deus. Obviamente que existe um silêncio sobre o fim deste jornal, que segundo Gedeon Freire de Alencar, se deve a alguns fatores como, por exemplo: ao fato de ser um projeto de brasileiros e não dos missionários suecos; também ao fato de entre os editores não haver nenhum líder do movimento; também devido à sua mensagem ser voltada para o público externo. Após o fim do Voz da Verdade, em 1919 foi lançado o periódico Boa Semente, editado por um serviço de tipografia criado na igreja-mãe em Belém do Pará.

Em 1919, Gunnar Vingren, Otto Nelson e outro, fundaram em Belém, Pará, o jornal Boa Semente, que passou a ser órgão oficial da Igreja, pois Voz da Verdade que se publicou em 1917 deixou de existir, e não era órgão oficial da Igreja.<sup>69</sup>

O diretor deste periódico foi por alguns anos Gunnar Vingren e posteriormente com a ida do missionário pioneiro para o Rio de Janeiro este ficou sob a responsabilidade de dois dos grandes líderes das Assembléias de Deus no Brasil, os missionários Samuel Nyström e Nels Julius Nelson. As declarações no primeiro número deste periódico refletem a “missão” de expandir a fé cristã pentecostal.

---

<sup>69</sup> ALENCAR, op.cit., 70.

A Igreja Pentecostal no Brasil, sentindo a tempo a necessidade de uma publicação de sua fé, na qual melhor se pudesse conhecer os escritos da Bíblia Sagrada, vem, hoje, preencher esta necessidade, com o presente jornal. Tal é o motivo que traz à luz o Boa Semente [...] A nossa atitude, pois para com todos os crentes de qualquer denominação, é esta: não queremos desunião, nem discussão. Queremos, é certo, falar a verdade do Senhor. Queremos, sim, anunciar todo o conselho de Deus.<sup>70</sup>

Portanto, o crescimento das Assembléias de Deus era conferido nas diversas cidades do interior e também nas capitais dos estados da região Norte-Nordeste. Contudo este crescimento foi caracterizado pela pregação do batismo no Espírito Santo. Doutrina que identificou o movimento durante as primeiras décadas. O que os missionários pioneiros falam a respeito? Qual o posicionamento deles frente a pregação da doutrina do batismo no Espírito Santo? O que falam os periódicos e artigos da época? A partir destes questionamentos, analisaremos a identidade assembleiana no início do movimento no Brasil.

---

<sup>70</sup> HISTÓRIA DA IGREJA-MÃE DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL. 7.ed. Belém: AD Belém, 2007. p.32-33.

### 3 O PAPEL IDENTITÁRIO DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

Analisando os movimentos da Igreja Evangélica Assembléia de Deus do Brasil, observando o processo de crescimento e expansão por vários estados do Brasil, vemos um elemento comum nos discursos e relatos que a nosso ver é construído e reconstruído tornando-se a característica identitária do movimento: a experiência do batismo com o Espírito Santo. Parece-nos que este elemento, que aponta para uma identidade, tem sua força e legitimidade nos discursos assembleianos ainda hoje. Entretanto, parece-nos também, analisando principalmente os diários e cartas dos pioneiros Gunnar Vingren e Daniel Berg, que este elemento é de certa maneira o enfoque, o centro, o objetivo da mensagem propagada pelos mesmos e posteriormente pelos seus fiéis, apresentando-se como um elemento “verdadeiro”, mas que era desconhecido por aqueles que estavam no Brasil. Dessa forma, era parte da missão dos missionários suecos propagar, difundir, evidenciar a “verdade”. Parece-nos que esta “verdade”, que obviamente é assimilada pelo ser, molda, transforma, conduz as experiências externas e internas do ser, ou melhor, do indivíduo, construindo o que podemos denominar como identidade. A experiência do batismo com o Espírito Santo vai delinear o modo de vida do fiel, sendo construído e reconstruído em relação às experiências já vividas, que são conhecidas e as que serão apresentadas. Podemos analisar o tema a partir do diálogo entre várias disciplinas, ou melhor, a partir da relação multidisciplinar, ou seja, utilizando-se de outras áreas do conhecimento, de outros saberes, de outras técnicas de análise, defendida por Bloch e seus contemporâneos dos Annales, afirmando ser

indispensável que o historiador possua ao menos um verniz de todas as principais técnicas de seu ofício. Mesmo apenas a fim de saber avaliar, previamente, a força da ferramenta e as dificuldades de seu manejo. A lista das “disciplinas auxiliares” cujo ensino propomos a nossos iniciantes é demasiado restrita.[...] No entanto, por maior que seja a variedade de conhecimentos que se queira proporcionar aos pesquisadores mais bem armados, elas encontrarão sempre, e geralmente muito rápido, seus limites. Nenhum remédio então senão substituir a multiplicidade de competências [técnicas] em um mesmo homem por uma aliança de técnicas praticadas por eruditos diferentes, mas [todas] voltadas para a elucidação de um tema único. Esse método supõe o consentimento no trabalho por equipes. Exige também a definição prévia, por comum acordo, de alguns grandes problemas predominantes. São êxitos de que nos encontramos ainda bastante distantes. Eles determinam porém, numa larga medida – não duvidemos -, o futuro de nossa ciência.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> BLOCH, op.cit., p. 81.

Dessa forma, gostaria de dialogar com a antropologia sobre essa questão da identidade. Primeiramente, a antropologia não analisa a relação das ações subjetivas com as estruturas sociais a partir de uma ótica identitária, mas se utiliza do termo cultura como ponto de análise. Dessa forma, a antropologia entende a cultura como um conjunto de sentidos e significados, valores e padrões produzidos, transmitidos e recebidos em contextos sócio-históricos, nos quais estão implicadas relações de poder e conflitos. De fato é necessária e interessante para o historiador uma aproximação com a antropologia, principalmente para dialogar com categorias que nos aproximam das experiências do grupo analisado, no caso o pentecostalismo assembleiano. Segundo Roger Chartier:

A antropologia tem muito a oferecer ao historiador: uma abordagem (ganhar a entrada em outra cultura a partir de um rito, texto ou ato, aparentemente incompreensível ou opaco); um programa (“tentar ver as coisas a partir do ponto de vista do nativo, entender o que ele quer dizer e buscar dimensões sociais do significado”); e um conceito de cultura como “mundo simbólico” no qual símbolos compartilhados servem ao pensamento e à ação, moldam classificação e julgamento, e fornecem avisos e acusações. Entender uma cultura, então, é acima de tudo redescobrir as significações investidas nas formas simbólicas das quais a cultura se utiliza.<sup>72</sup>

Ora, o antropólogo americano Clifford Geertz contribui positivamente por uma interpretação da cultura. Segundo Glória Viero, Geertz entende

---

<sup>72</sup> CHARTIER, Roger. *Textos, símbolos e o espírito francês*, 1992. In: PROENÇA, Wander de Lara. *O Método da Observação Participante: contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro*. In: Revista Aulas. Dossiê Religião. Abril-Julho 2007, p. 08.

Cultura como sistemas simbólicos.[...] Cultura é aqui entendida como um sistema de símbolos e de sentidos (significações), partilhados pelos membros de um grupo humano. Para Geertz, esses sentidos e significados não estão internalizados reflexamente nas pessoas. Acham-se incorporados na sua ação e na interação entre elas, enquanto são atores sociais. Estudar a cultura é antes identificar esses códigos de significados na vida e, sobretudo, em determinados eventos privilegiados e densos da vida do grupo, é interpretar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura. Esse autor colocou, no centro dos discursos antropológicos, o caráter simbólico da cultura. Para ele, a cultura é uma “hierarquia de estruturas significativas” feitas de ações, símbolos e sinais, assim como de manifestações verbais, conversações e solilóquios; uma teia de significados tecida pelas mesmas pessoas que nela vivem. Os fenômenos culturais são vistos, acima de tudo, como formas simbólicas. E, a análise da cultura é entendida como a interpretação dos padrões de significados presentes nessas formas. Uma interpretação de um mundo que já é descrito e interpretado pelas pessoas que fazem parte desse mundo.<sup>73</sup>

Os fiéis do movimento assembleiano compartilhavam de uma mesma prática religiosa repleta de significações. Ao analisar o relato dos missionários pioneiros não percebemos apenas uma experiência solidificada, estática, sem interpretações, ao contrário, percebe-se uma identidade, ou para antropologia um sistema de símbolos e sentidos. Segundo Berger e Luckmann:

A identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social.<sup>74</sup>

Analisando todo processo identitário, observa-se que a construção e reconstrução se caracterizam pela dialética das realidades subjetivas com a estruturas sociais. Damatta diz que “*cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de “coisas” (e de experiências) para construir-se como algo único, maravilhoso, divino e “legal”*”<sup>75</sup>. Ora, Stuart Hall, analisando a questão da identidade cultural na pós-modernidade, distingue três concepções diferente de

<sup>73</sup> VIERO, Gloria Josefina. *Inculturação da fé no contexto do feminismo*. 2005. 205p. Tese (Doutorado em Teologia). Rio de Janeiro: Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005, p. 39-40

<sup>74</sup> BERGER, P. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1991. p.228.

<sup>75</sup> DAMATTA, R. *Que faz do brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p.16.

identidade: a do sujeito do iluminismo; a do sujeito sociológico; a do sujeito pós-moderno. Analisando esta terceira concepção do sujeito, Hall afirma:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). E definida historicamente, e não biologicamente.<sup>76</sup>

Analisando a experiência do batismo com o Espírito Santo através dos relatos dos missionários pioneiros, observaremos a construção e reconstrução de "identidades subjetivas" que apontarão para algumas características identitárias do grupo social denominado Assembléia de Deus. Dessa forma, abordaremos os relatos dos pioneiros procurando identificar as reações, práticas, discursos acerca da experiência do batismo com o Espírito Santo.

A experiência do batismo com o Espírito Santo é sem dúvida um dos elementos que motivaram a vinda dos missionários pioneiros Daniel Berg e Gunnar Vingren para o Brasil no início do século XX. Daniel Berg, segundo relata o seu diário, afirma ter experienciado o batismo com o Espírito Santo na Suécia quando estava de férias do seu trabalho nos EUA. Segundo o relato, após ouvir uma pregação proferida por um colega de infância e se interessar pelo assunto, inclusive recorrendo as Escrituras para se certificar do que consistia o batismo com o Espírito Santo, Berg iniciou uma busca por essa experiência que se concretizou ainda na Suécia:

---

<sup>76</sup> HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2005. p.12-13.

Por meio daquela informação fiquei sabendo que o meu amigo pregava o Evangelho, e ouvi falar também de algo novo: o batismo com o Espírito Santo. A mãe do meu amigo insistiu para que eu fosse visita-lo, e dentro de mim alguma coisa falou que eu devia ir. Fiquei muito interessado em conhecer a doutrina do Espírito Santo. Li a Bíblia com muita atenção sobre o assunto, e resolvi visitar o meu amigo de infância. Quando cheguei à igreja, ele estava pregando. Sentei-me e prestei atenção para melhor entender o assunto que para mim era novo. Após o culto, conversamos longamente acerca da doutrina do batismo com o Espírito Santo. Expus aon antigo companheiro de infância meus sentimentos favoráveis ao que eu tinha ouvido dele e minha intenção em retornar à América. Despedimo-nos e voltei para casa de meus pais. [...] A partir daquele momento em que conversei com o meu amigo, desejei receber o batismo com o Espírito Santo, e passei a orar para que Deus me batizasse. E o Senhor assim o fez.<sup>77</sup>

Vingren, por sua vez, foi batizado com o Espírito Santo, evidenciado com a prática da glossolalia e das manifestações transcendentais com visões e profecias, nos EUA.

No verão de 1909, Deus me encheu de uma grande sede de receber o batismo com o Espírito Santo e com fogo. Em novembro do mesmo ano, pedi licença à minha igreja para visitar uma conferência batista que deveria ser realizada na Primeira Igreja Batista Sueca em Chicago. Fui a Conferência com o firme propósito de buscar o batismo com o Espírito Santo. E, louvado seja Deus, depois de cinco dias de busca, o Senhor Jesus me batizou com o Espírito Santo e com fogo! Quando recebi o batismo, falei novas línguas, justamente como está escrito que aconteceu com os discípulos no dia de Pentecostes, em Atos 2. É impossível descrever a alegria que encheu o meu coração. Eternamente o louvarei, pois Ele me batizou com o seu Espírito Santo e com fogo.<sup>78</sup>

Desse modo, passaram a conviver em meio aos líderes religiosos da época que propagavam a doutrina do batismo com o Espírito Santo. Entretanto, Vingren foi mais adiante, sendo pastor batista, após ter concluído o seminário nos EUA, pregava a doutrina do batismo com o Espírito Santo nas comunidades que pastoreava. Segundo os relatos do seu diário, em uma das igrejas chegou a ser despedido, pois os membros não concordaram com esta “nova doutrina que se espalhava pelos estados norte americanos”, em outras, como a comunidade de South Bend, Indiana, a doutrina do batismo com o Espírito Santo não só foi aceito como também propagado. Dentre os líderes que influenciaram a vida e pregação

---

<sup>77</sup> BERG, Daniel. *Enviado por Deus*. 11.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p.27.

<sup>78</sup> VINGREN, op.cit., p.25.

dos pioneiros suecos, como dissemos em textos anteriores, estava William Durham<sup>79</sup>, pregador de Chicago, líder da North Avenue Mission, o qual promovia reuniões e congressos para propagar a mensagem de “avivamento”, tendo como destaque e ápice dos congressos, as ministrações sobre o batismo no Espírito Santo.

Diante da perspectiva de propagadores da “verdade”, a saber, que *“Jesus batiza com fogo e com Espírito Santo”*, é que Vingren e Berg não hesitaram em vir para o Brasil. O desafio era evidente, pois estavam se estabelecendo em um novo país, com uma cultura completamente desconhecida, em processo de formação enquanto “nação democrática”, enfim, situações adversas para jovens que nasceram na Escandinávia. Porém, os missionários se estabeleceram em uma Igreja Batista de Belém e logo ganharam a confiança do pastor e dos fiéis que freqüentavam esta comunidade. Um missionário batista, que também era sueco, de nome Erik Nilsson alertou Vingren e Berg sobre a mensagem pentecostal:

No início ele nos ouviu silenciosamente. Mas em outra oportunidade disse-nos que deveríamos deixar fora da nossa mensagem aquele versículo que fala de Jesus batizar com o Espírito Santo, “ pois propaga divisões”, argumentou ele.<sup>80</sup>

Contudo, tanto Vingren, quanto Berg, utilizavam-se das reuniões de oração para pregar, apresentar e propagar a doutrina do batismo com o Espírito Santo, dando continuidade à proposta inicial de propagar aquilo que consideravam ser a verdade absoluta, mas ainda desconhecida ou até mesmo negligenciada por outras comunidades protestantes no Brasil. Esta mensagem incitou incômodos em alguns fiéis, principalmente nos líderes da igreja, culminando com a expulsão dos missionários suecos, bem como 18 ou 19 fiéis aproximadamente, os quais resolveram seguir as diretrizes e os ensinamentos dos missionários. Segundo o diário de Daniel Berg, um diácono que participava das reuniões de oração promovidas pelos missionários fez a seguinte declaração ao pastor batista, contrário a doutrina do batismo com o Espírito Santo:

---

<sup>79</sup> Willian Durhan irradiou e pregou sobre o batismo com o Espírito Santo na região de Chicago, influenciando diretamente Gunnar Vingren e Daniel Berg, que fundariam as Assembléias de Deus no Brasil e Louis Francescon, fundador da Congregação Cristã do Brasil.

<sup>80</sup> VINGREN, op.cit., p.39

- Compreendo muito bem os seus sentimentos, pastor. O senhor declara que está entre um grupo de traidores, que se distanciaram dos ensinamentos que lhes ministrou. Acha que não estamos seguindo o caminho que nos ensinou. Porém, isso não é verdade. Nunca estivemos mais certos do que agora. Jamais tivemos tanta fé como atualmente. O que aconteceu foi que agora achamos alguma coisa mais, a fé e o poder do Espírito Santo. Não temos queixa, pastor, de o irmão não nos haver falado sobre essas coisas, pois o senhor desconhecia essas verdades, de modo que, não as conhecendo, não as poderia ensinar aos outros. Nós desejaríamos que o senhor também recebesse essa benção de Deus, a fim de nos entendermos melhor e podermos sentir a mesma comunhão com os irmãos que vieram de outras terras. Todos os membros desta igreja, pastor encontram-se agora em um plano espiritual mais elevado, e mais perto do céu.<sup>81</sup>

A experiência pessoal, ou melhor, o campo da subjetividade na formação de identidade é, como diz Stuart Hall, “uma celebração móvel”. Essa identidade, no caso dos fiéis que freqüentavam a igreja batista, foi transformada ou reconstruída a partir de uma interpelação do sistema cultural religioso “pentecostal”, ocorrendo mutações, metamorfoses<sup>82</sup>. Analisando o relato do fiel podemos observar categorias simbólicas, o conhecimento do que era desconhecido, a experiência do diferente, o sentimento da transcendência. Observemos os seguintes trechos: “achamos alguma coisa mais, a fé e o poder do Espírito Santo”/ “desconhecia essas verdades”/ “plano espiritual mais elevado e mais perto do céu”. O batismo com o Espírito Santo modificou as perspectivas daqueles que pertenciam a um grupo religioso, digamos “tradicional”. Aliás, a própria experiência da glossolalia permitiu uma configuração ou reconfiguração, uma construção ou reconstrução de uma dada identidade:

---

<sup>81</sup> BERG, op.cit., p.56.

<sup>82</sup> Jonathan Menezes, em sua dissertação de mestrado, faz uma excelente análise sobre mutações, transformações e construções a respeito do sagrado. Embora, tenha como objeto as especificidades mutantes de uma comunidade regional, a análise empreendida apresenta categorias observadas em outros movimentos religiosos. MENEZES, Jonathan. *As metamorfoses do sagrado no protestantismo brasileiro: o caso da Igreja Presbiteriana Independente Filadélfia Londrina (1972-2008)*. 2009. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, UEL. Londrina, Paraná.

O “falar em línguas” também teve para aquelas pessoas uma importante função sociológica e psicológica, pois ofereceu ao adorador a oportunidade de ser possuído por uma força maior, recebendo daí uma nova identidade. A glossolalia supera as divisões da linguagem humana, na medida em que capacita os adoradores a se unirem a um sagrado transcendental. Também a crença na comunhão direta com o sagrado, sem a mediação da religião institucional, possui antigas e fortes raízes na cultura brasileira e no catolicismo popular.<sup>83</sup>

Analisando as metamorfoses das experiências, práticas e discursos ocorridas na Igreja Presbiteriana Independentemente Filadélfia de Londrina, Jonathan Menezes afirma:

[...] há, sim, um processo metamórfico da compreensão e vivência do sagrado muito mais intrincado e que reúne elementos que não podem ser atribuídos apenas a uma adaptação, a um *modus operandi* pentecostal ou neopentecostal. Tem a ver com uma identidade religiosa que, de tempos em tempos, tem passado por composições e recomposições, nas quais é muito comum observar tanto a mescla como a busca por “purificação” doutrinária, a adaptação a uma novidade, num momento, e noutro a denegação da mesma. Devido a não aceitação ou inadequação de alguns membros a esse perfil avivalista, e a excitação de outros frente à possibilidade de vivenciar uma fé mais carismática, expressiva e simbólica, houve alguns cismas[...]<sup>84</sup>

Desse modo, a partir deste processo um novo movimento religioso se formava em Belém, no estado do Pará, mas muito mais do que um simples movimento religioso, desenhava-se na cidade nortista um novo discurso de fé e religião, uma nova identidade religiosa, uma espécie de novo estilo de vida cristã, tendo como centro a doutrina do batismo no Espírito Santo.

Evidentemente, a doutrina do batismo com o Espírito Santo era e continua sendo - considerando as mutações, recomposições e reconstruções - um dos focos das mensagens propagadas pelos fiéis das Assembléias de Deus. Obviamente com a crescente institucionalização do movimento, a experiência tende a se institucionalizar pelos líderes, tendo “momento, hora e lugar para acontecer”, ou

<sup>83</sup> CAMPOS, Leonildo S. *Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos*. GUTIERREZ, B. & CAMPOS, Leonildo S. (Editores). *Na força do espírito. O Pentecostalismo na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. SP: Associação Literária Pendão Real, 1996. p.100.

<sup>84</sup> MENEZES, Jonathan. *As metamorfoses do sagrado no protestantismo brasileiro: o caso da Igreja Presbiteriana Independente Filadélfia Londrina (1972-2008)*. 2009. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, UEL. Londrina, Paraná. p.56.

seja, a experiência do transcendente sob o domínio e sujeição do líder carismático. Contudo, em algumas comunidades periféricas nos grandes centros urbanos, bem como em comunidades localizadas em pequenas cidades ou vilarejos, o batismo com o Espírito Santo é uma das mensagens centrais, sendo obrigatório para o fiel assumir cargos ligados a liderança. Entretanto, o que diferenciava a mensagem pentecostal dos pioneiros e outras mensagens protestantes era a ênfase de que havia uma promessa, uma revelação de Deus que proporcionaria às pessoas maior relação com o ser divino. Essa promessa era justamente o batismo no Espírito Santo. Dessa forma, abordando o diário dos pioneiros, que foram publicados pela própria Editora<sup>85</sup> da denominação, podemos analisar alguns comportamentos, reações, movimentos e percepções a partir da mensagem e propagação do batismo no Espírito Santo. Portanto, parece-nos que essa doutrina conferia a identidade deste movimento perante os outros movimentos eclesiásticos do período. Além disso, em vários momentos, o discurso, ou melhor, os relatos dos pioneiros registram o tamanho da importância dessa doutrina tanto quanto a própria mensagem da salvação. Em alguns relatos podemos observar a necessidade em apontar a existência de batismos com o Espírito Santo. Em certa ocasião, quando pregando na Suécia divulgando o trabalho missionário que estava sendo realizado no Brasil, Vingren em seu diário afirma:

A viagem seguinte foi para Gotemburgo, à igreja de Salém, para uma conferência. O Espírito Santo dirigiu a Conferência. Pessoas foram salvas e curadas. Quantos foram batizados com o Espírito Santo não sabemos, mas o Senhor sabe. Glória ao Seu nome!<sup>86</sup>

Em outro momento, ainda do início do movimento na região de Belém, no Pará, Vingren relata:

---

<sup>85</sup> Casa Publicadora das Assembléias de Deus do Brasil.

<sup>86</sup> VINGREN, op.cit., p.87

O futuro deste movimento pentecostal é muito promissor. Estamos sempre recebendo notícias de novas igrejas que surgem, de novos campos de trabalho que se abrem, de pecadores que são salvos, batizados com o Espírito Santo e curados das suas enfermidades, tanto do corpo como da alma. Toda a glória seja dada a Jesus! No início de 1913, visitei Bragança, Quatipuru, Igarapé-Açu e Soure. Depois voltei para Belém. Da metade do ano passado até hoje trinta e uma pessoas foram batizadas com o Espírito Santo em Tajapurú, Graças a Deus!<sup>87</sup>

Observe a preocupação em apresentar que houve batismos no Espírito Santo no primeiro relato. No segundo relato podemos observar uma contagem dos batizados no Espírito Santo. Vingren fala de pessoas que foram curadas, de pessoas que foram salvas, mas não demonstra nenhum interesse em contar estes. Essa relação é encontrada em diversos outros relatos de Vingren em seu diário, inclusive em um dado momento o missionário organiza uma estatística do crescimento da Missão em três anos de existência:

**TABELA 6** – Quantidade de batizados nas águas e com o Espírito Santo nos primeiros quatro anos de mensagem pentecostal na Igreja de Belém do Pará.<sup>88</sup>

<b>ANO</b>	<b>BATIZADOS NAS ÁGUAS</b>	<b>BATIZADOS COM O ESPÍRITO SANTO</b>
<b>1911</b>	13	4
<b>1912</b>	41	15
<b>1913</b>	140	121
<b>1914</b>	190	136
<b>TOTAL</b>	384	276

Essa “estatística” simples proporciona um certo entusiasmo do redator ou, segundo afirma o diário, de Ivar Vingren, filho de Gunnar Vingren, aquele que foi o responsável por organizar os relatos dispersos deixados pelo pai, tamanha a importância da questão do batismo com o Espírito Santo ainda hoje para a denominação<sup>89</sup>:

<sup>87</sup> Ibid., p.62.

<sup>88</sup> Ibid., p.71.

<sup>89</sup> Lembrando que o objetivo primário da CPAD é disponibilizar este material para os membros da própria denominação, enaltecendo o feito dos missionários, mas também transmitindo alguns valores doutrinários sejam de maneira implícita ou explícita.

É interessante notar nesta estatística tão simples o número de batizados com o Espírito Santo. Três quartas partes daqueles dos que foram batizados nas águas receberam também a promessa do Espírito Santo. Isto era uma constante no movimento pentecostal no Brasil. Desde o princípio. O poder de Deus foi derramado de tal maneira que causou grande admiração e surpresa, tanto entre os incrédulos como entre os crentes das denominações. Um dos segredos do grande progresso dessa obra tem sido o fato de o Espírito Santo ter tido sempre um lugar importante na igreja, tanto na pregação da Palavra quanto no revestimento de poder dos crentes.<sup>90</sup>

Essa preocupação demonstra de certa forma o quanto os pioneiros acreditavam piamente que eram enviados por sua divindade para revelar a “verdade” ou ser transmissores desta “verdade”. Verdade esta desconhecida por praticamente toda a população, inclusive dos próprios cristãos, principalmente protestantes:

4 de junho. A mensagem que recebi hoje foi que estamos vivendo no tempo em que Deus está derramando do seu Espírito sobre toda a carne – justamente o que os profetas desejaram ver, mas não puderam. Portanto, temos de permanecer no amor de Jesus, nos alegrar nEle e Ele continuará batizando com o Espírito Santo.<sup>91</sup>

Essa questão dos pioneiros como mensageiros da “verdade” se evidencia em trecho relatado por Daniel Berg em seu diário sobre uma resposta de Vingren ao pastor da igreja batista que freqüentavam em Belém logo que chegaram em terras brasileiras, o mesmo que posteriormente os excluiria da igreja:

Vingren ouviu essas palavras com muita calma, e depois respondeu: - Caro irmão, não devemos permitir que assuntos tão importantes se transformem em discussão pessoal. Somos servos de Deus, e desejamos, por isso, ***estar na verdade, pois aquEle a quem nós pregamos é a Verdade.*** Na minha opinião, somos colegas, e não concorrentes. Saber-se quem leva as almas a Deus é coisa secundária. O que importa é que o número de almas salvas aumente cada vez mais. ***Não direi que o irmão não esteja na verdade, mas afirmo que não achou toda a verdade. A verdade do batismo com o Espírito Santo e da cura divina que Jesus pode realizar em nossos dias.***<sup>92</sup>

Essa crença na manifestação e propagação da doutrina do batismo no Espírito Santo, incitou resistências por parte de alguns setores religiosos,

<sup>90</sup> VINGREN, op.cit., p.72

<sup>91</sup> Ibid., p. 64.

<sup>92</sup> BERG, op.cit., p.55

principalmente pela Igreja Batista, da qual foram convidados a se retirar após pregarem sobre esta doutrina, ocasionando a “divisão”, iniciando o movimento, que no início era denominado Missão da Fé Apostólica, posteriormente rebatizado como Assembléia de Deus do Brasil. Para os missionários pioneiros os grupos cristãos existentes na região de Belém eram “incompletos, vazios e enganados”. Dessa forma, a abordagem sobre os relatos dos pioneiros acerca deste tema torna-se de fundamental importância sob o ponto de vista da construção de identidade e história do movimento pentecostal no Brasil, bem como das construções e reconstruções doutrinárias e organizacionais da própria denominação durante este século de existência. Exemplo disso é a importância dada a primeira pessoa batizada com o Espírito Santo no Brasil, Celina de Albuquerque, esposa de um Prático da Navegação do emaranhado de rios da região. Esse destaque é verificado também quando da comemoração do centenário das Assembléias de Deus do Brasil em 2011, onde foi lançado um livro intitulado *100 acontecimentos que marcaram a história das Assembléias de Deus no Brasil*. Organizado por Isael de Araújo, este livro pretende apenas apresentar o fato, sem nenhuma espécie de análise histórico-crítica, sem apontar nenhuma problemática, apenas um livro comemorativo, mas que expõe a visão da denominação, propondo determinar uma suposta identidade, bem como a construção da instituição enquanto organização eclesial. O autor apresenta como segundo fato marcante da história assembleiana no Brasil, após a chegada dos pioneiros ao Brasil, o batismo com o Espírito Santo de Celina Martins Albuquerque, que certamente foi significativo para os pioneiros. Vingren relata este momento, apontando alguns comportamentos e ações causadas pelo batismo com o Espírito Santo, o que se tornou uma constante nos relatos:

Mais ou menos seis meses após a nossa chegada, os diáconos da Igreja Batista me disseram: “Irmão Vingren, na próxima terça-feira o irmão dirigirá o culto de oração”. Isto foi em maio de 191. Eu atendi o pedido. Li alguns versículos no Novo Testamento que falam sobre o batismo com o Espírito Santo, e disse algumas palavras [...] Durante aquela semana realizamos cultos de oração todas as noites na casa de uma irmã que tinha uma enfermidade incurável nos lábios. Ela não podia assistir aos cultos na Igreja. A primeira coisa que fiz foi perguntar-lhe se cria que Jesus podia curá-la. Ela respondeu que sim. Dissemos-lhe então que deixasse de lado todos os remédios que estava tomando. Oramos por ela, e o Senhor Jesus a curou completamente! Nos cultos de oração que se seguiram, aquela irmã começou a buscar o batismo com o Espírito Santo. O seu nome era Celina de Albuquerque. Na quinta-feira, depois do culto, ela continuou orando em sua casa, juntamente com outra irmã. A uma hora da madrugada a irmã Celina começou a falar em novas línguas, e continuou falando durante duas horas. Foi, portanto, a primeira operação de batismo com o Espírito Santo feita pelo Senhor Jesus em terras brasileiras.<sup>93</sup>

Podemos observar neste relato uma organização dos acontecimentos, ou seja, existe uma espécie de cronograma para a experiência do batismo no Espírito Santo. Primeiramente, Celina de Albuquerque é curada de uma enfermidade, uma constante em outros relatos dos pioneiros, que pregavam esta dimensão da cura divina. Segundo o relato, a enferma deveria interromper os medicamentos, pois “crer em Cristo é crer que este poderia curá-la sem o uso de remédios”. Dessa forma, parece-nos que estar sobre os efeitos dos medicamentos é sujeitar-se a determinações humanas e ignorar a fé no ser divino. Em outros momentos do texto, as curas são acompanhadas do batismo com o Espírito Santo ou o contrário. Em um dos trechos Vingren afirma:

A obra de Deus continuou, e sua Palavra continuou a ser confirmada a cada dia com milagres e maravilhas. Um irmão foi curado de uma enfermidade muito grave na perna [...] Um homem parálítico, que estava moribundo e não mais podia falar, foi curado e passou a participar dos nossos cultos [...] um outro homem, que há vários meses sofria de febre e tinha o corpo todo inchado, também curado e batizado com o Espírito Santo [...] era também muito glorioso acompanhar os sorridentes e jubilosos novos convertidos às águas do batismo. Era maravilhoso ver como o Espírito Santo caía sobre estes crentes e como eles falavam em outras línguas, profetizavam e cantavam no Espírito Santo<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> VINGREN, op.cit., p. 40.

<sup>94</sup> Ibid., p. 47.

Naquele lugar morava um homem chamado João Leandro. Um dia ele recebeu a visita de um padre em sua casa. Nessa oportunidade o padre falou que ficara zangado com um crente que chamava Manuel Tomás, por este não querer orar a São Francisco, mas somente a Jesus. Quando o padre foi embora, João Leandro ficou muito doente. E como ele não conseguiu ninguém que lhe trouxesse algum remédio ou que rezasse por ele a São Francisco, foi obrigado a pedir oração aos crentes pentecostais. Naquele momento ele foi convencido pelo Espírito Santo de que era um pecador e aceitou a Cristo como seu Salvador. Quando voltou para casa, continuou orando até as quatro horas da madrugada, quando ouviu uma voz bem clara que lhe disse: “Os teus pecados te são perdoados!”. No dia seguinte, esse irmão novo convertido foi batizado nas águas, e, quando saiu da água, exclamou:” Vejo Jesus!. E ali mesmo, diante de mais de cem pessoas, ele foi batizado com o Espírito Santo. Glória a Deus!<sup>95</sup>

Para os pioneiros, o batismo no Espírito Santo era um grande sinal, prelúdio de acontecimentos que estavam por vir, como por exemplo, curas físicas, curas emocionais, conversões, os quais em outros casos era a conclusão de todo um processo considerado transcendente de ação divina. Analisando o relato sobre Celina de Albuquerque, após a cura da enfermidade que a oprimia, Vingren afirma que ela iniciou um processo de busca pela experiência do batismo com o Espírito Santo. O que seria essa busca? Afinal como buscar o batismo com o Espírito Santo? Em alguns relatos era a permanência em oração, buscando vivenciar a experiência. Entretanto, parece-nos que existe uma espécie de conduta, de cuidado consigo, para o indivíduo ser contemplado com esta experiência. Parece-nos, analisando os relatos, que o batismo com o Espírito Santo é uma espécie de “prêmio” ao indivíduo que buscou incessantemente pela experiência e que cumpriu todas as determinações comportamentais e disciplinas espirituais:

Era maravilhoso ver que todos este crentes recém-convertidos não se davam nenhum descanso até receberem a promessa do Espírito Santo. Os servos de Deus também estavam sempre convictos dessa necessidade, e oravam muito pelos novos convertidos para que eles recebessem esta gloriosa promessa.<sup>96</sup>

Em contrapartida, em outros relatos, poucos, mas relevantes, observamos certa incoerência com o discurso de busca incessante pelo batismo e os cuidados que deveriam ser vistos e praticados para a contemplação do evento.

---

<sup>95</sup> Ibid., p.205

<sup>96</sup> Ibid., p. 206

Em um dos relatos, permanece a impressão de aleatoriedade na escolha de quem está apto para ser batizado com o Espírito Santo:

O Senhor continua a realizar a sua obra grandiosa aqui. Muitos vêm ao culto e aceitam a Jesus. No ano passado batizamos nada menos que 99. Num domingo, quando orávamos por quatro pecadores, o Espírito Santo caiu sobre um deles e ele foi batizado. Naquele mesmo instante a igreja estava cantando: “ Se está cumprindo, se ouvem novas línguas...”<sup>97</sup>

Em outro momento, observa-se o controle que há sobre a experiência do batismo com o Espírito Santo. No relato, Vingren é quem ora pelo acontecimento do evento na vida de certas pessoas, aleatórias, imediatamente sendo atendido, com os indivíduos sendo batizados com o Espírito Santo:

Em uma oportunidade na igreja do Rio de Janeiro, o irmão Vingren disse no culto antes de pregar: “ Sinto que Jesus quer batizar com o Espírito Santo neste culto. Se alguém deseja o batismo, venha aqui que vamos orar”. Logo vieram quatro ou cinco irmãos e dobraram os seus joelhos. Vingren colocou a mão sobre eles e fez uma oração silenciosa. Não havia transcorrido ainda cinco minutos e todos foram batizados com o Espírito Santo, e louvaram a Deus em novas línguas.<sup>98</sup>

Analisando os relatos sobre quais circunstâncias há a manifestação do Espírito Santo, podemos identificar três formas ou categorias: 1) Conquistada: o ato de buscar, desejar, aspirar pelo batismo, juntamente com práxis “espirituais” que o façam merecer tal honraria (prêmio); 2) Aleatória: uma manifestação repentina que pode acontecer com qualquer participante dos rituais (acaso); 3) Ofertada: oferecida por outros que possuem (líderes). Embora existam estas contrariedades nos relatos dos pioneiros, percebe-se, analisando grande parte dos diários, que há uma ênfase na chamada “busca do Espírito Santo”, a busca pela promessa do batismo com o Espírito Santo, que requer do fiel *oração e santidade*, segundo as perspectivas dos pentecostais, influenciados pelo movimento de santidade do metodismo wesleyano<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> Ibid., p.205-206.

<sup>98</sup> Ibid. , p. 206

<sup>99</sup> John Wesley, foi um ministro anglicano, que rompeu com os preceitos desta instituição eclesiástica, pois afirmou ter experimentado uma nova vida com Cristo. Após sua morte se difundiu a Igreja Metodista, que tem como precursora a figura de Wesley, que enfatizou o estudo metódico da Bíblia e da relação pessoal entre o indivíduo e Deus.

(Inglaterra/EUA) e movimento holiness nos EUA<sup>100</sup>. As práticas de oração e santidade revelam o comportamento propagado pelo discurso pentecostal. A questão do tempo de oração com a função de conquista. É comum em discursos pentecostais ouvirmos a seguinte frase: “pouca oração, pouco poder, muita oração, muito poder”. A quantidade de tempo da oração permite ao fiel o alcance do poder, ou seja, a conquista do poder, que se evidencia também, dentre outros acontecimentos, pelo batismo com o Espírito Santo.

A posse do poder, tendo sido batizado com o Espírito Santo, credencia o fiel a cargos importantes, diferentemente de outros que eram apenas batizados nas águas. Estabelece-se neste discurso uma hierarquia espiritual, baseado na experiência religiosa subjetiva, ou seja, tendo como dimensão o meio interno. Entretanto, o mérito de possuir um poder, que para os pentecostais a palavra mais utilizada é “unção”, advindo de Deus também é conquistada através da sua relação com o meio externo, através do seu comportamento e relação com a sociedade. Essa relação dos comportamentos internos-externos faz com que o fiel alcance níveis de santidade, que a grosso modo, para os pentecostais é um estado transcendente, a partir de um afastamento do imanente. A capacidade de ser “santo” pode ser inerente ao humano. Michel Foucault em um dos cursos ministrados no Collège de France vai apresentar algumas características do pastorado cristão, apropriado pela civilização ocidental na caracterização das práticas de governamentalidade. Segundo Foucault, “essa forma de poder tão características do Ocidente, nasceu, ou pelo menos inspirou seu modelo no pastoreio”<sup>101</sup>. Dessa forma, Foucault afirma que o pastorado em sua definição está relacionado com três coisas: a salvação; a lei; a verdade.

Pois bem, ao comentar sobre a relação da ovelha com aquele que a dirige(pastor), Foucault define essa relação como dependência integral. Ora ao definir o que ele considera ser dependência integral Foucault afirma que “primeiro é

---

<sup>100</sup> A genealogia deste movimento remonta ao avivamento metodista do século XVIII, sob a liderança de John Wesley, o qual incorporou uma segunda obra da graça, diferente da salvação, ou seja, a santidade. Esta busca pela santidade se propagou durante o século XIX, não de uma forma demorada e inalcançável, mas de forma rápida e disponível a todos através do batismo no Espírito Santo, ou seja, este batismo no Espírito permitia o alcance da santidade ou melhor, era um sinal do alcance da santidade. Ainda segundo Freston, o movimento de santidade, além de penetrar muitas denominações, produziu uma franja separatista de pequenos grupos de holiness, foi entre eles que a doutrina e prática pentecostal se difundiu durante o século XIX.

<sup>101</sup> FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*: curso dado no Collège de France(1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. p.174.

uma relação de submissão de um indivíduo a outro indivíduo, que é o princípio mesmo da obediência cristã”. Posteriormente, Foucault afirma que esta relação ovelha e seu dirigente não é finalizada, diferentemente da relação aprendiz-mestre, por exemplo. Segundo o filósofo francês o aprendiz se submeteria num dado momento, às ordens e a vontade de alguém superior por um objetivo: transformar-se em mestre, invertendo a relação de obediência. Para Foucault, na obediência cristã não há finalidade, ou seja, obedece-se para alcançar um estado de obediência. Ora, parece-nos que esta relação ovelha e dirigente-pastor no pentecostalismo vão ocasionar algumas reações. Essa relação não é uma relação genérica, absoluta. Não podemos considerar o fiel um receptor passivo de toda a relação pastoral. Existem ações, reações, construções, reconstruções, o que mostra o quanto a questão do poder é algo descontínuo, que está em movimento. O fiel obviamente se submete ao pastor, em uma relação de obediência indivíduo a outro indivíduo. Entretanto, a busca pelo poder e conseqüentemente a conquista desse poder ou o mérito de experienciar a manifestação desse poder, faz com que o fiel seja visto de outra maneira, tornando-o um membro respeitado, admirado dentro de um grupo. Este fiel dentro de um grupo específico se transformaria em líder, em possuidor do poder. Dessa forma, ele passa a ser obedecido. Logo esta dimensão de poder sobre um grupo, proporciona ao outrora simples fiel, um posicionamento diferente frente àqueles que o lideravam. Parece-nos que é a partir desse embate entre o fiel que se torna líder contra os líderes dominantes que acontecem as dissidências, as divisões, a criação de novos grupos religiosos, as discordâncias doutrinárias, pois agora este fiel conhecedor de que tem em suas mãos o poder sobre certo grupo sente-se no direito de opinar a respeito da condução de um dado movimento. Obviamente essa relação é perceptível em outras instâncias sociais, mas certamente com ênfase nos grupos religiosos. Creio que no início do pentecostalismo não há o que Foucault define no pastorado cristão como obediência pura. Existem reações, que devem ser consideradas. Claro que devemos levar em consideração que Foucault analisa a formação deste pastorado cristão nos seus primeiros séculos. Obviamente que estes movimentos de avivamento, pentecostalismos, com ênfase na doutrina do batismo no Espírito Santo são de certa forma contemporâneos comparados a formação do cristianismo.

Toda essa rede de relações e a própria conquista e experiência do poder era um dos focos da mensagem pentecostal propagada pelos missionários

pioneiros nos primeiros anos do movimento em terras brasileiras. Vale lembrar que um dos textos bíblicos mais utilizados pelos missionários pioneiros nos serviços de colportagem e evangelização é o do evangelho de João 14:12: “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai” (*Bíblia e Hinário Novo Cântico*, Revista e Atualizada, 2ed, p. 118). Os missionários tomavam este texto como uma espécie de apropriação do poder divino, ou melhor, de que poderiam literalmente fazer coisas maiores que o próprio Cristo.

Os pioneiros suecos tinham conhecimento de que no Brasil havia igrejas protestantes, que pregavam a Palavra como todas as outras, mas segundo seus relatos faltava algo que completasse a vida dos fiéis, o que eles denominavam como a promessa, algo que impulsionaria a evangelização, as curas, os milagres, enfim, que transformaria de alguma forma a vida dos indivíduos, bem como das comunidades estabelecidas. A mensagem pentecostal, a promessa propagada pelos pioneiros foi ganhando projeção em toda a Belém, no estado do Pará e nos arredores dela. Durante os primeiros anos da década de 1910 estava sendo construída uma estrada de ferro que ligaria Belém à Bragança, denominada de estrada Belém-Bragança, que teria em torno de 400 quilômetros. Foi nas comunidades que estavam próximas a construção que Gunnar Vingren e Daniel Berg iniciaram a colportagem, enfatizando curas, milagres, salvação, mas principalmente a doutrina do Batismo com o Espírito Santo. As mensagens, as pregações, as orações sempre, em algum momento, enfatizavam a experiência do batismo como um fator de mudança. Um dos primeiros relatos de viagem feito por Gunnar Vingren a fim de promover a mensagem pentecostal foi para um local chamado Soure, que se localiza na atual ilha de Marajó:

Em 22 de outubro de 1911 fiz a primeira viagem para um lugar chamado Soure. Durante os cultos realizados ali muitas pessoas se entregaram ao Senhor, e no dia primeiro de novembro Jesus batizou uma irmã com o Espírito Santo. Disseram-me que essa irmã havia falado línguas tanto em latim como em árabe, e do árabe dera a interpretação em português – seu idioma natural.<sup>102</sup>

Apesar das diversas perseguições que os missionários pioneiros e os adeptos da mensagem pentecostal dizem ter sofrido, principalmente pelo

---

<sup>102</sup> VINGREN, op.cit., p. 51.

catolicismo romano, o crescimento desta igreja, chamada ainda de Missão da Fé Apostólica, era evidente no período. Além disso, podemos observar nos relatos dos pioneiros, bem como em documentos históricos acerca do Norte do Brasil, que esta região era muito pobre, as pessoas sofriam com a opressão social, as enfermidades eram comuns e as pessoas dependiam de uma religiosidade mágica. Assim uma mensagem de liberdade, de cura divina e de experiências sobrenaturais iria de encontro às necessidades deste contexto populacional. Além disso, existe neste momento uma abordagem a respeito da palavra “pagar”. Pagamento era um termo usual no catolicismo romano, fazendo parte de um grupo de termos utilizado recorrentemente pelos fieis. Pagava-se promessas e pagava-se pecados. O primeiro trafega no campo do recebimento e do não recebimento. No caso do recebimento de uma dádiva divina haveria então o pagamento de algo prometido anteriormente. Em relação ao pagamento de pecados, o preço é determinado por terceiros (padres), com o objetivo de redimir a falta, trafegando na dimensão da obrigatoriedade do pagamento. O discurso do movimento assembleiano apontava para outra dimensão do “pagar o preço por algo”. Na visão pentecostal o pagamento é mediante algo que certamente acontecerá, ou seja, trabalha com a categoria da certeza, pois não há espaço para impossibilidades em se tratando da figura divina. Esse discurso, de certa forma, dentro de um limite interpretativo, atraiu a população da região.

A mensagem pentecostal impulsionada principalmente pelo discurso acerca de uma promessa divina, que transformaria a vida dos indivíduos espalhou-se rapidamente. A doutrina do batismo com o Espírito Santo, acompanhado de curas, sinais, milagres foi adotado pelos adeptos como uma verdade crucial que deveria ser transmitida a todos o quanto conheciam. O crescimento vertiginoso desta mensagem estava transformando um simples movimento em uma denominação. Embora os pioneiros não admitiam ser considerados uma denominação, pois assim o movimento não se institucionalizaria. Com o crescimento, algumas diretrizes, limites e doutrinas começaram a ser determinadas como fundamentais para a manutenção da ordem e do objetivo do “movimento”. Dessa forma, o batismo com o Espírito Santo se tornaria um ponto fundamental na formação da liderança da igreja. Ser batizado com o Espírito Santo era uma credencial importante para uma maior participação na liderança do movimento, como dito anteriormente. Observando os relatos contidos nos diários dos pioneiros, principalmente o de Gunnar Vingren, este nunca deixa claro que para ser um líder da comunidade eclesial o indivíduo deve

ser batizado com o Espírito Santo. Essas práticas, como muitos sabem, ainda vigoram em várias Assembléias de Deus. Há somente um momento nos relatos de Vingren a afirmação direta sobre a necessidade do batismo com o Espírito Santo para ser “consagrado” como liderança da igreja:

No dia seguinte realizamos um culto de membros bastante difícil, mas Deus nos deu vitória, e assim foi possível rejeitar a proposta de consagrarmos ao diaconato irmãos que não fossem batizados com o Espírito Santo.<sup>103</sup>

Essa falta de informação acerca da necessidade do líder assembleiano ser batizado com o Espírito Santo é uma dúvida até para aqueles que já fazem parte da liderança da denominação. No livro História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, escrito por Silas Daniel, temos alguns relatos acerca dos temas abordados, decisões e diretrizes determinadas pelos pastores da já estabelecida Assembléia de Deus do Brasil desde a primeira Convenção Geral oficial da denominação em 1930, realizada em Natal. Durante os relatos das Convenções, que acontecem anualmente, vemos diversos assuntos sendo abordados, como por exemplo, questões sobre divisão, ceia, batismo, conduta de obreiros, enfim, uma série de assuntos que eram colocados em pauta. Contudo, é somente na Convenção de 1934, relatada neste livro, que podemos observar uma questão intrigante feita por um dos convencionais:

Pode dirigir uma igreja um irmão que não é batizado com o Espírito Santo?” A resolução dos convencionais de 1934 foi que “não pode dirigir igreja um crente que não é batizado com o Espírito Santo, visto que tal atitude está em desacordo com a Palavra de Deus. Uma pessoa assim pode testemunhar de Jesus aos pecadores e até abrir trabalhos, mas a Convenção reconhece que daí para frente não está mais na sua alçada.”<sup>104</sup>

É interessante como o assunto é colocado de maneira direta e respondido também da mesma forma. Não há durante todo este tempo, desde o início em 1911 até 1934 uma espécie de manual que explique detalhadamente os motivos da liderança ser reconhecida somente através do batismo com o Espírito Santo. Embora, não haja um documento dessa natureza percebemos que após a

---

<sup>103</sup> Ibid., p.83

<sup>104</sup> DANIEL, op.cit., p.93

“institucionalização” do movimento o batismo com o Espírito Santo era necessário e obrigatório para a liderança. Vale lembrar que o movimento cresceu aleatoriamente, sem nenhum tipo de fiscalização. Vingren, ao visitar alguns locais para propagar a mensagem pentecostal, se dizia surpreso por já encontrar no mesmo local um grupo estabelecido de pessoas que já conheciam a mensagem pentecostal. O que temos durante as duas primeiras décadas do movimento, já estabelecido em várias localidades, é um cenário sobre a importância do batismo com o Espírito Santo. Em todo discurso ou relato de legitimação deste movimento o batismo do Espírito Santo tinha um papel fundamental. Isso pode ser testificado também com o lançamento dos periódicos que se tornaram os grandes meios de divulgação do ideário assembleiano. Sabemos que estes meios de comunicação são instrumentos de propagação da verdade, estabelecida e legitimada por quem o utiliza. Transmitir esta verdade era o ponto fundamental para a manutenção do investimento em periódicos. Em todos os primeiros periódicos a doutrina do batismo com o Espírito Santo ganha destaque. Surgiu em novembro de 1917, em Belém do Pará, o primeiro jornal pentecostal, chamado Voz da Verdade, o qual não era órgão oficial das Assembleias de Deus, mas que atendia a doutrina da Assembléia e de mais duas denominações que criam na doutrina do batismo com o Espírito Santo. Em um determinado trecho do periódico há o objetivo estabelecido para a utilização deste meio de comunicação:

Nosso pedido aos irmãos de quaisquer denominações evangélicas é que não blasfemem contra a obra do Senhor, antes a estudem nas Escrituras Sagradas. E nossa oração é que este periódico seja usado como instrumento para conduzir muitos ao pleno conhecimento de que Jesus salva os pecadores e batiza os crentes com o Espírito Santo e com fogo.<sup>105</sup>

Torna-se notável o primeiro artigo na tiragem inicial deste periódico. Após uma breve explicação da missão, valores e objetivos do jornal segue-se o primeiro artigo intitulado “Jesus é quem baptisa no Espírito Santo e fogo”, que demonstra a importância e relevância desta doutrina para os propagadores da mensagem pentecostal. O veículo de comunicação, principalmente de cunho religioso, não está preocupado em manter imparcialidades, ao contrário, busca

---

<sup>105</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 124.

expressar de maneira coerente a verdade absoluta de sua crença, no caso, o batismo com o Espírito Santo.



**Fonte:** Centro de Pesquisa do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD. Arquivos de Fotos pertencentes à Wesley Bergamin. Janeiro de 2012.

Obviamente, o grande argumento dos apologistas do batismo com o Espírito Santo é o evento relatado no livro bíblico Atos dos Apóstolos, capítulo 1 e 2. Segundo os pentecostais, há uma espécie de manifestação divina, no qual o Espírito Santo “desceu” batizando os cristãos, com estes falando em novas línguas (glossolalia) e culminando com a conversão de muitas pessoas, após o discurso do apóstolo Pedro. Dessa forma, o periódico busca comprovar, legitimar, testificar uma verdade que para os propagadores da mensagem é inquestionável, pois é uma “promessa divina”. Este argumento da promessa também se baseia nos textos bíblicos, principalmente em Atos, capítulo 1, versículos 4 e 5, no qual diz “E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias”.

Segundo o Manual de Doutrinas das Assembléias de Deus no Brasil, o batismo com o Espírito Santo é “uma benção distinta da salvação e de que há um momento específico da vida cristã em que o salvo recebe esse batismo, também

chamado de revestimento”<sup>106</sup>. Ainda segundo este Manual, o qual é elaborado pelo Conselho de Doutrina da CGADB, o batismo com o Espírito Santo

Tem como finalidade capacitar o crente para a vida cristã vitoriosa e, sobretudo, para testemunhar com ousadia sobre sua fé em Cristo, mesmo nas circunstâncias adversas, em que as convicções espirituais podem até ser provadas pelo martírio. Nessas horas, é o poder advindo do batismo no Espírito Santo que dará força ao crente para suportar a dura prova da perseguição [...] Por isso, vale a pena estimular os crentes buscar o batismo no Espírito Santo.<sup>107</sup>

É interessante analisar o desfecho das assertivas assembleianas, afirmando ser necessário o estímulo para os crentes *buscarem* o batismo, ou seja, a idéia de busca algo, com o intuito de conquistá-la para si, de ter o direito de usufruí-la, de receber o prêmio após encarar o desafio.

A força da doutrina do batismo com o Espírito Santo é tamanha que questionar esta doutrina é questionar o próprio Deus. Inclusive muitos fiéis que defendiam a propagação da mensagem pentecostal e a doutrina do batismo com o Espírito Santo utilizavam textos bíblicos, em uma aplicação estritamente literal, para conferir ainda mais veracidade aos argumentos, no qual questioná-los se tornaria um pecado imperdoável. É o caso do texto do Evangelho de Marcos, capítulo 3, versos 28 à 30, o qual diz *"em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfêmias que proferirem. Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno"*. Além disso em seus relatos e testemunhos, os pioneiros relatavam acontecimentos desagradáveis com aqueles que tentavam parar ou impedir o avanço de tal mensagem:

---

<sup>106</sup> CONSELHO DE DOCTRINA DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS DO BRASIL. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p.48-49.

<sup>107</sup> CONSELHO DE DOCTRINA DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS DO BRASIL, op.cit., p.49-50.

Os inimigos, que no princípio dessa obra se levantaram contra Deus, têm sido castigados por Ele de maneira terrível. Uma pessoa ficou leprosa. Outra, que nos havia feito muito mal e estava prometendo mais perseguições morreu de repente. Um terceiro, que jurou perseguir o povo de Deus até o fim da sua vida, contraiu repentinamente três enfermidades terríveis. Outro disse: “ Eu gostaria de cortar a perna de algum desses protestantes!”. Pouco tempo depois, esse mesmo homem foi encontrado morto à beira de um rio. Os animais selvagens haviam comido uma de suas pernas. Que diz a Palavra de Deus? “Não toqueis os meus ungidos e aos meus profetas não façais mal” 1Cr 16.22. Duas outras pessoas que haviam escrito artigos contra a obra pentecostal nos jornais foram depois desmascarados como pecadores imundos [...] Já nos primeiros anos de trabalho no Brasil, ouvimos a seguinte profecia: “ Ai daquele que se levantar contra esta obra!”. E nós temos visto como isto tem-se cumprido literalmente.<sup>108</sup>

Estes são argumentos convincentes, visto que a maioria dos fiéis adeptos a mensagem pentecostal era analfabetos. Dessa forma, era distante a possibilidade de algum questionamento, crítica ou análise acerca do texto bíblico como acontecia no catolicismo romano. As esferas do poder mudam, o discurso é outro, as táticas são reconstruídas, as estratégias são refeitas, mas todas partem rumo ao mesmo objetivo: o poder. Dessa forma, quando do lançamento do primeiro periódico oficial da denominação, em janeiro de 1919, em Belém do Pará, pelo missionário sueco Gunnar Vingren, denominado Boa Semente, novamente o artigo de destaque da primeira tiragem foi sobre a doutrina do batismo com o Espírito Santo:



**Fonte:** Centro de Pesquisa do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD. Arquivos de Fotos pertencentes à Wesley Bergamin. Janeiro de 2012.

Durante todo o artigo, Gunnar Vingren, o missionário sueco pioneiro, precisava organizar os argumentos que seriam utilizados, pois esta primeira edição

<sup>108</sup> VINGREN, op.cit., p.60, 61

do jornal Boa Semente seria uma espécie de cartão de visitas do movimento: qual sua visão, seus valores, sua missão, seus objetivos? Teoricamente isso deveria estar explícito neste material. Além disso, este periódico também era uma espécie de manual de doutrinas, pois não havia documentos oficiais, literatura ou algo que poderia conter as doutrinas do movimento. Por isso da importância dos periódicos para aquele período de expansão do movimento. Sem dúvida era um material legitimador, principalmente frente às camadas letradas e a outros movimentos religiosos.

Dessa forma, Vingren constrói todo seu argumento utilizando diversos textos bíblicos que falam sobre o Espírito Santo, destacando algumas passagens dos Evangelhos, onde supostamente, segundo a crença cristã, estão contidos relatos verídicos sobre Jesus, inclusive algumas de suas falas. Além disso, Vingren destaca algumas palavras com letras maiúsculas dentro do corpo do texto. Palavras estas que dizem muito a respeito da doutrina do batismo com o Espírito Santo para o movimento assembleiano. As palavras são apresentadas na seguinte ordem e dizem muito a respeito da doutrina: FALLARÃO NOVAS LÍNGUAS/ SENÃO A DEUS/ FALLAR LÍNGUAS/ E RECEBEREIS/ PROMESSA/ ASSIM É TODO O QUE É NASCIDO DO ESPÍRITO/ NO ÚLTIMO DIA/ E NOS ÚLTIMOS DIAS/ TODA/ TODOS NÓS FOMOS BAPTISADOS EM UM ESPÍRITO. Por fim, Gunnar Vingren termina o artigo com o seguinte dizer, que demonstra o quanto esta doutrina era uma verdade absoluta e inquestionável para os pentecostais: Buscae a Verdade, porque “Se conheceres a Verdade, ella, vos libertará”. Amen. Quando da ida de Gunnar Vingren ao Rio de Janeiro no início da década de 1920, este também fundou um periódico para atender aquela região, denominado de Som Alegre, seu primeiro número foi em novembro de 1929 e no seu artigo de apresentação Vingren declara:

No Som Alegre anunciaremos as promessas gloriosas que existem no Evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo, como a salvação completa e perfeita de todos os pecadores, tudo o que pertence à nova vida do cristão, o batismo com o Espírito Santo, os dons espirituais, e a próxima e gloriosa vinda do Senhor.<sup>109</sup>

Logo, este periódico foi motivo de divergências entre os missionários suecos, principalmente pelo fato do periódico Boa Semente estar em circulação

---

<sup>109</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 271.

como órgão oficial das Assembléias de Deus para as regiões Norte e Nordeste, e o Som Alegre como órgão oficial das Assembléias de Deus para as regiões Sudeste e Sul. Na Convenção de Geral de 1930, realizada em Natal (RN), decidiu-se pela fusão dos periódicos formando apenas um órgão oficial das Assembléias de Deus do Brasil com distribuição para a toda nação, o periódico Mensageiro da Paz.

É evidente que a construção do ideário doutrinário-religioso das Assembléias de Deus do Brasil passa pela pregação, propagação e experiência da doutrina do batismo no Espírito Santo. Abordando analiticamente os diários dos missionários pioneiros, obviamente com certo cuidado, podemos perceber o tamanho da importância e do significado do batismo no Espírito Santo. Compreender essa construção inicial é de grande valia, visto que os relatos vão de encontro aos discursos da denominação durante os 100 anos de existência como instituição religiosa de grande relevância no campo religioso brasileiro.

#### **4 A CONVENÇÃO DE 1930 E OS NOVOS RUMOS DA ASSEMBLÉIA DE DEUS NO BRASIL**

No ano de 1930, a Assembléia de Deus do Brasil já havia alcançado, aproximadamente, a marca de 14000 fiéis. Número expressivo para um movimento aleatório que se iniciou em 1911, com dois missionários estrangeiros, que pouco conheciam sobre o Brasil e a língua nativa. Um movimento “marginal” que foi ganhando notoriedade, principalmente no eixo Norte-Nordeste, com os fiéis propagando a mensagem pentecostal, enfatizando o batismo no Espírito Santo. Entretanto, todo movimento inicial apresenta seus problemas, pormenores e pontos de discordâncias. Neste contexto a década de 1920 foi recheada de conflitos entre a liderança da Assembléia de Deus do Brasil. Além disso, foi a partir deste processo de consolidação que se têm notícias das primeiras divisões dentro do movimento. Diante destas situações emergentes, a liderança da igreja entendeu a necessidade da organização de reuniões anuais, com o intuito de fortalecimento espiritual, administração dos problemas internos e criação de uma identidade para o movimento no Brasil através da unidade dos obreiros e das comunidades que se espalhavam pelas cidades nortistas e nordestinas. Desse modo, no início da década de 1920, especificamente em 1921, acontece a primeira reunião, que foi dirigida por Samuel Nyström, missionário sueco que alcançou posição privilegiada dentro do movimento, sendo uma espécie de co-líder da igreja, na ausência de Gunnar Vingren. Esta reunião foi realizada na Vila de São Luiz, que pertencia ao município de Igarapé-Açu, no estado do Pará, próximo a Belém. Segundo os relatos, documentos e discursos dos assembleianos, o local desta primeira reunião era estratégico, pois era um entreposto entre Belém, onde se localizava a igreja-mãe, e as demais comunidades de fiéis que se instalaram no decorrer da estrada de ferro Belém –Bragança, importante para o transporte do látex que era retirado dos seringais, durante o chamado surto da borracha. Esta reunião contou com a presença dos missionários suecos e de obreiros brasileiros que estavam propagando a mensagem pentecostal entre as comunidades que acompanhavam a estrada de ferro. O tema da reunião foi a necessidade, segundo os missionários, da mensagem pentecostal ser pregada em diversos lugares.

No ano seguinte, aconteceu outra reunião semelhante, mas agora na região da cidade de Afuá, sob a liderança da igreja de Belém. Embora essas

reuniões possam conferir um caráter de unidade entre a lideranças, tanto estrangeiros quanto nativos, o que se observa é o controle que os missionários suecos exerciam sobre o movimento e a dependência dos obreiros nacionais em ouvir as diretrizes impostas. Durante este primeiro momento da Assembléia de Deus podemos, como aponta Foucault, falar em um tipo de poder soberania<sup>110</sup>. Pensando nas relações religiosas como relações de poder, o que podemos observar neste primeiro momento é uma relação de governante e súditos, pois os missionários estrangeiros tinham prestígio e representatividade diante dos novos pastores e obreiros. Questioná-los era um afronta, um desrespeito não somente nesta relação governante-súdito, mas no caso da religião, afronta ao próprio Deus. Semelhante a alguns soberanos da Idade Média que evocavam para si a representatividade divina na terra. Aquele que foi enviado por Deus para dirigir o seu povo. Por isso, eram comum as sagrações de reis, o que lhes conferia poder divino, inclusive com o dom para curar enfermidades. Marc Bloch, em 1929, apresentou uma análise sobre reis taumaturgos nas monarquias inglesa e francesa<sup>111</sup>. Cristian D'Épinay afirma que “o caudilhismo pentecostal foi precedido e também informado pelo autoritarismo missionário”<sup>112</sup>

Neste cenário inicial se destaca Gunnar Vingren como uma espécie de representatividade monárquica sobre um dado território, a saber a região de Belém. Vingren tinha certo domínio sobre o movimento, até sua ida para o Rio de Janeiro em 1924, deixando a igreja de Belém sob a responsabilidade e liderança do missionário Samuel Nyström. Parece-nos que foi a partir deste momento, que

---

<sup>110</sup> Foucault a partir da década de 70 vai analisar três tecnologias de poder através de um panorama cronológico próprio do trabalho de Foucault, utilizando o conceito de epistemes, que são estruturas que se organizam e mudam historicamente. Lembrando que Foucault em seus trabalhos faz um diagnóstico do presente, fazendo digressões ao passado, afirmando que a história não é continuidade, mas uma descontinuidade. Esta análise permite dizer que a História é uma ruptura, ou melhor, formada por rupturas, transformações após transformações. Enfim, estas afirmações foucaultianas permitem-nos compreender a metodologia da pesquisa do filósofo francês. Inclusive Foucault, como dissemos, cria uma cronologia própria de trabalho para analisar o poder. Primeiramente, da Idade Média ao século XVI, compreendendo o período Renascentista, intitulado por Foucault de episteme clássica, calcada na similitude, no qual as palavras e as coisas são semelhantes, operam as táticas e tecnologias do poder soberania, presente nas sociedades absolutistas, pré-democráticas, sendo o soberano aquele que exerce o poder sobre seus súditos de forma absoluta e tendo o poder de fazer viver ou morrer, vendo seus súditos se submeterem “voluntariamente”.

Para maiores informações ler: FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*: curso dado no Collège de France(1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

<sup>111</sup> Para maiores informações ler: BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos – o caráter sobrenatural do Poder Régio*. França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>112</sup> D'ÉPINAY, Christian. In:ALENCAR, op.cit., p. 127.

obreiros brasileiros começaram a pensar na possibilidade de assumir a liderança do movimento no eixo Norte-Nordeste, principalmente após a saída de Vingren do centro de poder, que era Belém. É fato que a presença de Vingren era representativa, afinal era o fundador, líder e idealizador do movimento pentecostal assembleiano. Contudo, alguns motivos culminaram para esta disputa de poder que se instalou na década de 1920. Gunnar Vingren, quando no Rio de Janeiro, começou a promover encontros denominados de Conferência Pentecostal, no qual participavam apenas os missionários suecos, onde discutiam assuntos concernentes ao movimento, liderança e expansão. Embora ainda houvesse domínio sueco em algumas igrejas, os brasileiros também estavam conquistando o seu espaço na liderança, mas sempre supervisionados pelos suecos.

Até 1930, eram os missionários suecos que lideravam ou supervisionavam todas as Assembléias de Deus no país. Nenhum trabalho aberto pelos missionários havia recebido autonomia, mesmo sendo boa parte das igrejas do Norte e Nordeste dirigida por pastores nacionais.<sup>113</sup>

Estas Conferências se limitavam apenas a liderança sueca:

O ano de 1926 foi também um ano de muita importância para o trabalho do Senhor no Rio de Janeiro. A pequena igreja crescera e já contava algumas centenas de membros. E logo se formou um centro do movimento pentecostal brasileiro. Por isto foi realizada nesse mesmo ano a primeira Conferência Pentecostal no Brasil. Foi no mês de julho, nos dias 17 a 25. Todos os missionários que trabalhavam no Brasil vieram assistir a Conferência. Estiveram presentes Gustavo Nordlund, do Rio Grande do Sul; Gunnar Vingren, do Rio de Janeiro; Otto Nelson, de Alagoas; Joel Carlson, de Pernambuco; Nels J. Nelson e Samuel Nyström, do Pará; Gunnar Svensson, da Argentina, e também o pastor A.P. Franklin, que veio diretamente da Suécia. *A importância dessa Conferência para o futuro do trabalho foi muito grande.*<sup>114</sup>

Este posicionamento centralizador dos missionários suecos, incomodou os pastores brasileiros. Afinal, não havia a participação dos pastores e obreiros brasileiros nas grandes decisões acerca da igreja. Além disso, as Conferências Pentecostais realizadas apenas com a participação dos missionários

---

<sup>113</sup> DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p.22.

<sup>114</sup> VINGREN, op. cit., p.145.(grifo nosso)

suecos colocaram ainda mais o desejo dos obreiros nacionais em participar das reuniões.

Antes da Convenção de 1930, só os missionários se reuniam para decidir o andamento do Movimento Pentecostal. Os pastores brasileiros eram apenas comunicados das resoluções e as implementavam[...] Após 18 anos de Movimento Pentecostal no Brasil, sentindo a necessidade de terem maior liberdade na condução dos trabalhos já estabelecidos nas regiões Norte e Nordeste, os obreiros nacionais se reuniram de 17 a 18 de fevereiro de 1929, em Natal(RN), para tomarem uma decisão. Ao final da reunião, resolveram marcar um outro encontro, também em Natal, mas desta vez reunindo tanto os pastores nacionais como os missionários suecos. O objetivo era expor aos missionários o desejo de ganharem autonomia[...] Não havia nenhuma intenção dos obreiros nacionais em dividir o Movimento Pentecostal. Eles desejavam apenas mais autonomia, e instaram para que não fossem mal compreendidos.<sup>115</sup>

Vingren, como líder representativo deste movimento conhecia os interesses dos pastores nacionais em convocar uma reunião em 1930, com a participação de toda a liderança. Vingren provavelmente obteve informações a respeito da possível exigência dos pastores nativos. Não obstante, compreendeu que uma possível tensão se instalaria no movimento e que provavelmente o poder e o domínio dos missionários estrangeiros sobre o movimento seria questionado e confrontado. Parece-nos que este foi um dos motivos para a realização de uma reunião em Recife, em outubro de 1929, ou seja, poucos meses depois da reunião empreendida pelos obreiros nacionais em Natal. Sobre essa reunião em Recife há um silêncio, tanto que em todos os documentos oficiais da denominação há apenas referências a uma Convenção na Igreja do Recife, que estava sob a liderança de Joel Carlson, sendo visitada por Vingren<sup>116</sup>.

Entretanto, esta foi a última reunião entre os missionários estrangeiros, principalmente suecos. Dessa forma, os problemas entre os missionários suecos e os pastores brasileiros, principalmente nos locais onde a igreja já havia se estabelecido, estavam se agravando. Obviamente, as histórias oficiais tentam amenizar o problema, dizendo que tudo foi “guiado pelo Espírito Santo e que, portanto, ocorreu pacificamente, sendo Deus soberano em todas as decisões, além do ambiente de comunhão e fraternidade entre os irmãos”. Todavia

---

<sup>115</sup> DANIEL, op. cit., p.23.

<sup>116</sup> VINGREN, op.cit., p.154.

podemos constatar que foi um período de tensão acerca deste momento entre missionários suecos e pastores brasileiros. Vejamos este relato de Vingren em seu diário:

Algumas dificuldades haviam surgido quanto à direção do trabalho. Não era de admirar que houvesse aparecido divergências, uma vez que os irmãos brasileiros possuíam opiniões e experiências diferentes. Embora os obreiros nacionais tivessem sido muito abençoados pelo Senhor na sua chamada e tarefa, haviam surgido dificuldades que se acentuaram quando a responsabilidade do trabalho foi sendo transferida, paulatinamente, dos missionários para os obreiros brasileiros, *apesar de a obra **ter sido realizada com plena compreensão e harmonia entre as partes.***<sup>117</sup>

A impressão que o relato acima tenta transmitir é de harmonia. Entretanto, podemos observar um ambiente criado, ou seja, uma falsa impressão de unidade. Afinal, tais problemas deveriam ser estancados rapidamente para não suscitar outros que prejudicassem a continuidade do movimento pentecostal assembleiano. Estas divergências foram acentuadas pelos pastores brasileiros no texto em que comunicam e convocam todos para uma reunião em Natal no ano de 1930. Lembrando que em 1929, os pastores brasileiros se reuniram nesta mesma cidade e na igreja local, pastoreada pelo brasileiro Francisco Gonzaga da Silva, para tomarem a seguinte decisão: a de propor a condução dos trabalhos do Norte-Nordeste sob a supervisão dos pastores brasileiros. Vejamos o teor da carta dos pastores brasileiros, convocando esta que seria a primeira Convenção Geral oficial das Assembléias de Deus no Brasil.

Tivemos pela graça de Deus a inspiração da necessidade urgente de uma Convenção Geral [...] para resolverem certas questões [...] Todos nós sabemos a **crise** por que, como uma dura prova, passou a Assembléias de Deus neste paiz e **não podemos nos conformar com estado de coisas** [...] temos em vista convidar todos os obreiros por meio deste manifesto [...] Deve começar no dia 12 do referido mez e **se não precisamos o termino da mesma Convenção, é porque achamos justo deixar ao arbítrio das necessidades e circunstancias da ocasião** [...] pois só assim será possível **remover certos obstáculos** que podem embaraçar a causa do Nosso Senhor Jesus Christo [...] Francisco Gonzaga, Cicero Lima, Antonio Lopes, Ursulino Costa, Napoleão de Oliveira Lima, José Barbosa, Francisco Cesar, Nathanel G. Figueiredo, Pedro Costa.<sup>118</sup>

<sup>117</sup> Ibid., p.161. (grifo nosso)

<sup>118</sup> ALENCAR, op.cit., p.111.

Versão da carta publicada no Jornal Boa Semente de 1929.

É interessante notar o teor deste comunicado, alguns termos nos chamam a atenção: CRISE QUE PASSOU A ASSEMBLÉIA DE DEUSD/NÃO PODEMOS NOS CONFORMAR COM ESTADO DAS COISAS/ REMOVER CERTOS OBSTÁCULOS. Ora, diretamente a carta apresenta um tom de tensão, de inconformidade, de discórdia a respeito do movimento no Brasil. Parece-nos que o que está em jogo aqui é o poder. Afinal pode o poder ser exclusivo de alguém ou algo? Sabemos da histórica relação coronelista que dominava a região Norte e Nordeste. Há uma cultura de dominação, de poder sobre algo ou sobre uma população. Dessa forma, alguns líderes, imersos nessa cultura, não admitiam a dominação estrangeira e o conseqüente poder de decisão dos mesmos sobre os fiéis nortistas e nordestinos. Devemos lembrar que as igrejas estavam crescendo e as Assembléias de Deus do Brasil já haviam assumido uma certa notoriedade na região Norte-Nordeste, principalmente em algumas capitais. Ter o poder sobre as comunidades da região era prestígio, era poder, era ter um “rebanho sob suas mãos”. Vale ressaltar que o simples fato da reunião convocada para 1930 não ter uma data ou horário para término aponta o quanto os pastores nacionais estavam dispostos a “lutar pelo exercício do poder no eixo Norte-Nordeste”. Seria uma espécie de mensagem indireta: “enquanto não houver um acordo não encerraremos a reunião”. Sabemos que um acordo tem por objetivo satisfazer ambas as partes. Sabemos também que em todo acordo desigual, a inflexibilidade de apresentar uma proposta coerente e justa gera crises com conseqüências incontrolláveis. Esta carta parece-nos uma intimação. É evidente a insatisfação dos pastores brasileiros. Vejamos o relato do pastor da igreja hospedeira da Convenção de 1930, em Natal, às vésperas do evento, enquanto os missionários e outros se acomodavam na cidade potiguar:

Já há muito que as igrejas oravam constantemente para o Senhor abençoar essa Convenção. Os obreiros que chegaram a Natal com antecedência ocuparam os dias que a precederam lutando em oração diante do Senhor, a fim de que o **espírito de união fosse completo**, isto é, que fosse o Senhor, e não os homens que decidissem todas as coisas [...] todos os assuntos foram discutidos com inteira liberdade, tanto pelos trabalhadores brasileiros como pelos missionários [...] Foram resolvidos, com a aprovação de todos, os pontos mais necessários, que pelo Espírito Santo nos deverão assegurar um trabalho sadio e próspero.<sup>119</sup>

---

<sup>119</sup> DANIEL, op. cit, p.26

O relato do pastor da igreja, onde se realizou a Convenção de 1930, que aliás era um brasileiro, mostra certa preocupação quanto aos assuntos que seriam colocados em pauta na reunião convencional. “Orar pelo espírito de união”, talvez seja uma nota da tensão que dominou a relação missionários e pastores brasileiros. Todavia esta preocupação não está presente apenas no relato do pastor Francisco Gonzaga da Silva. Gunnar Vingren também tinha grandes preocupações quanto a Convenção de 1930 e o futuro do movimento pentecostal no Brasil. Cisma ou dissidência era algo possível dependendo das decisões da reunião, o que seria catastrófico para as pretensões de crescimento do movimento assembleiano. Hoje poderíamos estar comentando acerca de duas denominações dissidentes do movimento assembleiano em 1930. Vingren era o representante dos missionários e por isso deveria tomar algumas decisões, pois o poder e a influência dos mesmos estavam sendo questionadas. Diante dessa tensão, Vingren, por decisão própria, foi à Suécia para pedir auxílio de Lewi Pethrus, pastor da Igreja Filadélfia de Estocolmo, a mesma que enviou a maioria dos missionários suecos para o Brasil. Parece-nos que esta decisão de Vingren foi tomada em conjunto com outros missionários. Vale lembrar da reunião de outubro de 1929, realizada em Recife, onde provavelmente o teor da carta dos pastores brasileiros foi discutido. Há um texto oficial que diz:

Antes da Convenção de 1930, os missionários já haviam tomado conhecimento da proposta dos obreiros nacionais. Inclusive, durante a Conferência Pentecostal de 1929, em Recife, que ocorreu oito meses depois do encontro preliminar dos obreiros nacionais, haviam conversado entre si em busca de uma solução harmoniosa.<sup>120</sup>

Aliás, a igreja de Estocolmo tinha uma espécie de fundação, organização ou agência missionária, que em alguns relatos foi denominada de Missão Escandinava<sup>121</sup>, a qual enviou missionários para o apoio e continuidade da obra pentecostal no Brasil. Estas informações são relevantes, pois apresentam uma igreja brasileira que vivia sob a direção, influência e colaboração da Igreja sueca. Mediante esta aproximação da Igreja Sueca com o movimento assembleiano brasileiro é que Gunnar Vingren, na Suécia, solicita a vinda do pastor Lewi Pethrus, pois o mesmo saberia, como líder da missão, convencer os pastores brasileiros a

---

<sup>120</sup> Ibid., p. 28.

<sup>121</sup> Durante as pesquisas encontramos diversos termos, mas que provavelmente se referiam a mesma agência missionária. Alguns deste termos foram: Missão Escandinava, Missão Livre Sueca; Missão Sueca; Missão Livre da Suécia.

desistir de uma possível proposta de entrega total dos trabalhos no eixo Norte-Nordeste:

Conscientes da importância dessa Conferência, chegou-se a conclusão de que seria necessário convidar o pastor Lewi Pethrus, da Suécia, para estar presente. Ele poderia então dar os conselhos necessários, tanto para o trabalho da missão em geral como para os missionários [...] O missionário Gunnar Vingren sentiu então a direção de Deus de viajar para a Suécia para convidar pessoalmente o irmão Lewi Pethrus para essa Conferência [...] No dia seguinte Vingren falou com o pastor Lewi Pethrus sobre o assunto. Após várias horas de conversação, ele aceitou o convite. Durante um culto, Vingren expôs também o assunto aos presbíteros e à diretoria da igreja, e ficou decidido que o irmão Pethrus viajaria ao Brasil.<sup>122</sup>

Por motivos de algumas dificuldades entre os missionários e os irmãos brasileiros sobre a direção do trabalho, e a pedido dos missionários, o irmão Lewi Pethrus viajaria ao Brasil de 15 de julho até 15 de outubro<sup>123</sup>.

Em uma análise de primeira instância, a vinda de Pethrus ao Brasil era uma espécie de trunfo dos missionários contra a possível proposta dos pastores brasileiros. O que observamos nos relatos apresentados foi um Pethrus político, tentando de todas as formas encontrar uma solução para a tensão estabelecida. Durante as discussões dos convencionais, os relatos oficiais apresentam Pethrus ouvindo atentamente as discussões e observando as reações dos líderes do movimento. Porém, parece-nos que há uma espécie de “guerra nos bastidores” antes mesmo da realização da reunião já existia e que se perdurou após o término da mesma. Era nos bastidores que se organizavam as acusações, defesas, discordâncias tanto dos missionários quanto dos pastores brasileiros que procuravam Pethrus para exporem sua opinião. Isso ficou claro em uma declaração de Pethrus sobre acusações feitas aos missionários:

---

<sup>122</sup> DANIEL, op. cit. p.161-162.

<sup>123</sup> VINGREN, op. cit., p.162-163.

Durante os últimos anos, temos sido enganados aqui na Suécia com a notícia de que os missionários e a missão no Brasil estavam organizados numa denominação bastante forte. Quem nos disse isto mencionou que a sede da organização estava no Pará, e que no princípio consistia somente de três missionários, mas que depois se estendeu, dominando a obra em todo o Brasil. Os missionários no Brasil estão, quando se trata de assunto de organização, inteiramente no mesmo ponto de vista que as igrejas livres da Suécia. Todos expuseram a sua perfeita aprovação sobre o pensamento bíblico de igrejas locais livres e independentes. É certo que entre as quais deve haver colaboração espiritual, mas sem seguir este modelo do qual os missionários agora tinham sido acusados de seguir, e até de praticar uma organização eclesiástica em nível nacional.<sup>124</sup>

A questão é que a igreja sueca era congregacional, ou seja, tinha uma visão de autonomia e independência das igrejas estabelecidas<sup>125</sup>, sem subordinação a qualquer autoridade eclesiástica ou administração superior, diferentemente de outras formas de governo eclesiástico como o episcopado e o presbiterianismo. Embora a liderança do movimento no Brasil não admitisse qualquer tipo de forma ou nomeação para governo eclesiástico, analisando o movimento pentecostal assembleiano no Brasil, podemos observar uma espécie de episcopado, forma de governo eclesiástico da Igreja Católica e Igreja Ortodoxa, onde os ministros principais da igreja são os bispos e o governo é centralizado na figura de um dirigente, responsável pelas decisões e destinos da igreja, mas que possui um grupo de subalternos. Ora, ao meu ver, a direção do movimento no Brasil era caracterizado por esta forma de governo. Basta pensarmos no domínio e poder dos missionários estrangeiros, principalmente suecos, que decidiam acerca do destino do movimento. Basta analisarmos também a representatividade da figura de Vingren como o grande líder e pioneiro do movimento. Gedeon Alencar cita uma

---

<sup>124</sup> Ibidem, p.178.

<sup>125</sup> Congregacionalismo:

O regime de governo eclesiástico conhecido como Congregacional é um sistema onde cada congregação local é autônoma e independente. A igreja local possui autonomia para sua própria reflexão teológica, expansão missionária, relação com outras congregações e seleção de seu ministério. O Congregacionalismo está baseado nos seguintes princípios:

\*Cada congregação de fiéis, unida pela adoração, observação dos sacramentos e disciplina cristã, é uma Igreja completa, não subordinada em sua administração a qualquer outra autoridade eclesiástica senão a de sua própria assembleia, que é a autoridade decisória final do governo de cada igreja local.

\*Não existe nenhuma outra organização ou entidade maior ou mais extensa do que uma Igreja local a quem pode ser dada prerrogativas eclesiásticas ou ser chamada de Igreja.

\*As igrejas locais estão em comunhão umas com as outras, são interdependentes e estão intercomprometidas no cumprimento de todos os deveres resultantes dessa comunhão. Por isso, se organizam em Concílios, Sínodos ou Associações. Entretanto, essas organizações não são Igrejas, mas são formadas por elas e estão a serviço delas.

frase de Willems onde afirma que “as lideranças ministeriais da AD são formadas de bispos e pequenos papas”<sup>126</sup>.

A fala de Pethrus em dos seus comunicados divulgados seria uma espécie de indireta aos próprios missionários no Brasil, de que estes deveriam estar em comum acordo com a visão da Igreja de Estocolmo. Além disso, Pethrus afirma que este era o pensamento bíblico: o de igrejas locais livres e independentes. Provavelmente essa afronta contra o poder dos missionários foi uma das alegações do levante dos pastores brasileiros. Afinal, a grande maioria dos mesmos já havia sido fiéis da Igreja Católica Romana no Brasil e questionavam a distância entre o clero e a participação dos membros. É possível que os pastores brasileiros tenham se deparado com o mesmo cenário, agora configurado com os missionários suecos a respeito do movimento pentecostal no eixo Norte-Nordeste. Alencar em seu texto suscita então uma pergunta: “os suecos entregaram ou os brasileiros tomaram”? A pergunta é interessante sobre o ponto de vista daqueles que buscam a verdade. Entretanto, responder essa questão não é o mais importante para a pesquisa histórica, mas analisar os desdobramentos, os questionamentos, as conseqüências que esta Convenção apresentou.

Talvez outra maneira de analisar o ambiente que cercou missionários e pastores brasileiros na Convenção de 1930 são as fotos oficiais que foram disponibilizadas pela própria editora da denominação em suas publicações. Gostaria de esclarecer que não sou um pesquisador de narrativas visuais. Pesquiso o fenômeno religioso. É evidente que as imagens, no caso as fotografias, revelam e suscitam alguns questionamentos. Dessa forma, conclamarei o auxílio da professora Ana Maria Mauad, que pesquisou as representações sociais burguesas do Rio de Janeiro entre 1900 e 1950, utilizando como fontes fotografias, que se mostraram como narrativas visuais na medida em que as perguntas foram sendo elaboradas. Segundo Mauad:

---

<sup>126</sup> ALENCAR, op.cit., p. 127.

Na qualidade de texto, que pressupõe competências para sua produção e leitura, a fotografia deve ser concebida como uma mensagem que se organiza a partir de dois segmentos: expressão e conteúdo. O primeiro envolve escolhas técnicas e estéticas, tais como enquadramento, iluminação, definição da imagem, contraste, cor e etc. Já o segundo é determinado pelo conjunto de pessoas, objetos, lugares e vivências que compõem a fotografia. Ambos os segmentos se correspondem no processo contínuo de produção de sentido na fotografia, sendo possível separa-los para fins de análise, mas compreendê-los somente como um todo integrado<sup>127</sup>

Esta relação de escolhas que compõe uma fotografia para a construção de sentido é estabelecida em um dado contexto, com vista a transmissão de uma mensagem. Dessa forma, pensando na fotografia como fonte histórica como abordá-la na tentativa e hipótese de sua interpretação? Segundo Mauad:

Já foi dito que as imagens são históricas, que dependem das variáveis técnicas e estéticas do contexto histórico que as produziram e das diferentes visões de mundo que concorrem no jogo das relações sociais. Nesse sentido, as fotografias guardam, na sua superfície sensível, a marca indefectível do passado que as produziu e consumiu. Um dia já foram memória presente, próxima à aqueles que as possuíam, as guardavam e colecionavam como relíquias, lembranças ou testemunhos. No processo de constante vir a ser recuperam o seu caráter de presença, num novo lugar, num outro contexto e com uma função diferente. Da mesma forma que seus antigos donos, o historiador entra em contato com este presente/passado e o investe de sentido, um sentido diverso daquele dado pelos contemporâneos da imagem, mas próprio à problemática ser estudada. Aí reside a competência daquele que analisa imagens do passado: no problema proposto e na construção do objeto de estudo. A imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas.<sup>128</sup>

Dessa forma, gostaria de realizar algumas perguntas às fotografias. Entretanto, não gostaria de suprimir estas questões apresentando apenas as hipóteses de análise das fotografias, ou seja, disponibilizo aqui estas perguntas para suscitar no leitor outras abordagens de análises, pois algumas delas certamente não contemplarei. Levando-se em consideração todas as circunstâncias que envolveram esta Convenção de 1930, apresento um primeira fotografia com as seguintes indagações: Seria esta fotografia em seu todo uma demonstração da superioridade

---

<sup>127</sup> MAUAD, Ana Maria. *Fotografia e as dimensões visuais do privado e do público na trajetória de imigrantes libaneses no Rio de Janeiro(1900-1950)*.In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). *Olhares sobre narrativas visuais*. Niterói: Editora UFF, 2012. p. 50.


<sup>128</sup> *Ibid.*, p. 51


sueca em relação ao movimento? Ou é apenas o simples reunir de conterrâneos que trabalham sob uma mesma bandeira? Há algum detalhe ou situação da foto que demonstre alguma hierarquia ou estrutura de poder por parte dos missionários suecos? Ou são apenas meras coincidências?



*Missionários Suecos na Convenção em Natal. Sentados, da esquerda para a direita, Daniel Berg, Otto Nelson, Gunnar Vingren, Frida Vingren e Samuel Nyström. Em pé, a partir da esquerda, Algot Svenson, Nils Katsberg, Lewi Pethrus, Joel Carlson, Nels Julius Nelson e Anders Johanson.*

 Primeiros missionários no Brasil

 Primeiro missionário enviado pela Missão Sueca ao Brasil

 Missionários enviados pela Missão Sueca ao Brasil

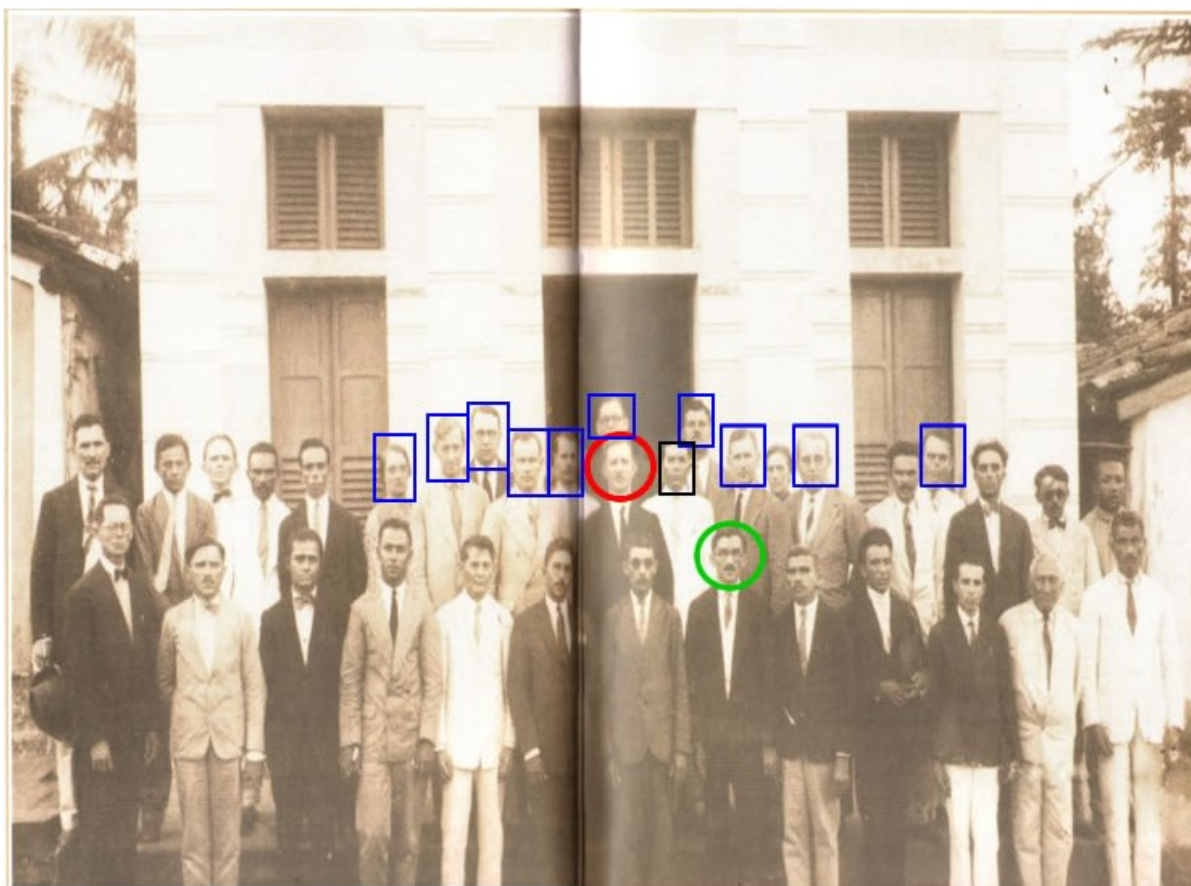
 Lewi Pethrus

Fonte: DANIEL, op.cit., p. 22

Era comum os missionários tirarem fotografias sem a presença dos líderes e obreiros brasileiros. Tais fotografias eram enviadas, principalmente para a Suécia com o intuito de divulgar os missionários que trabalhavam em terras brasileiras. Fotografias com esta, eram acompanhadas de explicações sobre a obra no Brasil e como era coordenada através da liderança, esforço e coragem destes “bravos missionários escandinavos”. O que podemos perceber nesta foto, também, é certa hierarquia entre os próprios missionários suecos. Coincidências ou não, nesta fotografia os primeiros missionários vindos ao Brasil e que eram os grandes representantes da liderança dos missionários estão sentados, como uma espécie de

base ministerial do movimento assembleiano. Aliás, Samuel Nyström, o primeiro missionário enviado pela Missão Sueca, torna-se ao lado de Vingren o topo da liderança assembleiana no Brasil. A partir desta situação surgem outras questões. Será que a Missão Sueca tinha plena confiança na liderança de Vingren? Será que Nyström foi enviado para ser dentro do movimento o grande representante e porta-voz da Missão Sueca no Brasil? É provável que sim, pois o próprio Nyström após anos no Brasil, vai assumir em 1945 o cargo de Secretário de Missões da Svenska Fria Missionen, entidade responsável por aproximadamente 600 missionários. Ora, parece-nos que Nyström tinha a função de avaliador do movimento no Brasil, enviando relatórios do Brasil para a Missão Sueca. Estas são hipóteses interessantes, que enriquecem mais a discussão e análise.

Outra fotografia que merece ser indagada é justamente a foto oficial da Convenção de 1930, realizada em Natal. Dessa forma, faço as seguintes questões: Por quais motivos há a concentração de suecos no centro da foto? E porque estariam nos degraus altos da escadaria sobrepondo os pastores brasileiros que em sua grande maioria ficaram na parte abaixo? Ora, qual o motivo para o líder da igreja hospedeira, Francisco Gonzaga, ser renegado estando abaixo dos missionários suecos, afinal ele foi um dos precursores e idealizadores desta Convenção? Por quais motivos Lewi Pethrus, pastor da Igreja Filadélfia de Estocolmo estaria no centro da foto, tanto em relação a própria estética da fotografia (parte central compondo a figura de Pethrus e a porta aberta da igreja), como entre os personagens da foto? Seria um indicativo da sua liderança e influência da igreja sueca sobre o movimento assembleiano no Brasil? Seria em apoio aos missionários que convocaram sua presença na reunião através de Gunnar Vingren? Ou seria um indicativo de unidade entre ambas as partes, tanto missionários quanto pastores brasileiros?



**Lewi Pethrus**  
pastor da Igreja Filadélfia de Estocolmo



**Missionários Suecos**

A partir da esquerda Frida Vingren, Gunnar Vingren, Nels Nelson(acima), Nils Katsberg, Algot Svenson, Samuel Nyström (alto), Daniel Berg, Joel Carlson, Anders Johanson, Otto Nelson



**Francisco Gonzaga da Silva**  
pastor da igreja de Natal



**Cícero Canuto de Lima**  
presidente da mesa da Convenção

Fonte: DANIEL, op.cit., p. 20-21

Parece-nos que a fotografia, após algumas abordagens sobre, nos apresenta o movimento assembleiano no Brasil sob a cooperação, apoio e influência da Igreja Filadélfia de Estocolmo. Fica claro que a presença de Pethrus nesta reunião convencional foi uma espécie de figura política com o objetivo de apaziguar os membros, não permitindo que a tensão, que dominava o ambiente em Natal, assumisse outras proporções, como por exemplo uma dissidência nativa. É evidente que os missionários esperavam outra postura de Pethrus em relação à proposta dos pastores brasileiros. Entretanto, percebe-se uma espécie de mudança na posição de Pethrus. Segundo alguns relatos oficiais Pethrus tomou uma decisão no mínimo discutível, o apresentando como interventor da situação:

Segundo o relato do pastor Lewi Pethrus, após a apresentação do assunto pelos brasileiros, antes mesmo de os missionários suecos falarem, o próprio Pethrus tomou a palavra: “Nesta oportunidade, eu falei sobre se não havia chegado o tempo quando os pastores brasileiros tomariam a seu cargo a inteira responsabilidade pelo trabalho na Região Norte [entenda-se aqui Norte e Nordeste] do Brasil.<sup>129</sup>

Segundo os documentos oficiais da denominação há uma publicação do discurso de Pethrus na Convenção de Natal em 1930. Obviamente esta publicação busca ressaltar uma espécie de direcionamento divino para a situação, mas relendo o texto, compreendendo o ambiente criado sobre esta Convenção, podemos observar os receios, as insatisfações, ou até mesmo a superioridade que os missionários consideravam ter em relação aos pastores brasileiros e sobre a proposta:

O trabalho do Norte foi fundado há 20 anos, e ali existem agora muitas e grandes igrejas com experimentados pastores e dirigentes, de modo que o trabalho pode ser entregue inteiramente a eles. Os missionários poderiam então deixar a Região Norte e seguir para os Estados do Sul, onde a obra pentecostal ainda não começou. Um trabalho missionário tem de ter como alvo, sempre que possível, entregar o trabalho aos obreiros nacionais. Como resultado disso, haverá uma responsabilidade maior entre esses obreiros, e maiores possibilidades de ofertas dos próprios brasileiros. E haverá também um melhor aproveitamento de pessoal. Além do mais, se a obra continuar como está, com o tempo podem surgir dificuldades entre os obreiros nacionais e os missionários, uma vez que os trabalhadores nacionais se sentiriam postos de lado, sem possibilidade de tomar a responsabilidade pela direção do trabalho. Essas dificuldades, que sempre têm prejudicado muito a obra de Deus, podem ser evitadas, se a Missão estiver disposta a tomar as medidas necessárias que o caso requer. Da parte da Missão, não consideramos que uma medida como essa signifique algum risco. Primeiramente, porque os missionários continuam morando e trabalhando no país e, em segundo lugar, porque existem as melhores relações possíveis entre os missionários que deixarão a responsabilidade e os pastores nacionais que se responsabilizarão pelas igrejas locais. Além disso, os missionários podem também servir para ajudar no caso de surgirem dificuldades especiais. É muito importante compreender que não devemos usar indefinidamente as nossas forças nos campos onde há muito trabalhamos, pois esses campos podem muito bem dispensar tanto os missionários com também a ajuda monetária, que pode ser aproveitada em novos campos que necessitam dessa ajuda, e que estão completamente abandonados. Pertence a uma boa ordem o pôr as forças onde mais sejam necessárias.<sup>130</sup>

---

<sup>129</sup> DANIEL, op.cit., p.28

<sup>130</sup> Ibid., p. 28-29.

Torna-se uma tarefa interessante abordar este texto e suscitar alguns apontamentos do próprio Pethrus que são contraditórios. Inicialmente há uma tensão entre as partes e esta tensão pode se acentuar. Posteriormente, afirma que há uma relação unânime entre missionários e pastores brasileiros. Ainda neste relato, Pethrus afirma que segundo a visão da Missão (sueca) não há riscos, pois os missionários ainda continuarão no Brasil, ou seja, os missionários ainda estarão observando todos os trabalhos. Por fim, um trecho do relato apresenta que a Missão ajuda financeiramente a obra pentecostal no Brasil, o que de certa forma mostra a influência da comunidade sueca sobre a obra no Brasil. A situação é que os missionários tinham certas restrições aos pastores brasileiros, em relação a possibilidade destes assumirem igrejas no eixo Norte-Nordeste. Ora, muitos deles são de origem “humilde”, “marginais”, sem “estudos”, que se tornaram pastores devido a necessidade de obreiros para obra pentecostal em várias cidades e vilarejos. Contudo após todos estes embates, questionamentos e incertezas sobre o momento da Convenção, segundo os relatos da denominação os missionários apresentaram uma proposta, que podemos avaliar como uma contra-proposta, pois a proposta dos pastores brasileiros era da entrega de todos os trabalhos do eixo Norte-Nordeste:

Antes de este assunto ser tratado, os missionários já haviam falado sobre ele e tinham uma proposta preparada para apresentar a Conferência [...] Haviam chegado à conclusão de que o trabalho nos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, onde já havia cerca de 1000 membros e 160 igrejas, deveria ser entregue inteiramente aos obreiros nacionais. Também foi apresentado pelos missionários que todos os templos e locais de reuniões que pertenciam à missão deveriam ser entregues, sem nenhum custo, às respectivas igrejas locais brasileiras. Se isto não fora feito, teria de fazer-se e estar terminado até o dia 1º de julho de 1931.<sup>131</sup>

A contra proposta apresentada pelos missionários foi aceita pelos pastores brasileiros. Entretanto, analisando alguns dados observa-se uma questão interessante que demonstra o quanto os missionários ainda tinham restrições a entrega dos trabalhos no eixo Norte-Nordeste e como o que estava em jogo era o poder. Ultrapassado a data limite para o cumprimento da proposta dos missionários, duas comunidades ainda estavam sob os cuidados dos missionários suecos.

---

<sup>131</sup> Ibid., p. 29.

Contudo, não eram duas comunidades comuns, eram as maiores igrejas do eixo Norte-Nordeste, a saber: a igreja-mãe em Belém do Pará, que tinha grande representatividade e poder; a Igreja de Recife, que em 1931 já contava com mais de 1500 membros. A primeira era liderada por Samuel Nyström que se retirou para outros campos segundo a deliberação da Convenção de Natal em 1930. Dessa forma, um pastor brasileiro deveria assumir a liderança da comunidade. Enquanto isso Nels Julius Nelson assumira provisoriamente até ocorrerem as mudanças gradativamente. Para tanto, foi convidado o pastor Josino Galvão para inicialmente ser auxiliar de Nelson e posteriormente assumir a liderança da comunidade. Porém, temos dois relatos contraditórios acerca da manutenção de Nelson sob a liderança da igreja de Belém:

Na prática, isso significava que o missionário Nels Nelson deveria deixar o pastorado da Igreja em Belém. Assim, em virtude dessa decisão convencional, o pastor Josino Galvão de Lima foi designado para assumir o pastorado da Igreja-Mãe. Ao chegar a Belém, Josino foi recebido pela igreja em 10 de novembro como pastor-auxiliar e possível substituto de Nels Nelson quando este tivesse que se retirar para o Sudeste do País. No entanto, os anciãos da igreja não aceitaram a saída do seu pastor, pois entendiam que o seu tempo ainda não havia terminado a frente do pastorado na igreja. Então, na noite de 03 de fevereiro de 1931, os anciãos e os diáconos se reuniram, contando com a presença do pastor Josino Galvão de Lima, e decidiram propor ao missionário Nels Nelson que ficasse no Pará e continuasse como pastor da igreja, enquanto o irmão Josino ficaria como pastor-auxiliar. Era uma franca reação aos acordos convencionais de Natal.<sup>132</sup>

Foi decidido que “dado o amadurecimento dos pentecostais brasileiros, a partir de então, cada igreja terá como presidente um pastor brasileiro, ainda que permaneça supervisionada por um missionário estrangeiro”. Por causa disso, o pastor Josino Galvão, no dia 03/02/31, convocou uma reunião com os Anciãos e Diáconos deliberando submeter à apreciação da Igreja em Belém o propósito de “que o irmão Nels Nelson continuasse pastoreando a Igreja mesmo depois que a liderança da mesma passasse a pastores brasileiros e que o pastor Josino Galvão permanecesse como seu auxiliar”. E assim ficou sendo.<sup>133</sup>

Há certa incoerência entre os dois relatos que foram produzidos e distribuídos pela própria igreja-mãe de Belém, ou seja, duas versões diferentes em um material da mesma igreja. Em um relato foram os líderes da igreja que

---

<sup>132</sup> SOUZA, op.cit., p. 90.

<sup>133</sup> HISTÓRIA DA ASSEMBLÉIA DE DEUS EM BELÉM. op.cit.,p. 25

convocaram e decidiram pela permanência de Nels Nelson como pastor, em contrapartida no outro relato foi por decisão de Josino Glavão que tal reunião foi convocada, decidindo-se pelo pastorado de Nelson. Este liderou a comunidade até 1950, onde após sua saída para a Igreja de São Cristóvão no Rio de Janeiro, assumiu a liderança da igreja um pastor brasileiro.

Certamente os missionários tinham poder sobre as comunidades pastoreadas. Não há dúvidas que a Igreja-Mãe tinha uma representatividade natural em relação ao movimento para os fiéis e para a liderança. Assim, não podemos desconsiderar hipóteses sobre o jogo de bastidores na manutenção da rede de influências e das estruturas de poder por parte dos missionários suecos. Mesmo com Vingren fora de Belém desde 1924, pastoreando no Rio de Janeiro, o mesmo sempre estava em contato com Samuel Nyström, pastor da Igreja de Belém que assumiu o lugar de Vingren. Obviamente diante desse panorama as Igrejas de Belém e Recife eram representativas e por isso continuaram sob os cuidados dos missionários por muito anos.

Toda a tensão que circulou nos bastidores da Convenção e que ultrapassou os limites de espaço e tempo, perdurando assuntos sobre a situação, precisava ser “suprimido” ou “ocultado”. Uma denominação religiosa em crescimento, na teoria não pode demonstrar fraquezas, dissidências e desacordos. Todo este ambiente deveria ser contido para não chegar ao conhecimento dos fiéis, não somente naquele dado tempo e contexto, mas também em relação à posteridade. Dessa forma, é interessante notarmos os relatos das chamadas “versões oficiais” sobre o ocorrido e observarmos a falta de coesão das informações publicadas pela própria denominação. Gostaria de apresentar duas versões oficiais, publicadas pelo cientista da religião Gedeon de Alencar que apresenta interpretações diferentes do ocorrido:

No ano de 1930, no mês de julho, a igreja de Natal hospedou a Convenção Geral, a primeira e a mais importante até então realizada. Essa Convenção abriu o caminho para as Convenções Gerais ou Nacionais que até então não tinham esse caráter. Entre outras coisas que ali se decidiram destaca-se a unificação dos jornais Boa Semente e Som Alegre, dando lugar ao aparecimento do Mensageiro da Paz, evitando-se assim a divisão do trabalho prestes a realizar-se.<sup>134</sup>

---

<sup>134</sup> CONDE, Emílio. *O testemunho dos séculos*. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1960. In: ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembléias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010. p. 119-120.

Não havia nenhuma intenção dos obreiros nacionais em dividir o Movimento Pentecostal. Eles desejavam apenas mais autonomia, e instaram para que não fossem mal compreendidos e para que a obra no Brasil continuasse unida. Na verdade, como veremos, era Deus preparando os líderes nacionais e os missionários suecos para uma nova fase de expansão da mensagem pentecostal no país, já que o Sul e o Sudeste ainda estavam carentes da atuação missionária.<sup>135</sup>

No verão de 1930, o missionário Gunnar Vingren chegou do Brasil. Sua missão era me levar à Convenção Nacional, que se realizaria em setembro. Havia dificuldades entre os missionários e os pastores brasileiros, e Vingren considerou que se não houvesse um entendimento, todo o trabalho seria dividido [...] Durante aqueles 20 anos, o trabalho havia crescido bastante e um grupo de pregadores brasileiros considerou que tinha pouca influência sobre as igrejas. Havia fortes rompimentos políticos no país e o nacionalismo tinha contribuído para criar uma certa aversão a estrangeiros. Esses pregadores brasileiros tinham organizado a conferência e convidado os missionários, como também um representante da missão no país natal.<sup>136</sup>

Os assuntos tratados nessa convenção podem ser resumidos em: em relatório do trabalho realizado pelos missionários; a nova direção do trabalho pentecostal no Norte e Nordeste; a circulação dos dois jornais existentes e o trabalho feminino na igreja. [...] Os missionários suecos [...] sentiam que era chegada a hora de deixarem a Obra nas mãos dos trabalhadores nacionais e partirem para as áridas terras do Sul do País. Todos os templos e locais de reuniões que pertenciam à Missão foram entregues às igrejas brasileiras.<sup>137</sup>

Observe nos relatos acima o desencontro de informações. Lembrando que são relatos oficiais sobre um mesmo acontecimento. Eis aí um dos desafios do historiador, ou como diz Marc Bloch em *Apologia da História* “a crítica do documento”, interrogando o documento (seja ele oficial ou não), desconfiando das respostas, fazendo sempre uma leitura também nas entrelinhas, percebendo as minúcias ou detalhes do documento<sup>138</sup>. Carlo Ginzburg também já nos chamava a atenção em *Mitos, Emblemas e Sinais* quanto ao caráter investigativo do historiador<sup>139</sup>, assim como um analista da arte, que ao observar um quadro sabe diferenciar o verdadeiro do falso pelos detalhes, ou sabe até mesmo reconhecer sua

<sup>135</sup> DANIEL, op.cit. p.23

<sup>136</sup> Lewi Pethrus. In: ARAÚJO, Isael de. *100 acontecimentos que marcaram a história das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 275.

<sup>137</sup> ALMEIDA, Abraão. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982. In: ALENCAR, op.cit., p. 120

<sup>138</sup> Para maiores informações ler: BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p-89-109.

<sup>139</sup> Para maiores informações ler: GINZBURG, Carlo. “*Sinais: raízes de um paradigma indiciário*” In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

autoria pelas características essenciais do artista apresentados em sua obra de arte. A dimensão do historiador como Holmes de Conan Doyle, que busca solucionar seus casos através dos detalhes, que me “atrevo” a dizer sob um olhar do “micro”, daquilo que normalmente é esquecido pelos grandes eruditos e teóricos da vida humana. Entretanto, há somente um problema nisto. Tanto o crítico de arte como o investigador, pelo viés da semiótica, busca a verdade, o certo, a certeza, o consistente, o genuíno, ou seja, buscam solucionar, esgotando as possibilidades. Vejo nisto um espécie de “demônio” no ofício do historiador, no fazer historiográfico, a “máxima da busca pela certeza”, que ao meu ver não existe, pois entender a história como uma ciência em movimento é justamente ser desfavorável ao certo e verdadeiro. O que ao meu ver fazemos é levantar hipóteses, que são passíveis de questionamentos, críticas, novas abordagens e desconstruções. Por isso, o que tenho tentado suscitar com este trabalho são estas hipóteses, um olhar com outro viés. Dessa forma, ao analisarmos os relatos dispostos acima, após algumas interrogações, levantaremos novas abordagens e caminhos para a análise.

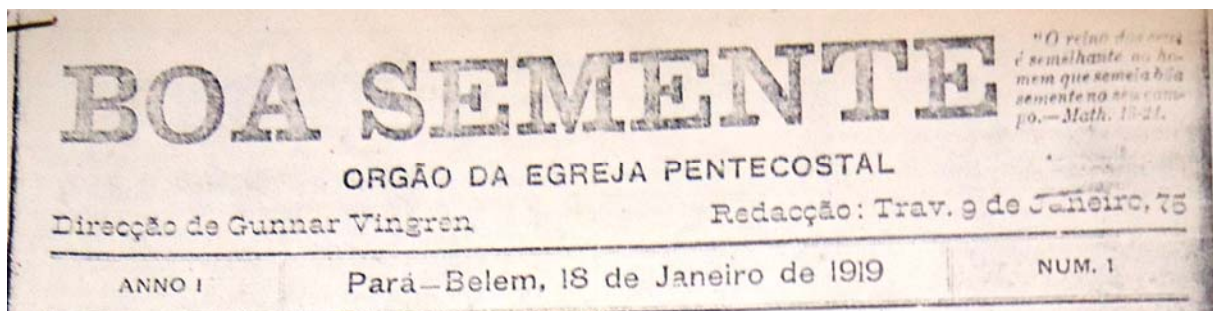
O primeiro e o terceiro relato apontam para uma possível divisão do movimento no Brasil. Entretanto, enquanto o primeiro, escrito por um dos porta-vozes da Assembléia de Deus do Brasil, Emílio Conde, tenta suprimir as desavenças entre missionários e pastores brasileiros, comentando apenas a respeito de união dos periódicos, o terceiro, visto por alguém, no caso, Lewi Pethrus, que estava fora do ambiente instalado no movimento do Brasil, apresenta sim a crise e a tensão criada sobre essa Convenção. O segundo e o quarto relato apontam em direção da amenidade, da unidade e da compreensão da situação entre missionários e pastores nacionais. O segundo relato apresenta Deus como o responsável por toda a situação, logo não poderia ser questionado, pois era a verdade e a vontade suprema. Em contrapartida, o quarto relato, apresenta uma situação no mínimo curiosa, a de que os próprios missionários sentiram a necessidade de entregar a liderança para os pastores nacionais, ou seja, foi uma decisão que foi apresentada pelo alto da hierarquia aos subalternos, portanto indiretamente um discurso que nega as tensões, as discordâncias e a possível dissidência naquele momento. Por que tantas versões diferentes sobre um mesmo assunto? Uma “possível hipótese de resposta” a esta pergunta deixo para os capítulos adiante, pois explorarão os novos embates e discursos surgidos na Assembléia de Deus do Brasil. Por ora, cabe-nos apontar estas divergências discursivas.

A convenção em Natal de 1930 não foi caracterizada apenas pelo conflito entre a liderança sueca e brasileira em relação ao domínio sobre as comunidades no eixo Norte-Nordeste. Duas outras questões submeteram um choque de forças entre Gunnar Vingren e Samuel Nyström. O primeiro era o pioneiro e líder do movimento. O segundo era o representante e porta voz “oficial” da Igreja Filadélfia e da Missão Sueca. Embate que colocou em dúvida a unidade que havia entre os próprios missionários do movimento pentecostal assembleiano no Brasil. É fato que quando da saída de Vingren da igreja de Belém para assumir a igreja do Rio de Janeiro, o mesmo convidou Nyström para assumir seu lugar em Belém. Da mesma forma aconteceu quando Vingren saiu do Rio de Janeiro para voltar a Suécia, onde faleceu em 1933, convidando Nyström para assumir novamente seu lugar na Igreja de São Cristóvão, pois já haviam outras comunidades assembleianas na região, como a Igreja de Madureira, liderada pelo pastor Paulo Leivas Macalão, figura esta que será lembrada e analisada nos próximos capítulos. Diante destas situações parece-nos que a relação de Vingren e Nyström era de “amor e ódio”. Uso esta expressão apenas para relatar como a relação Vingren-Nyström era conturbada, com discordâncias, discussões públicas, respostas oficiais em periódicos, enfim, situações estas que se agravaram com alguns temas tratados na Convenção de 1930.

Um dos temas de debate entre Vingren e Nyström foi a respeito dos jornais Boa Semente e Som Alegre. O primeiro foi fundado em 1919 por Gunnar Vingren como órgão oficial do movimento assembleiano no Brasil, tendo como propósito o evangelismo e a propagação da mensagem pentecostal. Certamente foi utilizado como instrumento de legitimação não só para os fiéis, mas também em relação ao público externo, principalmente para os que desconheciam ou criticavam o movimento<sup>140</sup>. Quando da ida de Vingren para o Rio de Janeiro, como dito anteriormente, Nyström assume a liderança da igreja de Belém, bem como da direção do periódico Boa Semente, com a colaboração do missionário Nels Nelson.

---

<sup>140</sup> Gedeon Freire de Alencar faz uma análise interessante sobre as temáticas teológicas de destaque do periódico Boa Semente, o que de certa forma demonstra os objetivos e preocupações iniciais dos líderes do movimento. ALENCAR, 2010, p.79-80-81.



**Fonte:** Centro de Pesquisa do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD. Arquivos de Fotos pertencentes à Wesley Bergamin. Janeiro de 2012.



**Fonte:** Centro de Pesquisa do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD. Arquivos de Fotos pertencentes à Wesley Bergamin. Janeiro de 2012.

Basicamente a estética do periódico permaneceu intacta, mesmo com a mudança de direção. Continuaram abusando de textos longos, praticamente sem a utilização de imagens, que ainda era uma novidade no início do século XX no Brasil, principalmente na região Norte.

No Rio de Janeiro, Vingren funda o Som Alegre em novembro de 1929, sob o propósito de divulgação da mensagem pentecostal assembleiana na região Sudeste. No subtítulo constava a frase "*Jornal das Assembleas de Deus para avivamento espiritual*". Sua estética e estrutura das notícias pouco se diferenciava em relação ao *Boa Semente*.



**Fonte:** Centro de Pesquisa do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD. Arquivos de Fotos pertencentes à Wesley Bergamin. Janeiro de 2012.

Por isso, Gedeon de Alencar em sua análise suscita algumas perguntas:

Qual a razão desse jornal? Por que não juntar forças ao Boa Semente que estava sendo feito em Belém? Era uma estratégia de divulgação para amenizar a dificuldade de transporte e correio num país continental ou começava aqui a disputa de poder entre as igrejas/lideranças?<sup>141</sup>

Analisando alguns documentos percebe-se que há um silêncio sobre esta situação dos jornais. Algumas informações nos apresentam o rompimento ministerial entre Vingren e Nyström, principalmente devido a um tema que era motivo de discordâncias entre os dois missionários: o ministério feminino na Igreja. Isael de Araújo, pastor responsável pela maioria das publicações oficiais dos fatos históricos assembleianos, nos apresenta uma informação curiosa e que de certa forma foge do método ufanista de ressaltar as informações sobre a Assembléia de Deus. Em uma visita de campo, no início de 2012, ao Centro de Estudos do Movimento Pentecostal na Casa Publicadora das Assembléias de Deus, localizada em Bangu, no Rio de Janeiro sob liderança e responsabilidade de Isael, este me recebeu justificando que o papel dele é reunir, coletar e divulgar a “história assembleiana” sem acrescentar nada, muito menos realizar algum tipo de análise sobre o movimento, ou seja, apenas divulgar os fatos. Entretanto, sabemos que tais fatos podem ser apresentados de diversas maneiras, no caso de instituições religiosas, enfatizando a

<sup>141</sup> ALENCAR, op.cit., p. 78

direção divina sobre as situações. Dificilmente observaremos críticas a respeito de alguma situação ou mesmo opiniões que cause algum mal estar na denominação. Porém, em um dos documentos escritos por Isael, o mesmo afirma o seguinte:

[...] o lançamento de O Som Alegre no Rio de Janeiro pode ter sido uma das conseqüências das divergências entre Gunnar Vingren e Samuel Nyström pó causa do trabalho feminino na igreja. Em novembro de 1929, os dois decidiram se separar em paz no âmbito das atividades conjuntas em todo o país. A partir de então, passaram a existir dois jornais e dois hinários nas Assembléias de Deus. Basicamente, no Norte e Nordeste circulavam o Boa Semente e a Harpa Cristã, e no Rio de Janeiro, O Som Alegre e Psaltério Pentecostal [...].<sup>142</sup>

Parece-nos que por não terem chegado a um acordo decidiram criar dois pólos de poder no movimento assembleiano, a saber: um no Rio de Janeiro sob a liderança de Vingren e outro em Belém sob a liderança de Nyström. Este tipo de embate ministerial ou disputa de poder entre igrejas é algo que vai perdurar por toda história assembleiana, alcançando seu ápice na atualidade. Essa relação ou dialética presente-passado não pode ser desconsiderada ou esquecida, algo que Marc Bloch já chamava a atenção em *Apologia da História* afirmando que “a ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação”<sup>143</sup>.

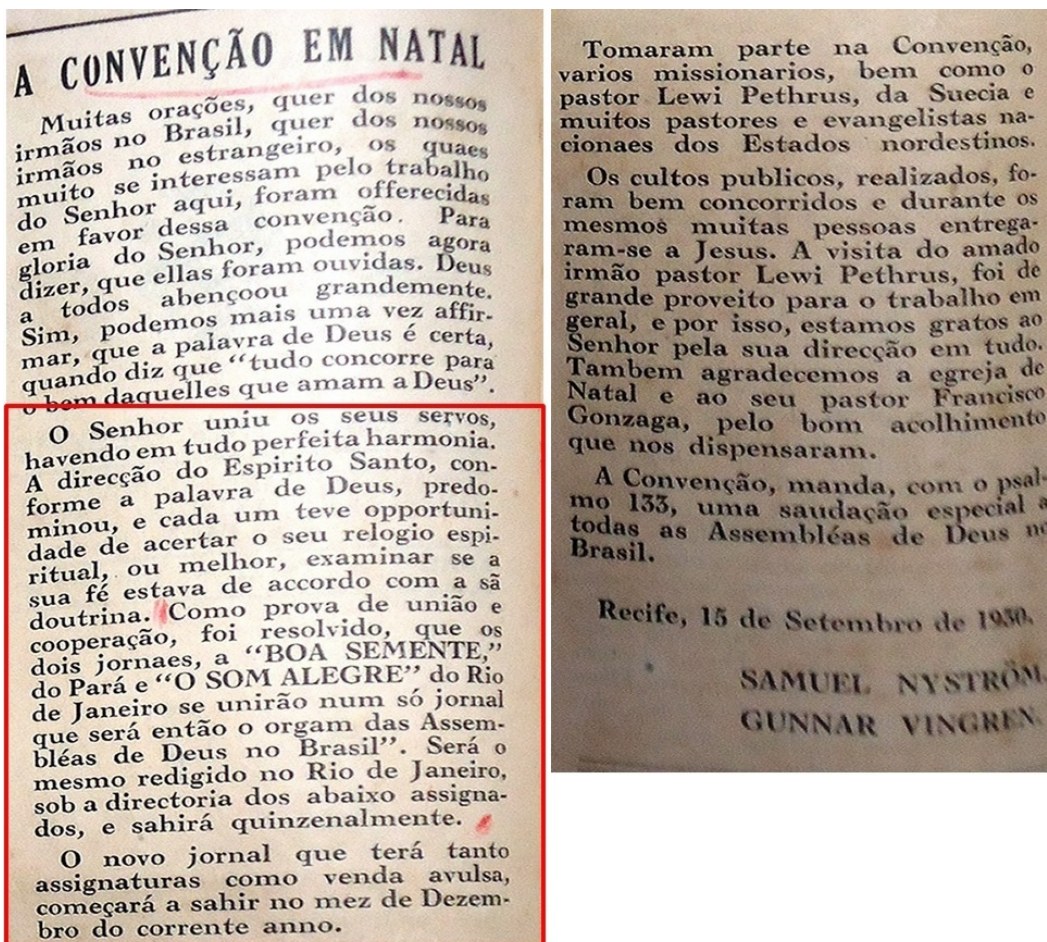
Embora as divergências entre Vingren e Nyström tenham se acentuado, a questão dos periódicos foram levados a Convenção de 1930 para decisão dos convencionais. Segundo os documentos, Vingren propôs a dissolução dos periódicos para a criação de apenas um periódico que seria o órgão oficial das Assembléias de Deus no Brasil. Entretanto, Vingren reivindicou a liderança das diretrizes do jornal em acordo com os convencionais. Tanto que as primeiras edições do Mensageiro da Paz são semelhantes ao O Som Alegre, mudando basicamente o nome do periódico. O Mensageiro da Paz seria confeccionado e impresso no Rio de Janeiro. Parece-nos que uma primeira batalha interna entre os dois missionários foi “ganha” por Vingren. Contudo, ficou estabelecido que Nyström seria co-diretor do Mensageiro da Paz, o que mostra de certa maneira a polarização do poder nestas duas figuras. É evidente que os redatores dos textos de ambos os jornais vão

---

<sup>142</sup> ARAÚJO, p. 270.

<sup>143</sup> BLOCH, p. 63.

expressar o ocorrido de maneira branda, enfatizando harmonia e união nas decisões. Basta observarmos a nota sobre a Convenção de 1930, publicada na página 2, da edição de outubro de 1930, número 11 do periódico O Som Alegre, dirigido por Vingren:



**Fonte:** Centro de Pesquisa do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD. Arquivos de Fotos pertencentes à Wesley Bergamin. Janeiro de 2012.

A primeira edição do Mensageiro da Paz saiu em dezembro de 1930, com um artigo escrito por Nils Katsberg, um dos missionários suecos no Brasil.



**Fonte:** Centro de Pesquisa do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD. Arquivos de Fotos pertencentes à Wesley Bergamin. Janeiro de 2012.

O segundo tema de embate entre Vingren e Nyström é justamente o possível motivador da dissidência em pólos de poder, como já apresentamos anteriormente: o ministério feminino da Igreja. Esse assunto foi debatido enfaticamente entre as duas partes, sendo levado à Convenção para decisão de toda a liderança.

Vingren era um entusiasta do ministério feminino. Samuel Nyström, que falava em nome da missão Sueca, era contrário a participação feminina no ministério. Frida Strandberg, esposa de Vingren, foi participativa junto ao ministério do marido. Segundo Gedeon de Alencar:

Ela prega, canta, toca, escreve poemas, textos escatológicos, visita hospitais, presídios, realiza cultos e – nada comum- dirige a igreja na ausência do marido (e, segundo algumas insinuações, na presença também)<sup>144</sup>

Segundo o Diário de Vingren,

A irmã Frida tomou a frente dos cultos ao ar livre. Faziam-se cultos na Praça da Bandeira, Estação Central, Praça 11 e Largo da Lapa. Dessa forma muitas pessoas ouviram a Palavra de Deus.<sup>145</sup>

Além de dirigir cultos, Frida teve papel fundamental na redação e organização dos periódicos Boa Semente, O Som Alegre e mesmo depois com o Mensageiro da Paz. Vejamos uma de suas publicações no O Som Alegre, quando

<sup>144</sup> ALENCAR, op. cit., 2010. p. 124-125.

<sup>145</sup> VINGREN, op.cit., p. 140-141.

da viagem de Vingren para a Suécia com o objetivo de convidar Lewi Pethrus para a Convenção de 1930, que seria realizada em Natal.



“ JORNAL DAS ASSEMBLÉAS DE DEUS PARA AVIVAMENTO ESPIRITUAL ”

---

BEMAVENTURADO O POVO QUE CONHECE O SENHOR NA LUZ DA TUA FACE, (Psalmo, 89:15). | EIS AQUI VOS DOU NOVAS DE GRANDE ALEGRIA, QUE SERA' PARA TODO O POVO. (S. Lucas, 2:10).

---

ANNO I ~ N. 7 ~ Junho de 1930 ~ Director: Gunnar Vingren ~ Caixa 3053 ~ RIO DE JANEIRO

---

## I r m ã o s A m a d o s

Mais uma vez, vem cumprimentar-vos o “O Som Alegre”, e, quando elle vos chegar ás mãos, já o seu director se achará longe daqui.

Elle embarcou no dia 22 de Maio para a Suecia, juntamente com o missionario Simon Lundgren e familia, de Santos.

O motivo dessa viagem não foi outro senão, o que o Senhor lhe mandou. Comprehendemos que Deus quiz que elle fosse para assistir á convenção annual dos obreiros, que alli se realizará no mez de Junho. Constará essa de uma semana de consagração, oração e estudos biblicos.

Elle voltará provavelmente em Setembro, talvez em companhia de outros irmãos, que esperamos também. Oremos para que o Senhor o abençoe e o fortaleça, de modo que, ao voltar, venha com as forças renovadas. Elle se achava bastante cansado com as luctas a que se tem entregue durante quasi 8 annos de permanencia aqui.

Esperamos também que, ao regressarem esses irmãos, se realize uma convenção em Natal, Rio Grande do Norte, já ha muito tempo planejada pelos irmãos dalli. Oremos, então, para que o

Senhor nos dê uma convenção gloriosa, aonde sobre o verdadeiro vento pentecostal. O “vento sul” e o vento norte” se encontrarão, e difficuldades e perturbações hão



*Missionario Gunnar Vingren*

de desaparecer. Maravilhoso é o Senhor! Nelle confiamos. O nosso zelo pela obra de Deus pode ser muito grande mas o do Senhor é ainda maior. Sim, o seu amor é grande, e de fórma alguma Elle dará a sua herança como presa ao inimigo.

Aguardemos agora, noticias da Suecia, para que os nossos ir-

mãos de Natal resolvam o tempo, em que se deve realizar a dita convenção.

Tambem, peço eu, humilde serva do Senhor e vossa, oração em meu favor, para que possa continuamente fazer a sua vontade. Quero sómente, ser fiel ao meu amado e bemdicto Salvador.

Assim, continuarei o trabalho com o auxilio do irmão Carlos Brito, e o “O Som Alegre” não ha de ser abafado, mas sahirá como de costume. Seremos gratos pela cooperação dos irmãos, e cremos que pela vossa oração e pelo auxilio do Espirito Santo, tudo concorrerá para benção do povo de Deus, e para honra e gloria de nosso Senhor Jesus Christo.

FRIDA VINGREN

---

Quão suaves são sobre os montes, os pés do que annuncia boas novas, que faz ouvir a paz, que annuncia o bem, que faz ouvir a salvação; que diz a Sião: “o teu Deus reina”. Isa 52:7.

O Senhor te guardará de todo o mal; guardará a tua alma. O Senhor guardará a tua entrada e a tua saída, desde agora e para sempre. Ps. 121:7.8.

Fonte: Centro de Pesquisa do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD. Arquivos de Fotos pertencentes à Wesley Bergamin. Janeiro de 2012.

Diante da participação de Frida na direção de alguns trabalhos, Nyström, contrário a tal posição, escreve uma carta a Gunnar Vingren criticando-o, devido a participação de Frida em ministérios. Vingren respondeu a carta, sustentando seu posicionamento, chegando inclusive a consagrar uma diaconisa na Assembléia de São Cristóvão no Rio de Janeiro. Segundo relatos, Nyström viajou até o Rio de Janeiro para discutir pessoalmente com Vingren sobre o assunto. De acordo com documentos da denominação, algumas cartas de Vingren falavam sobre essa situação, cartas que não foram divulgadas nos diários de Vingren. Silas Daniel, no livro *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*, disponibiliza o conteúdo de algumas destas cartas não divulgadas.

Samuel Nyström chegou do Pará. Não se humilhou. Sustenta que a mulher não pode pregar nem ensinar, só testificar. Disse mais que, provavelmente, vai embora do Brasil. [...] Chegaram Samuel (**Nyström**), Simon (**Lundgren**) e Daniel (**Berg**). Samuel não se humilhou. Separamo-nos em paz, mas para não trabalhar mais juntos, nem com jornal ou nas escolas bíblicas, até o Senhor nos unir. Simon disse que ficava de fora, e Daniel tinha convidado Samuel a trabalhar em São Paulo. Assim, disse para ele: “Estamos separados” [...] Samuel Nyström chegou do Pará. Está indo para São Paulo. Ele não tem mudado a opinião concernente à mulher. Disse que não é bíblico a mulher pregar, ensinar e doutrinar.<sup>146</sup>

Vale lembrar que estes encontros entre Vingren e Nyström aconteceram no período de final de 1929 ao início de 1930, antes da Convenção que seria realizada em Natal em 1930. Em conformidade com os registros, Vingren tentou convencer Nyström sobre a importância da participação das mulheres nos ministérios, a partir das experiências pessoais.

---

<sup>146</sup> DANIEL, op.cit., p.35

Deus é testemunha de que o meu único desejo é que o Espírito Santo possa ter o seu caminho, o seu próprio caminho neste país, e que esta gloriosa obra divina possa continuar da mesma forma que começou. Não posso deixar de apresentar a minha convicção de que o Senhor chamou e ainda está chamando homens e mulheres para o serviço do Evangelho, para ganhar almas e testificar do seu amor. Sei que todos nós, juntos no Céu, nos alegraremos um dia pelas almas que ganhamos para Jesus durante a nossa vida. Eu mesmo fui salvo por uma irmã evangelista que veio visitar e realizar cultos na povoação de Björka, Smaland, Suécia, há quase trinta anos. Depois veio uma irmã dos Estados Unidos e me instruiu sobre o batismo no Espírito Santo. Também quem orou por mim para que eu recebesse a promessa foram irmãs. Eu creio que Deus quer fazer uma obra maravilhosa neste país. Porém, com o nosso modo de agir, podemos impedi-la. Para não impedi-la, devemos dar plena liberdade ao Espírito Santo para operar como Ele quiser.<sup>147</sup>

Provavelmente Vingren tinha consciência de que Nyström iria usar a Convenção para colocar este assunto em pauta. Além disso, Nyström também tinha consciência de que parte dos missionários suecos estava de acordo com a não participação feminina, segundo as diretrizes da Igreja Sueca. Sabia também que poderia contar com o apoio da maioria dos pastores nacionais, pois a cultura nortista-nordestina, à qual pertenciam praticamente todos, era rígida quanto à participação feminina em qualquer instância social, que não fosse dentro da própria casa. Essa postura praticamente dominava a formatação social no Brasil no início do século, basta lembrarmos da instituição do voto feminino somente em 1932.

Na primeira batalha Vingren-Nyström, Gunnar Vingren sobressaiu no embate dos periódicos, tornando-se diretor do Mensageiro da Paz. Obviamente que apresentar tais assuntos na Convenção seria indiretamente uma espécie de embate sobre quem possui maior poder de influência no movimento assembleiano. Contudo, em relação à questão do ministério feminino, a opinião de Nyström, de certa forma prevaleceu entre os convencionais. A resolução final sobre o assunto diz o seguinte:

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou se ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12. 3-8. Isso deve acontecer somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar.<sup>148</sup>

---

<sup>147</sup> Ibid., p. 39

<sup>148</sup> Ibid., p. 40

Evidentemente que a questão do ministério feminino na Assembléia de Deus continua sendo um tema debatido nas reuniões convencionais. As comunidades ligadas à CGADB, Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil não permitem e não reconhecem a ordenação de mulheres para o ministério. Entretanto, outros setores da Assembléia, dissidentes, como o Ministério Madureira, consagram mulheres para o ministério, inclusive pastoral.

A Convenção de 1930 realizada em Natal foi uma espécie de ponto final de um período e início de outro, não só pelo ambiente de tensão instalado e pelos embates entre os líderes, mas principalmente pelo fato de que as diretrizes definidas nesta reunião consolidaram a vinda maciça dos missionários para as regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil, estabelecendo novos centros de poder e influência sobre o movimento. Parece-nos que após esta Convenção, novos rumos foram delineados pelo movimento no Brasil, suscitando novos debates, análises e questionamentos. O processo de institucionalização que acontece no interior do movimento a partir de 1930 vai apresentar uma nova identidade assembleiana, não pautado somente na experiência e divulgação do batismo com Espírito Santo, mas agora através da instituição de doutrinas, regras, diretrizes, estruturas, hierarquias, enfim, ultrapassando o mundo da experiência pessoal.

**PARTE II – “IDE E PREGAI POR TODA A NAÇÃO!”: RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DO PROCESSO DE FORMALIZAÇÃO TEOLÓGICA E INSTITUCIONAL (1930-1980).**

Nesta segunda parte da pesquisa analisaremos o processo de expansão da Assembléia de Deus, em direção as regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil. Para tanto, abordaremos questões sociais, econômicas e culturais que contribuíram para o crescimento assembleiano em todo território brasileiro. Esse processo expansionista reconfigurou, redefiniu, reconstruiu a identidade assembleiana pós convenção de 1930, a partir da formalização teológica e institucional do movimento. Movimento este, que outrora estava baseado em experiências subjetivas do transcendente, principalmente através do batismo no Espírito Santo, agora sofre mudanças e transformações significativas na caracterização identitária. Contudo, tais transformações e mutações produzem tensões, externas e internas, que delinearam o processo construtivista da Assembléia de Deus como denominação religiosa, apresentado-a como a maior igreja evangélica do Brasil.

## **5 A EXPANSÃO ASSEMBLEIANA NO CONTEXTO CULTURAL DO BRASIL PÓS-1930.**

O rápido crescimento verificado nas regiões Norte e Nordeste impulsionaram a propagação da mensagem pentecostal assembleiana nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste na metade da década de 20 em diante. Mas porque digo “mensagem pentecostal assembleiana” nestas regiões? Vale lembrar que a mensagem pentecostal não se propagou apenas via Assembléias de Deus, pelos missionários pioneiros desta denominação, Gunnar Vingren e Daniel Berg. Antes mesmo da chegada dos pioneiros em novembro de 1910, meses antes, chegou ao Brasil, Louis Francescon, que pertencia à Igreja Presbiteriana Italiana, em Chicago nos EUA. Após as revelações recebidas acerca do batismo por imersão, a sua retirada da Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago e a experiência do batismo no Espírito Santo, Francescon foi para Buenos Aires, na Argentina, em janeiro de 1910 e fundou a primeira igreja pentecostal da América Latina, chamada Assembléia Cristã. Em março do mesmo ano rumou para o Brasil, mais especificamente para uma colônia italiana na cidade de Santo Antônio da Platina, no estado do Paraná, onde pregou suas convicções religiosas, conquistando alguns adeptos. Logo rumou para São Paulo pregando o batismo com imersão e o batismo no Espírito Santo.

A Congregação Cristã do Brasil, como passou a ser chamada alguns anos depois, já havia propagado a mensagem pentecostal principalmente nas grandes capitais da região Sul e Sudeste, casos de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba. Além disso, algumas cidades interioranas receberam esta mensagem através dos imigrantes italianos que chegaram ao Brasil no período da expansão cafeeira no oeste de São Paulo, sul do Rio de Janeiro e norte do Paraná. Isso se reflete nos dados sobre membresia, entre a Congregação Cristã e as Assembléias de Deus. Segundo os pesquisadores, até o final da década de 1920, a Congregação possuía mais membros que as Assembléias, mas a partir de 1930, com a industrialização, êxodo rural, migração interna e o processo de institucionalização da igreja, a Assembléia de Deus do Brasil cresceu exorbitantemente, conforme pretendo demonstrar mais adiante de forma detalhada.

**TABELA 7 – Membros Comungantes das Igrejas evangélicas tradicionais e pentecostais de 1900-1930.<sup>149</sup>**

IGREJAS	1900	1930
<b><u>1.Tradicionais</u></b>	33.530	121.879
Batista	4.582	41.090
Presbiteriana	19.108	46.032
Metodista	5.596	15.480
Congregacional	2.030	4.063
Episcopal	1.506	3.364
Adventista	—	7.083
Outras	708	4.767
<b><u>2.Pentecostais</u></b>	—	44.311
Assembléia de Deus	—	<b><u>13.511</u></b>
Congregação Cristã	—	<b><u>30.800</u></b>

Um fato inusitado é que Vingren, em suas memórias, menciona ter conhecido Francescon em uma de suas viagens pelo Sudeste brasileiro citando o fundador da Congregação Cristã do Brasil em seu diário publicado pela CPAD. Vale lembrar que a maioria das igrejas evangélicas condena as doutrinas da Congregação Cristã do Brasil, sendo considerada seita, por alguns grupos religiosos. Vejamos o relato de Vingren, que não demonstrou qualquer aversão em relação ao que pregava Louis Francescon e seus adeptos.

Na viagem de volta ao Pará, Vingren visitou vários lugares: Itajaí, São Paulo, São Bernardo e Rio de Janeiro. Em São Bernardo visitou uma igreja pentecostal italiana. “ Senti a liberdade do Espírito Santo entre esses crentes. Eles testificavam de maneira gloriosa e falavam em línguas pela operação do Espírito Santo. O irmão Luiz Francesconi falou-me sobre todos os milagres que Deus havia realizado, quando enfermos haviam sido curados. O Senhor curar paralíticos, cegos, tuberculosos e aqueles que haviam quebrado pernas e braços.<sup>150</sup>

Podemos observar com este relato que, segundo Vingren, a mensagem pentecostal estava sendo propagada nas regiões Sudeste e Sul. Enquanto isso, o grande foco de concentração e crescimento das Assembléias de Deus continuava sendo o Norte e o Nordeste, mas logo as visitas para o “sul do

<sup>149</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo Rolim. *Pentecostais no Brasil: Uma interpretação Sócio-Religiosa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985. p.104.

<sup>150</sup> VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro*. 13.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p.117.

Brasil” se tornaram constantes entre os missionários pioneiros. Este movimento de vinda dos missionários, principalmente os de nacionalidade sueca, para as regiões Sudeste e Sul do Brasil se deveu principalmente ao processo de institucionalização da igreja e de formação da identidade, como igreja autóctone, na região Norte-Nordeste. O crescimento aleatório da igreja, através dos fiéis que freqüentavam este movimento e que partiam rumo a sua terra para pregar as experiências, além do declínio do surto da borracha<sup>151</sup>, fazendo com que muitos migrantes nordestinos voltassem a terra natal, obrigou a liderança dos missionários suecos a consagrarem obreiros e pastores nativos, com o intuito de enviá-los para as regiões onde estavam instaladas pequenas comunidades assembleianas. Apesar disso, as grandes igrejas, principalmente as instaladas nas capitais do Norte e Nordeste, ficaram durante alguns anos sob domínio dos missionários suecos, casos de Vingren em Belém, Samuel Nyström em Manaus, Joel Carlson em Recife e Otto Nelson em Maceió. Contudo, como apresentado anteriormente, a Convenção de 1930 e as decisões ali outorgadas colaboraram significativamente no processo de “migração missionária estrangeira” para o Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil.

Alguns missionários já estavam desenvolvendo trabalhos e fundando igrejas, principalmente nas capitais. Todavia, os rumos empreendidos após a convenção impulsionou a vinda dos missionários suecos para o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Campinas, Santos, Niterói, Curitiba, Mafra, Porto Alegre, enfim, cidades onde se instalariam igrejas assembleianas, principalmente com a chegada dos missionários. Gunnar Vingren, por exemplo, missionário fundador, já estava desenvolvendo um trabalho na cidade do Rio de Janeiro desde 1924, e Daniel Berg estava iniciando uma igreja no estado do Espírito Santo:

Continuou ainda durante algum tempo em Belém do Pará, mas agora tinha certeza que o Senhor o tinha chamado para a sua seara na região Sudeste, no Rio de Janeiro, onde encontrara as portas abertas e alcançara tantas bênçãos junto com o grupo de crentes ali. Assim, por direção do Espírito Santo, ele decidiu mudar-se definitivamente para o Rio de Janeiro [...] Daniel Berg já se havia mudado para o Sudeste – Estado do Espírito Santo, onde realizava mais um trabalho pioneiro, pois fundou a igreja naquele Estado.<sup>152</sup>

<sup>151</sup> SIEPIERSKI, P. D. *Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo*. In: OLIVA, Alfredo dos Santos. *O discurso sobre o mal na Igreja Universal do Reino de Deus: Uma história cultural do Diabo no Brasil Contemporâneo(1977-2005)*. 2005. (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Assis. p.170-171..

<sup>152</sup> VINGREN, op.cit., p.133-134.

O que podemos afirmar através dos relatos é que a decisão convencional de 1930, a de entregar alguns campos evangelizados nas mãos dos pastores brasileiros, fez com que boa parte dos missionários que chegavam da Suécia e, principalmente aqueles que já estavam no Brasil trabalhando no eixo Norte- Nordeste, migrassem para o Sudeste, Sul e posteriormente para o Centro-Oeste do Brasil, principalmente nas décadas de 1930 e 1940. Além dos missionários pioneiros, podemos observar através da tabela abaixo, que em 1930, as cidades de Belo Horizonte, Santos e Curitiba, contavam com missionários suecos à frente do trabalho. Em Porto Alegre, em 1931, também se registra a presença no pastorado um missionário sueco, assim como em Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

**TABELA 8** – “Igrejas Séde” e pastores em 1931<sup>153</sup>

<b>MENSAGEIRO DA PAZ</b>	<b>CIDADE</b>	<b>PASTOR</b>	<b>PASTORES ESTRANGEIROS</b>	<b>PASTORES NACIONAIS</b>
	<b>12 IGREJAS “SÉDE”</b>			
<b>01/12/30</b>	<b>1.Rio de Janeiro</b>	<b>Gunnar Vingren</b>		
	<b>2.Bello Horizonte</b>	<b>Nills Kastberg</b>	<b>07</b>	<b>05</b>
	3.Recife	Joel Carlson		
	4.Maceio	Algot Svenson	58,3%	41,7%
	5.Natal	Francisco Gonzaga		
	6.Parayba do Norte	Cícero de Lima		
	7.Maranhão	Manoel Cezar		
	8.Mana’os	José Moraes		
	<b>9.Santos</b>	<b>John Sorheim</b>		
	10.Pará	Nels Nelson		
	11.Curityba-Paraná	Bruno Skolimowsky		
	12.Bahia	Otto Nelson		
	<b>14 IGREJAS “SÉDE”</b>			
<b>01/01/31</b>	<b>Bello Horizonte</b>	<b>Clímaco Bueno Aza</b>	<b>09</b>	<b>05</b>
	<b>Porto Alegre</b>	<b>Gustavo Nordlmed</b>	64,3%	35,7%
	São Salvador-Bahia	Otto Nelson		
	<b>S. Paulo</b>	<b>Samuel Nyströn</b>		
	<b>15 IGREJAS “SÉDE”</b>			
<b>15/01/31</b>	<b>Nichteroy- Estado de Rio</b>	<b>Samuel Heldlum</b>	<b>10</b>	<b>05</b>
			66,7%	33,3%
	<b>16 IGREJAS “SÉDE”</b>			
<b>15/08/31</b>	Fortaleza- Ceará	Antonio Rego Barros	<b>11</b>	<b>05</b>
<b>15/11/31</b>	Bello Horizonte	Nills Kastberg	68,7%	31,3%
	Maceio	Antonio Rego Barros	<b>09</b>	<b>06</b>
	Fortaleza	Julião Silva	56,3%	43,7%

<sup>153</sup> ALENCAR, op. cit., p.95. Gedeon Freire de Alencar manteve a grafia original em sua pesquisa, assim não me cabe a mudança desta grafia. Portanto, manteve-se a grafia original também neste trabalho.

Portanto, nesse período acontece uma grande migração de missionários suecos e estrangeiros ligados às Assembléias de Deus do Brasil para o eixo Sudeste-Sul. Vale destacar que em algumas regiões já havia agrupamentos religiosos, mas que ainda não estavam consolidados. Em contrapartida, em outras localidades o trabalho deveria ser iniciado, como aconteceu com Bruno Skolimowsky, pastor que estabeleceu trabalhos em colônias européias, principalmente polonesas na região de Curitiba, no estado do Paraná.

Embora, a migração missionária para estas regiões possa ser o motor do crescimento assembleiano pós-1930, parece-nos que há outros motivos e elementos externos indispensáveis para análise, que proporcionaram o crescimento da “obra pentecostal” assembleiana nas outras regiões do Estado Nacional. Elementos estes que envolvem, diretamente, questões econômicas, políticas e sociológicas.

O crescimento das Assembléias de Deus no Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil, foi sem dúvida relevante e significativa quando analisado o movimento como parte do campo religioso brasileiro. Podemos pensar em algumas explicações sociológicas e históricas para este crescimento. Algumas afirmações partem na direção da mudança do centro do movimento assembleiano, transferindo a estrutura de poder do Norte-Nordeste, na década de 1940 e 1950, para a região Sudeste, mais especificamente para o Rio de Janeiro, que nesse momento ainda era a capital federal. Após vários debates e pesquisas, podemos observar alguns pontos de destaque para este crescimento sob a ótica dos elementos externos à igreja. Primeiramente, sob o aspecto econômico, devemos analisar brevemente a expansão das plantações de café, que atingiu o oeste paulista e o norte do Paraná, o desenvolvimento industrial da linha São Paulo- Rio de Janeiro, atingindo o Vale do Paraíba e cidades próximas as capitais, e a expansão do cinturão agropecuário nas regiões Sul e Centro-Oeste.

Lembremo-nos que o crescimento verificado nos primeiros anos da Assembléia de Deus no Brasil foi impulsionado pelo declínio da extração do látex na década de 1920, fazendo com que muitos migrantes do Nordeste regressassem e compartilhassem com seus familiares a mensagem pentecostal das Assembléias de Deus, principalmente a questão da cura e do batismo com o Espírito Santo, expandindo a rede de propagação do movimento. Contudo, não havia nos seringais apenas nordestinos, muitos eram “sulistas”, que também regressaram após o

descenso da produção da borracha. Evidentemente, eram núcleos familiares pequenos e em menor proporção em relação aos nordestinos. O declínio da extração do látex e da produção da borracha, na década de 1920, é acompanhado em seguida pelo auge da produção cafeeira em estados como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná. Regiões como o oeste paulista e o norte do Paraná se transformaram rapidamente, formando-se núcleos urbanos, atraindo famílias de várias regiões do Brasil. O oeste paulista transformou-se em uma região de prestígio e poder. Os novos barões do café participaram ativamente do processo republicano no Brasil, chegando a firmar alianças políticas e econômicas com o estado de Minas Gerais, que ficou conhecida popularmente como a política do café-com-leite, que tinha como objetivo o revezamento no poder dos representantes destes Estados, no período da República Velha.

O crescimento da produção cafeeira demandava uma grande quantidade de mão-de-obra. Assim, várias famílias migraram para as regiões cafeeiras, suprimindo em parte a necessidade de mão-de-obra. A solução foi a abertura para entrada de imigrantes no Brasil. Milhares de imigrantes desembarcaram no Brasil e logo foram utilizados em trabalhos na produção do café. Porém, algumas regiões necessitavam de maior contingente de mão-de-obra e a alternativa viável foi a divulgação de “novas oportunidades no Sul”, para a população das regiões Norte e Nordeste, que estavam sofrendo com a estagnação comercial das regiões. Dessa forma, famílias inteiras, na expectativa de melhoria de vida, migraram para os estados do Sudeste e Sul. O período do “ouro verde” atraiu milhares de pessoas para estas regiões. Estes novos núcleos urbanos foram “invadidos” por estrangeiros e “nordestinos”. Com isso, grupos e famílias que já pertenciam às Assembléias de Deus no Brasil, quando chegavam às novas terras, iniciavam uma espécie de congregação local, convidando outras famílias a participarem, transformando-se, em uma igreja que necessitava de um obreiro responsável. De fato, a expansão do café contribuiu para a expansão das Assembléias de Deus.

Entretanto, a quebra da bolsa de Valores em Nova Iorque e a consequente crise econômica de 1929 colaboraram com a desvalorização do café diminuindo a quantidade das exportações. Houve ainda uma sobrevida no norte do Paraná, porém após intempéries intermitentes as plantações de café praticamente foram dizimadas nessa região. Entretanto, acompanhando a expansão do café,

especificamente na década de 1940, há o crescimento industrial no Brasil e, conseqüentemente, o desenvolvimento urbano, principalmente nas grandes capitais da região Sudeste. Esse crescimento verificado principalmente no governo getulista desenvolveu, principalmente a faixa São Paulo-Rio de Janeiro, com a instalação de indústrias nas capitais e na região do Vale do Paraíba. Em 1941, foi instalada em Volta Redonda, no governo de Vargas, a Companhia Siderúrgica Nacional. Investimento do Estado para o desenvolvimento do setor industrial do Brasil. Além da siderurgia, muitas outras empresas se desenvolveram nestas regiões. Este fato, também colaborou para a vinda de milhares de nortistas e nordestinos, à procura de trabalho e de melhores condições de vida. São Paulo foi “invadido” pela chamada migração nordestina, um evento social significativo na história recente do Brasil. Obviamente, as grandes capitais do Norte e do Nordeste também se desenvolveram industrialmente, mas tardiamente, somente no final da década de 1960 e 1970. Contudo, na região Sudeste a indústria foi se expandindo rapidamente, fazendo com que a procura por “mão-de-obra barata e viável”, para a manutenção de lucros, fosse aumentando. De fato, grandes igrejas surgiram com o crescimento industrial e conseqüentemente com o crescimento urbano. Parece-nos que algumas igrejas acompanharam o desenvolvimento industrial expandindo-se com a construção de templos em vários locais de uma mesma cidade, demonstrando de alguma forma que as comunidades eclesiais estavam seguindo os rumos da modernização. Os pequenos grupos de anos anteriores, se transformaram em grandes igrejas, em locais privilegiados, conquistando as variadas classes sociais da cidade, que incluíam os migrantes nacionais.

Por fim, a expansão agropecuária mecanizada no Centro-Oeste e Sul do Brasil desenvolveu significativamente algumas regiões transformando pequenos vilarejos em grandes centros urbanos, já no final de década de 1950 e início da década de 1960. Cidades como Cuiabá, Campo Grande, Cascavel, Presidente Prudente, Chapecó, Erechim e Passo Fundo acompanharam esse movimento, seja com a agricultura ou com a pecuária. Comunidades assembleianas se desenvolveram nessas regiões, proporcionando a chegada de missionários e obreiros com o intuito de desenvolver trabalhos evangelísticos e de propagação da mensagem pentecostal assembleiana.

Porém, outro dado é de fato muito interessante para compreendermos tal crescimento. Embora, as Assembléias de Deus tenham

crescido de maneira aleatória e indisciplinada durante seus vinte primeiros anos, com a realização da Convenção de 1930, em Natal, este panorama foi modificado. Observa-se a intenção de organização da igreja. Lembrando que, inicialmente, não havia o propósito de “institucionalizá-la e formalizá-la”, mesmo que na prática fosse inevitável, pois o conceito de igreja livre e congregacional era respeitado, mas pouco praticado. Contudo, o desejo de organizar a igreja era uma questão de necessidade para os líderes assembleianos. Os missionários suecos, tampouco os pastores brasileiros, tinham consciência da dimensão da igreja que estava se formando. Desse modo, organizar-se era necessário, pois colaboraria muito para o crescimento e manutenção da Assembléia de Deus nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, verificado na análise de algumas resoluções convencionais que faremos adiante.

Vale ressaltar que esta organização não aconteceu aleatoriamente ou a partir de um sentimento de institucionalização por parte da liderança assembleiana. No governo getulista algumas exigências são anunciadas, as quais deveriam ser cumpridas ou as sanções seriam inevitáveis. A Assembléia de Deus se viu obrigada a organização. Um decreto do presidente Getúlio Vargas exigia que todos os jornais do país se registrassem imediatamente no D.I.P, um organismo controlador da imprensa, e que somente entidades com personalidade jurídica poderiam possuir jornais. Dessa forma, a Convenção criou a Casa Publicadora das Assembléias de Deus do Brasil (CPAD), com elaboração estatutária para assim, ser permitida a comercialização e divulgação do periódico Mensageiro da Paz. Em uma primeira análise estas questões políticas não tiveram efeitos imediatos na Assembléia de Deus, mas logo outras necessidades organizacionais foram surgindo em relação as igrejas, aos obreiros, a estrutura eclesiástica e às doutrinas. A institucionalização era inevitável.

Posteriormente a criação da CPAD, a CGADB torna-se pessoa jurídica, há também a formulação dos “usos e costumes”, enfim, uma série de medidas que colaboraram para o processo organizacional da denominação. Além disso, vale lembrar que o crescimento aleatório do movimento veio acompanhado da necessidade de consagração de vários obreiros para que a mensagem pentecostal assembleiana, não perdesse o foco. Assim, na Convenção de 1931, realizada no Rio de Janeiro, às pressas, pois seria realizada em Belém do Pará e por problemas acabou sendo realizada na capital federal, a discussão foi em torno de como deve

ser o fiel assembleiano frente à sociedade, com o tema santificação. Percebe-se a tentativa inicial de formatação da identidade assembleiana.

O processo de organização nas décadas de 1930 e 1940, apoiado com a consagração de obreiros, que seriam enviados para várias localidades do Brasil, consolidou as Assembléias de Deus no cenário evangélico brasileiro. Desse modo, grandes igrejas foram se formando nas capitais dos estados. A região Sudeste tornou-se, na década de 1950, o centro do movimento pentecostal assembleiano. Além disso, há uma constatação interessante desse movimento dos nortistas e nordestinos para as outras regiões brasileiras, sendo incluídos também os obreiros:

Tal constatação sinalizava o perfil que a Assembléia de Deus ganharia daí para a frente: uma influência marcante da liderança pentecostal do Nordeste. Isso foi se confirmando cada vez mais com a substituição dos missionários por novos obreiros. Quando os missionários suecos foram deixando seus postos no Sul e Sudeste do país, a maioria dos pastores a assumirem a liderança das principais igrejas nessas regiões era de origem nordestina ou nortista. Dessa forma, foi extremamente marcante a influência dos líderes nordestinos na formação das Assembléias de Deus, praticamente em todas as regiões.<sup>154</sup>

Portanto, podemos ver a influência nordestina e nortista até hoje nas Assembléias de Deus, pois seus líderes na grande maioria pertencem a famílias da região Norte-Nordeste do Brasil, inclusive o atual presidente da CGADB, onze vezes eleito, desde 1988, José Wellington Bezerra da Costa é de tradicional família nordestina.

Apesar da relação pioneira da Assembléia de Deus com o Norte-Nordeste, bem como com a grande concentração nortista e nordestina, principalmente na liderança da igreja, o Sudeste torna-se o centro administrativo da denominação sendo as sedes da CGADB e CPAD localizadas em São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente. Francisco Cartaxo Rolim, observou o grande crescimento do pentecostalismo nas regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste.

---

<sup>154</sup> DANIEL, op. cit., p.95.

**TABELA 9** – Distribuição dos pentecostais, por Regiões.<sup>155</sup>

REGIÕES	1955	1960	1965	1970
Norte	7,2	5,7	4,6	5,0
Nordeste	21,0	20,0	17,3	15,9
Sudeste	56,0	58,4	53,8	52,3
Sul	14,1	13,0	20,1	21,1
Centro-Oeste	1,7	2,9	4,2	5,7
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Vejam os a evolução das Assembléias na região Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil e seu grande crescimento em relação a origem no Norte-Nordeste, em dez anos:

**TABELA 10** – Membros Comungantes por Regiões, 1955.<sup>156</sup>

DENOMINAÇÕES	REGIÕES					TOTAL
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	
<b>PENTECOSTAIS</b>	28.523	83.134	221.188	55.528	6.625	394.998
<b>Assembléia de Deus</b>	27.806	76.647	122.309	23.211	5.627	255.600
<b>Congregação Cristã</b>	_____	129	70.004	18.992	312	89.437
<b>Outros</b>	717	6.358	27.826	13.205	686	48.792

**TABELA 11** – Membros Comungantes por Regiões, 1965.<sup>157</sup>

DENOMINAÇÕES	REGIÕES					TOTAL
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	
<b>PENTECOSTAIS</b>	47.371	176.528	549.273	205.599	43.158	1.021.929
<b>Assembléia de Deus</b>	46.945	162.043	245.006	106.102	30.988	591.084
<b>Congregação Cristã</b>	_____	2.391	218.684	66.094	2.732	289.901
<b>Outros</b>	426	12.094	66.177	29.090	8.354	116.141

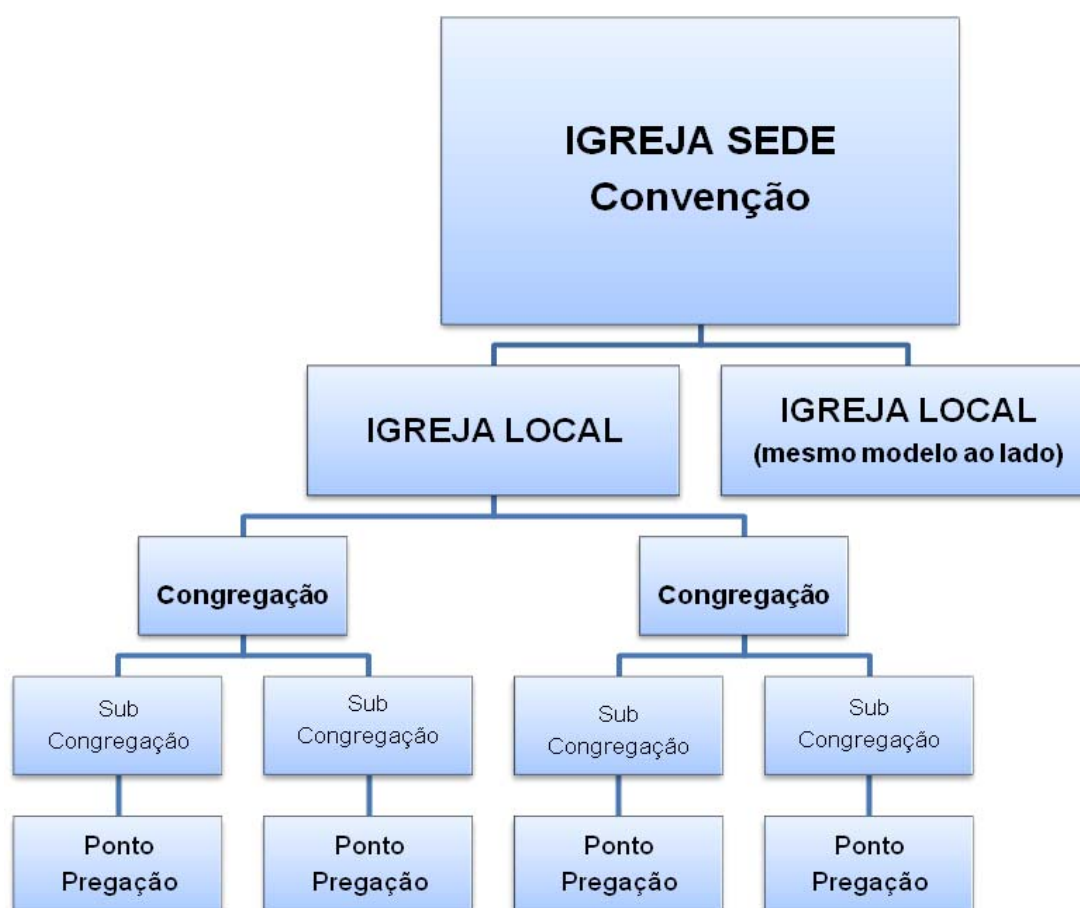
<sup>155</sup> ROLIM, op. cit., p.106. (Estatística do Culto Protestante do Brasil)

<sup>156</sup> Ibid., p.106.

<sup>157</sup> Ibid., p.106

Os números mostram o grande crescimento da mensagem pentecostal e da Assembléia de Deus nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, obviamente levando em consideração as proporções populacionais. Como dissemos anteriormente, este crescimento proporcionou maior organização das Assembléias de Deus que na década de 1960 se consolidou como a maior igreja evangélica do Brasil, superando a Igreja Luterana. O fato é que grandes igrejas foram se constituindo e com isso houve a necessidade da oficialização de sedes em diversas regiões. Com a formação de sedes por todo território nacional, intensificou-se a formação de zonas de influência, verdadeiros currais de dominação das igrejas-sedes, com seus respectivos pastores. Sobre isso, Gedeon Freire de Alencar nos apresenta um pequeno gráfico e sua explicação sobre tal tema:

**GRÁFICO 4** – Gráfico do Modelo Eclesiástico Assembleiano<sup>158</sup>



<sup>158</sup> ALENCAR, Gedeon Freire. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembléia de Deus- origem, implantação e militância(1911-1946)*. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. p.100.

Diferencie-se a figura do pastor de uma igreja local, pequena e pobre, de um pastor de uma *igreja-sede*, portanto, grande e rica. A partir do momento em que na AD crescem as igrejas-sedes tornam-se ponto de aglutinação para o desenvolvimento da mesma. A “igreja-mãe” é a iniciadora de outras igrejas e a relação de dependência inicial, por razões óbvias, prossegue mesmo quando esta nova igreja, em tese, poderia se auto-sustentar. A relação piramidal se consolida cada vez mais, fortalecendo, evidentemente, a figura do pastor-presidente da igreja-sede, pois as igrejas locais, congregações e sub-congregações, além de trazerem para a sede toda a arrecadação financeira dependem dela para toda e qualquer definição. Ou seja, estas igrejas agregadas à Sede não têm nenhuma autonomia, mas existem em absoluta dependência - e o pastor-presidente é a palavra final e definitiva sobre tudo e todos.<sup>159</sup>

Com a formação desta pirâmide de relações, a idéia de igreja livre e autônoma, pregada por Lewi Pethrus da Igreja Filadélfia de Estocolmo e endossado por muitos na Convenção de 1930, em Natal, não é praticado em sua totalidade. Como dissemos anteriormente, a formação desta rede de influências de zonas de poder ou mesmo de currais de dominação se tornaram comuns nas Assembléias de Deus do Brasil, oficializando os “caciques” eclesiásticos, líderes das igrejas sedes. Com este poderio em jogo, muitas igrejas sedes tomam suas próprias decisões sem consultar a Convenção Geral. Diante desta situação, a partir da década de 1930, a Assembléia de Deus sofreu com dissidências, tensões, transformações e mudanças, principalmente nas igrejas do Norte-Nordeste e posteriormente na região Sudeste, colaborando com o processo de formação identitária da Assembléia de Deus no Brasil nos anos subsequentes.

Contudo, após vinte anos de movimento assembleiano no Brasil, podemos afirmar que a doutrina do batismo com o Espírito Santo foi o cerne da mensagem pentecostal, e sem dúvida, a identidade deste movimento iniciado pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Como vimos, no capítulo anterior, o crescimento da Assembléia de Deus no eixo Norte- Nordeste aconteceu de forma surpreendente e inesperada pelos próprios missionários. Embora manifestassem a crença de que esta mensagem seria propagada “pelos confins da terra”, a falta de controle sobre a sua divulgação, o crescimento aleatório em diversas regiões, os inúmeros pedidos de envio de obreiros para regiões específicas, fizeram com que estes missionários não tivessem a real dimensão dos locais onde havia uma comunidade sob o nome Assembléia de Deus, mesmo que de maneira

---

<sup>159</sup> Ibid., p.99-100.

informal, com reuniões realizadas nas residências dos fiéis. Evidentemente, como enfatizado anteriormente, houve uma série de circunstâncias, características e questões internas e externas que colaboraram para este processo. Algumas estatísticas apontam a soma de aproximadamente 14 mil fiéis na década de 1930. Entretanto, esses números, provavelmente, eram analisados levando em consideração apenas as igrejas em grandes cidades, principalmente nas capitais das regiões Norte e Nordeste onde já havia uma comunidade assembleiana. Segundo os relatos dos pioneiros, havia muitas comunidades ribeirinhas de difícil acesso e vilarejos longínquos que tinham uma Assembléia de Deus instalada. Dessa forma, temos a configuração de um movimento que se expandiu de tal forma, que quando da percepção deste crescimento no eixo Norte-Nordeste por parte dos missionários suecos, os obreiros brasileiros estavam arquitetando uma forma de assumirem os trabalhos e a liderança destas comunidades já no final da década de 1920. Embora sejam diversos os motivos neste processo de propagação da mensagem pentecostal assembleiana nas primeiras duas décadas de existência, havia uma mensagem que identificava o movimento e que de certa forma diferia de outros movimentos protestantes que já estavam instalados no Brasil.

Como analisamos, a mensagem do batismo com o Espírito Santo era a “novidade religiosa” apresentada pelos missionários suecos à população brasileira do Norte e Nordeste no início do século XX. Essa mensagem era, segundo o próprio discurso missionário, a “promessa de Deus” que seria derramada sobre essa nação, e obviamente por ser considerada a promessa divina tornou-se uma verdade inquestionável, que seria levada até as últimas consequências com o intuito de mantê-la como cerne do evangelismo e do discurso missionário. O início ou mesmo fundação do movimento no Brasil se confundiu como consequência deste posicionamento, afinal a Assembléia de Deus no Brasil iniciou-se em um cisma na Igreja Batista de Belém, no qual o pastor batista entrou em conflito com os missionários Vingren e Berg, em função da mensagem do batismo com o Espírito Santo. Estes foram inflexíveis em suas convicções e tendo conquistado o respeito de alguns fiéis, romperam com a Igreja Batista, dando início ao movimento assembleiano. Portanto, o foco do discurso missionário era, sem dúvida, a doutrina do batismo com o Espírito Santo. Obviamente, a questão da salvação, da cura, da libertação eram enfatizadas nas pregações empreendidas pelos propagadores do pentecostalismo assembleiano, porém o desfrutar da promessa divina, a experiência

com o desconhecido, a vivência com o divino, se concretizava mediante o batismo com o Espírito Santo, evidenciado pelo falar em línguas estranhas ou, utilizando um termo técnico, com o desenvolvimento da prática da glossolalia. Durante a análise dos relatos dos pioneiros podemos observar a importância do tema batismo com o Espírito Santo. De alguma forma, podemos identificar o movimento com esta mensagem, afinal não há Assembléia de Deus no Brasil quando a referência a esta “promessa divina” é negligenciada da pesquisa.

O Espírito Santo é o grande personagem da mensagem assembléia na nos seus primeiros anos e mesmo com as mudanças e tensões geradas na Convenção de 1930 entre missionários suecos e pastores brasileiros, o batismo com o Espírito Santo ainda é lembrado como a verdade, ainda desconhecida de muitos, que impulsionou a propagação da Assembléia pela região Norte-Nordeste em seu início e posteriormente para outras regiões do Brasil. Coube a Gunnar Vingren, diretor do periódico Mensageiro da Paz, cargo exercido em conjunto com o missionário Samuel Nyström, redigir um texto enfatizando os vinte anos do movimento no Brasil. Obviamente como pioneiro e fundador, Vingren transmitiu neste texto sua percepção sobre a condução do movimento e parece-nos que, neste sentido, expõe a força motriz e a identidade do movimento durante este curto espaço de tempo. Contudo, há neste texto a perspectiva da rememoração do passado, da lembrança, do “trazer a tona” novamente o que impulsionou o movimento nos seus primeiros anos. Dessa forma, analisando o texto podemos inferir sobre algumas questões e relacioná-las com a percepção do batismo com o Espírito Santo para os outros obreiros pertencentes a denominação.

## DEPOIS DE VINTE ANOS

Levantemos o estandarte com o nosso "Ebenezer" — "até aqui nos ajudou o Senhor."

Já são passados 20 annos, que pela primeira vez, aqui no Brasil entrou esta verdade — o baptismo do Espirito Santo. Verdade gloriosa essa, que até então não estava conhecida neste paiz, onde hoje, multidões estão crendo e glorificando o nome do Senhor, em linguas estranhas, segundo Act. 10:45. Gloria a Jesus, que "a promessa vos pertence, á vós, a vossos filhos, e a todos quantos Deus nosso Senhor chamar Act. 2:39.

Muito agradecemos ao nosso Salvador Jesus, por esta verdade gloriosa, que nos trouxe tanta alegria e gozo, cumprindo-se em nós a promessa do Espirito Santo. Gloria a Jesus!

A nossa admiração e o nosso amor por Jesus, é hoje maior do que nunca, porque o Espirito Santo nos tem revelado Jesus, cada vez mais glorioso.

O Senhor tem feito uma obra gloriosa durante esses annos. Principiando em Belém, Estado do Pará, no fim do anno de 1910, achámos logo, um pequeno grupo, que acceitou a verdade — o baptismo com o Espirito Santo. A alegria foi grande, quando Jesus baptizou a primeira irmã no Espirito Santo, no anno de 1911. De Belem, o fogo de Deus se espalhou para as ilhas adjacentes, onde Jesus começou a baptizar muitos, no Espirito Santo.

Bem nos lembramos de um destes cultos, numa choupana de quatro palhas, construída á beira do rio. Principiámos o culto ás 7 horas da noite, e acabámos ás 9 horas; já iam embora, quando o dono da casa disse: — Ainda é cedo. Fomos então orar, e Jesus baptizou tres crentes no Espirito Santo. Tivemos grande alegria no Senhor.

Nunca me esquecerei daquellas reuniões com os seringueiros, nas ilhas do Pará. Elles tinham por costume, vir todos os sabbados, nas suas montarias, para se congregarem na casa de um irmão. Domingo á tarde, retiravam-se do culto, e iam cantando nas suas embarcações.

Os crentes testificavam com grande alegria, acerca da salvação de Jesus; e assim, crescia mais e mais a obra do Senhor.

Uma familia que se convertera, foi até a cidade de S. Luiz, além da estrada de ferro, levar a palavra de Deus. Pelo

seu testemunho, muitos creram nas verdades de Deus.

Dalli, o trabalho estendeu-se para outros logares, além da estrada de ferro.

Um moço achou durante uma viagem que fazia, um Novo Testamento. Trouxe-o então á sua familia, resultando disso a conversão de todos. Mais tarde, surgiu naquelle logar uma Assembléa de Deus.

Um homem veiu de um logar distante 5 horas, por mar. A seu pedido fomos á sua cidade, e lá tambem, surgiu uma Assembléa. O inimigo quiz acabar com a obra de Deus, mas, não o conseguiu.

Quando a casa em que nos reuniamos em Belem, não mais comportava os crentes, o Senhor dirigiu um irmão para construir o nosso templo. Gloria a Jesus!

Certo dia, uma irmã, pela direcção do Senhor, dirigiu-se ao interior do Estado do Ceará: por seu testemunho, muitos creram no baptismo do Espirito Santo, e assim, surgiram tambem alli, Assembléas. Por esse mesmo tempo, dois irmãos encaminharam-se aos Estados Nordesteiros, testificando da palavra de Deus, em muitos logares. Logo depois, surgiram muitas igrejas naquelles Estados.

Jesus Christo quiz tambem estender a sua obra mais para o Sul deste paiz. Certa occasião, um senhor chegou ao Pará, em busca de seu filho. Depois de ouvir a mensagem acerca do baptismo do Espirito Santo, levou as novas para o Estado de Alagoas.

Pouco depois, Jesus o baptizou no Espirito Santo. Mais tarde, chegaram ali trabalhadores, e hoje, existe tambem naquelle Estado, "Assembléas de Deus".

O Senhor dirigiu uma irmã do Pará para escrever aos seus parentes no Sul da Bahia. Mais tarde, ella foi visital-os, e agora, já existe no interior daquelle Estado, "Assembléas de Deus" (Ultimamente esta fé já chegou tambem na capital).

Para a Capital da Republica, o Senhor mandou depois seus servos, e hoje temos um glorioso trabalho aqui.

No anno de 1918, Deus enviou um seu servo para Recife, e actualmente existe ali uma grande Assembléa.

Isso tudo, são apenas pequenas recordações de como se principiou a se propagar a obra do Senhor neste paiz.

Muitos têm trabalhado em prol da sua extensão, e por isso, ella tem sido levada a outros Estados, como: Amalvada, Maranhão, São Paulo, Minas zonas, Paraná, Sergipe e Rio Grande do Sul.

Por tudo, daremos honra e gloria ao nosso Salvador Amado.

"Recebereis poder ao descer sobre vós o Espirito Santo, e ser-me-heis testemunhas tanto em Jerusalem, como em toda a Judéa, Samaria e até ás extremidades da terra" — Actos. 1-8

Gunnar Vingren

### Amor recompensado

"Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigenito, para que todo aquelle que n'Elle cre não pereca, mas tenha a vida eterna." — João 3:16.

Este é, podemos dizer, um resumo da Biblia Sagrada, e uma verdade bem conhecida e confirmada.

Entretanto, onde está o resultado pratico desta verdade, em nossas vidas?

"Eu vos ame!" — "dei a minha vida por vós" — Que fareis vós por Mim? São perguntas, que frequentemente, nos apontam na Biblia.

Deus deu prova do Seu amor infinito, offerecendo-nos Jesus Christo como nosso Salvador.

Qual é a prova do vosso amor para com Deus? Que tendes feito para a salvação de outros?

Eu não tenho tempo, diz alguém. A minha occupação não é esta; quando á noite, chego cansado em minha casa, preciso descansar.

Supponhamos que a casa do vosso vizinho pegasse fogo; não irieis ajudar apagar o fogo, ou salvar alguém do perigo, embora estivesseis muito cansado?

Se assim procederieis em tal situação, tanto mais deveria ser o vosso zelo pela salvação dos homens que estão perecendo nos seus peccados — caminhando para uma eternidade sem luz, sem esperança, sem salvação.

Quanto tendes dado para a obra do Senhor — para o trabalho da evangelização?

Se hoje fosseis chamado pelo divino Mestre, que dirieis na Sua presença? No livro do Senhor, está escripto o total do que Lhe offerecestes. Será motivo de alegria ou de vergonha, ou virdes o que está escripto alli?

Lembrae-vos, que Deus deu o Seu Filho — Que Lhe tendes dado vós?

Façamos alguma cousa para o Senhor, enquanto é tempo.

Dilno Ferreira

Enfatizaremos alguns trechos deste texto escrito por Gunnar Vingren. Primeiramente, logo no início, Vingren apresenta de maneira clara qual era o objetivo da missão no Brasil:

Já são passados vinte anos que pela primeira vez, aqui no Brasil entrou esta verdade – o batismo do Espírito Santo. Verdade gloriosa essa, que até então não estava conhecida neste paiz, onde hoje, multidões estão crendo e glorificando o nome do Senhor, em línguas estranhas [...] Glória a Jesus, “que a promessa vos pertence, à vós, à vossos filhos, e a todos quantos Deus nosso Senhor chamar. Muito agradecemos ao nosso Salvador Jesus, por esta verdade gloriosa, que nos trouxe tanta alegria e gozo, cumprindo-se em nós a promessa do Espírito Santo.<sup>160</sup>

Alguns termos neste trecho merecem destaque: PROMESSA/ VERDADE/ LÍNGUAS ESTRANHAS. Podemos apresentar essas três palavras como a perspectiva, o objetivo e o sinal da manifestação, ou seja, baseando-se na convicção de uma promessa divina, com argumentos bíblicos, os missionários tomaram esta mensagem como verdade absoluta e inegociável e que deveria se manifestar ou se evidenciar publicamente no falar línguas estranhas. A partir daí, Vingren inicia a apresentação de alguns lugares evangelizados, enfatizando em todo momento que as pessoas evangelizadas “aceitaram a verdade do batismo do Espírito Santo”. Contudo, seria esta redação apenas um informe comemorativo? Seria tão somente uma tentativa de lembrar a ação divina dentro do movimento? Ou poderia também ser uma tentativa de reafirmação da identidade da igreja, bem como de explicação do que seria o batismo no Espírito Santo? Parece-nos que este último questionamento é válido ao observarmos como, em vários momentos do texto, Vingren destaca a verdade do Espírito Santo como o motor que impulsionou o crescimento do movimento. Contudo, quando analisamos o contexto do movimento e como ele foi crescendo de maneira aleatória e indisciplinada nas primeiras duas décadas, podemos suscitar questionamentos quanto ao conhecimento dos obreiros nacionais de tal mensagem, ou se mesmo a busca pelo poder e domínio das igrejas crescentes não havia estagnado este motor impulsionador do batismo no Espírito Santo. Essa hipótese faz sentido quando analisamos dois documentos importantes publicados no Mensageiro da Paz, que era o instrumento de divulgação da

<sup>160</sup> MESQUITA, Antônio Pereira (editor). *Mensageiro da Paz: os artigos que marcaram a história e a teologia do Movimento Pentecostal no Brasil*. Vol.1. Rio de Janeiro: CPAD. 2004. p.78.

mensagem pentecostal assembleiana, bem como de decisões impostas pela liderança, visto a não elaboração de um conteúdo doutrinário a respeito de alguns temas recorrentes nas comunidades e que geravam uma série de incertezas por parte dos pastores, principalmente brasileiros. O primeiro documento foi discutido entre os pastores e missionários na Convenção de 1931, realizada no Rio de Janeiro. O título do documento é “Como ser um bom obreiro”, na tentativa de caracterizar como ser obreiro na Assembléia de Deus. Isso de certa forma já demonstra as dúvidas, os problemas e as questões que foram sendo levantadas pela liderança, pois o movimento foi crescendo sem nenhum tipo de controle, muitos foram consagrados a obreiros e enviados sem nenhuma supervisão, o que proporcionou inúmeras divergências e incertezas na própria liderança do movimento. Este documento discutido e definido entre a liderança na Convenção de 1931 foi autorizado para ser publicado no Mensageiro da Paz. No documento, a figura do Espírito Santo é enfatizada e, segundo os convencionais, o bom obreiro deve dentre outras coisas ser “chamado pelo Espírito Santo para o ministério” e ser “cheio do Espírito Santo”, logo para ser obreiro precisava ser batizado no Espírito Santo. Até hoje é obrigatório ao obreiro, para ser consagrado e exercer suas funções como líder, ser batizado no Espírito Santo. No mesmo texto a liderança assembleiana tenta apresentar o tema batismo no Espírito Santo como uma doutrina a ser seguida pelos obreiros e como aconteceria tal manifestação:

Devemos, como bons obreiros, permanecer na doutrina dos apóstolos. A língua estranha é o sinal do batismo no Espírito Santo, e não é para ser confundido com o dom de falar em línguas. O sinal pode desaparecer, mas o dom é permanente para quem o recebe.<sup>161</sup>

Em outro documento, escrito por Samuel Nyström, publicado no Mensageiro da Paz na 2ª quinzena de maio de 1932, o mesmo responde a algumas questões que lhe foram enviadas por meio de uma carta. Samuel Nyström organiza seu texto, de forma que se tornasse uma resposta às indagações do remetente.

---

<sup>161</sup> DANIEL, Silas. História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 52.

Devido a falta de tempo, tomo o seu parecer, e lhe respondo, por meio do Mensageiro da Paz. Compreendo bem as suas lutas e dificuldades, e desejo, pela graça do Senhor, dar-lhe e a outros que se possam encontrar nas mesmas circunstâncias, uma resposta sobre o que cremos e temos encontrado a este respeito, nas Escrituras Sagradas.<sup>162</sup>

É interessante notar que todas as perguntas tinham como tema central a figura do Espírito Santo e especificamente o batismo com o Espírito Santo e suas evidências. As lutas e dificuldades se referem justamente a incertezas quanto a essa doutrina divulgada sem maiores explicações. Apresento algumas destas perguntas para analisarmos o conteúdo: 1) Os apóstolos de Cristo estavam renegados, ou salvos, antes de Pentecostes, ou foram regenerados quando batizados com o Espírito Santo?; 2) Quando é que o cristão é selado com o Espírito Santo? Na regeneração ou no batismo do Espírito?; 3) Quando receberam estes doze crentes o selo? Quando creram e se tornaram discípulos, ou quando foram batizados e o Espírito Santo veio sobre eles?; 4) Os discípulos entendiam as línguas que falavam?; 5) As línguas eram sinal do batismo do Espírito Santo?; 6) Qual foi o sinal confirmativo igual a manifestação do dia de Pentecostes?<sup>163</sup>. Evidentemente, temos neste momento, início da década de 1930, a proposta, mesmo que não intencional, de apresentar uma direção doutrinária a respeito de alguns temas recorrentes nas práticas religiosas assembleianas, que trataremos adiante ainda neste capítulo. Contudo, um detalhe importante é a própria divulgação das respostas no periódico oficial do movimento, o que nos apresenta a perspectiva de retomada e explicação de temas que estavam sendo “negociados”, não assumindo o papel identitário que havia outrora.

No início da década de 1940, especificamente no ano de 1941, na chamada Semana Bíblica Sul- Americana das Assembléias de Deus, realizada na igreja sede de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul<sup>164</sup> há uma discussão acerca dos dons espirituais. Para os assembleianos, os dons espirituais eram sinais da experiência do batismo com o Espírito Santo. Inclusive, em dado momento, há uma certa confusão na explicação sobre dons espirituais e dons do Espírito. A questão é que durante as sessões uma dos temas incitados é a ausência da

---

<sup>162</sup> MESQUITA, op.cit., p.124.

<sup>163</sup> Ibid., p. 124-129.

<sup>164</sup> A antiga Convenção Geral, no ano de 1939 passou a se chamar Semana Bíblica, retornando a ser denominada como Convenção apenas no ano de 1946.

manifestação dos dons do Espírito nas igrejas. Os argumentos enfatizavam o esquecimento dessa identidade assembleiana, a saber, a “liberdade da ação do Espírito Santo”, que afinal era muito utilizada nos discursos inflamados dos pregadores. Samuel Nyström, então presidente da mesa durante a Semana Bíblica, declarou as seguintes palavras:

O presidente continuou a falar sobre os dons, sobre o perigo de ajudar a fé dos que buscam o batismo no Espírito Santo com exortações carnis por palavras ou gestos. Explicou que devemos deixar o Espírito Santo operar só e livremente, para que cada um tenha uma experiência real e verdadeira de ter recebido o batismo no Espírito Santo [...] Encerrado este assunto, pelo que foi exposto, ficamos cientes de que, apesar de as Assembléias de Deus possuírem quase todos os dons do Espírito Santo, em cada uma das Assembléias os dons não estão em funcionamento, conforme a Palavra de Deus; uns porque seus possuidores temem usá-los, outros porque são desconhecidos pela maioria dos crentes, e ainda porque os dirigentes não os cultivam.<sup>165</sup>

Outro texto importante neste processo de explicação do batismo no Espírito Santo veio por intermédio de um dos líderes da Assembléia de Deus, que foi presidente da Convenção por uma gestão, o pastor Francisco Pereira do Nascimento, que escreve um artigo para o Mensageiro da Paz em abril de 1949, com o seguinte título “O maior pecado é a blasfêmia contra o Espírito Santo”. Artigo este, que foi publicado, como diz no final “a pedido de vários interessados, por intermédio do pastor do campo de Governador Valares”. Ao ler o texto podemos dizer que a tônica da redação é agressiva contra aqueles que se levantam contrários à prática e doutrina do batismo no Espírito Santo. Segundo Francisco Pereira do Nascimento,

---

<sup>165</sup> DANIEL, op.cit., p.175.

Satanás tem muito ódio do batismo no Espírito Santo e dos seus atributos que são os dons espirituais [...] Ainda há pouco, li em um jornal farisaico um artigo escrito por um pobre homem de mente doentia, que dizia que as línguas faladas no Dia de Pentecostes foram compreendidas por habitantes de quatorze nações, enquanto as faladas hoje pelos crentes que recebem o batismo no Espírito Santo não se compreendem [...] o apóstolo revela a existência de duas qualidades de línguas usadas pelo Espírito Santo: línguas dos homens e língua dos anjos [...] Contudo, eu prezado leitor, tanto faz as línguas dos homens, como as dos anjos; tanto umas como outras são dadas pelo Espírito Santo. Eu sou testemunha de que ainda hoje o Espírito Santo se manifesta no meio dos seus fiéis, e fala tanto na língua dos homens quanto na dos anjos [...] A promessa do batismo no Espírito Santo, não é uma promessa limitada [...] é uma promessa que se estende de geração em geração [...] Os que debatem contra o batismo no Espírito Santo não deixam de ser desobedientes [...] Os blasfemos tem medo de dar liberdade ao Espírito Santo nas suas congregações, porque acham que pode se manifestar outro espírito. Não enxergam os tais que o espírito do erro já prevaleceu no meio dos seus correligionários, e é visto nos lábios e unhas pintadas das mulheres que apresentam aspectos mais carnavalesco do que cristão.<sup>166</sup>

Ainda no final da década de 1940, outro texto, publicado no Mensageiro da Paz, escrito por Gustavo Kessler, missionário assembleiano, retrata também sobre o tema do batismo no Espírito Santo. O título do artigo é “O batismo no Espírito é bíblico e necessário”, onde o autor fala sobre o despertar espiritual impulsionado pela ação do Espírito Santo<sup>167</sup>. Dessa forma, esses artigos sobre o batismo com o Espírito Santo mostram que o tema ainda continuava sendo o sinal da obra pentecostal assembleiana, mas controverso para muitos obreiros e líderes, quanto às suas formas e manifestações. Há ainda outra característica fundamental no entendimento deste processo de “desfoco” e “reconstrução” sobre a questão do batismo no Espírito Santo. Seria a própria mudança ou processo de transformação ocorrida no seio do movimento assembleiano no Brasil. Já na década de 1930, vê-se a necessidade de maior controle sobre o movimento, bem como de “sistematizar” algumas práticas religiosas. Esse posicionamento, mesmo que não intencional, impulsiona o processo de institucionalização do movimento, e conseqüentemente a formulação de um sistema doutrinário-bíblico que regeria a Assembléia de Deus. Há aqui o início da construção de uma identidade teológica e de mudanças estruturais no âmbito da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Brasil.

---

<sup>166</sup> MESQUITA, op.cit., p.26-28.

<sup>167</sup> Ibid., p.43.

## 6 O PAPEL IDENTITÁRIO DA FORMALIZAÇÃO TEOLÓGICA E INSTITUCIONAL

A Convenção de 1930, realizada em Natal, foi certamente um marco na história assembleiana, não só pelo significado e tensão gerada durante os dias de Convenção, mas também porque representou mudanças internas significativas na estrutura do movimento assembleiano no Brasil. Como dissemos anteriormente, o movimento pentecostal assembleiano desenvolveu-se rapidamente, alcançando locais distantes, sem nenhum tipo de controle sobre os discursos, sobre a formação de obreiros, sobre o que era pregado e transmitido nestas comunidades, sobre os locais e comunidades implementadas, sobre o que era apresentado como base do movimento assembleiano, enfim, a Assembléia de Deus foi crescendo sem uma construção teológica, estrutural e doutrinária pré-definida. Como apresentamos nesta análise, o que identificava o movimento era a pregação do batismo com o Espírito Santo, mas que também era um tema controverso, questionado e praticado de diversas maneiras dependendo da comunidade e das notícias que chegavam aos ouvidos dos líderes e missionários que estavam estabelecidos nas pequenas urbes do eixo Norte-Nordeste no início do século XX. A descentralização do poder, que estava concentrado nas figuras dos missionários suecos, e a nova formatação de liderança no eixo Norte-Nordeste, agora sob a responsabilidade de pastores brasileiros, geraram desconforto entre os líderes no que tange aos rumos da Assembléia de Deus a partir daquele momento. A tensão instalada durante os primeiros anos, pós Convenção de 1930, colaborava para que a desconfiança, a incerteza e a dúvida dominassem a mentalidade da liderança, principalmente a dos missionários suecos. Afinal, como seria agora, onde já não havia tanto controle sobre algumas das igrejas nortistas e nordestinas? Será que alguns abandonariam o cerne da mensagem e iniciariam movimentos contrários, distintos, dissidentes do movimento “original”? Todas estas questões apuradas, parece-nos, colaboraram significativamente para mudanças e transformações no movimento pentecostal assembleiano pós Convenção de 1930.

E um dos instrumentos que colaboraram para este processo de consolidação, mas também de transformações e mudanças foi o Mensageiro da Paz, periódico onde eram publicados os artigos produzidos pelos líderes do movimento, sendo o instrumento mais importante de divulgação da obra pentecostal

assembleiana naquelas circunstâncias e no dado momento histórico. Segundo Gedeon Freire de Alencar

O MP é uma “causa”. Mais do que um simples elo neste país continental, o MP é um bom motivo, meio e método de evangelização. Vendê-lo, ou presenteá-lo é levar a causa nos ombros, é proclamar a “verdade pentecostal”. É bem típico da militância pentecostal da época: “ Eu sempre recebia pelo correio e lia todo o MP e passava para os irmãos... ele era o meio de sabermos das coisas, como era que ia a obra no Brasil” (82 anos, na década de 1940, pastor no interior do Ceará).<sup>168</sup>

Além de ser um instrumento de evangelização e ser constituinte do que Alencar denomina de militância assembleiana, o periódico servia como instrumento de divulgação, explicação e aplicação das propostas doutrinárias que estavam sendo formuladas pela denominação. Era o principal meio para divulgar as decisões das Convenções atingindo pastores, obreiros e evangelistas que estavam localizados em lugares de difícil acesso, como é o caso do “pastor no interior do Ceará”. Apenas a título de informação, acrescentarei a este texto uma tabela organizada e disposta por Gedeon Freire de Alencar em seu livro, que apresenta as ênfases teológicas do Mensageiro da Paz nos seus primeiros anos:

**TABELA 12 – As ênfases teológicas nos textos<sup>169</sup>**

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>TEMA</b>	<b>NÚMERO DE TEXTOS</b>	<b>DE PERCENTUAL</b>
1 <sup>a</sup>	Compromisso	36	19,8
2 <sup>a</sup>	Evangelismo	32	17,6
3 <sup>a</sup>	Poesia	25	17,7
4 <sup>a</sup>	Apologia Pentecostal	22	12
5 <sup>a</sup>	Doutrina	17	9,3
6 <sup>a</sup>	Escatologia	15	8,2
7 <sup>a</sup>	Pessoa de JC	12	6,6
8 <sup>a</sup>	Conforto Tribulação	8	4,4
9 <sup>a</sup>	Oração	6	3,3

Observe que o Mensageiro da Paz teve pouco mais de 20% do seu conteúdo relacionado a temas especificamente sobre doutrinas e apologia

<sup>168</sup> ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembléia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010. p.114

<sup>169</sup> *Ibid.*, p.116.

pentecostal. Contudo, podemos considerar, tanto o tema compromisso, quanto o tema evangelismo como possíveis expositores da mensagem pentecostal e suas propostas de ação. Ora, parte dos textos, que tinham como conteúdo o tema compromisso, enfatizam também o compromisso com a missão assembleiana de propagar a mensagem pentecostal. Temas como o batismo no Espírito Santo, manifestações de curas, participação no desenvolvimento litúrgico do culto e autoridade da liderança, eram recorrentes expondo as convicções doutrinárias do movimento. Os textos baseados no tema evangelismo também eram carregados de proposições que enfatizavam as práticas e posicionamentos da propagação da mensagem.

Entre as propostas de mudanças, que geraram tensões entre a liderança assembleiana foi em relação aos meios de divulgação da mensagem pentecostal. A prática evangelística dos assembleianos era diretamente dependente dos colportores:

Desde as origens em Belém do Pará, em 1911, quando o núcleo original de adeptos denominava-se ainda Missão de Fé Apostólica, a colportagem bíblica foi parte integrante da expansão do pentecostalismo assembleiano no Brasil. Os pentecostais, ao longo das décadas, aplicaram sistematicamente as táticas de distribuição herdadas quer das sociedades bíblicas quer do protestantismo dito de missão [...] Tradução do vocábulo anglo-gálico Colporteurs. São os propagandistas viajantes que, de povoação em povoação, de casa em casa, vão desenvolvendo uma propaganda ativíssima com a venda de Bíblias e opúsculos evangélicos, e com a distribuição de folhetos de propaganda [...] Os colportores podem assim, assim, ser caracterizados como um misto de evangelistas, pregadores, livreiros ambulantes, panfletistas e “batedores”, atuando [...] a serviço de instituições religiosas.<sup>170</sup>

A colportagem, sem dúvida, colaborou na expansão da mensagem pentecostal assembleiana. Entretanto, na década de 1930 iniciam-se as discussões sobre outros meios de evangelização e propagação da mensagem pentecostal. Um destes meios foi o rádio. Em algumas reuniões convencionais especulou-se sobre a utilização dessa mídia no evangelismo. Antes de adentrarmos na discussão assembleiana sobre a utilização do rádio devemos destacar algumas informações a

---

<sup>170</sup> BENATTE, Antonio Paulo. *A infântaria da evangelização: colportagem assembleiana e leitura da Bíblia no Brasil*. In: OLIVA, Alfredo dos Santos & BENATTE, Antonio Paulo (orgs). *100 anos de pentecostes: capítulos da História do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo. Fonte Editorial, 2010. p.67-70.

respeito da mídia, que se confunde com o mesmo período de crescimento das Assembléias de Deus no Brasil.

O crescimento do rádio na sua primeira década de existência no Brasil se deu de forma lenta, pois como dissemos a legislação brasileira não permitia a veiculação de textos comerciais o que dificultava a sobrevivência financeira das Rádio-Sociedades, ou seja, sobreviviam de doações de amigos e sócios. Bem verdade que tal fato não impedia que as emissoras mesmo não produzindo intervalos comerciais, tivessem seus programas patrocinados por anunciantes específicos cujos produtos eram recomendados ao público ao longo do programa. Nos primeiros anos o alcance do rádio era pequeno em termos de público, pois o preço dos aparelhos receptores era alto, tornando-os inacessíveis a grande parte da população [...] só se tornou um meio de comunicação de massa na década de 1930, com a introdução do rádio comercial e a redução do preço dos receptores [...] No início da década de 1930, a situação havia mudado e o rádio se tornara um veículo mais popular. Em São Paulo (que oferecia os maiores salários do país) um aparelho de rádio custava em torno de 80\$000 e o salário médio de uma família de trabalhadores era de 500\$000 por mês. Ainda na década de 1930, surge o rádio comercial, após a emissão de um decreto permitindo a inserção publicitária - Decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932, que autorizava 10% da programação da rádio a ter comerciais (atualmente é 25%). Como resultado, a produção erudita passou a ser popular e os interesses dos proprietários passaram de educativos para mercantis. Por outro lado, a competição gerou desenvolvimento técnico, popularidade e status às emissoras. A década de 30 marcou o apogeu do rádio como veículo de comunicação de massa, refletindo as mudanças pelas quais o país passava. O crescimento da economia nacional atraía investimentos estrangeiros, que encontravam no Brasil um mercado promissor. A indústria elétrica, aliada à indústria fonográfica, proporcionaram um grande impulso à expansão radiofônica. A autorização do governo Vargas para a veiculação de publicidade no rádio, em março de 1932, deu ao novo meio um impulso comercial e popular. No mesmo ano, o governo começou a distribuir concessões de canais a indivíduos e empresas privadas. Ainda nos anos 1930, aparece a propaganda política. Também surgem os programas de auditório, com a participação popular. Além disso, a Rádio Jornal do Brasil estabelece em sua programação o cunho informativo.<sup>171</sup>

O rádio oferecia, a partir da década de 1930, principalmente nos grandes centros, com sua popularização um maior alcance na divulgação, acelerando o processo de propagação de uma dada mensagem. Devido a isso, já na década de 1930, há uma proposta sobre a utilização do rádio pelas Assembléias de

---

<sup>171</sup> <http://www.abert.org.br/site/images/stories/pdf/AHistoriador%20C3%A1dionoBrasiVERSaO%2020112.pdf>, acessado em 20/11/2012, às 19h.

Deus no Brasil. Na Convenção Geral de 1937, realizada em São Paulo, tal questão foi levantada pelo missionário Albert Widmer:

É lícito pregarmos o Evangelho pelo rádio? E podem as Assembléias de Deus participar de uma sociedade evangélica de transmissão pelo rádio?[...] Aberto que foi o assunto, vários irmãos falaram, mostrando como o rádio tem servido, já em diversas partes, como benção para transmitir as verdades de Deus, não obstante vermos também os perigos que o mesmo pode trazer no caso de os crentes se apegarem ao rádio, não querendo mais ir às igrejas e, mesmo que apenas adquirindo rádios, contaminado-se com as músicas mundanas e outras palestras prejudiciais que o mesmo pode trazer. O Senhor nos ajudou nesse ponto, pois, no finalizar, todos estavam de comum acordo de que devemos sempre aceitar os convites para cantar, tocar e pregar pelo rádio, e aproveitar tais oportunidades quando trazidas por Deus. Mas, quanto à questão de ter rádio, no momento atual, a Convenção achou que não devemos ter.<sup>172</sup>

Seria equivocado nesta pesquisa afirmar que há uma mudança do evangelismo colporteur para o evangelismo de mídia, ainda mais se considerarmos as décadas de 1930, 1940 e 1950. Entretanto, podemos falar em transformações gradativas, pois após alguns anos a Assembléia de Deus e seus líderes se renderam ao uso do rádio como instrumento de evangelização, principalmente a partir da década de 1950, quando o evangelismo colporteur entra em declínio, como principal meio de divulgação da obra pentecostal assembleiana. Segundo Benatte,

É importante observar que a modernização do país, a começar pelos meios de comunicação, não tornou de imediato obsoletas as técnicas tradicionais de difusão da mensagem pentecostal, no início dos anos 1950, os assembleianos reconheciam que a colportagem era ainda uma atividade necessária à “evangelização da pátria” [...] a colportagem continua sendo praticada, principalmente nos campos e nas pequenas cidades do interior, mas não com a mesma importância e intensidade de outrora. No final dos 1970, a realidade já era outra, marcada pelo inaudito crescimento do movimento, pela alfabetização popular em massa, pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e pela facilidade de obtenção de material impresso, com a expansão de editoras e livrarias evangélicas. Essas transformações socioculturais diminuíram a importância dos distribuidores ambulantes, a grande época da colportagem bíblica protestante tinha chegado ao fim.<sup>173</sup>

---

<sup>172</sup> DANIEL, op.cit., p.128-129.

<sup>173</sup> BENATTE, op.cit., p.83,113.

Falar em finalidade pode ser equivocado na análise do campo religioso brasileiro, pois existem grupos que ainda praticam a colportagem bíblica, casos de Adventistas, Testemunhas de Jeová e das próprias Assembléias de Deus, que se localizam em regiões periféricas no Brasil. Por isso, parece-nos que o termo transformação é mais adequado em relação a este tema. A mentalidade assembleiana, caracterizada pelo conservadorismo de suas tradições é, aos poucos, atingida pelas transformações sociais e culturais da segunda metade do século XX. Segundo Silas Daniel, dez anos após este posicionamento contrário a obtenção de rádios, Nels Lawrence Olson, missionário que veio dos EUA,

fundaria seu programa radiofônico na Rádio Cultura de Lavras, Minas Gerais, e, em janeiro de 1955, lançaria o programa Voz das Assembléias de Deus na Rádio Tamoio, que também passou a ser transmitido, nos anos seguintes, pelas rádios Mayrink Veiga, Tupi, Relógio, Copacabana, Boas Novas e Universo de Curitiba.<sup>174</sup>

Com a utilização do rádio em várias igrejas locais, no ano de 1962, durante a Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, realizada em Recife, os convencionais discutiram sobre a criação de um programa oficial de rádio, pertencente a denominação:

Ainda na primeira sessão, o pastor Rodrigo Silva Santana, da AD em Salvador, sugeriu que fosse debatida a seguinte questão: “ Como fazer para as Assembléias de Deus no Brasil manterem um programa oficial radiofônico diário em uma potente emissora?” [...] o pastor Francisco Miranda, AD em Brasília, Distrito Federal, pediu que fosse formada uma comissão para tratar do assunto em particular [...] A última resolução da Convenção na manhã do dia 22 foi a aprovação do parecer da Comissão do Rádio. Coube ao pastor Alcebíades apresentar o resultado, aceito plenamente por todos os convencionais: “A Comissão constatou que o problema é verdadeiramente complexo por sua grandiosa importância, não podendo, em virtude disso, resolver. Após detido e prudente exame do assunto, a Comissão propõe à Convenção Geral o seguinte: a) Orar a Deus para que nos conceda uma emissora, que nos proporcionará um maior rendimento quanto à evangelização pelo rádio; b) Fomentar, enquanto possível, a manutenção dos atuais programas das igrejas locais e a criação de muitos outros[...]”<sup>175</sup>

---

<sup>174</sup> DANIEL, op.cit.,p. 128.

<sup>175</sup> Ibid., p.342.

Como podemos observar a utilização do rádio como instrumento de evangelização colaborou com a expansão da mensagem pentecostal assembleiana, principalmente nos centros urbanos e cidades circunvizinhas, onde o sinal da rádio era transmitido, proporcionando a divulgação efetiva do movimento em diversas regiões. O programa Voz das Assembléias de Deus, fundado por Olson, foi relevante para expansão da igreja, devido a utilização desse meio de comunicação. Atualmente existem programas radiofônicos e televisivos oficiais da CGADB ou ligados a igrejas locais, que são denominados como a Voz das Assembléias de Deus. A denominação possui inúmeros programas evangelísticos, além de ser proprietária de rádios e canais de televisão.

Outra questão significativa neste processo de mudanças e transformações nas Assembléias de Deus no Brasil esta relacionada à institucionalização do movimento. Aliás, gostaria de destacar o motivo pelo qual trato as Assembléias de Deus como movimento até esse dado momento. Seria o fato de que os próprios líderes assembleianos, principalmente os missionários suecos, anunciavam a Assembléia de Deus como “movimento” de propagação da mensagem pentecostal. A liderança assembleiana negava e condenava toda prática que poderia a curto ou longo prazo institucionalizar o movimento, transformando-o em denominação eclesiástica. Segundo Gedeon Freire de Alencar

O movimento pentecostal entrou em sua terceira década bem dessectarizado e assumindo o papel de igreja; já não se trata de um grupo de exclusiva adesão voluntária; há uma geração sendo formada nela. Mais do que igreja, está transformando-se em denominação. Mesmo que isto não seja aceito pelo seu principal ideólogo, Emílio Conde, que, em 1960 escreveu contra o conceito de denominação e insistiu em ser apenas um “movimento” – até hoje a AD faz questão deste discurso.<sup>176</sup>

Esse discurso de “movimento” é tão significativo para os assembleianos, que se tornou uma das tradições inquestionáveis. Reflexo dessa posição são os materiais publicados pela CPAD, sobre a história da Assembléia de Deus no Brasil. Os redatores utilizam o termo movimento para caracterizar a igreja. Para dar alguns exemplos cito dois materiais publicados pela editora oficial da igreja: *Mensageiro da Paz: Os artigos que marcaram a história e a teologia do Movimento Pentecostal no Brasil; História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no*

---

<sup>176</sup> ALENCAR, op.cit., p.89.

*Brasil: Os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do Movimento Pentecostal Brasileiro.* Alencar, em seu livro, cita uma fala de um pastor não identificado de 80 anos: “Detesto este termo denominação. Dá idéia de uma máquina preparada para funcionar. A Assembléia de Deus inicialmente era um movimento, mas deixou de ser”<sup>177</sup>

A negação da organização e da institucionalização era uma forma de caracterizar o movimento. Havia no discurso dos missionários a perspectiva do quanto a organização e a institucionalização engessariam a ação do Espírito Santo, pois seria controlada por diretrizes humanas e não pelas divinas. Segundo os missionários, a institucionalização daria suporte para a legitimação de “ditadores” nos meios eclesiais. Este é um discurso controverso para os pesquisadores do campo religioso, pois as relações que permeiam qualquer movimento religioso são carregadas de conflitos pelo poder. Entretanto, esse discurso de negação era uma verdade absoluta para aqueles que faziam parte da liderança assembleiana. Este aspecto de negação quanto à organização, institucionalização e denominação é defendida por Lewi Pethrus, pastor da Igreja Filadélfia de Estocolmo, que enviava parte dos missionários para o Brasil e que tinha certa influência sobre a Assembléia de Deus brasileira.

Essa “síndrome de movimento”, termo utilizado por Alencar, teve como um dos principais entusiastas, o escritor Emílio Conde, figura importante da Assembléia de Deus no Brasil, chegando a ser diretor e redator do periódico Mensageiro da Paz. Há um texto publicado no Mensageiro da Paz, em agosto de 1953, sob a assinatura de Emílio Conde, com o seguinte título: “Quarenta e dois anos de história”. Obviamente nesse artigo, Conde pretende destacar de maneira heróica o início do movimento no Brasil, convidando o leitor para acompanhá-lo “nessa digressão pelo passado, a fim de reconstituirmos o ato histórico que marcou o início de uma gigantesca obra que se multiplica a cada ano”<sup>178</sup>. Porém, Conde apresenta dificuldades em definir a Assembléia de Deus como igreja, ou melhor, como denominação eclesial, mas a apresenta como Movimento espiritual, destacando o termo inicial:

---

<sup>177</sup> ALENCAR, op.cit., 116

<sup>178</sup> MESQUITA, op.cit., p.55.

Devemos acrescentar, antes que tudo, que neste *Movimento espiritual* estava em ação o Espírito Santo, e Deus serviu-se de dois homens consagrados ao Seu serviço, para trazer o testemunho do Evangelho de Poder ao Brasil [...] o que parecia um acontecimento destituído de importância adquiriu projeção nacional e internacional, surpreendeu aqueles que não viam com bons olhos o *Movimento pentecostal*.<sup>179</sup>

Em outra edição do Diário do pioneiro, há um relato de Lewi Pethrus interessante sob a ótica da influência deste líder sobre a negação da institucionalização e organização:

Muitos esforços têm sido feitos para dividir este movimento, outros têm procurado organizá-lo como uma denominação, mas até agora sem êxito. As igrejas, conforme foram formadas e fundadas pelos pioneiros Vingren e Berg segundo o modelo apostólico, continuam até hoje levando adiante esta poderosa obra de Deus.<sup>180</sup>

Na Convenção de 1933, realizada no Rio de Janeiro, no qual o secretário era Emílio Conde, uma das resoluções se referia à burocratização do movimento. Em relação a esse tema, o pastor da Assembléia e também jornalista Silas Daniel, escreve acerca deste tema, obviamente defendendo os interesses e o discurso da Assembléia de Deus:

A última resolução da Convenção de 1933 teve por objetivo reforçar a importância de instrumentos burocráticos necessários à mobilidade da Igreja e exortar todos os obreiros a não caírem na tentação do formalismo. Já naqueles anos havia um cuidado para que as igrejas mais antigas e a própria necessidade de institucionalização do trabalho não impedissem a espontaneidade da Assembléia de Deus, tornado-a demasiadamente formal [...] Se fôssemos resumir em uma frase o que representou a Convenção Geral de 1933, poderíamos dizer: um momento em que a Assembléia de Deus no Brasil começou a marcar posição como organização eclesialística [...] foi o começo da cristalização de uma mentalidade organizacional que a denominação estava conquistando aos poucos, mas sempre com o cuidado de não perder sua espontaneidade.<sup>181</sup>

O texto final da resolução, redigido por Conde, sob a presidência do missionário Samuel Nyström diz o seguinte:

---

<sup>179</sup> Ibid., p.55-57.

<sup>180</sup> ALENCAR, op.cit., 116.

<sup>181</sup> DANIEL, op.cit., p.81

A nossa orientação no futuro. Após algumas considerações sobre o trabalho em geral, e também sobre o perigo de nos tornarmos formalistas se impedirmos ou tomarmos o lugar do Espírito Santo, a Convenção resolveu continuar, como até hoje o tem feito, a obedecer em tudo à sábia direção do Espírito Santo. O presidente: Samuel Nyström; O secretário: Emílio Conde.<sup>182</sup>

Um dos elementos que compõe este processo de institucionalização da Igreja Evangélica Assembléia de Deus é a criação das Convenções. Inicialmente, havia na Assembléia de Deus no Brasil reuniões esporádicas realizadas somente com a presença dos missionários suecos. Reuniões realizadas no eixo Norte-Nordeste, especificamente nos arredores de Belém, onde estavam concentrados os trabalhos e a liderança sueca. Entretanto, como analisamos anteriormente, em 1930, organizada por pastores brasileiro, realizou-se uma Conferência, na cidade de Natal, para tratar da liderança sobre as igrejas na região Norte-Nordeste. A Conferência de 1930 ficou conhecida como a primeira convenção oficial da Assembléia de Deus no Brasil.

Gedeon Alencar, afirma que as primeiras convenções reuniam os obreiros para dias de oração e estudo bíblico e que, portanto, não havia questões institucionais a serem decididas<sup>183</sup>. Alencar, inclusive, cita um pastor de 78 anos que diz: “As convenções antigamente se reuniam para estudar a Bíblia e orar, hoje as convenções só se reúnem para discutir estatutos, regimento [...] isto é um declínio”<sup>184</sup>. Evidentemente, as primeiras convenções enfatizavam estudos bíblicos e momentos de oração entre os seus participantes, mas é equivocado afirmar a inexistência de assuntos institucionais e de caráter organizacional nas reuniões entre os líderes do movimento. Posicionar-se assim é testificar o caráter ufanista dos áureos tempos espirituais e da pureza, que a própria denominação impõe. A realização da Convenção de 1930, já demonstra, devido as suas tensões e decisões, a caracterização de organização eclesial, onde o que está em jogo é o poder. Os discursos dos escritores assembleianos são de que estas reuniões convencionais tinham apenas um caráter espiritual, portanto, tratava apenas da ação divina. Silas Daniel faz coro a esse posicionamento sobre a Convenção de 1930:

---

<sup>182</sup> Ibid., p.81.

<sup>183</sup> ALENCAR, op.cit., p.117.

<sup>184</sup> Ibid., p. 116.

Após serem tratados todos os assuntos em pauta, os convencionais ainda tomaram mais uma decisão antes de encerrarem a primeira Convenção Geral. Foi resolvido que seriam realizadas convenções gerais todos os anos, reunindo todos os pastores e pregadores das Assembléias de Deus no Brasil com o propósito de unirem-se em uma só fé, em conferências de caráter espiritual com a ministração de estudos bíblicos.<sup>185</sup>

A proposta de manutenção das convenções parece-nos, ser uma tentativa de organização do movimento, com o intuito de manter o controle sobre a liderança, sobre os obreiros, sobre as igrejas, enfim, descentralizar o movimento. Surge, então, na Assembléia de Deus, por intermédio das convenções, setores com funções específicas, como o de levantamento de dados na tentativa de controle sobre a direção do movimento. Um exemplo claro desta transformação é a criação das cartas de recomendação e mudança. Segundo Silas Daniel,

Uma outra medida importantíssima da Convenção Geral de 1932 foi a criação das cartas de mudança e recomendação [...] com o uso dessas imprescindíveis cartas, os líderes assembleianos passaram a ter naturalmente um maior controle do deslocamento de sua membresia pelo país, e principalmente, a evitar o abuso de pessoas mal intencionadas que naquela época já apareciam nas igrejas se contrafazendo e perturbando os servos de Deus.<sup>186</sup>

A organização em Convenções proporcionou à liderança assembleiana, controle sobre o desenvolvimento da igreja. Embora, a Convenção não tenha caráter deliberativo<sup>187</sup>, os problemas eram tantos que, os convencionais aceitavam as resoluções convencionais como obrigatórias para a continuidade, crescimento e unidade das Assembléias de Deus no Brasil. Com o passar dos primeiros anos pós-30, as Convenções Gerais anuais já não conseguia solucionar todos os casos enviados para as sessões convencionais. Dessa forma, em 1935, propõe-se a criação de convenções regionais:

---

<sup>185</sup> DANIEL, op.cit., p. 40.

<sup>186</sup> Ibid., p. 60.

<sup>187</sup> As convenções eram reuniões fraternais, não sendo obrigatória a participação dos líderes assembleianos. Dessa forma, as decisões convencionais não eram impositivas, mas sim sugestivas. Contudo, com o desenvolvimento institucional, as convenções passaram a ser determinantes na manutenção da Assembléia de Deus no Brasil, assumindo caráter deliberativo.

O irmão despertou a Convenção a, se for possível, organizar escolas bíblicas e convenções regionais. Esse assunto despertou muito os irmãos delegados. Todos acharam que isso seria o melhor modo de se guardar bem unidos as igrejas e trabalhadores.<sup>188</sup>

Além da criação e manutenção de convenções nacionais e regionais, outras questões de âmbito burocrático foram importantes neste processo organizacional, que representou transformações na mentalidade assembleiana. Primeiramente, a criação da CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) em 1940, seguindo as exigências do governo Getúlio Vargas. A CPAD era a responsável por publicar obras autorizadas pela liderança da Assembléia de Deus:

A 2ª Semana Bíblica tratou de muitos outros assuntos, mas especialmente da fundação da CPAD. O decreto do presidente Getúlio Vargas exigia que todos os jornais do país se registrassem imediatamente no D.I.P., um organismo controlador da imprensa, e que somente entidades com personalidade jurídica poderiam possuir jornais. Para se enquadrar a essas exigências, a Convenção Geral teve que criar a Casa Publicadora. O registro no D.I.P. foi imediato. Ocorreu em 1940. A recém-criada CPAD passou, então a ser proprietária imediata do Mensageiro da Paz [...] Para atender a urgência em 1940, foi feito um estatuto simples e provisório.<sup>189</sup>

A CPAD tornou-se parte fundamental neste processo de mudanças e transformações na Assembléia, enquanto denominação religiosa. Anteriormente, as publicações feitas pelos líderes do movimento se resumiam a informativos da mensagem pentecostal, hinários e o periódico Mensageiro da Paz. Com a fundação da Casa Publicadora, esses materiais foram organizados sob responsabilidade da editora. Além disso, materiais educacionais e doutrinários foram sendo produzidos pelos líderes, com o intuito de serem utilizados nas igrejas. Entre esses materiais destaca-se o Lições Bíblicas, que já era produzido antes da fundação da CPAD, publicado semestralmente. Entretanto, quando da fundação da Casa Publicadora e consequentemente maior organização deste material, o mesmo era vendido e distribuído para igrejas assembleianas no Brasil, para ser utilizado como material oficial das Escolas Bíblicas Dominicais. O conteúdo desta revista era diverso, circulando desde questões relacionadas à espiritualidade como questões políticas

---

<sup>188</sup> DANIEL, op.cit., p.102

<sup>189</sup> DANIEL, op.cit., p.159-160.

externas. Obviamente, esse material apresentava, mesmo que de maneira sutil, questões doutrinárias.

O ápice do processo de organização e institucionalização das Assembléias de Deus no Brasil aconteceu no ano de 1946, na Convenção realizada na cidade de Recife. Em uma das sessões convencionais foi proposto e decidido que a CGADB (Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil) deveria se tornar pessoa jurídica. Contudo, o discurso assembleiano continua sendo pautado pelo anti-institucionalismo, mesmo que na prática o que estava sendo decidido era sobre maneiras de tornar o trabalho organizado, institucionalizado, contendo estatuto definido. Os discursos na Convenção de 1946 foram de medidas cautelares sobre a CGADB. J.P. Kolenda afirma:

Disse ainda da indispensabilidade de conservarmos intacta a nossa tradicional organização, que é a mesma dos apóstolos, e para justificar seus justíssimos argumentos leu 1 Coríntios 3.11, fazendo lembrar aos obreiros o perigo de um governo entre nós, que é sempre o resultado das organizações.<sup>190</sup>

Embora, o discurso assembleiano, até os dias atuais, seja contra toda e qualquer manifestação de institucionalização, na prática os assembleianos caminharam em direção à organização eclesiástica, tornando a Assembléia uma denominação institucionalizada no território brasileiro.

Outro elemento ou característica do movimento assembleiano que passou a ser considerado fundamental para a formação identitária da denominação foi a questão doutrinária. Evidentemente, este tema é compatível e faz parte também desse processo de institucionalização do movimento em denominação eclesiástica. Inicialmente, por desconsiderar a organização do movimento, o mesmo foi crescendo, alcançando diversas regiões do Brasil, tanto nas capitais, como no interior, sem uma formatação doutrinária definida. Algumas questões doutrinárias eram transmitidas por meio da oralidade dos periódicos, os quais foram fundamentais para o processo organizacional, principalmente após a unificação dos jornais, fundando o Mensageiro da Paz. Quando analisamos os documentos oficiais da denominação podemos observar a quantidade de questões que eram suscitadas nas Convenções Gerais, devido a falta de direção doutrinária. Era preciso a

---

<sup>190</sup> Ibid., p.217.

formação de uma identidade teológica, afinal a identidade da Assembléias de Deus no Brasil não poderia se escorar apenas na questão do batismo no Espírito Santo.

Observando atentamente a pauta das sessões convencionais podemos testificar que em praticamente todos há temas relacionados a questões de ordem doutrinária. Se analisarmos as primeiras Convenções, veremos questões de relevante ordem para a formatação doutrinária, litúrgica e teológica da igreja.

Na convenção de 1931, realizada no Rio de Janeiro, um dos temas de debate e estudo bíblico foi “Como ser um obreiro”, definindo o perfil do líder assembleiano, baseando toda a sua formulação nas Escrituras. Esse estudo, publicado no Mensageiro da Paz, organizava de alguma forma, a questão da consagração de obreiros, pois o mesmo deveria desenvolver as características apresentadas neste estudo.

O obreiro do Senhor deve: a) Ser chamado pelo Espírito Santo para o ministério; b) Ser um homem de oração; c) Ser humilde; d) Pregar a Palavra de Deus (Cristo e este crucificado); e) Ter uma vida consagrada; f) Dar toda a glória a Jesus (esconder-se nEle); g) Não ter parcialidade; h) Ser Cheio do Espírito Santo; i) E ter a natureza de Cristo [...] O obreiro deve: a) Aprender de Jesus; b) Ficar na vocação em que foi chamado; c) Presidir com cuidado na Igreja de Deus; d) Guarda-se da falsa sabedoria, da vã filosofia, das palavras persuasivas do orgulho, da altivez, enfim, das “raposinhas” que fazem mal às vinhas; e) Julgar a sua própria casa – não fazendo acepção de pessoa alguma; f) Possuir o martelo – uma vida de santidade, para poder pregar bem os “pregos” – a Palavra; g) Ser em tudo dirigido pelo Espírito Santo; h) Um despenseiro fiel em tudo; i) Ter o seu seminário aos pés de Jesus, de joelhos, esperando a mensagem do Espírito Santo; j) Perdoar aos seus irmãos na fé, para poder receber as bênção de Deus; l) Ser renovado pelo Espírito Santo diariamente; m) Entregar a direção do culto ao Espírito Santo; n) Aproveitar as oportunidades; o) Ter controle na pregação, saber por quanto tempo o Espírito Santo quer que ele fale; p) Permanecer na doutrina dos apóstolos; q) Saber que as bênçãos estão ligadas a responsabilidades; r) E orar e vigiar em todo tempo.<sup>191</sup>

A convenção de 1933, também realizada no Rio de Janeiro, já apresentava pautas com temas específicos, de caráter doutrinário, com o intuito de serem debatidas pelos convencionais. Entre os temas destacam-se o direito de batizar e administrar o batismo, a Santa Ceia, a unção e a questão do ancionato (presbitério). Sobre a primeira questão é interessante o parecer da liderança, abrindo exceções para a administração destes elementos:

---

<sup>191</sup> Ibid., p.50-53.

Esta Convenção reconhece unicamente como regra de sua fé, a ser obedecida, a Bíblia Sagrada. Assim sendo, resolveu adotar como regra geral, onde houver trabalho do Senhor já firmemente estabelecido, que a Ceia do Senhor, o batismo e a unção de enfermos sejam feitos pelos que foram consagrados para o ministério e o ancionato. Entretanto, nos lugares onde o trabalho estiver apenas iniciado, ou onde o mesmo esteja pouco desenvolvido, o pastor com a igreja do campo podem autorizar a fazê-lo um dos membros que tenha um bom testemunho. Na falta do pastor, o ancião por todos reconhecido como tal pode substituí-lo.<sup>192</sup>

Na convenção de 1934, é suscitada uma questão relevante quando analisamos a Assembléia de Deus no Brasil. A resposta para esse questionamento, decidida entre os convencionais, serve até hoje como base para aceitação no ministério pastoral e assim comandar a direção de uma comunidade assembleiana:

Pode dirigir uma igreja um irmão que não é batizado com o Espírito Santo?" A resolução dos convencionais de 1934 foi que "não pode dirigir igreja um crente que não é batizado com o Espírito Santo, visto que tal atitude está em desacordo com a Palavra de Deus. Uma pessoa assim pode testificar de Jesus aos pecadores e até abrir trabalhos, mas a Convenção reconhece que daí para frente não está mais na sua alçada."<sup>193</sup>

A partir da Convenção de 1935, em praticamente todas as pautas das sessões convencionais há um tema denominado de dúvidas doutrinárias e eclesiais. Neste espaço destinado as questões doutrinárias, teológicas e estruturais da denominação, surgem temas que durante os anos foram delineando a identidade assembleiana. Uma das questões controversas nas Assembléias de Deus é quanto ao não uso de cruces nas faixadas dos templos ou até mesmo no interior dos locais de culto. Um símbolo de identificação cristã, a cruz vazia, foi negado pelos convencionais, sob a justificativa de que poderia suscitar a idolatria dos fiéis, devido à cultura religiosa brasileira de adorar ícones. Obviamente que essa recomendação era um ataque direto as práticas do catolicismo romano, que tem em sua base iconoclástica a figura do Jesus crucificado. Outro assunto ventilado nas reuniões convencionais ainda na década de 1930 é quanto a sucessão pastoral nas igrejas assembleianas, ou seja, qual seria o protocolo tanto a nível administrativo, quanto à práticas espirituais na escolha do sucessor. Vale destacar que até esse momento a

---

<sup>192</sup> Ibid., p.80.

<sup>193</sup> DANIEL, op.cit., p.93

igreja, representada por sua liderança, não havia produzido qualquer tipo de material impresso, para distribuição, com compêndios teológicos-doutrinários. A prática assembleiana como movimento, sem compromissos organizacionais era mantida quanto a este aspecto. A transmissão das leis, doutrinas e conclusões teológicas eram, em última instância, divulgadas no Mensageiro da Paz. Entretanto, tal periódico não alcançava todas as igrejas e comunidades que se denominavam assembleianas. Em várias ocasiões, quando da chegada de alguma decisão ou resolução para as igrejas em vilarejos distantes, as mesmas já estavam praticando outra diretriz doutrinária decidida localmente. Um exemplo que podemos citar foi o anúncio de alguns problemas quanto a questão doutrinária-teológica na convenção de 1968. Nessa convenção alguns pastores apresentaram propostas de discussão, com vista ao posicionamento da liderança em relação a questão da Doutrina da Trindade Divina.

Nós, abaixo assinados, pedimos a esta magna Convenção dar uma definição sobre a Doutrina da Trindade Divina, visto que no Estado de São Paulo há muitos crentes combatendo esta doutrina, inclusive um funcionário da agência da Casa Publicadora. Obs: Alguns obreiros de algumas Assembléias de Deus são contra a Doutrina da Trindade.<sup>194</sup>

Este relato é relevante por dois motivos. O primeiro devido a multiplicidade de entendimento e práticas espirituais conferidas na própria liderança assembleiana, mostrando de alguma forma, que não havia uma linha doutrinária definida. Cada líder, em suas respectivas igrejas, determinava as práticas eclesiais e doutrinárias, segundo suas convicções, mantendo o poder sobre os fiéis. O segundo motivo se refere à prática da vigilância e denúncia praticada pela liderança da denominação. Característica evidente de um poder disciplinar, tecnologia apresentada por Foucault, que será abordada adiante nesta análise das transformações na Assembléia de Deus.

Era comum questões serem feitas nas Convenções, que já tinham resoluções definidas em convenções anteriores. Os motivos para essas repetições das questões de cunho teológico, doutrinário e eclesial se deve a insegurança dos obreiros em relação a alguns temas. Exemplo dessa situação ocorreu nas convenções de 1931 e 1935. Como dissemos anteriormente, na convenção de 1931

---

<sup>194</sup> Ibid., p.391.

foi definido pelos convencionais como deve ser um obreiro. O texto foi reproduzido nas páginas do Mensageiro da Paz. Contudo, na convenção de 1935 é suscitado uma pergunta respondida quatro anos antes: “Quais as qualidades que um obreiro do Senhor deve possuir?”<sup>195</sup>. Portanto, era comum a “ressurreição” de temas que já foram abordados anteriormente, em outras reuniões convencionais. Contudo, alguns assuntos doutrinários, teológicos e estruturais da denominação são interessantes de serem citados e analisados neste de jogo de transformações e mudanças na formação identitária assembleiana.

Um dos assuntos doutrinários-teológicos ventilados nas Convenções foi sobre o batismo por imersão e aspensão. Segundo Silas Daniel, na 4ª Semana Bíblica, realizada no Rio de Janeiro, uma das perguntas foi “que se deve fazer com um crente batizado por imersão, que depois de aspergido volta à Assembléia de Deus? Deve ser batizado novamente?”<sup>196</sup>. Devemos pontuar algumas questões. Primeiro a de que a Assembléia de Deus considerava válida e bíblica o batismo feito imersão. Segundo, em algumas igrejas, como as presbiterianas, o batismo é feito por aspensão. A pergunta feita posteriormente, “deve ser batizado novamente?” demonstra de alguma forma a rigidez e manutenção de sua doutrina como a verdadeira prática bíblica. A resposta dos convencionais é categórica nesse sentido, quando afirmam que “não é necessário ser batizado novamente, mas tal crente não deve ser logo aceito, visto não ter firmeza na sua vida espiritual e na doutrina”<sup>197</sup>. Neste sentido inicia-se na Assembléia de Deus a formulação de leis disciplinares, que regeriam o comportamento dos líderes e fiéis assembleianos.

A questão da disciplina sempre foi um tema muito debatido entre os convencionais nas reuniões da igreja. Afinal o que fazer em casos de dissidências, cismas, problemas internos, enfim, doutrinariamente e teologicamente quais serão os posicionamentos da igreja como organização eclesial? Esse assunto precisava ser definido pela liderança, justamente para não perderem a autoridade frente a alguns assuntos que mereciam maiores cuidados. Na convenção de 1938, a liderança resolveu produzir um artigo conclusivo, a respeito da questão disciplinar na igreja. Ora, essa é uma estratégia de poder. Definir um sistema de controle como demonstração de autoridade. Michel Foucault, quando analisa o poder, apresenta a

---

<sup>195</sup> Ibid., p.103

<sup>196</sup> Ibid., p.197

<sup>197</sup> Ibidem

questão disciplinar como um dos dispositivos existentes. A disciplina é uma tecnologia de poder exercida sobre o corpo através de instituições que as criaram. Cabe aqui uma breve explicação dessa abordagem doutrinária, a partir da análise foucaultiana de poder disciplinar.

O poder disciplinar não é um aparelho e muito menos uma instituição, mas é uma técnica, um dispositivo, uma tática, um instrumento de poder, que seria constituído de métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo para assegurar a sujeição constante das forças e impor uma relação de docilidade-utilidade. É um poder que não trabalha no exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipulando-o, produzindo-o de acordo com as necessidades da sociedade industrial e capitalista. Foucault afirma:

Enquanto o poder soberano se manifesta essencialmente pelos símbolos da força fulgurante do indivíduo que o detém, o poder disciplinar é um poder discreto, repartido; é um poder que funciona em rede e cuja visibilidade encontra-se tão somente na docilidade e na submissão daqueles sobre quem, em silêncio, ele se exerce.<sup>198</sup>

Roberto Machado nos apresenta três características básicas do poder disciplinar, ou melhor, da disciplina. Primeiro, ele afirma que a disciplina é um tipo de organização do espaço, ou seja, uma técnica de distribuição dos indivíduos em um espaço individualizado. A segunda característica se refere à disciplina como um controle do tempo, através da qual o corpo está sempre em sujeição ao tempo para seu desenvolvimento. A terceira característica se refere à vigilância como um dos seus principais instrumentos de controle, presente em toda a extensão do espaço onde o corpo está inserido. E por fim, a disciplina produz um saber no exercício do poder<sup>199</sup>. Vale destacar que a disciplina não substitui outras formas de poder que existiram na sociedade, mas ela investe sobre estas, reunindo-as, estendendo seu alcance e buscando seu objetivo, o de forjar um corpo dócil, submisso, que pode ser utilizado, transformado e aperfeiçoado. Estas tecnologias disciplinares vão se destacar fazendo com que os objetos de poder ganhem visibilidade:

---

<sup>198</sup> FOUCAULT, Michel. *O poder psiquiátrico*: curso dado no Collège de France(1973-1974). São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.28

<sup>199</sup> MACHADO, op. cit., p. XVII-XVIII.

Nas formas tradicionais de poder, como a do soberano, o poder se fazia visível, se mostrava abertamente e era constantemente demonstrado. As multidões permaneciam na sombra, aparecendo apenas na extremidade do brilho do poder. O poder disciplinar inverteu estas relações. Agora, é o poder que fica invisível e os objetos de poder – aqueles sobre os quais funciona – se tornam mais visíveis. É o fato da vigilância, constante visibilidade, que constitui o centro da tecnologia disciplinar.<sup>200</sup>

Sabemos que a vigilância vai se constituir como uma das grandes técnicas deste poder disciplinar, basta vermos o exemplo do Panopticon, de Jeremy Bentham, do século XVIII. Mas o que nos chama a atenção é sem dúvida uma afirmação de Foucault sobre a questão deste poder disciplinar e dos dispositivos e estratégias utilizados pelo mesmo:

Esse poder disciplinar, no que tem de específico, tem uma história, que esse poder não nasceu de repente, que também não existiu sempre, que se formou e seguiu uma trajetória de certo modo diagonal, através da sociedade ocidental. E, para tomar apenas, digamos, a história que vai da Idade Média aos nossos dias, creio que podemos dizer que esse poder, no que ele tem de específico, não se formou propriamente à margem da sociedade feudal, nem, certamente, tampouco em seu centro. Formou-se no interior das comunidades religiosas; dessas comunidades religiosas, ele se transportou, transformando-se, para comunidades laicas que se desenvolveram e se multiplicaram nesse período da pré- Reforma, digamos, nos séculos XIV-XV.<sup>201</sup>

Não quero aqui utilizar este argumento de que o poder disciplinar formou-se no interior das comunidades religiosas para justificar o tema desta pesquisa, mas se faz necessário entender que as técnicas e as estratégias utilizadas pelo poder disciplinar se difundiram após o período Medieval. Embora Foucault em todos os seus estudos analise as relações do poder disciplinar no âmbito da Igreja Católica Apostólica Romana, mais especificamente das comunidades religiosas de permanência integral como conventos e mosteiros, não podemos desconsiderar a expansão do poder disciplinar nos séculos posteriores ao período medieval. Obviamente não utilizarei as características do catolicismo para justificar uma abordagem em uma igreja pentecostal como a Assembléia de Deus, mas não podemos também negar a utilização da tecnologia disciplinar ainda no início do

---

<sup>200</sup> DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.175.

<sup>201</sup> FOUCAULT, op. cit., p.51.

século XX. Devemos ressaltar que a Igreja Católica no início do século XX, mais especificamente no Brasil, ainda convivia com práticas do medievo, como é o caso de sua liturgia. Embora, as igrejas protestantes fossem diferentes em alguns aspectos em relação ao catolicismo romano, podemos afirmar que algumas de suas práticas, principalmente relacionadas ao poder e ao corpo ainda percorreram os meios evangélicos. No caso da Assembléia de Deus, fundada por europeus, a ênfase em tecnologias de controle e de disciplina é de fato evidente e podemos observar quanto às doutrinas instituídas em solo brasileiro pela denominação assembleiana.

Assim a Assembléia de Deus formava um corpo institucional e se organizava aos poucos. Obviamente, nesta formação como comunidade religiosa se fazem necessárias tecnologias disciplinares, se faz necessário o exercício do poder disciplinar para formar, produzir, submeter o corpo humano. São métodos que permitem o controle do corpo e que assegura esta sujeição constante. Entretanto, este poder não é um bem possuído apenas pelos pastores ou pela denominação, mas perpassa toda a rede de relações empreendidas na denominação, ou seja, faz parte das Assembléias de Deus nesta relação circular onde podemos ser dominados ou dominadores. Assim, devido a essa necessidade na década de 1930, mais especificamente no ano de 1938, na convenção realizada em agosto na cidade de Recife, discutiu-se a questão da disciplina para aqueles que transgrediam as doutrinas da igreja e doutrinas “bíblicas”. Após várias discussões entre os convencionais, foram instituídas algumas conclusões acerca da disciplina na igreja Assembléia de Deus do Brasil:

1) Deve haver correção e repreensão para todos os membros da igreja que procederem desordenadamente, não havendo nisso diferença entre nacionalidades e ministérios [...] 2) Não se pode fazer regras invariáveis, mas geralmente o processo de correção deve ter origem com alguém do ministério da igreja e ser levado diante da igreja, quando, apesar de todos os esforços do ministério, o desordenado não se arrepende [...] 3) É bíblico excluir membros culpados de certos pecados, mas essa correção não pode ser feita somente pelo pastor, tampouco pelo ministério, mas, sim, pela Igreja. 4) Visto que os pastores das Assembléias de Deus são consagrados pela cooperação de outras Assembléias e não só por uma igreja local ou o ministério de uma igreja local, a disciplina deles deve também ser feita com a cooperação de pastores experimentados, convidados pela Assembléia em que há dificuldades, como foi a prática desde o princípio deste trabalho. Estes devem agir em conjunto com a igreja local.<sup>202</sup>

A partir desse momento é instituído na Assembléia de Deus do Brasil o exercício da tecnologia disciplinar. Podemos observar que estas resoluções acerca da disciplina na Igreja expõem algumas características importantes do poder disciplinar. Primeiramente a de formar, produzir, adestrar como objeto o corpo humano. Além disso, observamos a partir disso a prática da vigilância na igreja, onde todos estão vendo o seu comportamento. A vigilância como o principal instrumento de controle do poder disciplinar. Este instrumento controlador não deve ser fragmentário e descontínuo, mas deve ser visto por todos os indivíduos que a ele estão expostos permanentemente. Há uma vigilância que não tem limites e que está presente em toda a extensão do espaço. Outra característica importante com a disciplina imposta pelas Assembléias de Deus do Brasil é a circularidade exposta a todo momento, ou seja, o membro pode passar de dominado à dominador em um curto espaço de tempo. Obviamente, o corpo é o objeto deste poder disciplinar que começa a ser divulgado na Assembléia de Deus, lembrando que o poder, na tecnologia disciplinar, torna-se invisível, mas suas técnicas, táticas e estratégias enfatizam esse poder disciplinar. Podemos afirmar que o destaque neste momento não é dado a aquele que exerce o poder ou que detém o poder, mas nas técnicas, como por exemplo, o afastamento da participação na ceia, a suspensão dos ministérios em que a pessoa participava, a proibição de pregar o evangelho e até mesmo a exclusão da igreja dependendo da “gravidade” do erro considerado pelos líderes. Percebemos que muitas das tecnologias disciplinares na igreja

---

<sup>202</sup> DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 143.

assembleiana no seu início se assemelhavam muito a condenações judiciais, como por exemplo, o afastamento de certas atividades por um determinado tempo, seja seis meses, um ano, dois anos.

As instâncias de vigilância e de exame, tão centrais nesta tecnologia disciplinar, tornam-se parte do cotidiano dos membros assembleianos. Segundo Foucault, para fazer funcionar este sistema disciplinar, era necessário um critério que permitisse unificar suas operações e solidificasse as punições num nível ainda mais aperfeiçoado de especificação, este critério foi o que ele denominou de “sanção normalizadora”:

Foucault a caracteriza como um tipo de “micropenalidade” na qual um número cada vez maior de setores da vida, extremamente triviais e locais para serem incluídos na trama legal, era absorvido pelo poder. Havia “ toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções de tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), do modo de ser (indelicadeza, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes incorretas, gestos inconformes, falta de asseio), da sexualidade (imodéstia, indecência)”. Através da especificação dos aspectos mais detalhados do comportamento cotidiano, quase tudo estaria potencialmente sujeito à punição. O dissidente, mesmo temporário, tornou-se o objeto da atenção disciplinar.<sup>203</sup>

Estas tecnologias, estratégias de poder disciplinar estão latentes em diversos meios da doutrina das Igrejas Assembleias de Deus do Brasil. Sem dúvida, esta ação sobre o corpo constitui uma ação que regula, controla, examina a vida humana na sua corporalidade.

Embora, haja na prática religiosa cotidiana da Assembleia de Deus regras normativas, doutrinas e fundamentações teológicas que tem como objetivo o controle, o poder, o domínio sobre o outro, a igreja enquanto denominação eclesiástica apresenta um estudo acurado de suas práticas doutrinárias e eclesiásticas somente na década de 1970, especificamente em 1977.

A Assembleia de Deus no Brasil tornou-se respeitada como um fenômeno do campo religiosos brasileiro, bem como respeitada também nos meios políticos-sociais. Tinha seus próprios meios de sustento, uma editora com vários títulos sendo comercializados e igrejas faraônicas para o contexto urbano da época. Enfim, todas essas características elencadas é um contraste com o atraso na

---

<sup>203</sup> DREYFUS, op. cit., p.174.

formulação de um material doutrinário-teológico. Dessa forma, inúmeros foram os problemas causados pela falta de uniformização do sistema doutrinário assembleiano. Externamente, o campo religioso brasileiro também se transformava com as ascensão de igrejas como O Brasil para Cristo, Deus é Amor e Evangelho Quadrangular, na denominada segunda onda do pentecostalismo brasileiro na década de 1950, como nos apresenta Paul Freston. Na década de 1970 surge a terceira onda do pentecostalismo, com a fundação das chamadas igrejas neopentecostais, casos da Universal do Reino de Deus e Nova Vida. As mudanças e transformações da mentalidade assembleiana eram inevitáveis. Permanecer na idéia ufanista do primitivo movimento assembleiano era, nesse momento, perder espaço para outros movimentos religiosos, digamos “progressistas” ou menos “conservadores”. Dessa forma, na convenção de 1977, um dos pontos a serem discutidos e analisados pelos pastores e líderes era o “processamento de estudo sistemático das nossas diferenças doutrinárias e de governo eclesiástico, e regionais, com vista à sua uniformização”<sup>204</sup>. Contudo, somente em 1979 é formado o chamado Conselho de Doutrina da CGADB:

Outras deliberações foram a criação do Conselho de Doutrina [...] O Conselho de Doutrina ficou composto pelos pastores Túlio Barros Ferreira, presidente (uma vez que o missionário Eurico Bergstén declinou da presidência); Eurico Bergstén, Paulo Leivas Macalão, Lawrence Olson, Temóteo Ramos de Oliveira, Antonio Gilberto, Geziel Nunes Gomes, José Loureiro e Osmar Juvenal [...] Como não houve consenso sobre os temas Separação de diaconisas, unção ministrada por mulheres e divórcio, também abordados na última sessão, estes forma encaminhados para a apreciação do recém-criado Conselho de Doutrina [...] Por proposta do pastor Ubiratan Job, foi aprovado por unanimidade que todos os outros temas de caráter doutrinário pendentes do temário seriam encaminhados ao Conselho de Doutrina da CGADB.<sup>205</sup>

Vale destacar neste pronunciamento dois elementos. Primeiramente a composição do Conselho de Doutrina com algumas figuras controversas e de destaque nas Assembléias de Deus no Brasil. Túlio Barros Ferreira foi pastor da Igreja de São Cristóvão no Rio de Janeiro, fundada por Gunnar Vingren em 1924. Paulo Leivas Macalão foi pastor e presidente vitalício da Igreja de Madureira, sendo consagrado por Gunnar Vingren e Lewi Pethrus. Esses personagens se enfrentaram

---

<sup>204</sup> DANIEL, p. 448.

<sup>205</sup> Ibid., p. 469.

diversas vezes nas reuniões convencionais, promovendo conflitos homéricos na CGADB. Os embates entre Túlio Barros e Paulo Macalão perpassam as barreiras pessoais, pois as igrejas que pastoreavam rivalizavam na Cidade Maravilhosa, a saber São Cristóvão e Madureira. Rivalizavam, inclusive quanto às doutrinas e regras normativas impostas pela liderança. Por isso, torna-se emblemática a participação destes pastores no Conselho de Doutrina. Além deles podemos destacar também as figuras de Antonio Gilberto e Geziel Gomes, que eram uma espécie de responsáveis pelas produções teológicas sistemáticas da denominação. Antonio Gilberto foi autor do chamado Manual da Escola Dominical, utilizada como material do Curso de Aperfeiçoamento de Professores de Escola Dominical (CAPED), contendo as seguintes matérias: Teologia Sistemática, Bibliologia, Escola Dominical, Pedagogia e Psicologia Educacional. Enfim, a Escola Dominical era o momento propício para a prática do discurso doutrinário da denominação, transmitindo assim as diretrizes teológicas determinadas pela liderança. A outra figura, Geziel Gomes, é autor de vários estudos disponíveis nos manuais doutrinários e textos pedagógicos utilizados pela denominação. Por fim, outra figura de destaque neste conselho de Doutrina é Lawrence Olson, que além de ser pioneiro no ensino teológico nas Assembléias de Deus, foi o precursor e fundador, como já dissemos no início deste tópico, do programa “Voz das Assembléias de Deus” no rádio, sendo assim grande divulgador das propostas teológicas-doutrinárias decididas pelos convencionais.

O segundo elemento de destaque no trecho citado é a de que, logo após a oficialização da existência do Conselho de Doutrina surgem temas que não foram resolvidos e que ficaram a cargo da comissão formada apresentar um parecer bíblico-doutrinário sobre as questões. E vejam que são questões, até certo ponto simples, mas que não tinham um posicionamento definido pela denominação.

Para finalizar a análise sobre o processo de mudanças e transformações na formação identitária assembleiana, apresento questões sobre o ensino teológico no âmbito das Assembléias de Deus no Brasil. O movimento assembleiano manteve sempre um posicionamento contrário ao estudo sistematizado das questões bíblicas. Além disso, negava que a formação de obreiros deveria ser autenticada e legitimada somente com a formação teológica. Quando observamos a formação da liderança assembleiana nas primeiras décadas há ênfase na liberdade do Espírito Santo em escolher os aptos ao ministério.

Evidentemente, essa premissa era um tanto quanto contraditória, pois a formação de obreiros e pastores era mediante a aceitação e reconhecimento dos missionários suecos. O processo da chamada “consagração ministerial” era simples e objetivo. Alguns fiéis, colaboradores da obra pentecostal assembleiana no Brasil, após manifestarem o desejo de servir, eram avaliados pelos missionários líderes. Essa avaliação consistia em aspectos como bom comportamento, testemunho e obediência as diretrizes do movimento. Não havia entrevistas doutrinárias, teológicas, avaliações de sermões, avaliações de exegeses bíblicas, como é costume das igrejas protestantes históricas. Estas enfatizam a necessidade do conhecimento bíblico-teológico, na formação teológica dos candidatos ao ministério, bem como na perspectiva de que na ausência de conhecimento e entendimento das questões ligadas a Bíblia, a possibilidade do surgimento de heresias é significativo.

A liderança assembleiana tinha como objetivo a expansão da mensagem pentecostal e, portanto, não havia a preocupação demasiada sobre o conhecimento do candidato a obreiro. Por não ter contingente imediato para suprir as necessidades das nascentes comunidades assembleianas iniciou-se uma “corrida” na consagração e envio de obreiros para várias localidades. Muitos fiéis abandonaram seus empregos para se tornarem evangelistas, para posteriormente serem oficializados como pastores da denominação.

A disseminação da igreja foi desordenada, aleatória e acidental, mas persistente. Como ela não contou com um órgão administrativo/estratégico para elaborar um plano de ação e sua liderança no primeiro momento parece não ter consciência do que estava acontecendo, ela foi se alastrando e crescendo de qualquer modo [...] Igrejas são abertas sem ter pastores para cuidar delas; pessoas são batizadas nas águas (efetivando assim, a filiação), mas não há obreiros credenciados para lhes ministrar a Santa Ceia; missionários chegam do exterior sem definição de igrejas e locais de trabalho. Há seguidas cartas, nos periódicos da época, de pessoas de diferentes cidades/povoados pedindo visita pastoral [...] Já no segundo ano de existência da igreja, em 1913 [...] Vingren inicia a consagração de pastores brasileiros.<sup>206</sup>

---

<sup>206</sup> ALENCAR, op.cit., p. 71.

Os relatos de Gunnar Vingren, demonstram o discurso de simplicidade dos obreiros enviados, bem como a consagração de pastores, com o intuito de enviá-los a igrejas nascentes:

Três outros obreiros estão trabalhando nesses Estados do Nordeste, e o Senhor os tem abençoado. A obra de Deus continua a ser realizada através desses pequenos servos que Ele envia. Os inimigos ficam admirados ao ver a grande sabedoria e inteligência com que Deus, através do seu Espírito, reveste os seus servos de origem tão simples. O futuro deste movimento pentecostal é muito promissor. Estamos sempre recebendo notícias de novas igrejas que surgem [...] Em 1912, no princípio do ano, o irmão Isidoro Filho foi consagrado a pastor e colocado na direção da igreja em Soure, e no princípio de 1913 o irmão Absalão Piano também foi separado para o pastorado e passou a dirigir a igreja em Tajapuru.<sup>207</sup>

Como podemos observar, a consagração de obreiros tornou-se fundamental para a manutenção das comunidades assembleianas que se formavam em várias localidades. Entretanto, a idéia de preparo teológico era negada pela liderança assembleiana, devido a preocupação com a formalidade e o “esfriamento” que o conhecimento poderia transmitir para os novos obreiros. É interessante destacar que Gunnar Vingren havia feito seminário batista e tinha formação teológica, mas quando da fundação do movimento no Brasil não se preocupou com o tema, dando ênfase à pregação da verdade e da promessa divina do batismo no Espírito Santo. Porém, vendo a necessidade da reciclagem de temas doutrinários, é apresentada uma proposta para a organização de Escolas Bíblicas de Obreiros das Assembléias de Deus no Brasil. Seriam três grandes encontros regionais: Norte, Nordeste, Sul (Sudeste-Sul).

É nesse período que as escolas bíblicas de obreiros começam a ganhar uma importância ainda maior na Assembléia de Deus no Brasil, devido à falta de seminários pentecostais. Eram essas escolas informais de Teologia que formavam os novos obreiros [...] Essas escolas eram os primeiros seminários teológicos pentecostais informais com cursos de curta duração.<sup>208</sup>

Seria equivocado por parte da pesquisa afirmar que essas escolas bíblicas seriam espécies de “seminários teológicos pentecostais de curta duração”.

---

<sup>207</sup> VINGREN, op.cit., p.62.

<sup>208</sup> DANIEL, op.cit., p. 126

Afinal, a proposta de criação de Escolas Bíblicas foi uma maneira de reciclar, divulgar, informar e explicar quais eram as diretrizes do movimento para os novos obreiros. O currículo era constituído pelas disciplinas: Doutrina Bíblica, História da Igreja e Noções de Língua Portuguesa. Não podemos afirmar que esse currículo era um prenúncio dos seminários pentecostais. Ademais, essa questão do ensino era tão periférico para a liderança assembleiana que a proposta da criação das três escolas regionais, apoiadas unanimemente por todos os participantes da Convenção de 1935, em João Pessoa, não saiu das atas daquela reunião convencional, ou seja, não aconteceram, foram abortadas, esquecidas, menosprezadas. O assunto foi novamente suscitado na Convenção de 1937, pelo missionário Gustav Bergström:

O segundo assunto em pauta foi levantado também por um missionário, o irmão Gustav Bergström, que pediu a criação de uma Escola Bíblica anual., com duração de pelo menos dois meses, para todos os obreiros do Brasil e aspirantes ao ministério. O assunto começou a ser debatido pela manhã, e a discussão prosseguiu na reunião à tarde. Um dos convencionais presentes lembrou que bastava fazer valer a decisão da Convenção de 1935, realida em João Pessoa, e já seria suficiente [...] Ao final da discussão, foi frisada a necessidade de uma maior preocupação com a preparação dos obreiros quanto às doutrinas bíblicas [...] Foi acertado que as igrejas deveriam enviar os seus alunos, pagando suas respectivas passagens e custeando mais algumas despesas para a manutenção dos mesmos na escola. Outro detalhe é que os enviados deveriam ser “irmãos que tenham sentido a vocação de Deus para o Seu trabalho e desejam aprender.”<sup>209</sup>

Mesmo com a proposta de realização de Escolas Bíblicas, no intuito de melhorar o preparo dos vocacionados ao ministério, a questão da formação, consagração e separação de obreiros ainda causavam debates, discussões e controvérsias nas sessões convencionais. Devido a necessidade de envio de obreiros para várias regiões do país, muitos eram consagrados sem a devida avaliação, causando posteriormente inúmeros problemas. Na Escola Bíblica de outubro de 1941, realizada no Rio de Janeiro, houve sessões convencionais, cujas resoluções tiveram peso de Convenção Geral. Um dos temas discutidos, que gerou acalorados debates foi em relação “a separação ou consagração de obreiros para a dirigir comunidades assembleianas”. A resolução diz o seguinte:

---

<sup>209</sup> Ibid., p.125.

Os obreiros das Assembléias de Deus no Distrito Federal e em outros Estados do Brasil, reunidos no Rio de Janeiro nos dias 8, 9 e 10 de outubro, resolveram o seguinte [...] A separação de obreiros, quando se trata de pastores e de evangelistas, deve ser feita numa reunião de obreiros, e isto depois que os futuros ministros se achem perfeitamente provados e habilitados para desempenhar suas funções, e tenham sido aprovados, após serem examinados, e pelo consentimento unânime, se for possível, dos obreiros presentes é reunião.<sup>210</sup>

É interessante notar que não há uma referência clara à formação teológica, o texto diz apenas “habilitados”, mas afinal o que seria essa habilitação? Um dos quesitos obrigatórios e essenciais para habilitação ministerial é ser batizado no Espírito Santo. Entretanto, há novamente a proposta de realização das Escola Bíblica de Obreiros, com público diferenciado. Seria uma escola exclusiva para “pastores, evangelistas e moços”.

Atendendo às necessidades do desenvolvimento do trabalho das Assembléias de Deus no Brasil, e considerando a grande necessidade de preparar obreiros vocacionados para o ministério da pregação da Palavra de Deus, a Assembléia de Deus no Rio de Janeiro hospedará uma Escola Bíblica para pastores, evangelistas e moços que tenham sentido vocação e chamada para o trabalho do Senhor.<sup>211</sup>

Evidentemente, esse “atendimento às necessidades” pode ser visto como uma transformação no posicionamento assembleiano em relação à preparação dos obreiros. Afinal, essa escola bíblica proposta seria para pastores e evangelistas, ou seja, homens que já estavam no “campo de evangelização”. A liderança assembleiana reconhecia que a ideologia quanto à formação de obreiros deveria ser modificada, mesmo que de maneira gradativa. Esse sentimento no processo organizacional ou institucional do movimento ganhou fôlego, proporcionando, anos depois, propostas ousadas quanto à formação teológica da liderança. A 4ª Semana Bíblica, realizada na Igreja de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, ficou marcada pelos intensos e concorridos “debates sobre a necessidade de investir no ensino teológico formal na Assembléia de Deus”<sup>212</sup>. Segundo Silas Daniel, o debate sobre o assunto iniciou-se após a pergunta “proposital” de John Peter Kolenda, missionário ligado as Assembléias de Deus norte-americanas que

---

<sup>210</sup> DANIEL, op.cit.p. 168.

<sup>211</sup> Ibidem

<sup>212</sup> DANIEL, op.cit., p.185.

colaborava com o desenvolvimento da Assembléia de Deus no Brasil. O questionamento de Kolenda suscitou entre os convencionais posicionamentos divergentes. “Que mais poderemos fazer para contribuir para a idoneidade dos nossos obreiros?”. Kolenda tinha um objetivo, o qual foi alcançado após a formulação e apresentação da pergunta.

Esse missionário era entusiasta do ensino teológico formal para os obreiros assembleianos. Segundo os relatos, o primeiro a se manifestar sobre o assunto foi Paulo Leivas Macalão, pastor de Madureira, que integrava a ala mais conservadora da denominação, defendendo os interesses sugeridos por este grupo. Era uma espécie de porta-voz contra as ideias “progressistas e liberais”. Contudo, a proposta apresentada por Macalão não é de um conservadorismo radical. Macalão era favorável a criação de Escolas Bíblicas noturnas, com ministrações semanais, desde que não impedissem a atuação dos obreiros nos cultos noturnos das igrejas que pastoreavam. Além disso, foi sugerida uma espécie de plano de estudo por correspondência, algo comum nas igrejas norte-americanas. Em contrapartida, o missionário Lawrence Olson, o mesmo que fundou o programa de rádio “Voz das Assembléias de Deus”, discursou em favor da abertura de “institutos bíblicos, escolas teológicas, seminários pelo país”<sup>213</sup>. Olson defendia o estudo mais apurado das Escrituras por parte dos obreiros. Contudo, Macalão, conservador, reagiu apontando os possíveis perigos na criação de cursos teológicos, sendo endossado pela maioria dos líderes presentes na convenção.

Kolenda era alemão, radicado nos EUA, ligado as Assembly of God dos EUA, formado pelo Instituto Bíblico de Pasadena, Califórnia, sendo ordenado pela Convenção das Assembléias e Deus da Califórnia nos EUA. Olson era filho de suecos radicados nos EUA. Formou-se pelo Central Bible College, em Springfield, Missouri, reorganizando a igreja da Assembléia de Deus na cidade de Appleton. Enfim, estes homens eram ligados a Assembléia de Deus norte-americana, movimento pentecostal branco, fundado em 1914, que defendia a formação teológica e doutrinária como requisitos para a consagração pastoral. Ainda há certo “preconceito e medo” por parte dos líderes da denominação quanto ao ensino formal de teologia. O discurso reacionário de Macalão é um exemplo deste posicionamento.

---

<sup>213</sup> Ibid., p.194.

Após a exposição do missionário (Olson), o pastor Paulo Leivas Macalão pediu a palavra para discordar, dizendo que seria “perigoso” investir muito na educação teológica do obreiro. Ele falou “do perigo da muita sabedoria”, referindo-se ao intelectualismo, à possibilidade do muito estudo esfriar o obreiro.<sup>214</sup>

Sobre o assunto ainda se manifestaram o missionário Samuel Nyström, presidente da Convenção, posicionando-se de maneira equilibrada, mas que demonstrava preocupação com a ala conservadora da denominação, embora reconhecia a necessidade de “sabedoria” por parte dos obreiros. As discussões continuaram, pois muitos eram resistentes a ideia de formação teológica. A ala conservadora da denominação fortaleceu-se durante o debate, sendo descartada a proposta de criação de seminários. Porém, foi aprovado o curso por correspondência, que novamente nos apresenta o processo gradativo de transformações na mentalidade e na ideologia eclesiástica da Assembléia de Deus no Brasil. Contudo, a definição sobre o assunto não estava evidente. O grupo de resistência e oposição ao ensino formal de teologia nas Assembléias era forte e tinha poder de decisão nas reuniões convencionais. A tensão estava instalada. O curso por correspondência era um caminho sem precedentes, pois foi uma maneira de adiar a discussão sobre a criação de institutos bíblicos ou seminários teológicos. Essa era uma previsão lógica e poderia gerar sérias conseqüências entre a liderança das Assembléias de Deus. A CGADB estava em guerra. Assim, questões históricas, saudosismos, ufanismos, lembranças, apelos espirituais, tudo era usado na prática do discurso. O ambiente estava se tornando hostil devido as transformações e mudanças na formação identitária assembleiana. Ambiente hostil que chegará ao ápice no final do século XX e início do século XXI.

Parece-nos que as contradições e as mudanças de opiniões eram elementos presentes nas reuniões convencionais. Exemplo disso, em relação a questão da formação teológica dos obreiros, são as decisões da convenção de 1946 e da convenção de 1948. Em 1946, J.P.Kolenda novamente propõe a criação de institutos bíblicos das Assembléias de Deus no Brasil, sendo novamente recebido com desconfiança pelos convencionais. Contudo, o missionário Virgil Smith, endossando a proposta de Kolenda, apresentou uma solução, a qual foi aceita “por grande maioria dos votos” depois de “cuidadosamente considerada”. A proposta

---

<sup>214</sup> Ibid., p.194.

consistia na autorização dos convencionais para que o pastor Kolenda buscasse recursos nos EUA, que seriam utilizados na instalação de institutos bíblicos no Brasil. Esta proposta foi aceita pela maioria dos convencionais. Entretanto, esse apoio não se confirmou. Passados dois anos, novamente o assunto entrou em pauta através do pastor Kolenda, que afirmava ser necessária para a formação dos obreiros, a criação de institutos bíblicos com ensino teológico formal. Esse assunto foi colocado em pauta novamente, pois o curso por correspondência, proposto por um membro da ala conservadora foi desconsiderado por várias igrejas. O secretário da Convenção de 1948, Herbert Nordlund cita o posicionamento de um pastor quanto ao assunto:

O irmão Pires faz ver que a maioria dos irmãos são contrários aos cursos bíblicos por correspondência. Disse ainda que temos uma escola, a de Jesus, que não pode nem deve ser orientada por determinada pessoa. Aprendeu, como outros, e foi provado na igreja para o ministério. Mostrou a necessidade de ser chamado por Deus e consagrar-se ao Senhor, e não desprezar a graça que Deus tem dado à sua igreja pelos ministérios.<sup>215</sup>

Este relato apresenta um posicionamento radical sobre a questão do ensino teológico formal, afinal a escola é “Jesus”. Outro que se manifestou contrário a posição de Kolenda foi o pastor Francisco Pereira do Nascimento, que durante anos pastoreou a igreja de Belém:

O irmão Pereira fez ver que em Belém, há algum tempo, cogitou-se instalar um instituto bíblico, mas viu-se algum perigo já no curso por correspondência, sobre o qual citou um exemplo. Por isso, foi abandonando o projeto. Ainda aconselhou cuidado para não incorrer nos erros das igrejas denominacionais, terminando em formalismo.<sup>216</sup>

Este relato sobre o posicionamento de Pereira é emblemático por alguns motivos. Primeiro por considerar o curso por correspondência perigoso na formação de obreiros. Segundo, devido a esse perigo, nega-se a criação de institutos bíblicos. Terceiro, por criticar as igrejas denominacionais, o que significa que a idéia de movimento ainda era latente. Quarto, pelo perigo do formalismo, ou seja, a idéia do curso teológico formal estava sendo negado como instrumento na

---

<sup>215</sup> DANIEL, op.cit., p.253

<sup>216</sup> Ibid., p.253-254.

formação de obreiros. Samuel Nyström, que em convenções anteriores dizia ser necessário o preparo do obreiro em sabedoria e conhecimento, agora se dizia contrário a criação de institutos bíblicos, mesmo reconhecendo a defasagem teológica dos obreiros da denominação.

Mesmo com a falta de apoio na criação de institutos bíblicos, dois foram fundados por missionários assembleianos, que mantinham estreita relação com a Assembléia de Deus dos EUA. Estes institutos foram criados pelos missionários que apoiavam incondicionalmente a formação teológica dos obreiros. Lawrence Olson, citado anteriormente, como expoente no radioevangelismo, e João Kolenda Lemos, entusiasta da criação de institutos bíblicos. O primeiro, Olson, em 1961, fundou o Instituto Bíblico Pentecostal (IBP), no Rio de Janeiro. O segundo, Kolenda Lemos, fundou, em 1958, na cidade de Pindamonhagaba, o Instituto Bíblico das Assembléias de Deus (IBAD).

Instituição de ensino teológico com Ênfase missionária fundada em 1958, pelos missionários das Assembléias de Deus norte-americanas no Brasil, João Kolenda Lemos [...] e Ruth Dorris Lemos [...] A primeira instituição de ensino teológico formal permanente, com aulas presenciais e em regime de internato, entre as Assembléias de Deus no Brasil. Embora, tivesse o nome “Assembléias de Deus”, a fundação do Ibad não foi uma iniciativa institucional e oficial das Assembléias de Deus [...] os que tiveram a iniciativa de abrir essas escolas, continuaram na “mira” de serem desligados das Assembléias de Deus.<sup>217</sup>

Quase vinte anos depois o tema institutos bíblicos voltariam à pauta das sessões convencionais assembleianas. Após a fundação de institutos bíblicos sem o parecer da CGADB e o silêncio durante todo o período, em 1966, na convenção geral a questão suscita novos debates. “Deve a Convenção Geral apoiar ou não os institutos bíblicos?”. Alguns líderes, inclusive João Kolenda Lemos, fundador do IBAD tentou argumentar em favor do apoio. Contudo, novamente o posicionamento conservador, contra a organização e contra a formação teológica foi enfatizado. Foram momentos de tensão, pois algumas respostas foram pessoais, questionando, inclusive, a participação e apoio da Assembléia de Deus dos EUA na obra pentecostal assembleiana no Brasil. O que estava em jogo era o poder. As

---

<sup>217</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 399-400.

relações de poder estavam se manifestando. Segundo Silas Daniel, o convencional João Pereira de Andrade e Silva, afirmou que:

o assunto da criação de institutos bíblicos devia ser tratado a priori, e não a posteriori (já que o Ibad e o IBP haviam sido fundados mesmo a contragosto de muitos líderes brasileiros), e manifestou sua opinião no sentido de que o melhor educandário é o Colégio do Espírito Santo, tendo ainda sugerido que houvesse maior interesse por parte dos irmãos americanos em favor da fundação de ginásios e colégios de que tanto carece a nossa pátria.<sup>218</sup>

Outras manifestações contrárias são interessantes de serem citadas:

O pastor Anselmo Silvestre manifestou-se “contrário a fábrica de pastores e o perigo de alguns fiarem com as cabeças cheias e coração vazio” [...] O pastor Luz ainda acrescentou: “Os missionários da outra América não foram enviados para estabelecer institutos bíblicos, mas para ganhar almas para Jesus” [...] O pastor Antônio Petronilo dos Santos foi o último a falar, e de forma contundente, dizendo que “os institutos bíblicos desejam realizar um trabalho psicológico nas Assembléias de Deus no Brasil”. Ele concluiu afirmando que “nestes 55 anos as Assembléias de Deus no Brasil cresceram imensamente sem o concurso dos institutos bíblicos”.<sup>219</sup>

Todas essas discussões adiavam a possibilidade da formação teológica para os obreiros da denominação. Passados sete anos, na Convenção de 1973, finalmente há decisão favorável ao reconhecimento do IBAD pela Comissão de Educação Religiosa da CGADB. Interessante é que o relator desta decisão foi o pastor João Pereira de Andrade e Silva, crítico severo da instalação dos institutos bíblicos, que se manifestou na convenção de 1966. Atualmente, o IBAD, instalado em Pindamonhagaba é reconhecido orgulhosamente pela CGADB como um local de formação pastoral e missionária. Inclusive, no livro comemorativo “100 acontecimentos que marcaram a história das Assembléias de Deus no Brasil”, escrito pelo pastor Isael de Araújo, diretor do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal, há menção do IBAD, como um dos cem fatos marcantes da história assembleiana. Enfim, um instituto de formação teológica-doutrinária ora renegado pelos convencionais, agora é reconhecido como um marco fundamental na formação identitária assembleiana ao longo dos seus mais de cem anos.

---

<sup>218</sup> DANIEL, op.cit., p.380.

<sup>219</sup> Ibid, p. 381-382.

## 7 TENSÕES PRODUZIDAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA NOVA IDENTIDADE

As mudanças e transformações desenvolvidas durante o processo de formação identitária assembleiana, ocorreram após debates intensos e conflituosos nas reuniões convencionais. Durante as manifestações nas Convenções Gerais os grupos ficaram definidos. Podemos dizer, como na política, que nas Assembléias de Deus no Brasil temos uma ala progressista e liberal, influenciada pelos missionários norte-americanos. Há também uma ala de centro que não negocia tradições, equilibrada, representada pelos missionários suecos e seus correligionários, e temos uma ala conservadora, radical em alguns aspectos quanto as tradições, representada por pastores brasileiros de descendência nordestina. Evidentemente, discursos inflamados eram proferidos nessas reuniões, onde os grupos defendiam seus interesses. Interesses estes que envolviam a questão do poder e da influência no âmbito das Assembléias de Deus no Brasil. Certamente, a influência destes grupos foram o motor para a organização e institucionalização do movimento, transformando a Assembléia de Deus em potência religiosa no Brasil. Quando observamos algumas resoluções aprovadas nas convenções e traçamos um paralelo com as práticas assembleianas atualmente, podemos claramente apontar o grupo que, com sua força política, fez com que algumas proposta fossem legitimadas. Contudo, não podemos desconsiderar as reações frente às mudanças operacionais, normativas, eclesiais e doutrinárias. Seria equivocado apresentar estas mudanças e transformações como aspectos de progressão. Evolução seria o termo adequado. Evolução que não significa necessariamente progresso, mas sim mudança das populações ao longo do tempo para melhor adaptar-se. Contudo, este processo “evolutivo religioso” é carregado de conseqüências.

Utilizando termos da Biologia, podemos dizer em uma “seleção natural” para explicar a adaptação da liderança em relação as mudanças que estavam ocorrendo. A seleção natural é um dos processos da evolução. Quando membros de uma espécie tornam-se geograficamente separados, eles enfrentam diferentes ambientes e tendem a evoluir em diferentes direções . Após um longo tempo, as características destes membros, poderão ter se desenvolvido em diferentes vias de tal modo que eles não poderão mais se inter cruzar, em um ponto que serão considerados como de espécies distintas. Essa é a razão de uma espécie,

por vezes, separar-se em múltiplas espécies. É justamente este processo que ocorre nas Assembléias de Deus no Brasil. A distância das igrejas e dos obreiros, enfrentando diferentes contextos políticos-sociais-religiosos, fez com que muitos adotassem diretrizes próprias, não seguindo as determinações da CGADB. Afinal, cada igreja é autônoma em suas decisões. Além disso, mesmo que as decisões convencionais sejam “democráticas”, a aceitação de uma proposta da CGADB poderia ser rejeitada por líderes contrários nas comunidades locais. Assim, estas igrejas e líderes independentes vão agir de tal forma desconectados com as vias impostas pela CGADB, que chegaria o momento em que tais igrejas seriam consideradas diferentes da Assembléia de Deus no Brasil. Surgem assim as dissidências, os conflitos, as tensões quanto a este “processo evolutivo da denominação”. Muitos não se adaptam as novas estruturas. Não reconhecem as mudanças e transformações. Não aceitam negociar as tradições. Não aceitam a mudança do plano evangelístico. Não concordam com as diretrizes doutrinárias sobre o batismo no Espírito Santo. Não aceitam a forma de organização da igreja. Não aprovam a formação de institutos bíblicos. Não aceitam a importância de alguns líderes nas reuniões convencionais. Contudo, acrescentam nas igrejas locais, práticas condenadas pela CGADB, confrontando abertamente as resoluções impostas pela Convenção. Enfim, tornam-se movimentos independentes.

Podemos definir as tensões ocorridas na Assembléia de Deus no Brasil a partir de duas perspectivas: tensões que ocorreram externamente as reuniões convencionais e tensões que ocorreram no seio da denominação, entre líderes e igrejas que faziam parte da estrutura assembleiana e, portanto, participantes das decisões convencionais. Sobre as tensões externas, três temas se destacam no período, de 1930 à 1980. Essas questões foram importantes devido ao contexto da época: Relação assembleiana com outras denominações protestantes; fusão das igrejas pentecostais no Brasil; relações com a Assembléia de Deus dos EUA.

A questão da relação assembleiana com outras denominações protestantes, no início, foi conflituosa. Segundo os relatos dos pioneiros, os representantes das igrejas históricas eram críticos ferozes do movimento pentecostal, principalmente em relação a doutrina do batismo no Espírito Santo, pois questionavam a validade do batismo, como a verdade que não havia sido apresentada ao povo brasileiro por outras igrejas. De fato, folhetos, manifestações e

afrontas entre protestantes históricos e pentecostais assembleianos eram comuns no período inicial do movimento no Brasil. Entretanto, após alguns anos, essa relação conflituosa foi diminuindo gradativamente. Inicialmente, o movimento assembleiano, com um discurso proselitista, arrebanhou muitos fiéis das denominações históricas. Além disso, o discurso a respeito da “verdade divina” incomodava pastores e líderes das outras denominações, pois eram afrontados como não conhecedores dessa verdade, logo a relação destes com o divino era questionada. Essas questões, provavelmente, foram as motivadoras para essa relação de oposição e combate entre evangélicos. Isso pode ser conferido no posicionamento de um pastor metodista, da região de Londrina, Paraná, na década de 1950:

Por pentecostais referimo-nos aos grupos pseudo-evangélicos que se denominam por Assembléia de Deus, Adventistas da Promessa, Congregação Cristã do Brasil [...] Certa ocasião assisti a um culto pentecostal onde uma mulher falou “língua estranha” cerca de uns dez minutos. Chegou a derramar suor; após falar, interpretou dizendo, “Deus é amor”. Para dizer isso não precisava de falar línguas [...] Se isso foi interpretação, então foi da própria leitura do texto Sagrado, pois foi lido tão mal, com tanto gaguejar e falta de letras, e tão mal pronunciada a leitura, que precisava mesmo de intérprete.<sup>220</sup>

Com o crescimento das Assembléia de Deus no Brasil, bem como com a organização deste movimento, os embates diminuíram, resultando em uma relação amistosa, mas ainda distante, devido às pendências históricas entre alguns grupos. Além disso, essa relação da Assembléia com outras denominações religiosas dependia dos contextos locais e das relações existentes nestas localidades. Alguns movimentos foram marginalizados pela Assembléia de Deus, por considerá-los heréticos, que deturpam a mensagem bíblica. Obviamente este posicionamento assembleiano, contrários a alguns movimentos se deve justamente a vinda de fiéis destes movimentos para a Assembléia. Estas pessoas, embora “convertidas”, não abandonavam algumas práticas dos grupos anteriores que participavam, causando inúmeros problemas em igrejas assembleianas, sendo motivadores de motins, dissidências e cismas. Segundo Silas Daniel, este foi o tema discutido entre os líderes assembleianos na convenção de 1932, a saber, “o grande

---

<sup>220</sup> BENATTE, op. cit., p.105.

número de dissensões surgidas no seio assembleiano em todo país provocadas por pessoas que chegavam de outras denominações com doutrinas heréticas<sup>221</sup>. Nils Katsberg, missionário sueco, alertou a liderança assembleiana para que tivessem cuidado na aceitação de crentes vindos de outras denominações, pois não bastava apenas aceitar o batismo no Espírito Santo:

Aquele que não é liberto, e nem o quer ser, não fica livre porque se une a uma Assembléia ou igreja pentecostal. Precisamos ter cuidado quando vierem crentes de outras denominações querendo pertencer à Assembléia de Deus. Precisamos, em primeiro lugar, saber o motivo pelo qual eles vêm. Não são poucas as Assembléias que têm sofrido anos por dissensões internas, porque no princípio do trabalho foram aceitos crentes de diversas denominações sem prova, crentes que não eram libertos das suas próprias idéias e tampouco queriam ser livres das mesmas.<sup>222</sup>

Em outro relato, há um grupo específico citado pelos convencionais como agentes de heresias e causadores de problemas. Esse grupo religioso foi condenado veementemente pelas Assembléias de Deus no Brasil, nos anos seguintes.

Depois de bem debatido e esclarecido esse assunto, a Convenção resolveu não reconhecer o batismo administrado por adventistas e outros grupos, sobre os quais reconhecemos que a sua confissão de fé não é puramente cristã, e sim um misto de judaísmo, sem nenhum valor na presente dispensação.<sup>223</sup>

Sem dúvida, os adventistas, desde o início da propagação da mensagem pentecostal no Brasil, foi um dos grupos renegados pelos assembleianos. Eram considerados deturpadores das escrituras e causadores de problemas no âmbito das Assembléias de Deus no Brasil. Alguns líderes consideravam o adventismo uma seita. Em um artigo produzido em 1940, por Orlando Boyer, missionário americano que colaborava com as Assembléias de Deus, autor de um dos livros mais vendidos pela CPAD, chamado “Heróis da Fé”, foi publicado no Mensageiro da Paz. O título deste artigo é “sete razões por que não guardo o sábado”<sup>224</sup>, criticando aqueles que praticavam essa doutrina como

---

<sup>221</sup> DANIEL, op.cit., p.60.

<sup>222</sup> Ibid., p.61.

<sup>223</sup> Ibid., p.61

<sup>224</sup> MESQUITA, volume 1, op.cit., p.180.

cumprimento da lei divina. Obviamente, o grupo religioso que se caracteriza pela chamada “observância do sábado”, como dia específico para cultuar a Deus, é a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Outra questão que circulou no período analisado foi a possibilidade de fusão de todas as igrejas pentecostais, para fortalecimento deste movimento frente aos outros grupos religiosos. Embora tenha sido desconsiderado por muitos, este tema não era algo estranho para alguns do movimento pentecostal assembleiano. Tal assunto foi tema na convenção de 1962. Neste período já havia se proliferado no Brasil outros grupos pentecostais como O Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular e outros aglomerados pentecostais menores. Anteriormente, os grupos pentecostais considerados no Brasil eram a Assembléia de Deus no Brasil e a Congregação Cristã do Brasil. Devido ao aumento considerável desse grupo e as dificuldades de aceitação pelos meios sociais, cogitou-se na união de algumas igrejas. Segundo Silas Daniel, na convenção de 1962 foi abordado essa questão do “ecumenismo pentecostal”, após a exposição da seguinte pergunta: “É possível a união de todos os grupos pentecostais? Que devemos fazer?”<sup>225</sup>.

Permaneçamos na doutrina e costumes em que fomos criados, deixando que cada grupo permaneça fora mesmo da nossa intimidade, não devendo nós, todavia, ter tais grupos como inimigos.<sup>226</sup>

“Não tenhamos como inimigos”, mas também não tenhamos como amigos e parceiros ministeriais, pois devemos permanecer na “nossa doutrina e costumes”. Como podemos observar, o discurso assembleiano era de que somente na Assembléia as pessoas poderiam desfrutar da “verdade divina”, a saber do batismo no Espírito Santo”. Outros grupos declaravam ser batizados no Espírito Santo. Contudo, como funcionava? Era como no movimento assembleiano? Obviamente que havia divergências doutrinárias e eclesiais entre as próprias igrejas de doutrina pentecostal. Dessa forma, unir-se com estes grupos colocaria em risco os costumes, tradições e práticas que poderiam ser questionadas nesta proposta “ecumênica”. Embora este assunto tenha sido encerrado pelos

---

<sup>225</sup> Ibid., p.338.

<sup>226</sup> Ibidem

convencionais, pois era visto como impossível, alguns ainda consideravam como uma boa medida a unificação da mensagem pentecostal.

Por fim, a tensão externa que gerou maiores debates e discussões, acordos e desacordos, diz respeito à participação das Assembléias de Deus dos EUA em solo brasileiro. A relação das Assembléias de Deus dos dois países eram misteriosas e controversas. Ora havia cordialidade e cooperação mútua, ora havia desrespeito às decisões e desenvolvimento de outras frentes de trabalho. Logo que a Assembléia de Deus dos EUA se formou, em 1914, em Hot Springs, Arkansas, como movimento pentecostal branco, muitos desejavam e procuravam ser missionários, com o intuito de propagar a mensagem pentecostal. Dessa forma, a América do Sul tornou-se alvo como campo de trabalho para a evangelização e instalação de comunidades assembleianas. O Brasil, maior país da região, era a localidade “natural” para a vinda dos primeiros missionários assembleianos norte-americanos. Esse interesse em instalar trabalhos no Brasil gerou conflitos, pois no país já havia uma Assembléia de Deus estabelecida, sob o comando de pastores nativos e missionários suecos. Os missionários suecos também tinham objeções em relação aos missionários enviados pela Assembléia norte-americana.

Os missionários suecos tinham objeções à ida ao Brasil de missionários norte-americanos das AD's. Achavam que, visto serem eles os pioneiros, tendo chegado primeiro ao Brasil, aquele país deveria ser considerado campo deles.<sup>227</sup>

Segundo Alencar, J. P. Kolenda em sua biografia cita a fala de Noel Perkins, diretor de Missões da Assembléia de Deus dos EUA, em 1938. Segundo o relato, Perkins convidou Kolenda para ser o representante das Assembléias norte-americanas, sondando a situação no Brasil:

Temos um problema no Brasil. Precisamos de um homem com experiência, preferencialmente alguém que fale a língua, para ir ao Brasil e investigar certas condições existentes e depois nos aconselhar quanto ao modo de procedermos.<sup>228</sup>

---

<sup>227</sup> BRENDA, Albert W. *Ouvi um recado do céu*. In: ALENCAR, op.cit., p.94.

<sup>228</sup> ALENCAR, op.cit., p.94

A fala de Noel Perkins, parece-nos, foi uma reação a uma carta enviada pelos líderes assembleianos do Brasil, em 1937, ou seja, um ano antes do envio de Kolenda para averiguar a situação.

Ao final, foi lida a carta que seria enviada aos irmãos dos Estados Unidos “explicando aos nossos irmãos ali a posição do nosso trabalho aqui”. A carta dizia respeito à participação da Missão da AD norte americana na evangelização do Brasil. Os missionários dos EUA poderiam vir para o Brasil, mas deveriam se sujeitar à liderança da AD brasileira.<sup>229</sup>

Segundo os relatórios enviados por Kolenda a Noel Perkins, a Assembléia de Deus do EUA tinha as seguintes opções:

1) “aceitar o pedido dos missionários suecos e recomendar que os missionários das Assembléias de Deus da América do Norte no Brasil deixassem o país e fossem redistribuídos em outros países sul-americanos; 2) recomendar que os missionários norte-americanos organizassem uma obra separada no Brasil, ligada às Assembléias de Deus norte-americanas, independente da obra ali existente; 3) Achar um meio de cooperar com a obra existente das Assembléias de Deus, da qual os missionários suecos eram os pioneiros e edificar uma só obra forte das Assembléias de Deus no Brasil.”<sup>230</sup>

Kolenda teria aconselhado a terceira opção. E durante anos, muitos consideraram ser este o posicionamento aceito pelos assembleianos norte-americanos em parceria com a liderança brasileira. Devido a essa perspectiva, passavam a impressão de harmonia, sem problemas, na mais profunda cooperação, no serviço, na cumplicidade e na organização do movimento no Brasil. Entretanto, há conflitos, embates e tensões nesta relação. Embora, os escritores assembleianos silenciem acerca de alguns temas. Contudo, alguns especialistas da área têm apresentado informações relevantes para entendermos essa relação conflituosa entre a Assembléia dos EUA e a Assembléia do Brasil. Segundo Gedeon Alencar, o movimento dominante norte-americano pós Segunda Guerra Mundial, colaborou para que missionários assembleianos norte-americanos fossem enviados para o Brasil iniciando trabalhos independentes da Assembléia brasileira, sem apoio e consentimento da CGADB.

---

<sup>229</sup> DANIEL, op.cit., p.134.

<sup>230</sup> ALENCAR, op.cit., p.94-95.

Em 1934, o Sr. Frank Stalter e esposa foram indicados pela Junta Norte-americana para trabalharem no Brasil, e empenharam-se mais na fundação de igrejas no solo brasileiro. Os missionários foram pioneiros em muitas partes dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, onde foram instrumento para a multiplicação de igrejas.<sup>231</sup>

Outros indícios dessa relação conturbada são os casos de Lawrence Olson e João Kolenda Lemos, citados anteriormente. O primeiro foi pioneiro do radioevangelismo no Brasil, criando o programa “Voz das Assembléias de Deus” em 1955. Antes disso, em 1937, havia sido decidido pelos convencionais o cuidado com o uso do rádio na evangelização. O assunto foi de tal forma concorrido que a resolução final ficou também dividida, não podendo o fiel ter rádio e assim nem cogitou-se a possibilidade de possuir um programa radiofônico. Assim, Olson buscou alternativas para ter um programa de rádio voltado para a transmissão da mensagem pentecostal assembleiana. No início caminhou sozinho em prol deste projeto, posteriormente é que obteve apoio de alguns pastores ligados a CGADB. Este programa foi considerado um marco no evangelismo através das mídias.

Contudo, o tema que abalou as relações com os missionários enviados pelas Assembléias de Deus dos EUA foi quanto à questão da fundação e organização de institutos bíblicos, defendidos com veemência por John Peter Kolenda e Lawrence Olson. A falta de apoio e negação dos líderes brasileiros fez com que estes dois personagens, amparados pelas Assembléias de Deus dos EUA, criassem institutos bíblicos a contragosto dos líderes brasileiros. João Kolenda Lemos fundou o IBAD (Instituto Bíblico das Assembléias de Deus- 1958). Olson fundou o IBP (Instituto Bíblico Pentecostal-1961). João Kolenda Lemos e sua família quase foram desligados das Assembléias de Deus do Brasil e as relações desta interrompida com as Assembléias de Deus norte-americanas. Os primeiros alunos do IBAD, ligados a igrejas assembleianas no Brasil, foram considerados insubmissos, sendo disciplinados e renegados ministerialmente nas igrejas em que eram membros. Entretanto, mesmo com a ponderação dos momentos de tensão entre líderes norte-americanos e brasileiros, estes não pouparam críticas aos companheiros religiosos dos EUA:

---

<sup>231</sup> Ibid., p.95.

o melhor educandário é o Colégio do Espírito Santo, tendo ainda sugerido que houvesse maior interesse por parte dos irmãos americanos em favor da fundação de ginásios e colégios de que tanto carece a nossa pátria" [...]“Os missionários da outra América não foram enviados para estabelecer institutos bíblicos, mas para ganhar almas para Jesus<sup>232</sup>

No período dos debates a tensão era evidente, mas atualmente as questões que suscitaram as discussões são vistas como fundamentais na formação histórica e identitária das Assembléias de Deus do Brasil. Entretanto, a cooperação das Assembléias dos EUA continuaram, principalmente na CPAD, enviando técnicos, ajudando financeiramente na compra de maquinários e liberando obras de autores assembleianos dos EUA, para serem traduzidas e comercializadas no Brasil.

Quanto às tensões internas, tivemos inúmeras questões que, de alguma forma, suscitaram debates acalorados nas convenções da denominação. Parece-nos que essas tensões estão divididas em quatro frentes, que podem ser analisadas em suas particularidades. Para tanto, citaremos em vários as ações e reações nas convenções, bem como a repercussão de tais resoluções e tensões. As frentes definidas por esta pesquisa são: a) divisões/dissidências; b) interferências ou conflitos de campo; c) usos e costumes.

Como analisamos, a organização ou institucionalização do movimento pentecostal apresentou, em curto prazo, tensões significativas, gerando uma série de problemas que deveriam ser resolvidos nas convenções pela liderança da denominação. Em grande parte as mudanças, por mais positivas que sejam, geram desgastes, interferências, transformações e adaptações que modificam a configuração inicial. Assimilar essas mudanças gera crises em vários aspectos, principalmente quando se trata da religiosidade, pois a subjetividade é o motor destas relações. Parece-nos que na religião, ou na prática religiosa, o aspecto subjetivo é parte integrante da experiência com o transcendente. Partindo desta premissa, evidentemente, houve uma série de choques inevitáveis na configuração das Assembléias de Deus, enquanto organização eclesial, os quais geraram dissidências, divisões, cismas e conflitos abertos pelo poder e pela manutenção das convicções. Certamente, esse período foi de enfrentamentos significativos que deveriam ser resolvidos pela CGADB. Questões que não eram solucionadas a nível local ou estadual, precisavam de ações pontuais e severas por parte da CGADB. As

---

<sup>232</sup> DANIEL, op.cit., p.380-381

revoltas e insubmissões as decisões convencionais eram a demonstração da autonomia das igrejas locais. Assim, a CGADB concentrou atenção nas técnicas e táticas de controle sobre líderes e igrejas que rejeitavam as resoluções convencionais. Dessa forma, parece-nos ser positiva para a análise destas tensões na denominação algumas ações e reações da CGADB, da liderança assembleiana, bem como das igrejas que sofreram sanções.

O primeiro caso apresentado torna-se interessante por tratar-se de uma figura que colaborou diretamente para o avanço da mensagem pentecostal assembleiana no Brasil. Adriano Nobre, antes de aderir à mensagem pentecostal e aceitar a doutrina do batismo no Espírito Santo, era presbiteriano e falava inglês, sendo tradutor em muitas ocasiões para Vingren e Berg, além de ensinar as primeiras palavras em português para os missionários suecos. A recepção desse comandante aos missionários foi tamanha, que o mesmo levou-os a conhecer sua família. Contudo, segundo os relatos, Nobre havia se envolvido com doutrinas incompatíveis com a doutrina pentecostal assembleiana, que neste momento, aproximadamente 1933, estava iniciando o processo de organização. Segundo Silas Daniel, Nobre enviou uma carta a Convenção no ano de 1933, contendo um pedido de readmissão no ministério e uma coletânea de artigos, com explicações sobre o que ele chamava de “O meu credo”. Os convencionais reagiram pedindo a retratação de Nobre:

As declarações de Adriano Nobre não satisfizeram a esta Convenção por serem as mesmas pouco claras a também por demonstrarem a pouca humildade de quem as escreveu. Resolveu-se, então, entregar a solução deste caso ao ministério do Distrito Federal, o qual primeiramente lhe enviará uma carta cientificando-o da resolução aqui tomada e, depois, nomeará uma comissão para o examinar. O ministério do Distrito Federal exigirá de Adriano Nobre, como condição preliminar para ser admitido como membro das Assembléias de Deus, uma declaração do mesmo renunciando a todas as doutrinas heréticas que todos sabem ele praticou no passado, e a qual será publicada no Mensageiro da Paz.<sup>233</sup>

Adriano Nobre não abdicou de suas convicções doutrinárias e assim permaneceu desligado da Assembléia de Deus no Brasil. O que nos chama a atenção neste texto é o dever de “renunciar suas convicções”. Não há espaço para explicações e debates. As doutrinas estavam definidas, mesmo que na prática a

---

<sup>233</sup> DANIEL, op.cit., p.74.

Assembléia de Deus no Brasil não tinha possuía um material doutrinário naquele período. Ora, era uma espécie de tribunal da inquisição, mas sem as fogueiras. Havia duas alternativas: a renúncia ou a exclusão. Sobre o assunto relacionado à figura de Adriano Nobre há coerência na explicação e na exposição do caso. Contudo, em várias situações, os próprios escritores assembleianos preferem o silêncio dos casos e das decisões. Um exemplo é na Convenção de 1935, onde chegaram notícias a respeito de irregularidades no Ceará. Na ata da convenção, escrita pelo pastor Joel Carlson faz-se a seguinte declaração:

Pelas cartas e pela narração de alguns irmãos presentes, compreendeu-se que havia algumas irregularidades no campo. A Convenção ficou bem orientada, de maneira que todos os presentes sentiram a responsabilidade para que tudo ficasse nos seus eixos. Os obreiros ficaram em oração, pedindo a intervenção de Deus no caso. Sentimos a presença de Deus e damos, por isso, glória a Deus, pois tudo ficou esclarecido. Para uma completa solução desse caso do Ceará, ficou escolhida uma comissão.<sup>234</sup>

Afinal, quais são essas irregularidades suprimidas nas Atas? Ou seria um silêncio do próprio autor do texto, Silas Daniel? Além destas questões observa-se no texto a vigilância sobre um obreiro, tanto que o fato é narrado por outras pessoas que estavam na convenção. Há depois disso, o apelo divino na resolução do problema, mas porque a necessidade do envio de uma comissão para averiguação do caso? A situação seria tão grave a ponto de silenciá-la e mesmo assim enviar pastores para resolver as irregularidades citadas? São questões a serem discutidas, embora não tenhamos respostas definidas. Fato é que Silas Daniel termina afirmando que “o problema foi resolvido” e que a igreja do Ceará “cresceu substancialmente com o passar dos anos, revelando inclusive grandes obreiros pentecostais para o Brasil”<sup>235</sup>. É um discurso triunfalista, que busca minimizar o ocorrido.

Outro caso interessante de dissidência, que gerou tensões e contrariedades no discurso foi sobre as situações de Manoel Higino e Luiz Higino. Sobre Luiz Higino, chegaram acusações contra o mesmo na Convenção, por meio de carta enviada a Samuel Nyström. Acusações estas que não foram citadas em ata, ou seja, outro silêncio, o que é comum até certo ponto para não desmoralizar a

---

<sup>234</sup> Ibid., p.101

<sup>235</sup> Ibidem

história da denominação. Contudo, o caso de Manoel Higino foi tratado com mais afinco. Segundo Silas Daniel, alguns pastores já haviam conversado com Manoel Higino e Ursulino Costa (que estava participando do processo dissidente) a fim de “pôr em ordem as anormalidades ali surgidas”, porém não chegaram a um acordo. Assim a Convenção de 1933 decidiu desligá-los do movimento:

Nós, pastores e cooperadores na obra do Senhor, reunidos em Natal para tomar conhecimento e examinar as causas que determinaram o rompimento de Manoel Higino de Souza e Ursulino Costa e seus companheiros, bem como o ministério, depois de ouvirmos dele mesmo, Manoel Higino de Souza, que manteria integralmente os seus “pontos”, resolvemos de comum acordo nos separar deles no ministério e na comunhão, bem como todos que tiveram comunhão com eles.<sup>236</sup>

Na convenção de 1936, houve desdobramentos sobre os casos de Manoel Higino e Luiz Higino. Ambos fundaram a Assembléia de Cristo, no estado do Maranhão. No texto de Silas Daniel há duas situações interessantes e intrigantes. Primeiramente, há o relato de um dos convencionais, o obreiro Alfredo Carneiro, da cidade de Terezina, no estado do Piauí, expondo que nada tinha com a divisão e que foi convidado para participar do processo dissidente no Maranhão, mas rejeitou. Vale lembrar que os bastidores das reuniões convencionais definiam muitas situações. Certamente, relatos sobre a participação de Alfredo foram ventiladas na convenção.

O irmão Alfredo Carneiro, de Terezina, Piauí, declara, perante a Convenção, que nada tem com Manoel e Luiz Higino de Souza, e que apesar de haver sido convidado por eles para dividir o trabalho no Maranhão, a fim de formar uma nova igreja, denominada Assembléia de Cristo, recusara o convite, pois desejava trabalhar com a consciência tranqüila no seio da Assembléia de Deus, onde encontrou gozo e salvação.<sup>237</sup>

Todavia, mais emblemático do que a tentativa de defesa de Alfredo Carneiro, é o discurso convencional que resultou nas resoluções sobre a queda dos ministros que pecaram e a publicação destas no Mensageiro da Paz. Este “pecado”, neste momento da reunião convencional, podem ter duas explicações plausíveis: a) condenação de todos que se rebelavam contra o movimento pentecostal

---

<sup>236</sup> Ibid., p.77.

<sup>237</sup> Ibid, p.120

assembleiano; b) condenação dos “problemas ou das anormalidades” que são silenciadas nas atas.

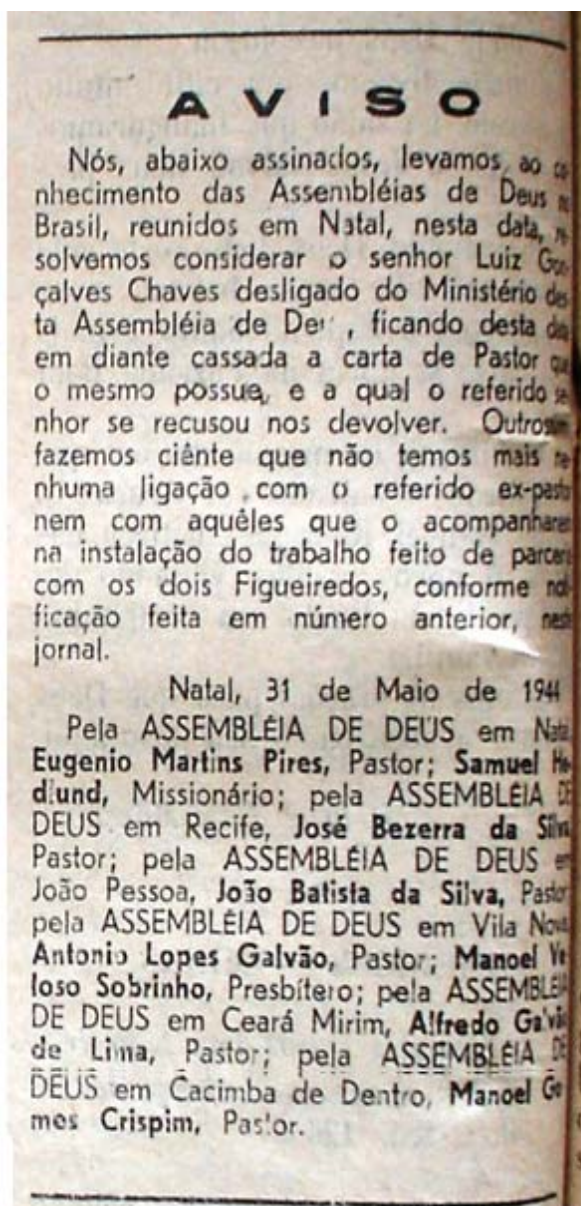
1) Se o obreiro cai em pecado, não se tornando, porém, um elemento rebelde e, portanto, nocivo ao trabalho, guardar-se-á silêncio quanto ao seu nome, sem que haja nenhuma convivência com o pecado, convindo, entretanto, enviar uma circular ao ministério. 2) Se o obreiro que caiu em pecado se torna nocivo ao trabalho, o seu caso será publicado no Mensageiro da Paz, a fim de salvaguardarem-se os interesses da causa de Deus.<sup>238</sup>

Sobre esta citação convém destacar duas situações. Primeiro, se levarmos em consideração a primeira hipótese desta resolução, ou seja, a condenação de todos que se rebelaram contra o movimento, podemos questionar o próprio nascedouro da denominação. Segundo José Rubens Lima Jardimino “o pentecostalismo já nasceu cismático”<sup>239</sup>. Ora, Gunnar Vingren e Daniel Berg participaram diretamente de um cisma na Igreja Batista de Belém. Afinal os missionários suecos também estão em desobediência e em pecado? A segunda questão é que era comum as publicações, dos excluídos da denominação, em notas no Mensageiro da Paz.

---

<sup>238</sup> Ibid., 120

<sup>239</sup> JARDILINO, José Rubens Lima. *As religiões do espírito – visão histórico-teológica do pentecostalismo na década de 30*. In: ALENCAR, op.cit., p.60.



Fonte: MENSAGEIRO DA PAZ,  
2ª quinzena de Julho de 1944.  
Ano XIV, nº14



Fonte: MENSAGEIRO DA PAZ  
2ª quinzena de junho de 1944  
Ano XIV, nº12

A segunda frente de tensões internas na Assembléia de Deus, no período analisado, se refere às questões de interferência de campo ministerial, gerando uma série de conflitos, debates, rompimento de alianças, enfim, várias situações que deveriam ser resolvidas nas reuniões convencionais. A institucionalização da igreja, colaborou no processo de “fortalecimento das comunidades locais”. Como cada igreja tinha autonomia para tomar decisões concernentes aos seus trabalhos, era comum a abertura de congregações, na própria cidade da igreja sede, bem como em cidades vizinhas, subordinadas à sede. Entretanto, com a expansão das igrejas, crescimento das congregações e aumento

da rede de influências dos pastores das igrejas sedes, iniciou-se um processo de expansão dessa rede em outras jurisdições, onde em alguns casos já havia um trabalho de uma comunidade assembleiana. Para exemplificar o que estou dizendo, basta pensarmos em uma igreja na cidade de Campinas. Esta igreja local cresce de tal maneira que inicia um processo de expansão dentro do próprio município, fundando congregações nos bairros, subordinados à igreja sede. Contudo, a igreja de Campinas, através de sua liderança, aumenta sua rede de influência e decide fundar uma comunidade na cidade de Sorocaba. Todavia, já existe uma Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Sorocaba, mas isso não impede a instalação de outros trabalhos por igrejas de outras localidades. Esse posicionamento de algumas igrejas assembleianas gerou tensões no ambiente da CGADB. Dessa forma, a relação entre pastores. Ademais, o não posicionamento sobre tais assuntos, essa gerou descontrolado sobre a abertura de igrejas, bem como gerou dissidências, comprometendo o movimento, que seria esfacelado, transformando-se em várias denominações diferentes.

A primeira abordagem de tal tema nas reuniões convencionais foi em 1937, no qual um dos convencionais suscitou a seguinte questão: “Pode um trabalhador de um Estado passar as fronteiras para trabalhar em um outro Estado sem combinar com a igreja principal daquele Estado?”<sup>240</sup>.

O obreiro que vai trabalhar em um Estado onde já exista trabalho não deve ir para ali fazer guerra ou contenda, mas cooperar unido. E se uma igreja em um Estado qualquer abrir trabalho noutro Estado, deve sustentar o trabalhador que para ali foi, e não abandonar a obra, e também, com sabedoria e prudência comunicar-se com os que já estão trabalhando em tal campo, para que não fiquem dois trabalhos, mas um só; pois assim o nome do Senhor será glorificado, uma vez que o nosso alvo é um só – Cristo.<sup>241</sup>

Embora a recomendação tenha sido clara, sem abrir precedentes ao que estava acontecendo, muitos líderes e suas respectivas igrejas sequer deram atenção para tais decisões. Continuaram abrindo igrejas em locais onde já existiam outras em funcionamento, gerando inúmeros conflitos. A dimensão da rede de influências e crescimento do poder gerou essa corrida por abertura de trabalhos em outros locais, que não somente em sua região determinada. Em 1941, na Semana

---

<sup>240</sup> DANIEL, op.cit., p.134.

<sup>241</sup> Ibid., p.135.

Bíblica Sul Americana, que representou como Convenção Geral, houve a manifestação do missionário Otto Nelson, primeiro missionário sueco que chegou ao Brasil, após Gunnar Vingren e Daniel Berg. Nelson propôs que deveria haver apenas uma única igreja em cada cidade, pois fortaleceria o trabalho e a mesma teria maior influência sobre a região. Rapidamente a esse posicionamentos de Otto Nelson, o pastor Paulo Leivas Macalão, líder da igreja da Madureira, reagiu, afirmando o “perigo de ter uma só igreja em cada cidade, dominando as outras, porque assim as igrejas estariam sob uma organização rígida”<sup>242</sup>. Embora, o tema tenha gerado reações efusivas, o mesmo foi contornado com um discurso “espiritualista” de unidade ministerial, pois “Cristo deseja, a perfeita paz e unidade entre os obreiros e entre as igrejas”<sup>243</sup>. Na convenção de 1946, o tema foi novamente suscitado entre os convencionais e novamente os grupos ou alas de oposição reagiram em relação à proposta de existir apenas uma comunidade assembleiana em cada cidade<sup>244</sup>.

O avanço da mensagem pentecostal assembleiana e, especificamente, de algumas igrejas, que se tornaram notórias devido a sua participação e representação na comunidade e na convenção geral, colaborou neste processo de expansão da rede de influências de alguma igrejas locais para outras cidades e até para outros Estados. Observando os relatos e analisando a construção histórica de algumas igrejas, a que se destacou neste avanço e expansão foi a Igreja Assembléia de Deus de Madureira, liderada pelo pastor Paulo Leivas Macalão. Este se tornou alvo constante dos convencionais, participando de intensos debates, sendo acusado por outros pastores, devido a interferência no campo ministerial de outras igrejas, fundando novos trabalhos em cidades que já haviam igrejas assembleianas instaladas. Em vários momentos usa-se o termo “intervenção”, que era assimilado por alguns líderes, contrários a política expansionista de Macalão, como prejudicial à unidade da igreja. Dessa forma, as “divergências de campo” instalaram um clima de tensão nas reuniões convencionais.

Um dos primeiros casos de conflito direto via convenção foi em 1949. Lembrando que divergência de campo era tema recorrente entre os líderes assembleianos, mas que sempre foi tratado como algo periférico, pois o que importava era a propagação da mensagem pentecostal, não importando a forma, o

---

<sup>242</sup> DANIEL, op.cit., p.173.

<sup>243</sup> Ibid., p.174.

<sup>244</sup> Ibid., p.218.

período e o local. Entretanto, com a organização e institucionalização do movimento, transformando-se definitivamente em uma denominação eclesial, esses jogos do poder se tornaram intensos, envolvendo uma gama maior de líderes e igrejas, não sendo possível resolver tais situações de tensão nos ambientes locais. Dessa forma, muitas situações eram apresentadas nas reuniões convencionais em forma de denúncia e acusação. Em 1949, há um caso silenciado, para não comprometer a igreja:

O irmão Bruno Skolimowski comunica ter recebido um telegrama do irmão João Nunes, auxiliar de trabalho em Santos, dizendo terem surgido dificuldades no campo onde trabalha, em face de interferência do irmão Paulo Macalão naquele campo.<sup>245</sup>

O ápice deste embate sobre interferência nos campos de trabalho foi na Convenção Geral de 1953, realizada em Santos, que justamente era a região de conflito entre a liderança, citada em 1949. A tensão na reunião convencional de 1953 se instalou definitivamente. Ameaças, injúrias, acusações, descontrole, marcaram esta reunião. Durante os debates convencionais palavras como unidade, paz, utilização de textos bíblicos para atingir outro líder fez com que em vários momentos intervenções fossem feitas para manter o equilíbrio entre os convencionais. Durante a sessão convencional, o pastor Paulo Leivas Macalão suscitou um antigo debate na Assembléia de Deus sobre a autoridade da igreja local e da Convenção. Evidentemente, Macalão estava questionando o excesso de autoridade exercido pela CGADB em dadas situações, sem consultar as igrejas locais que foram atingidas diretamente e indiretamente pelas resoluções estabelecidas. Tal discussão foi questionada pelo pastor Alfredo Reikdal, que afirmou ser este debate apenas um subterfúgio usado por Macalão. Havia, segundo Reikdal, outros motivos que incomodavam Macalão e outros líderes na Convenção, principalmente os obreiros de São Paulo e Santos. Dessa forma, Reikdal, para pôr fim a estas divergências sobre os campos de trabalho propôs a “retirada da jurisdição do pastor Paulo Leivas Macalão em relação ao trabalho que mantém em São Paulo, o que considero a base de toda a discórdia”<sup>246</sup>. A partir desta fala de Reikdal, a sessão convencional assumiu contornos de conflito. Houve uma

---

<sup>245</sup> Ibid., p.272.

<sup>246</sup> DANIEL, op.cit., p.294

sequência de argumentações, reações, acusações, os quais geraram descontrole da reunião. Segundo o primeiro-secretário da mesa diretora desta convenção, Alcebíades Pereira de Vasconcelos, vários pastores se manifestaram sobre o assunto:

O irmão Sylvio Brito falou, dizendo não haver razão em algumas palavras e alegações do irmão Alfredo Reikdal sobre a divisão da igreja em São Paulo e a fundação da igreja do irmão Paulo Leivas Macalão neste Estado, esclarecendo os fatos de acordo com o seu conhecimento do assunto. O irmão Delfino Brunelli falou referente a alguns pormenores da questão aludida pelo irmão Sylvio Brito, esclarecendo-os melhor. O irmão Alfredo Reikdal voltou a falar, esclarecendo mais seu ponto de vista e, ao mesmo tempo, apelando em favor da solução do problema. O irmão Bruno [Skolimowski] pediu para dizer o que sabe sobre esse assunto e foi aparteado pelos irmãos Moisés Malafaia e Urgel Libório, que procuraram esclarecer certos pontos do problema aludidos pelo irmão Bruno, que findou seu discurso declarando: “Chorarão de alegria se daqui sairmos reajustados”. Falou o irmão Otávio José de Souza, que expôs o seu ponto de vista sobre o problema.<sup>247</sup>

Em vários momentos pede-se para que os líderes tenham o sentimento cristão de fraternidade, unidade e amor, pois os embates estavam intensos e não havia a perspectiva de melhoras no fim da sessão convencional. Segundo Silas Daniel, na continuidade da sessão convencional, Macalão utilizou-se de argumentos fortes e duros, lendo cartas que continham situações antigas. Durante a leitura das cartas e da argumentação de Macalão vários pastores o apartearam, discordando de alguns argumentos, afirmando não serem procedentes da verdade. Ainda segundo Daniel, nesta sessão convencional, os debates permaneceram intensos, com apresentação de documentos, calúnias e acusações.

---

<sup>247</sup> Ibid., p.294.

Ato contínuo, ele [Paulo Leivas Macalão], leu a cópia de uma carta que enviara a Bruno Skolimowski [...] e uma circular relacionada à igreja de natal. Depois, referiu-se a “calúnias lançadas contra sua pessoa nas páginas de um jornal do Rio” e exibiu um boletim em plenário [...] Ao final, leu ainda a passagem de Gênesis 13.7-9, sobre a separação de Abrão e Ló, e “apelou para uma solução conjunta pela paz entre todos”. Diante das últimas palavras de Macalão, o pastor Bruno Skolimowski resolveu reforçar a idéia de uma saída pacífica. Ele disse “solidarizar-se com o pastor Macalão quanto a pacificação e contra a difamação” e afirmou que poderia refutar muitas coisas ditas pelo líder carioca, “porém achava melhor silenciar sobre as mesmas, porque os vencedores, em todos os tempos, sempre foram os que se humilharam, motivo pelo qual convidava os irmãos a resolver todas as pendências no Espírito de Cristo”. Um convencional ainda chegou a pedir a palavra para rechaçar acusações contra os pastores Urgel Libório e Bruno Skolimowski, mas foi aparteado pelo pastor Moisés Malafaia, que pediu ao presidente para pôr fim ao assunto, no que foi atendido.<sup>248</sup>

É interessante notar como o discurso religioso é utilizado como instrumento de opressão e legitimação de afirmações. Após os conflitos, o pastor Macalão entregou os trabalhos da faixa da região de Itariri e Juquiá (abaixo da região de Santos). Silas Daniel afirma de maneira triunfalista que “um clima de unidade passou a ser flagrantemente sentido entre os convencionais reunidos em Santos”<sup>249</sup>. Contudo, os problemas persistiram, obrigando a liderança da Assembléia de Deus no Brasil, formar uma Comissão Conciliadora, na Convenção de 1955, com o objetivo de “resolver problemas locais em nome da convenção e durante o interregno entre uma assembléia geral e outra”<sup>250</sup>. Tais medidas não foram suficientes para resolver os problemas relacionados aos campos ministeriais. Logo, na convenção de 1957, ficou estabelecido que “haja respeito mútuo entre os obreiros e que não sejam abertos trabalhos para prejudicar os outros. Que não haja pluralidade de igrejas em um só lugar”<sup>251</sup>.

As questões referentes a divergências de campos continuaram, colaborando para que na década de 1970, igrejas locais se tornassem verdadeiras potências religiosas, algumas ignorando a legitimidade da CGADB, passando a operar em convenções locais tornando os pastores verdadeiros “coronéis” sobre suas congregações. É o caso, da igreja de Madureira, tendo na figura de Paulo Leivas Macalão o líder por “direito divino”. As igrejas mais representativas da cidade

---

<sup>248</sup> DANIEL, op.cit., p.296.

<sup>249</sup> Ibid., p.298.

<sup>250</sup> Ibid., p.304.

<sup>251</sup> Ibid., p.316.

do Rio de Janeiro, a igreja de São Cristóvão e a igreja de Madureira, travaram embates significativos devido aos campos ministeriais. Na época da liderança de Túlio Barros Ferreira na igreja de São Cristóvão e Paulo Leivas Macalão na igreja de Madureira, os mesmos entraram em conflito, com divergências latentes, acusações, calúnias, incitações ao rompimento da fraternidade nas igrejas locais, enfim, situações que comprometeram a relação destas comunidades, que estão a mercê dos caminhos trilhados pelos seus líderes. Não obstante, na Convenção de 1977, os pastores e líderes assembleianos aprovaram medidas punitivas para os ministros que invadiam campos ministeriais. A proposta dos convencionais foi a seguinte:

1) Os trabalhos ora legalizados onde haja paz mútua permanecerão como estão; 2) Não será permitido doravante, a partir desta Convenção, a intromissão de todos e quaisquer obreiros em campos alheios; 3) Os casos existentes, porém em litígio, serão tratados pela Junta Executiva da Convenção Geral; 4) Aos infratores que contrariarem os referidos princípios caberá, como disciplina, a inelegibilidade a quaisquer cargos relacionados com a Convenção Geral e a CPAD; 5) O obreiro que deixar de respeitar estas normas ficará privado de portar documento de ministro outorgado pela Convenção Geral.<sup>252</sup>

Por fim, ficou estabelecido algumas normas para os obreiros “invasores” em locais onde já havia um trabalho estabelecido. Contudo, estas tensões no cerne da Assembléia de Deus no Brasil não se findaram no período analisado surgindo outros temas que geraram tensões. Um destes temas, que instalou conturbações entre a liderança e igrejas assembleianas foi justamente aquilo que faz parte do senso comum quando se fala em Assembléia de Deus, a saber, a questão dos “usos e costumes”.

A questão dos “usos e costumes” na Assembléia de Deus, até certo período, foi um tema sem importância. O que havia entre a membresia e a liderança assembleiana era uma consciência natural de alguns comportamentos, formas de se vestir e questões relacionadas ao corpo. Não havia um documento ou uma cartilha determinando normas aos fiéis da denominação. O que era comum neste período são as próprias igrejas locais, levando-se em conta o contexto regional e cultural, ditarem algumas normas ou comportamentos padrão para os fiéis. Em relação a este procedimento não havia nenhum problema, pois de certa forma cada igreja tinha sua

---

<sup>252</sup> Ibid., p.452.

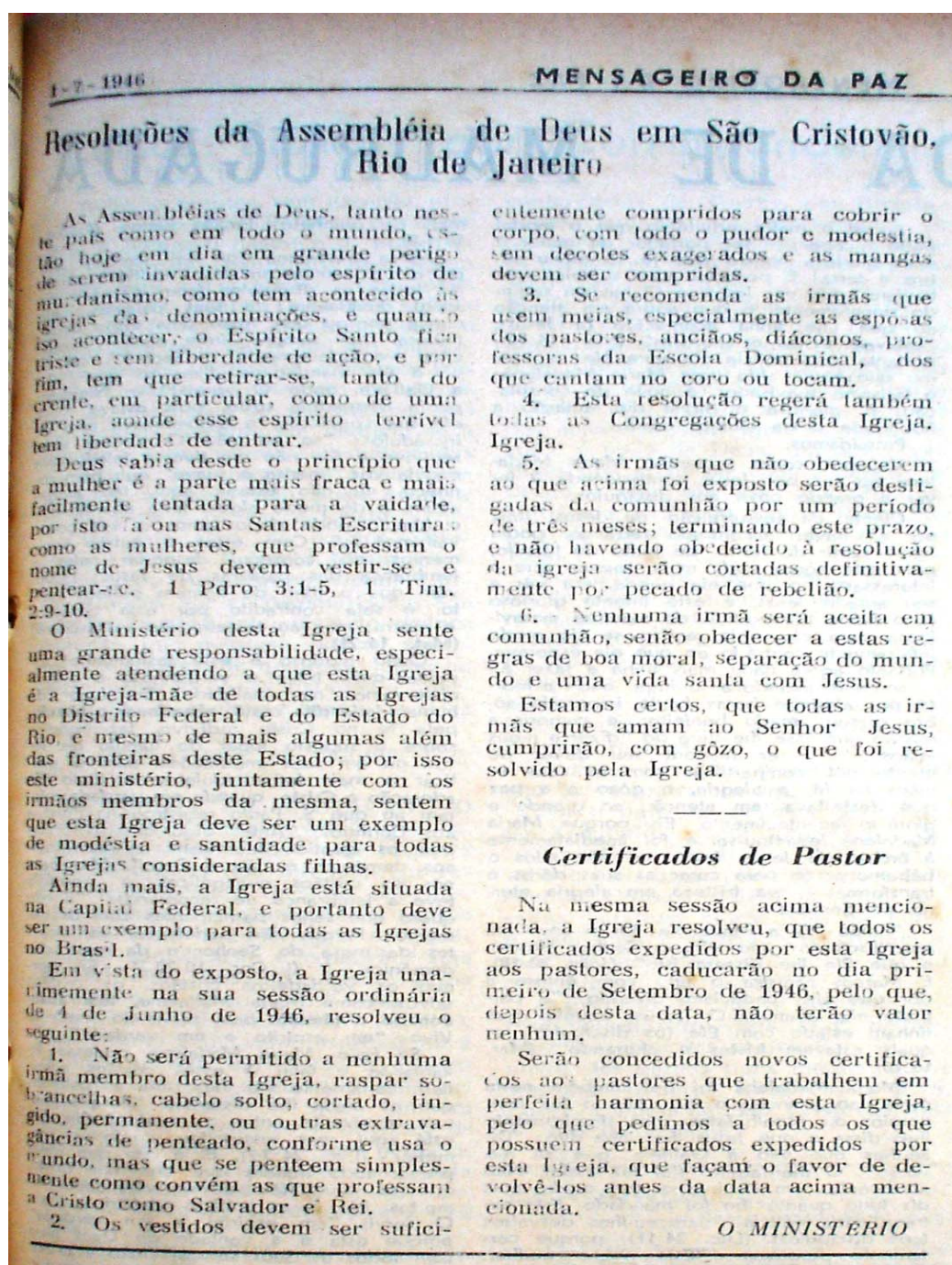
autonomia, mas mesmo nessas circunstâncias não há a idéia de formalização de um padrão comportamental ou de regras estabelecidas para que o fiel fosse aceito na igreja e participasse ativamente da comunhão. Era algo automático, comum, natural, uma mulher que vai ao culto, por exemplo, tomar os devidos cuidados em suas vestimentas, pois tinha-se a consciência de participação de um momento “sagrado”. Além disso, comportamentos relacionados a vestes, por exemplo, foram influenciados pelas formas e maneiras de vestir apresentadas pelos missionários suecos. Teoricamente, em um país tropical, não faz sentido usar ternos e vestidos imensos para freqüentar os cultos. Contudo, essa prática dos missionários, colaborou para a legitimação de uma forma “coerente” de vestimenta. Portanto, a questão que envolvia alguns “costumes”, como a própria palavra diz, era algo que acontecia devido a uma repetição de comportamentos pessoais, tornando-se práticas de referência para muitos membros. Contudo, com a organização e institucionalização do movimento assembleiano e com a ascensão da industrialização no Brasil e conseqüentemente a abertura às novas práticas do mundo moderno, algumas igrejas, decidiram adotar regras e normas que manteriam a dignidade do fiel. Todavia, tais recomendações estavam assumindo caráter dogmático e o não cumprimento era considerado desobediência e pecado. Essa ênfase nas recomendações controla o fiel, moldando-o a partir das novas características, estabelecendo uma identidade dogmática externa, visível, concreta, de diferenciação das práticas “mundanas”. A decisão de algumas igrejas em assumir esse rumo dogmático de “usos e costumes” suscitou crises, tensões e contradições no discurso assembleiano. Analisar essas tensões é compreender o processo identitário desta denominação do campo religioso brasileiro.

No ano de 1946, especificamente no mês de julho, foi publicado um artigo, produzido pela liderança da igreja Assembléia de Deus de São Cristóvão, a respeito de “usos e costumes” que deveriam ser praticados pela ala feminina da igreja, impondo normas de comportamentos e vestimenta. A igreja de São Cristóvão era pastoreada por Otto Nelson, figura representativa do movimento pentecostal assembleiano no Brasil. Além disso, a igreja de São Cristóvão era uma das principais comunidades assembleianas, devido ao seu grande número de membros, por ser até dado momento a igreja sede de toda região do Distrito Federal, na cidade do Rio de Janeiro e por ter sido fundada por Gunnar Vingren, pioneiro do movimento assembleiano. Todas essas informações colaboram no entendimento da tensão

instalada entre líderes, fiéis e igrejas, após a divulgação destas normas no periódico Mensageiro da Paz. O texto publicado na primeira quinzena de julho de 1946 não foi esquecido pelos convencionais participantes da Convenção Geral de 1946, realizada em outubro. Pouco mais de três meses, após a publicação e divulgação destas regras de vestimentas imposta às mulheres participantes da igreja de São Cristóvão a convenção reagiu. O texto produzido pela liderança de São Cristóvão foi anunciado e lido pela mesa diretora da convenção de 1946, para, após a leitura, abrir uma sessão de debates, opiniões, discussões, para enfim definir as medidas que seriam tomadas. Segue o conteúdo do artigo publicado:

Resoluções da Assembléia de Deus em São Cristóvão, Rio de Janeiro. As Assembléias de Deus, tanto neste país como em todo mundo, estão hoje em dia em grande perigo de serem invadidas pelo espírito de mundanismo, como tem acontecido às igrejas das denominações; e, quando isso acontece, o Espírito Santo fica triste e sem liberdade de ação e, por fim, tem que retirar-se, tanto do crente em particular como de uma igreja, onde esse espírito terrível tem liberdade de entrar. Deus sabia desde o princípio que a mulher é a parte mais fraca e mais facilmente tentada para a vaidade, por isso falou nas Sagradas Escrituras como as mulheres que professam o nome de Jesus devem vestir-se e pentear-se (1 Pe 3.1-5 e 1 Tm 2. 9-10). O ministério desta igreja sente uma grande responsabilidade, especialmente entendendo que esta igreja é a igreja-mãe de todas as igrejas do Distrito Federal e do Estado do Rio. Por isso, este ministério, com os irmão membros da mesma, sentem que esta igreja deve ser um exemplo de modéstia e santidade para todas as igrejas consideradas filhas. Ainda mais, a igreja está situada na capital federal e, portanto, deve ser um exemplo para todas as igrejas no Brasil. Em vista do exposto, a igreja unanimemente, na sua sessão ordinária de 4 de junho de 1946, resolveu o seguinte: 1) Não será permitido a nenhuma irmã membro desta igreja raspar sobrancelhas, cabelo solto, cortado, tingido, permanente ou outras extravagâncias de penteado, conforme usa o mundo, mas que se penteiem simplesmente como convém às que professam a Cristo como Salvador e Rei; 2) Os vestidos devem ser suficientemente compridos para cobrir o corpo com todo o pudor e modéstia, sem decotes exagerados e as mangas devem ser compridas; 3) Se recomenda às irmãs que usem meias, especialmente as esposas dos pastores, anciãos, diáconos, professoras de Escola Dominical, e dos que cantam no coro ou tocam; 4) Esta resolução regerá também todas as congregações desta igreja; 5) As irmãs que não obedecerem ao que acima foi exposto serão desligadas da comunhão por um período de três meses. Terminando este prazo, e não havendo obedecido à resolução da igreja, serão cortadas definitivamente por pecado de rebelião; 6) Nenhuma irmã será aceita em comunhão se não obedecer a estas regras de boa moral, separação do mundo e uma vida santa com Jesus. Estamos certos de que todas as irmãs que amam ao Senhor Jesus cumprirão, com gozo, o que foi resolvido pela igreja. O ministério.<sup>253</sup>

<sup>253</sup> MENSAGEIRO DA PAZ. 1ª quinzena de julho de 1946. Ano XVI, nº13. p.3.



Fonte: MENSAGEIRO DA PAZ. 1ª quinzena de julho de 1946. Ano XVI, nº13. p.3.

Algumas questões são relevantes de serem enfatizadas. Primeiro é sobre o não posicionamento de defesa por parte de Otto Nelson, que estava na reunião convencional. Não há manifestações de Nelson sobre as polêmicas resoluções instauradas por sua igreja. Segundo elemento relevante são algumas informações ou hipóteses apresentadas por Silas Daniel para a possível formulação e publicação da resolução. Segundo Daniel, alguns comentários da época

afirmavam que as resoluções foram influenciadas devido a crítica aberta feita pela igreja de Madureira, a qual era rígida em relação a “usos e costumes”. Os fiéis de Madureira supostamente acusavam os fiéis de São Cristóvão de liberalismo no quesito vestimentas e penteados. Outra hipótese de Daniel seria em relação a própria figura de Otto Nelson, que junto de Gunnar Vingren, eram considerados os missionários mais conservadores e rígidos em relação às vestimentas. Quarto elemento relevante: quem liberou a publicação de tal artigo polêmico, sem antes consultar outras lideranças? Seria favorável as resoluções? Ou simplesmente a publicou, sem nenhuma percepção do que poderia ocasionar as resoluções? O diretor responsável era o pastor Francisco Leopoldo Coelho, primeiro diretor da CPAD. Pastor na região de São Gonçalo, Niterói e Rio de Janeiro. Porque o diretor permitiu tal artigo? Parece-nos que uma das explicações plausíveis seja devido ao fato de que a redação do Mensageiro da Paz era realizado nas dependências do templo da Assembléia de Deus de São Cristóvão, igreja que publicou tais regras e normas quanto às vestimentas.

As reações contra este artigo de São Cristóvão foram imediatas. Os convencionais decidiram agir de duas formas. Primeiro com a publicação de um artigo –resposta, para ser publicado no Mensageiro da Paz, com o intuito de corrigir as resoluções polêmicas estabelecidas por São Cristóvão. Para tal incumbência nomearam Samuel Nyström, figura representativa da Assembléia de Deus no Brasil e amigo de Otto Nelson. Aliás, cabe aqui uma breve explanação sobre a chegada de Nelson a igreja de São Cristóvão. Otto Nelson foi convidado pelo próprio Samuel Nyström para dirigir a igreja carioca, depois deste ter recebido um convite, feito por Lewi Pethrus, para assumir a função de secretário da Igreja Filadélfia na Suécia.

A vontade de refutar a Resolução de São Cristóvão era quase unânime entre os pastores presentes na sessão, já a preparação da resposta para ser publicada no Jornal Mensageiro da Paz parecia não ser tarefa atraente aos convencionais que trataram de transferir esta responsabilidade, única e exclusivamente, ao presidente da CGADB: missionário Samuel Nyström. Se a polêmica Resolução de São Cristóvão nasceu no seio de uma congregação dirigida por um missionário sueco, ninguém melhor e mais preparado, para refutar as leis da igreja são-cristovense, do que um conterrâneo, que além de possuir a mesma base de formação teológica e desenvoltura, era salvaguardado pelo poder que a presidência lhe dava.<sup>254</sup>

---

<sup>254</sup> ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. In: FONSECA, André Dionei. *São Cristóvão e Santo André: os debates sobre a normatização dos usos e costumes nas convenções*

Contudo, após a decisão, Samuel Nyström demorou em apresentar o artigo, posicionando-se em relação a resolução de São Cristóvão. Dessa forma, o presidente da CGADB se viu pressionado pelos convencionais, que suspeitaram sobre a posição de Nyström. Este por sua vez, alegou que após uma conversa com Nelson, entendeu que rechaçar a resolução de São Cristóvão não seria adequado. Afinal, poderia causar incômodos na Assembléia de Deus, inflamando partidários de ambos os lados, podendo causar assim uma revolta sem precedentes. Assim, Nyström preferiu elaborar um artigo de caráter doutrinário, sem citar nomes ou situações, apenas apresentando um posicionamento da Assembléia de Deus sobre questões doutrinárias. Disponibilizo nesta pesquisa o artigo de Nyström, publicado na 1ª quinzena de janeiro de 1947, no Mensageiro da Paz. O título do artigo é “Dando lugar à operação do Espírito”:

1-1-1947 MENSAGEIRO DA PAZ 3

## Dando Lugar à Operação do Espírito Campanha de Um Milhão

*"Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito diz o Senhor dos Exércitos". Zacarias 4:6.*

Em qualquer tempo, lugar ou circunstância devemos lembrar-nos, não se consegue fazer a obra do Senhor por força nem por meios violentos, resoluções ou imposições, mas a obra do Senhor se realiza pela intervenção criativa de Deus e pela lei do crescimento. Isto não somente quando se tratar do crescimento externo da obra do Senhor, mas igualmente quando se tratar do crescimento interno desta, tanto individual como coletivamente. Mesmo durante a dispensação da lei, a lei não conseguiu outra coisa senão descobrir e pôr o pecado em atividade, tendo como resultado a morte. Paulo disse: "Quando veio o mandamento reviveu o pecado e eu morri. O mandamento que era para vida, esse achei que era para morte, porque o pecado achando ocasião me enganou pelo mandamento e por ele me malou" Rom. 7:9-11. A lei teve um alvo, enquanto a fé não tinha vindo, como pedagogo conduzir homens a Cristo. Mas tendo vindo a fé, não estamos mais debaixo do pedagogo (da Lei), e nem devemos fazer ressuscitar leis ou inventar outras leis para que não fiquemos no lugar dos Gálatas que foram chamados insensatos e a respeito dos quais Paulo temia que todo o seu trabalho se tornasse vão, Gál. 3: e 11. Cristo veio com a graça e então a dispensação da lei se encerrou. Em lugar do mandamento prévio que foi abrogado por sua fraqueza e inutilidade", pois a Lei nada fez perfeito", foi introduzida uma melhor esperança pela qual nos chegamos a Deus: Cristo que "é nosso sacerdote segundo o poder de uma vida indissolúvel, Heb. 7:16-19. Portanto o que realmente tem valor para nós é "a fé que opera por amor", por isto não nos justificamos pela lei ou leis para não sermos decaídos da graça e separados de Cristo, Gál. 15:6.

Estatutos de ordenanças para os que já morreram com Cristo não tem utilidade nenhuma segundo as palavras de Paulo. Estas podem sem dúvida ter certa aparência de sabedoria em culto voluntário, e humildade e severidade para com o corpo, mas não tem valor algum, Colossenses 2:20-23.

As ordenanças para manifestar humildade e severidade para com o corpo servem para satisfazer a carne, erro e ele com facilidade arranja dos que se julgam mais santos do que outros, e isto resulta em inchação vã que cria o espírito de fariseu, que é o maior impedimento para as bênçãos de Deus.

Ao contrário o que vem sendo operado pelo Espírito Santo quebranta e derrete as durezas do coração, operando a verdadeira humildade e esta não tem o enfeite exterior como base da santificação e para ser membro de uma igreja, mas o homem novo, nascido pelo Espírito e dirigido pelo Espírito. O homem que está escondido no coração, este se conhece por um vestido incorruptível, por um espírito manso e tranquilo, que é de grande estima diante de Deus, Ped. 3:3, 4.

Este nascido do Espírito, seja homem ou mulher não procura se exibir nem com vestidos nem com sabedoria ou seus talentos, nem com o que possui materialmente, e ainda menos com os seus dons e posição espirituais, o que seria o cúmulo da vaidade. Não é um apaixonado por modas e as suas mudanças, mas é discreto na sua aparência; não se veste para que o vestuário chame atenção pela sua extravagância para sensualidade, nem se veste para que todos o nolem pelo seu modo esquisito de trajar.

Há muitos países e também muitas formas de trajar neste mundo, bem como muitos climas diferentes e tudo isto deve ser considerado, mas como a Palavra diz: "com tóda a modestia e sobriedade. O que a Escritura ensina em relação a este assunto é que as mulheres devem ser castas e tementes a Deus, tanto as que são casadas como as moças, e então tais, obedientes como Sara, não produzirão escândalos. Temos as advertências neste sentido em I Tim. 2:9, 10 e I Ped. 3:1-6 e convém atentar para a palavra inspirada, então o Espírito Santo operará em vós o que for digno e de boa fama e sereis agradáveis a Deus.

Lembre-mos, também, que há muitas outras coisas que são igualmente perigosas para a obra do Senhor que só pelo Espírito Santo poderão ser removidas: como o amor ao dinheiro que nem sempre ostenta com "a Lapela da avareza" para se ver, entretanto é a raiz de todos os males. O homem ostentando justiça própria, criticando tudo e todos é um indivíduo perigoso para avanço e a unidade da obra do Senhor, porque é difícil para o convencer do seu

De todas as partes está chegando notícias animadoras pelas quais podemos concluir que a campanha de um milhão, que a muitos parecia impossível e a outros impraticável, será concluída com êxito. O povo de Deus ama a obra que estamos realizando, e tem possibilidades de alcançar e ultrapassar o alvo. Nesta campanha todos têm o privilégio de contribuir para comprar máquinas que vão produzir pão espiritual; certamente ninguém querará ficar à margem, e aparecer diante de Deus com o nome de avarento, mas todos, grandes, pequenos, pobres e ricos, todos devem contribuir, isto é, dar a Deus, apenas uma parte do muito que Ele nos deu.

Estamos enviando envelopes especiais às igrejas, para serem distribuídos entre os membros, afim de os devolverem cheios ao pastor. Este é o momento de mostrarmos se amamos a Deus, dando para a sua causa. Peça informações ao pastor ou dirigente, e peça também um envelope, coloque nele a sua oferta e entregue-o ao pastor.

### IMPORTANTE

Desejais conhecer o movimento Pentecostal das Assembléias de Deus em Portugal?

Assinal o seu jornal *Novas de Alegria*, que sai todos os meses ao preço de Assinatura anual: Cr\$ 6,00. Pedidos a João S. Hipólito (Administrador Rua Carlos Ribeiro n.º 10-2.º Dto. — Lisboa — Portugal.

A Assembléia de Deus em Lisboa pede-nos para publicar que mantém um Fundo de Missão de Evangelização de Portugal que sustenta um casal de missionários nos Açores, e cujo alvo é evangelizar Portugal, para esse fim, aceita ofertas dos irmãos que desejarem ajudar esta obra.

adeptos.

Mas é pelo poder do Espírito do Senhor que a obra de Deus irá avançar. Ele verdadeiramente só se pode servir dos que são humildes prontos para deixar os seus próprios planos para edificação da Igreja e da sua santificação e deixar o Espírito Santo usar a Palavra de Deus para este fim, então será "Deus o que opera eficazmente em vós tanto o querer como o perfazer segundo a sua boa vontade" Fil. 2:13.

Para o "Mensageiro da Paz", a pedido da Convenção Geral em Recife, Pernambuco.

Samuel Nyström

Fonte: MENSAGEIRO DA PAZ. 1ª quinzena de janeiro de 1947. p.3.

A segunda forma de reação dos convencionais, que foi especificamente um pedido de Nyström, era a publicação de uma retratação da igreja de São Cristóvão no próprio Mensageiro da Paz, revogando as resoluções publicadas. Neste momento o que nos chama atenção é a simplicidade da retratação. Podemos dizer que é uma espécie de comunicado, simples, quase

imperceptível em uma leitura rápida pelo Mensageiro da Paz, na 2ª quinzena de janeiro de 1947:

2 MENSAGEIRO DA PAZ 15-1-1947

## Um Milagre da Oração

A mão ensanguentada da Guerra penetrava mais e mais dentro do vale do Nilo, no Egito, em Setembro de 1941. Fazia dois anos que a Grã Bretanha entrara na luta. O Orfanato das Assembléias de Deus, em Assiout, se achava na maior pobreza! Todos andavam esfarrapados; a comida estava estritamente racionada e não havia um dólar mais na caixa.

Por trinta e um anos Deus confirmara a Sua Palavra a Lillian Trasher, de que Ele era o Pai dos órfãos e o Marido das viúvas. Mas, então, havia uma grande prova! Morreria de fome? Em desespero, segunda-feira, "A Mãe do Nilo" mandou pedir a todos os missionários que a ajudassem nas orações. O bilhete que recebi rezava: "Cara irmã Cristie: Podes hoje, à noite, chamar todos para um tempo de oração muito especial, talvez, depois da ceia. Estou enviando um bilhete à irmã Clayton pedindo que ela faça o mesmo. Depois da ceia as meninas podem orar tanto tempo e com tanto quanto forem dirigidas pelo pai. Não nos resta coisa alguma para comer. A necessidade é muito grande, por certo, mas nosso Deus é maior! Pedí e dar-se-vos-á, Lillian".

Podes imaginar se nós oramos! Quatrocentas e cinquenta órfãs no edifício das meninas, as quais somente uma hora antes tinham recebido uma ração muito escassa na sala de refeições, e agora clamavam, com fome, ao "Pai dos órfãos", pedindo pão, feijão e roupa. Algumas, fervorosamente, bateram no assoalho com os punhos ou nas camas de táboas, ao lado das quais se achavam ajoelhadas. Outras, mais quietas suplicavam, com lágrimas correndo-lhes pelas faces. Oví a voz da pequena Figa salientar-se das outras, Figa não era formosa, tinha a cabeça raspada por causa duma doença mas ela conhecia ao Senhor! Com as mãos levantadas para os céus e as lágrimas descendo pelas faces, rogava: "Mas, Senhor, tens prometido que, quando nossos pais e mães nos abandonarem, Tu nos aceitarás". Algumas oraram até às 2,30 da madrugada. Ao adormecerem eu as levava às camas.

Era impossível iniciar as aulas no dia depois, pois a oração continuou durante o dia e uma grande parte da noite. Todos sentiam o peso. Oitenta viúvas se reuniram na Igreja onde não havia hinos nem sermão, mas somente oração verdadeira da parte de todas.

Quarta-feira a irmã Trasher recebeu um pedido urgente, para comparecer ao Cairo, sem demora. Que poderia ser? Embarcou no trem, à meia-noite, chegando lá o dia depois. Foi convidada a almoçar na casa do embaixador americano, o Hon. Alexandre Kirk, com sua família. Ele informou a nossa irmã de que um navio da Cruz Vermelha o *Kassendia Ieuloudis*, destinado a levar a carga aos refugiados da Grécia, já estava perto do porto de Pireu, Grécia, quando aquele país capitulou aos exércitos do Eixo. O navio foi avisado pelo rádio, e entrou no porto de Alexandria, Egito, para esperar ordens. O diplomata descobriu que havia a bordo milhares de vestidos para mulheres e crianças, milhares de camisas e calças para homens e meninos, roupas para crianças, de colos, toalhas, cobertores, centenas de barricas de leite em pó, centenas de sacas de farinha de trigo, de arroz e feijão. (Lembre-se de que pediam pão e feijão). O grande problema, agora, era a distribuição destas coisas, porque não era possível levá-las mais ao povo da Grécia.

Lembrando-se de que o Orfanato tinha aceitado tantos refugiados das áreas bombardeadas, o embaixador perguntou: "Pode usar algumas destas coisas, senhora Trasher?" Por certo naquele momento realizaram-se uma série de cultos de louvor na alma da irmã Trasher!

Na tarde do mesmo dia, o oficial da Cruz Vermelha, o embaixador Kirk e a irmã Trasher foram de automóvel ao deserto para ver os objetos desembarcados do navio. Mamãe (a irmã Trasher), disse-nos depois que as fileiras de caixas e engradados estendiam-se sobre as areias até ficarem invisíveis além do horizonte! Sr. Kirk mandou um comboio de caminhões transportar o necessário para abastecer o Orfanato. Seguiram depois trens inteiros carregados de provisões. Foi uma avalanche de respostas às orações!

Os caminhões chegaram sexta-feira pela manhã. Realizavam-se de novo as aulas, mas os meninos, ao ouvirem os caminhões passando pela velha ponte de madeira, abandonaram as aulas e correram para ver tudo. Caixões, engradados, sacos e barricas foram colocados na beira da estrada ao lado da casa de "Mamãe". O júbilo era grande, mas "Mamãe" enviara um bilhete: "Não abraís coisa alguma antes de "Mamãe" chegar!" Nós esperamos! O dia depois, ao meio

dia, ela chegou. Permitiu-se à família sair para recebê-la. Ao descer do automóvel, todos começaram a saudá-la alegremente.

Tia Clayton e eu almoçamos com a irmã Trasher, mas sem apetite. Sentimos um júbilo tão grande que parecia que nossos corpos não precisavam mais de alimento. Depois do almoço fomos à porta. Como era grande a nossa surpresa! A "família" ainda estava lá, em filas grandes, gradeadas cada um conforme a sua altura; as meninas, os meninos, as viúvas, os cegos e as crianças. Sentí-me um pouco perturbado porque era responsável pelas meninas e aquela era a tarde em que deviam tomar banho; quatrocentos e cinquenta banhos. Sim havia muitos pescoços e orelhas para eu fiscalizar; quatrocentos e cinquenta pescoços e novecentas orelhas!

Mamãe anunciou que faríamos tudo para distribuir a roupa na mesma tarde e o fizemos. Cada menino recebeu dois vestidos; os meninos suas calças e camisas, as viúvas sua roupa, etc.

O dia depois, as meninas marchavam alegremente à Igreja, usando seus vestidos novos e bonitos, falando todos a uma voz: Viste estes botões novos? Oh, esta gola! Notaste as minhas mangas compridas? E tenho duas! Etc., etc. (Mostraram muito gozo pelas mangas compridas, porque geralmente não há bastante material para fazer mangas compridas para uma família tão grande.

Em menos de quatro dias depois de ter orado em desespero, a "família" reuniu-se naquela manhã de domingo na Igreja, todos vestidos de roupa nova. Seu "Pai Celestial" proveu o desejo de seus corações.

O embaixador americano pagou todas as despesas do frete, mais de vinte mil cruzeiros. O Orfanato não tinha um dólar mais na caixa! Assim Deus responde à oração, não cobrando nem o transporte do que Ele nos manda.

Florence Cristie  
do "Pentecostal Evangel".

**AVISO**

O Ministério da Assembléia de Deus, Rio de Janeiro, deseja fazer público, que de acordo com a Igreja, retira as regras publicadas no *Mensageiro da Paz*, 1.ª Quinzena de Julho estabelecidas para as irmãs membros da Igreja, pois sem elas as irmãs obedecem a Palavra de Deus.

O Ministério



Fonte: MENSAGEIRO DA PAZ. 2ª quinzena de janeiro 1947. p.2

Mesmo após os embates ocorridos nas sessões convencionais e a manifestação da posição da CPAD, algumas igrejas continuaram utilizando doutrinas de “usos e costumes” em suas comunidades. Dentre as igrejas assembleianas da época, a de maior expressão, que manteve a rigidez normativa em relação a vestimentas e comportamentos foi a igreja de Madureira, liderada pelo pastor e fundador Paulo Leivas Macalão. Madureira é, até hoje, considerada o grupo mais conservador das Assembléias de Deus no Brasil.

O assunto “usos e costumes” causou aversão entre igrejas e líderes, tanto que esse tema foi praticamente esquecido, anulado, marginalizado nas sessões convencionais subseqüentes, até o fatídico ano de 1975. Na convenção Geral, realizada em 1975, em Santo André, estado de São Paulo, foi suscitado novamente o tema “usos e costumes”. Segundo Silas Daniel, o pastor Geziel Nunes Gomes, fez a leitura de uma proposta de normas referentes a usos e costumes das Assembléia de Deus no Brasil, a pedido do pastor Túlio Barros Ferreira, que coincidentemente, neste período, era o pastor da igreja Assembléia de Deus de São Cristóvão, a mesma que publicou o artigo polêmico em 1946. Contudo, Túlio Barros era presidente da CGADB em 1975 e figura influente entre os líderes assembleianos. Houve aprovação unânime da proposta de “usos e costumes”, sem

alardes, sem conflitos, sem debates. Esse posicionamento é, na pior das hipóteses, contraditório. Afinal, como após anos de silêncio sobre o assunto, que gerou inúmeras polêmicas em 1946, há uma proposta e ela é aceita sem pormenores?

E ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e separai-vos dos povos, para serdes meus (Lv 20.26). A Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus - a Bíblia Sagrada - e conservados como costumes desde o início desta obra no Brasil. Imbuída sempre dos mais altos propósitos, ela, a Convenção Geral, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem em nosso país, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte: 1. Uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo masculino; 2. Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados, do sexo feminino; 3. Uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face; 4. Corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregados); 5. Sobrancelhas alteradas; 6. Uso de mini-saias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã; 7. Uso de aparelho de televisão – convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde; 8. Uso de bebidas alcoólicas”<sup>255</sup>

Os temas referentes a resolução de São Cristóvão e a resolução de Santo André, são, quando analisados sem levar em consideração a tonalidade das expressões, semelhantes. Segundo Andre Dionei Fonseca:

Se a idéia principal da liderança era afastar das reuniões as longas horas de debates sobre os temas de “usos e costumes” e os seriíssimos embates entre pastores; a Resolução de Santo André obteve total êxito, pelo menos até o final dos anos 80, conforme se pode perceber nas atas das oito convenções que se seguiram, houve uma ausência de discussões acerca de temas normativos [...] O fato é que sobre nova roupa, a Resolução de Santo André mantinha muito dos traços da Resolução de São Cristóvão que outrora foram rebatidos pela CGADB, mas diferenciava-se num aspecto central: fora desenvolvida por pastores amparados pela CGADB, ao contrário do texto de São Cristóvão, assinado por um grupo que, apesar de acumular prestígio junto à Convenção Geral, não tinha a liberdade de ditar normas de conduta aos seus fiéis.<sup>256</sup>

<sup>255</sup> DANIEL, op.cit., p. 438.

<sup>256</sup> FONSECA, André Dionei. *São Cristóvão e Santo André: os debates sobre a normatização dos usos e costumes nas convenções gerais das Assembléias de Deus no Brasil (1930-1980)*. Sacrilégens, Juiz de Fora, v. 6, n.1, 2009. p.56.

As tensões instaladas nas reuniões convencionais e mesmo nas igrejas locais, com ações e reações, colaboraram significativamente para a construção e reconstrução da identidade teológica-doutrinária das Assembléias de Deus no Brasil durante o período analisado, de 1930 à 1980. O processo de transformações e mudanças foi gradativo, mas formalizou e organizou o que veio a se tornar a maior denominação evangélica do Brasil. A partir do ano de 1980 novos debates são suscitados, novas transformações são iniciadas, outras mudanças são observadas, a adaptação é inevitável diante das transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas do século XXI.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A AD no Brasil foi um “acidente”. Os suecos não vieram fundar uma igreja, nem depois de a fundarem queriam que ela fosse a Assembléia que se tornou. Os brasileiros que aderiram não sabiam o que viria a ser a Assembléia, mas queriam construir algo. ***Foi dessa mistura de intenções e tensões que ela nasceu, [se consolidou e se transformou].***<sup>257</sup>

Esse trecho reflete naturalmente a base sobre a qual se estabeleceu a Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Brasil, a saber, um ambiente de tensões, que produziram mutações e formalizaram transformações. Analisando todo o processo de constituição do movimento assembleiano no Brasil, podemos atestar a capacidade de reinvenção dessa denominação no campo religiosos brasileiro, transformando-a na maior igreja evangélica do Brasil em adeptos e templos. O ambiente encontrado pelos missionários suecos pioneiros foi propício para a propagação da mensagem pentecostal. O contexto social, levando-se em consideração todos os aspectos que o compõe, colaborou significativamente para a expansão do movimento. Crescer, se desenvolver e se estabelecer no campo religioso de uma nação continental como o Brasil, sem uma estratégia de propagação, sem planos de ação pré-determinados e sem uma representação legítima que apoiasse o movimento são definitivamente as características de um fenômeno social.

A posição dos missionários pioneiros suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, diante das dificuldades em transmitir a mensagem pentecostal foram também determinantes para a expansão da mensagem pentecostal assembleiana. Os discursos e pregações de Vingren e o trabalho de colportagem de Berg, colaboraram efetivamente com a propagação da “verdade” divina que até então era desconhecida por todos. As viagens empreendidas em direção a vilarejos, tanto na direção dos rios próximos a Belém, acompanhando a estrada de ferro Belém-Bragança, foram essenciais para que a doutrina e a prática do batismo com o Espírito Santo, as experiências de cura e as promessas de libertação se tornassem uma realidade para a população de algumas localidades que não tinham nenhum tipo de acompanhamento religioso. Afinal, em muitos vilarejos o catolicismo romano, assim como as igrejas protestantes históricas não tinham uma participação efetiva.

---

<sup>257</sup> ALENCAR. op.cit.,p.156.

Dessa forma, é evidente que uma nova mensagem, frente aos problemas sociais enfrentados na época, apresentaria uma nova esperança e perspectiva em relação à vida. Negar o mundo e seus valores são os atos daqueles que querem desfrutar das dádivas divinas no pós-vida, na eternidade, no paraíso.

De acordo com o discurso escatológico assembleiano toda riqueza, bens e prazeres que este “mundo” tem a nos oferecer, não serão maiores do que todas as riquezas celestiais. Essa mensagem é aprazível a muitos que enfrentavam crises econômicas, algo comum na região de Belém, devido à queda da extração do látex, que movimentava a economia nortista no período. Além disso, parece-nos que, embora o movimento tenha sido iniciado por missionários estrangeiros na liderança, com alguns fiéis nativos, são estes que determinaram o “crescimento indisciplinado” do movimento. O deslocamento dos fiéis no eixo Norte-Nordeste fez com que vários espaços de reuniões assembleianas fossem “fundados” sem o consentimento ou conhecimento dos missionários suecos. Casos como de Maria de Nazaré, que evangelizou seus parentes em uma visita ao Ceará é o reflexo da importância dos fiéis nativos, sem nenhum vínculo eclesiástico, para o crescimento da denominação.

Assim, parece-nos que de fundamental importância foi a consagração de obreiros nativos para conduzir alguns trabalhos estabelecidos, mesmo que a contragosto da parte dos missionário suecos. Ora, vários movimentos religiosos sucumbiram na tentativa de estabelecimento de trabalhos evangelísticos em algumas regiões do globo, devido a centralização do poder daqueles que são os responsáveis diretos pelo movimento. A visão etnocêntrica era comum entre os missionários estrangeiros, principalmente europeus e norte-americanos. Assim, a formação de obreiros nativos era protelada ou mesmo não permitida, o que gerava conseqüentemente o afastamento da sociedade que estava sendo evangelizada. Devemos esclarecer que os missionários suecos não tinham como intuito primário a consagração de obreiros nativos, locais, que pertenciam às comunidades visitadas e evangelizadas. Não havia planos para tal determinação, tanto que Vingren pediu a colaboração de instituições missionárias, principalmente da Missão Livre Sueca, ligada a Igreja Filadélfia de Estocolmo, para que estas enviassem mão-de-obra “qualificada e preparada” para a continuidade e permanência do trabalho evangelístico em terras brasileiras. Entretanto, a demanda por lideranças era maior do que a remessa de missionários enviados ao Brasil. Fica evidente que os

missionários suecos tiveram que agir consagrando obreiros nativos, mas enviando estes à comunidades e vilarejos distantes ou em localidades onde não havia uma igreja estabelecida. Essas comunidades distantes começaram a crescer e outras surgiram devido ao trabalho de obreiros nativos. Estes começaram a questionar a centralização e o poderio dos missionários suecos sobre o movimento assembleiano no Brasil. Estavam insatisfeitos, pois eram descartados em reuniões que deveriam ser frequentadas apenas pelos “missionários”. Surgiram, então, as tensões que colaboraram para o processo de transformações no cerne da Assembléia de Deus no Brasil. Mudanças são perceptíveis na denominação a partir da década de 1930. Os conflitos identitários assembleianos se tornaram evidentes. Além disso, começou a se delinear os grupos, as alas conservadoras ou progressistas, ortodoxas ou liberais.

No início, a mensagem do batismo com o Espírito Santo era a característica identitária evidente do movimento. Os discursos inflamados sobre uma verdade outrora desconhecida, mas que estava acessível a todos que quisessem “experimentar ou viver”, impulsionou muitos em direção a esse novo. O batismo com o Espírito Santo, para os missionários pioneiros suecos, não representava apenas uma doutrina ou prática religiosa, mas era o centro nevrálgico do próprio movimento. Discursar sobre a Assembléia de Deus no início do movimento era falar a respeito do batismo com o Espírito Santo. Neste sentido, é evidente que a construção do ideário doutrinário-religioso das Assembléias de Deus do Brasil passou pela pregação, propagação e experiência da doutrina do batismo com o Espírito Santo.

Abordando analiticamente os diários dos missionários pioneiros, podemos observar o tamanho da importância e do significado dessa doutrina pentecostal. Compreender essa construção inicial é de grande valia. cremos que o mesmo processo dinâmico e complexo que conforma as identidades ou subjetividades das pessoas é o que gera identificações de grupos sociais. Segundo Michel Foucault uma subjetividade é construída mediante um (1) conjunto de forças externas ao sujeito ou grupo (práticas discursivas e poderes) e também (2) ações empreendidas pelo próprio sujeito ou grupo sobre si mesmo (práticas e técnicas de si). Dessa forma, as narrativas da experiência dos missionários pioneiros é uma fonte relevante para a análise da construção identitária no processo inicial do movimento. Vemos os pioneiros como subjetividades construídas por práticas de poderes e discursos, do mesmo modo que também podemos descrevê-los como

pessoas que agem sobre si mesmas para configurarem suas subjetividades em algo diferente do que são ou têm sido. Ao construir e reconstruir suas subjetividades ou identidades pessoais, servem de modelos assim como de agentes de poder para que outros sujeitos possam também ter suas identidades construídas.

É preciso ressaltar que uma identidade, seja de uma pessoa ou grupo social, não deve ser compreendida como algo que possua uma essência ou alguma fixidez. As identidades, como todos os fenômenos culturais, são artefatos sempre construídos e, portanto, dinâmicos, o que significa que estão em permanente construção e reconstrução. Não cremos na existência de uma identidade, pessoal ou coletiva, como algo construído de uma vez por todas, nem, tampouco alguma coisa que alguém poderia chamar de “a minha ou a nossa verdadeira identidade”. As identidades se constroem e se reconstroem o tempo todo, de acordo com a presença de poderes atuando sobre os sujeitos ou grupos sociais ou mesmo em conformidade com as ações empreendidas pelos sujeitos por eles mesmos sobre si. Dessa forma, o processo contínuo de construções e reconstruções do movimento assembleiano no Brasil é atestado após a Convenção de 1930, que alterou os rumos da Assembléia de Deus no Brasil. As mudanças e transformações foram necessárias e, até certo ponto, acidentais, conforme o crescimento e expansão da igreja em todo território brasileiro. Expansão sem controle era um risco que os líderes assembleianos não queriam enfrentar novamente.

Em um movimento nascente, que propagava novos discursos, tal perspectiva de descontrole sobre o mesmo não é analisado de maneira negativa. Afinal, no que tange ao movimento assembleiano, foi essa indisciplina, essa falta de controle que de certa forma permitiu o avanço da mensagem pentecostal no eixo Norte-Nordeste. Contudo, as tensões suscitadas com o crescimento do movimento em processo de expansão para as regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil colaboraram para a formalização de técnicas, táticas e estratégias empreendidas para o desenvolvimento do controle dos bens de salvação. Em outras palavras, podemos afirmar que a Assembléia de Deus, pós-1930 estava se modificando, se transformando, se reinventando, se reconstruindo sob a perspectiva institucional e doutrinária, tornando-se, definitivamente, uma denominação, com direito a todos os quesitos de formalização que a compõe e que a legitima enquanto tal no campo religioso brasileiro. Em contrapartida, juntamente com as transformações, inclusive do caráter identitário inicial do movimento, desenvolvem-se com intensidade

tensões. Aliás, as relações, em todos os seus aspectos é permeado de tensões. É nesse tensionamento constante que invariavelmente acontecem as mutações e transformações. Tensões que atingem tanto a instituição Assembléia como os sujeitos que a compõe, fazendo dela a maior instituição evangélica do Brasil. Sem os sujeitos, que são agentes ativos no processo de construção identitária, a instituição perde força e relevância no contexto em que está inserida.

É diante das tensões que podemos observar claramente os embates pelo poder. Os conflitos entre o poder denominacional representado pela CGADB contra o poder local dos líderes e pastores. As relações do poder dos fiéis, enquanto agentes de “vigilância dos bons costumes dos santos”. Enfim, o jogo de poder está inerentemente relacionado às tensões e transformações da Assembléia de Deus no Brasil. As relações de poder são necessárias no processo de construção da identidade assembleiana, principalmente no período de 1930 a 1980, no qual se desenvolve, a longo prazo, uma formalização teológica e institucional do movimento assembleiano. São essas relações de poder que determinam o advento de novas lideranças, os embates políticos internos, os debates sobre a utilização da mídia no evangelismo, a formalização da doutrina dos usos e costumes, enfim, que definirão essa novo modelo de igreja assembleiana.

Reinventar-se não significa esquecer outros elementos e discursos que outrora foram essenciais na formação identitária da denominação. A formalização doutrinária, teológica e institucional não sepultou a questão do batismo no Espírito Santo. Este continua sendo efetivo na Assembléia de Deus no Brasil, inclusive ainda como uma espécie de credencial para a consagração ministerial. Contudo, existem outros elementos que foram sendo adicionados no processo de construção e formalização da congregação de fieis assembleianos do Brasil. Esse processo é contínuo quando analisamos a Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Brasil. Parece-nos que a partir da década de 1970, com maior intensidade no início da década de 1980, essa denominação religiosa novamente se reinventou a partir das transformações e tensões suscitadas externamente e internamente.

A partir da década de 1970 surgiu no Brasil novos movimentos eclesiais, denominados de neopentecostais, tendo como cerne de sua mensagem a libertação, a batalha espiritual e a prosperidade. Igrejas como Universal do Reino de Deus, liderada pelo bispo Edir Macedo, Internacional de Graça, dirigida pelo missionário R. R. Soares, Renascer em Cristo, regida pelo casal

Hernandes e a Igreja Mundial do Poder de Deus, encabeçada pelo Apóstolo Valdomiro Santiago, seriam os representantes mais conhecidos deste movimento que alcançou visibilidade e expansão a partir do fim da década de 1970 e início da década de 1980. O neopentecostalismo utiliza maciçamente artifícios que outrora foram renegados por outras denominações pentecostais. A instrumentalização do *marketing* e da publicidade nos meios eclesiais, bem como a utilização da mídia de massa como TV e rádio, transformam estas novas igrejas em fenômenos sociais muito expressivos, em função do seu crescimento latente. Iniciou-se uma “corrida da fé” com a construção de grandes templos nos centros urbanos, com cultos realizados em vários horários diariamente. Cultos que enfatizam a cura divina, a libertação da opressão, a prosperidade financeira vão ao encontro das necessidades sociais urbanas das pessoas dos dias de hoje de nosso país.

Uma série de pesquisas e análises foram empreendidas sobre estes grupos. Existe, atualmente, um acervo significativo de livros e artigos que debatem sobre o tema neopentecostalismo. E sobre este movimento, o que nos chama a atenção é a migração de fiéis de outras denominações às igrejas neopentecostais, principalmente nas décadas de 1980 e 1990. Dentre os grupos mais afetados por essa onda neopentecostal está a Assembléia de Deus no Brasil. Dessa forma, uma reação parece ter sido compreendida como necessária para fazer frente ao avanço das doutrinas e práticas neopentecostais em vários segmentos religiosos. Dessa forma, foram empreendidas na Assembléia de Deus mudanças no sistema doutrinário-religioso e transformações quanto a configuração institucional da própria denominação. Iniciou-se, entre as lideranças assembleianas, movimentos de que visavam combater conceitos e práticas neopentecostais. Como exemplo temos o seguinte: se a Assembléia de Deus, em parte, negava as riquezas deste mundo, uma espécie de ascese aos bens e prazeres que o mundo poderia oferecer, os neopentecostais, por sua vez, anseiam por um mundo de bens. A perspectiva assembleiana era subjulgada por novas interpretações em relação à vida terrena.

Diante desse panorama, a Assembléia de Deus reagiu, utilizando projetos, campanhas evangelísticas e sua própria estrutura. A CPAD, juntamente com toda a comissão de doutrina, composta por pastores, produziu uma série de materiais que, em sua composição, aborda temas que se contrapõem à proposta neopentecostal, considerando-a herética (deturpa as diretrizes bíblicas-doutrinárias). Materiais como as “Lições bíblicas” (cadernos com estudos utilizados nas escolas

dominicais), livros temáticos, pregações em áudio e dvd's, enfim, um arsenal de produtos que teriam como objetivo combater a mensagem neopentecostal.

Posteriormente, outro posicionamento interessante da Assembléia de Deus no Brasil, não como denominação, mas em algumas igrejas sedes, foi a sua abertura e flexibilidade quanto à forma de culto e comportamento dos fiéis. Algumas igrejas propõem uma liturgia mais leve, contemporânea, com diversas atrações, sem todo aquele rigor de outrora observado em muitas comunidades. Ainda, em outras igrejas, há claramente a adesão, mesmo que não confessa, a temas ligados à teologia da prosperidade, enfatizados pelas comunidades neopentecostais. Silas Malafaia, midiático pastor assembleiano, é um destes que sutilmente navega pelas águas da teologia da prosperidade, com o apoio de expoentes de tal mensagem nos EUA, como os pastores Mike Murdock e Morris Cerullo.

Outra mudança significativa nas Assembléias de Deus é a renovação da liderança em algumas igrejas sedes. A liderança dos nordestinos e nortistas, no início do movimento, formou uma espécie de domínio “coronelistas” nas igrejas assembleianas. Ainda hoje é possível encontrar igrejas que são lideradas por nordestinos e nortistas, ou descendentes diretos dos mesmos. Além disso, é comum a transmissão da liderança da igreja ao filho, tornando a comunidade refém de uma espécie de “dinastia religiosa”. Esses líderes compõem a chamada ala conservadora da CGADB. O atual presidente da Convenção, José Wellington Bezerra da Costa, que, aliás, é reeleito sucessivamente desde a década de 1980, é representante legítimo da liderança conservadora nordestina. Entretanto, isso notadamente vem sendo modificado com a ascensão de novas lideranças, transformando o movimento assembleiano em algumas regiões. Como exemplo, podemos citar a Igreja de Belém, conhecida como Igreja-Mãe. Nessa comunidade o então pastor Firmino da Anunciação Gouveia, convidou o jovem pastor da igreja de Manaus, Samuel Câmara, pastor com ideais progressistas, utilizando-se maciçamente dos meios midiáticos e de outros elementos que colaborem no crescimento denominacional. Desde que assumiu a igreja em Belém, Câmara a tem transformado em potência religiosa nacional, expandindo a sua rede de influência, fundando comunidades em outras regiões no Brasil ligadas à Igreja-mãe.

Por fim, outra característica evidente de mudança na Assembléia de Deus no Brasil é a aceitação da mídia como meio de propagação do evangelho. Atualmente milhares de programas em canais abertos e fechados são de

responsabilidade de igrejas assembleianas. Contudo, todas as questões citadas se desenvolvem em um ambiente de tensões, conflitos, embates, debates que tem gerado uma série de dissidências no movimento assembleiano. Dentre os conflitos, está a disputa pelo poder da CGADB, que acarretou em diversos cismas na denominação. Entre os dissidentes está Silas Malafaia, que gerou inúmeras polêmicas com a liderança da CGADB. Malafaia assumiu o pastorado da Assembléia de Deus da Penha, no Rio de Janeiro, e seu primeiro ato como pastor-presidente foi modificar o nome da igreja, criando uma espécie de denominação independente, com sede própria, chamada Assembléia de Deus Vitória em Cristo, desvinculando-a da Convenção Geral. Na década de 1980, já havia ocorrido a maior dissidência na Assembléia de Deus. A saída da Assembléia de Deus de Madureira da Convenção, criando uma nova denominação e outra convenção, chamada CONAMAD (Convenção Nacional das Assembléias de Deus no Brasil – Ministério Madureira) gerou inúmeros conflitos e acusações.

Analisando as tensões e conseqüentemente os recentes movimentos dissidentes no âmbito da Assembléia de Deus no Brasil, não podemos afirmar categoricamente que há uma unidade doutrinária e hierárquica. Ao contrário, o movimento assembleiano é heterogêneo. As igrejas-sede que alcançaram um certo poderio desenvolvem políticas imperialistas de expansão e dominação de certas regiões. Dessa forma, as igrejas assembleianas parecem estar se tornando comunidades independentes, com estruturas eclesiásticas diferenciadas e doutrinas divergentes. A Assembléia de Deus é considerada, através de dados, a maior igreja evangélica brasileira, quando analisada de maneira generalizante. Contudo, a Assembléia de Deus está esfacelada em diversos ministérios que divergem entre si. Atualmente, a Assembléia de Deus e uma de suas representações jurídicas, a CGADB, está em guerra. Recentemente, por conta das zonas de influência das grandes igrejas e da luta pelo poder dos grupos assembleianos, houve um confronto aberto, que envolveu a polícia militar na igreja Assembléia de Deus em São José dos Campos, sendo notícia em todos os meios de comunicação<sup>258</sup>.

Enfim, o questionamento e a afirmação inicial sobre a Assembléia de Deus continuam ecoando. Afinal, a Assembléia de Deus está avançando segundo os dados numéricos. Contudo, a Assembléia de Deus está decididamente avançando,

---

<sup>258</sup> <http://judsoncanto.wordpress.com/2011/01/04/samuel-camara-reassume-a-presidencia-de-sao-jose-dos-campos>, acessado em 15 de novembro de 2012, às 19h.

ou seja, há unidade nesse avanço numérico? Ou estamos de um movimento heterogêneo? Parece-nos que o desejo dos missionários está sendo realizado. Estes sempre denominaram a propagação da mensagem pentecostal como um movimento, negando o *status* de denominação e instituição religiosa unitária. Atualmente podemos novamente falar da Assembléia de Deus como um movimento pentecostal, porém de inúmeras características e de diversos nomes.

**FONTES PRIMÁRIAS**

ARAÚJO, Isael. *100 acontecimentos que marcaram a História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011

BERG, Daniel. *Enviado por Deus*. 11.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

CONSELHO DE DOCTRINA DA CGADB. *Manual de doutrina das Assembléias de Deus no Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

HISTÓRIA DA ASSEMBLÉIA DE DEUS EM BELÉM. 2.ed. Belém: AD Belém, 1986.

HISTÓRIA DA IGREJA-MÃE DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL. 7.ed. Belém: AD Belém, 2007

JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Anos de 1944-1945-1946-1947. Rio de Janeiro: CPAD.

LIMA, Hadna-Ansy Vasconcelos. *Alcebíades Pereira Vasconcelos: Estadista e Embaixador da Obra Pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

MESQUITA, Antônio Pereira de. *Mensageiro da Paz*. v. 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

NELSON, Samuel. *Esboços de Samuel Nyström*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

OLIVEIRA, Joanyr. *As Assembléias de Deus no Brasil: Sumário Histórico Ilustrado*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

SOUZA, Benjamin Ângelo de. *História da Igreja-Mãe das Assembléias de Deus no Brasil*. 7.ed. Belém: Editora Assembléia de Deus de Belém, 2007.

VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro*. 13.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994

ALENCAR, Gedeon Freire. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembléia de Deus- origem, implantação e militância(1911-1946)*. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembléia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005

BARROS, José D'Assunção. *A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos*. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011.

BERGER, P. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1991

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis e São Paulo: Vozes, Simpósio e UMESP, 1997

CAMPOS, Leonildo S. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.

CAMPOS J.R, Luís de Castro. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. Editora Ática: São Paulo, 1995.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DAMATTA, R. *Que faz do Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2006

DE PAULA, Wesley Américo Bergamin Granado. *As Assembléias de Deus no Brasil e o uso de sua doutrina como estratégia de poder (1911-1980)*, 2009. Monografia (História) Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná.

DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008

\_\_\_\_\_. *Em Defesa da Sociedade: curso dado no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2004.

\_\_\_\_\_. *O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FONSECA, André Dioneu. *“Década da Colheita”: uma reflexão sobre as ações doutrinárias na Igreja Assembléia de Deus na década de 1990*. 2008. Monografia (Graduação em História) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Amambaí

FRESTON, Paul. *Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política*. Viçosa, MG: Ultimato, 2006.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1993

GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). *Olhares sobre narrativas visuais*. Niterói: Editora UFF, 2012

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. 1 ed. 13 reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

GUTIERREZ, B. & CAMPOS, Leonildo S. (Editores). *Na força do espírito. O Pentecostalismo na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. SP: Associação Literária Pendão Real, 1996.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2005

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008

MENEZES, Jonathan. *As metamorfoses do sagrado no protestantismo brasileiro: o caso da Igreja Presbiteriana Independente Filadélfia Londrina (1972-2008)*. 2009.

(Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, UEL. Londrina, Paraná.

MICELI, Sérgio. *Fontes para o Estudo da Elite Eclesiástica Brasileira, 1890-1940*. BIB, Rio de Janeiro, n. 18, p. 45-70, 2º Semestre, 1984.

OLIVA, Alfredo dos Santos...[et al.]. *Teologia Sistemática: Curso Vida Nova de Teologia Básica*. v. 7. São Paulo: Vida Nova, 2006.

\_\_\_\_\_ & BENATTE, Antonio Paulo (orgs). *100 anos de pentecostes: capítulos da História do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo. Fonte Editorial, 2010.

OLIVA, Alfredo & DE PAULA, Wesley Bergamin. “E sereis batizados com o Espírito Santo”: identidade pioneira da Igreja Evangélica Assembléias de Deus no Brasil. Artigo. 2012.

OLIVA, Alfredo dos Santos. *O discurso sobre o mal na Igreja Universal do Reino de Deus: Uma história cultural do Diabo no Brasil Contemporâneo(1977-2005)*. 2005. (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Assis

PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História & história cultural*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

PROENÇA, Wander de Lara. *Magia, prosperidade e messianismo: o “sagrado selvagem” nas representações e práticas de leitura do neopentecostalismo brasileiro*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003

PROENÇA, Wander de Lara. *Sindicato de mágicos : uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2007)*. São Paulo: UNESP, 2011

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.